

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS  
INSTITUTO DE LETRAS

JOYCE PALHA COLAÇA

**O DISCURSO SOCIALISTA CUBANO CONTEMPORÂNEO SOBRE A DESERÇÃO:  
UMA ANÁLISE DOS PRONUNCIAMENTOS DE FIDEL CASTRO**

NITERÓI

2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

JOYCE PALHA COLAÇA

**O DISCURSO SOCIALISTA CUBANO CONTEMPORÂNEO SOBRE A DESERÇÃO:  
UMA ANÁLISE DOS PRONUNCIAMENTOS DE FIDEL CASTRO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Estudos de Linguagem.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. BETHANIA SAMPAIO CORRÊA MARIANI

NITERÓI

2010

JOYCE PALHA COLAÇA

**O DISCURSO SOCIALISTA CUBANO CONTEMPORÂNEO SOBRE A DESERÇÃO:  
UMA ANÁLISE DOS PRONUNCIAMENTOS DE FIDEL CASTRO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Estudos de Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. BETHANIA SAMPAIO CORRÊA MARIANI (orientadora)

Universidade Federal Fluminense

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. VERA LÚCIA DE ALBUQUERQUE SANT'ANNA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. TÂNIA CONCEIÇÃO CLEMENTE DE SOUZA

Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. VANISE GOMES DE MEDEIROS (suplente)

Universidade Federal Fluminense

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. LÚCIA MARIA ALVES FERREIRA (suplente)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Niterói

2010

Aos meus pais, Francisco (*in memoriam*) e Fátima,  
que, por amor, acreditaram sempre.  
A minha irmã e ao meu sobrinho lindo, Jéssica e  
Guilherme, que são partes de mim.

## AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu forças para querer sempre.

À professora Bethania Mariani que, de maneira doce, me cativou, levando-me por um caminho sem volta com suas palavras seguras e sua competência imensurável.

Às professoras Vera Sant'Anna e Tânia Clemente, pela leitura criteriosa do meu Projeto de Qualificação de Mestrado e pelas sugestões que muito contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação.

A CAPES pelo apoio financeiro que permitiu, com certa tranquilidade, a realização deste trabalho.

Aos colegas da Análise de Discurso e, em especial, à Angela, pelas afetuosas conversas sobre a teoria e sobre a vida.

A minha família linda e querida, lugar central onde me anoro, em marés tranquilas e revoltas, onde menos me compreendo e melhor me encontro.

A todos os meus amigos, próximos ou distantes, pelo carinho e companheirismo de sempre, em especial à Conceição, pela constante escuta e compreensão.

“Camaradas, já ouvistes, por certo, algo a respeito do estranho sonho que tive a noite passada. Mas falarei do sonho mais tarde. Antes, tenho outras coisas a dizer. Sei, camaradas, que não estarei convosco por muito mais tempo, e antes de morrer considero uma obrigação transmitir-vos o que aprendi sobre o mundo. Já vivi bastante, e muito tenho refletido na solidão da minha pocilga. Creio poder afirmar que compreendo a natureza da vida sobre esta terra tão bem quanto qualquer outro animal vivente. É sobre o que desejo vos falar.”  
(GEORGE ORWELL, 2007 [1945], p. 11)

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender os processos de produção dos sentidos sobre a deserção no discurso socialista cubano contemporâneo. Para tanto, foram selecionados dezesseis pronunciamentos de Fidel Castro, no período de junho de 2007 a março de 2009, que tratam da questão da deserção em Cuba. O estudo aqui desenvolvido segue os pressupostos teóricos da Análise de Discurso, formulada por Michel Pêcheux, na França, e desenvolvida posteriormente por Eni Orlandi e outros pesquisadores no Brasil.

As análises mostram que, no funcionamento do discurso socialista cubano, o trabalho das denominações é fundamental no processo de construção dos sentidos sobre a deserção, bem como sobre os desertores, os sistemas de governo socialista e capitalista e também sobre Cuba. Ademais, como, para esta teoria, sujeito e sentido constituem-se mutuamente, teve destaque ainda a análise das posições-sujeito ocupadas no discurso pelo ex-Comandante em Chefe do governo cubano. Por fim, observou-se que o mecanismo das antecipações e das estratégias de argumentação, aliados ao trabalho das denominações e as variadas posições de sujeito no discurso, desempenham papéis fundamentais, funcionando pela manutenção do sistema de governo da ilha.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Discurso socialista. Cuba. Deserção.



## ABSTRACT

This research attempts to understand the process of producing meanings about desertion in the contemporary Cuban socialist discourse. To that purpose, they were selected sixteen Fidel Castro's announcements held from June 2007 to March 2009, which regarded desertion affairs in Cuba. The study has been developed upon theoretical assumptions of French Discourse Analysis, formulated by Michel Pêcheux and later developed by Eni Orlandi and other researchers in Brazil and France. The analysis show that, as far as the Cuban socialist discourse is concerned, the work on designations is fundamental to build up the meanings related to desertion and deserters, socialist and capitalist governments, together with Cuba itself. Furthermore, as for this theory, sense and subject are mutually constituted, it has emphasized the analysis of subject-positions filled in the discourses uttered by the Cuban ex-Commander-in-Chief. Finally, it was observed that the mechanism of expectation and argumentation strategies, combined with the work on designations, and the varied subject-positions in the discourse, play basic roles, functioning towards the maintenance of the socialist government in the islands.

Keywords: Discourse Analysis. Discourse. Cuba. Desertion.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b>	12
1.1 O modo de trabalho e a configuração da escrita	18
<b>2 A MEMÓRIA INSTITUCIONAL SOBRE A ILHA: O IMAGINÁRIO DESDE A COLONIZAÇÃO ESPANHOLA AO REINADO CASTRISTA</b>	24
2.1 A história antes da revolução	27
2.2 A memória sobre a revolução	30
2.3 A construção da imagem de um herói	31
<b>3 ANÁLISE DE DISCURSO – CONSIDERAÇÕES</b>	35
3.1 O primeiro campo de saber, a Lingüística	36
3.2 O segundo campo de saber, o materialismo histórico	39
3.3 O terceiro campo de saber, a teoria do discurso e o atravessamento pela Psicanálise	43
3.4 Articulando os pressupostos teóricos	44
3.5 Discurso, texto e posição-sujeito	46
3.6 Sujeito e forma-sujeito	52
3.7 Interpelação ideológica, esquecimento e interdiscurso	57
3.8 Funcionamento discursivo e processo discursivo	61
<b>4 O IMAGINÁRIO CUBANO SOBRE A DESERÇÃO</b>	66
4.1 As formações imaginárias e as denominações	67
4.1.a Cuba/ os cubanos	73
4.1.b Governo socialista/ governantes cubanos	80
4.1.c O capitalismo/ os capitalistas	84
4.1.d A deserção	89
4.1.e Os desertores	96

4.2 A antecipação e as estratégias de argumentação nos pronunciamentos de Fidel Castro	104
4.3 A ilha semanticamente estabilizada: a narratividade	111
<b>5 AS POSIÇÕES-SUJEITO E A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS</b>	118
5.1 Fidel Castro, o <i>eu</i> singular	120
5.2 Fidel Castro, o <i>eu</i> político	122
5.3 <i>Nós</i> , Fidel e os governantes do país	125
5.4 <i>Nós</i> , todos os cubanos	128
5.5 <i>Nós</i> , a modéstia de um <i>eu</i>	133
<b>6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	136
<b>7– BIBLIOGRAFIA</b>	142
7.1 Bibliografia consultada e citada	142
7.2 Pronunciamentos analisados	150
<b>8 – APÊNDICES</b>	152
8.1 Quadro das seqüências discursivas	152
<b>9 – ANEXOS</b>	166
9.1 Pronunciamentos completos	166
9.1.a Reflexión sobre las reflexiones	166
9.1.b Reflexiones de Fidel sobre los Panamericanos	167
9.1.c ¿Brasil sustituto de Estados Unidos?	167
9.1.d La repugnante compraventa de atletas	169
9.1.e La llama eterna	173
9.1.f Reflexión sobre duras y evidentes realidades	175
9.1.g La política y el deporte	178
9.1.h La constancia escrita	179
9.1.i Mensaje del Comandante en Jefe	182
9.1.j Sed de sangre	185
9.1.l La hormiga y el elefante	189
9.1.m Estados Unidos, Europa y los derechos humanos	193
9.1.n La verdad y los diatribas	194
9.1.o Los derechos humanos, el deporte y la paz	196
9.1.p La historia real y el desafío de los periodistas cubanos	197
9.1.q ¡Gloria a los buenos!	205

## LISTA DE QUADROS

- QUADRO 1 – Quadro do funcionamento discursivo, f. 62
- QUADRO 2 – Quadro das formações imaginárias das imagens dos protagonistas sobre seus lugares sociais, f. 68
- QUADRO 3 – Quadro das formações imaginárias das imagens dos interlocutores sobre os referentes, f. 69
- QUADRO 4 – Quadro das denominações para Cuba/ os cubanos, f. 73-76
- QUADRO 5 – Quadro das denominações para o capitalismo / os capitalistas, f. 84-86
- QUADRO 6 – Quadro das denominações para a deserção, f. 89-91
- QUADRO 7 – Quadro das denominações para os desertores, f. 96-98
- QUADRO 8 – Quadro das redes parafrásticas para os desertores, f.98
- QUADRO 9 – Quadro das formações imaginárias dos mecanismos de antecipação, f. 106-107
- QUADRO 10 – Quadro do funcionamento discursivo nos pronunciamentos de Fidel Castro, f. 140

## 1 APRESENTAÇÃO

La traición por dinero es una de las armas predilectas de Estados Unidos para destruir la resistencia de Cuba. [...] No existe justificación alguna para solicitar asilo político. Si no es Brasil su mercado definitivo, poco les importa. Hay países ricos del primer mundo que pagan mucho más. Las autoridades brasileñas han declarado que los que deserten deberán probar la necesidad real de asilo. Es imposible demostrar lo contrario. **De antemano se conoce su destino final como atletas mercenarios en una sociedad de consumo.** Pienso que han ofendido a Brasil utilizando los Panamericanos como pretexto para autopromoverse. De todas formas consideramos útiles las declaraciones de sus autoridades.<sup>1</sup> (Pronunciamento 03, *¿Brasil sustituto de Estados Unidos?*<sup>2</sup>, TV Camaguey, 23 de julho de 2007. Grifos nossos).

Este é um trecho do pronunciamento do líder Fidel Castro na ocasião de deserção de três desportistas cubanos durante os XV Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro no ano de 2007. Insatisfeitos com as condições a que eram submetidos em seu país, um técnico de handebol e dois boxeadores cubanos, durante os jogos supracitados, deixaram as instalações da Vila Pan-americana e se esconderam em outras localidades do estado. A dita fuga teria sido planejada por seus autores desde Cuba, a fim de conseguir asilo político no Brasil. Como já antecipamos, havia por parte dos esportistas certo descontentamento com a relação econômica estabelecida pelo regime socialista de valorização do esporte naquele país. A partir deste episódio, o líder cubano se pronunciou contra o grupo desertor e, logo em seguida, ordenou que voltassem a seu país todos os atletas cubanos que no Brasil estavam para a competição do continente americano.

---

<sup>1</sup> “A traição por dinheiro é uma das armas prediletas dos Estados Unidos para destruir a resistência de Cuba [...] Não existe justificativa alguma para solicitar asilo político. Se não é o Brasil seu mercado definitivo, pouco lhes importa. Há países ricos do primeiro mundo que pagam muito mais. As autoridades brasileiras declararam que os que desertem deverão provar a necessidade real de asilo. É impossível demonstrar o contrário. De antemão conhece-se seu destino final como atletas mercenários em uma sociedade de consumo. Penso que ofenderam o Brasil utilizando os Panamericanos como pretexto para autopromover-se. De todas as formas, consideramos úteis as declarações de suas autoridades”. (Tradução nossa).

<sup>2</sup> Optamos por não traduzir os títulos dos pronunciamentos pela proximidade existente entre as línguas portuguesa e espanhola, bem como para facilitar que o leitor possa aceder aos textos originais em língua espanhola, catalogados no *Anexo 9.1*.

Fidel Castro alegou que este ato havia ocorrido em virtude da corrupção que vinham sofrendo os cidadãos do seu país por parte da máfia norte-americana que desvia os mercenários para o seu mundo capitalista neoliberal. Para o chefe de governo, o destino dos atletas já seria conhecido, como demonstra o trecho recortado da epígrafe acima: “De antemão, como atletas mercenários de uma sociedade de consumo, **seu destino final é conhecido**”<sup>3</sup> (Pronunciamento 03, *¿Brasil sustituto de Estados Unidos?*, Tv Camaguey, 23 de julho de 2007. Grifos nossos). Nesta seqüência, Fidel faz referência aos Estados Unidos, país que historicamente aceita os cubanos desertores.<sup>4</sup> Para o líder de governo, não existia um motivo, que não fosse o econômico, para que aqueles atletas tivessem desertado. E isto, segundo Fidel, demonstra apenas que estes cidadãos cubanos agem como *mercenários*, somente em busca de dinheiro. Este acontecimento dá início a uma série de pronunciamentos que têm como tema o *roubo* de potencialidades cubanas. Poderíamos pensar, com esta breve exposição inicial, que se colocam duas produções de sentido nos pronunciamentos de Fidel. De um lado, um sentido 1 (S1) para os cubanos desertores: *mercenários*, vendidos para o capitalismo, maus cidadãos. E também, um sentido 2 (S2) para os mesmos cubanos desertores: *desportistas*, roubados pelos Estados Unidos, ingênuos, bons cidadãos. Nossa análise irá trabalhar, justamente, com estes diferentes sentidos formulados e colocados em circulação nos pronunciamentos de Fidel Castro.

Foi exatamente este episódio e as maneiras de significar o cidadão cubano desertor que nos chamou a atenção e nos fez pensar na configuração do estado cubano e nos discursos que circulam desde Cuba.

Como professores de língua espanhola, sempre colocamos Cuba no mesmo “pacote” que os demais países hispano-americanos. É em geral com curiosidade que alunos de diferentes grupos nos perguntam sobre este país, sobre Che Guevara e sobre Fidel Castro. Quando deste episódio, percebemos que nada conhecíamos sobre a ilha. Talvez soubéssemos algo sobre o poeta Nicolás Guillén ou sobre o *Buena Vista Social Club* e alguns de seus artistas mais

---

<sup>3</sup> “De antemano se conoce su destino final como atletas mercenarios en una sociedad de consumo.” (Tradução nossa).

<sup>4</sup> Em 1959, os Estados Unidos começaram a receber os cubanos que deixavam Cuba, principalmente, os refugiados políticos. Em 1966, os Estados Unidos aprovaram a Lei de Ajuste Cubano, que favorecia os cubanos, oferecendo-lhes privilégios. Com as três grandes ondas migratórias (1965, 1980 e 1994), Cuba cedeu e os dois países assinaram o Acordo de Normalização das Relações Migratórias, que depois se transformou no Acordo Migratório (9 de setembro de 1994) e a Declaração Conjunta (02 de maio de 1995). Este acordo derrubaria a Lei de Ajuste Cubano e valeria como único documento oficial sobre as questões migratórias dos dois países. Mas o tratado não funciona e, atualmente, o governo cubano acusa os Estados Unidos de não cumprirem os dois últimos tratados e fazerem valer somente a Lei de Ajuste Cubano, que não leva em consideração as colocações daquele governo.

representativos, mas nada que nos ajudasse a compreender esta sociedade tão próxima e tão distante da nossa.

Certa vez, dando aula, nos foi questionada nossa opinião sobre este sistema de governo. E então, como responder a uma questão que não tinha se colocado ainda para nós? Tentamos ler, entender e nos convencer de que tudo estava claro, além de tentarmos convencer a um aluno específico, que nos colocou a questão. Para aquele aluno que conhecia Cuba de perto, sempre visitava o país a trabalho, nada era tão claro assim como pensávamos. Era preciso entender mais. Havia contradições naquele sistema que não podíamos compreender apenas como meros espectadores. Sim, espectadores. E foi nesta posição que nos vimos quando Cuba virou notícia constante nos meios de comunicação brasileiros por conta do episódio acima referido. E esta nossa “posição-espectador” nos incomodou. Fez-se questão a nossa necessidade de compreender a configuração daquela sociedade que desconhecíamos.

E assim, com a notícia deste episódio e a veiculação nos telejornais e periódicos nacionais, duas perguntas de pesquisa se colocaram para nós: como este governo constrói sua imagem através do discurso? E em consequência, como a configuração do discurso e seu funcionamento possibilitam a manutenção do sistema de governo?

Essas primeiras questões que se apresentaram foram fundamentais para a constituição de nossa pesquisa. A partir delas, alguns pressupostos se colocaram. Foi preciso conhecer a história da ilha, compreender o sistema socialista de governo, seus princípios e embates com o sistema dominante no mundo, o capitalista, e, dessa forma, pensar nos discursos como processo e não separados das suas condições de produção. Este nosso motivo inicial nos levou a outras questões que buscamos tentar responder para, enfim, entender a construção do imaginário cubano a partir de determinadas construções discursivas.

À medida que fomos lendo os pronunciamentos, nosso *corpus*, e os textos teóricos da Análise de Discurso (doravante AD), a questão do imaginário foi se apresentando como eixo que se encaixava em todos os espaços discursivos. Com efeito, a questão do imaginário se tornou ponto precursor para este estudo. Essa seria então a proposta inicial e que certamente nos levaria a outros temas fundamentais para a compreensão do sistema de governo cubano e dos discursos que o circunscrevem. Algumas questões se fizeram presentes, questões nas quais nunca havíamos pensado, já que o sistema em que vivemos é para nós tão “natural”. Fazem parte deste nosso mundo estabilizado o computador, a internet, o telefone celular, o chocolate suíço e outros produtos ainda mais básicos como o sabonete, o shampoo, e outros artigos tão presentes na sociedade e com tantas variedades que até nos esquecemos de que eles nem sempre são do nosso país, e mesmo de que não nascem e crescem como as plantas.

Esta nossa ilusão parece funcionar pelo apagamento do modo de funcionamento do capitalismo, uma naturalização do comércio e das relações de mercado. Relações estas que não são naturais, entretanto que aparecem como se assim fossem para nós, nascidos sob o regime capitalista, e que conhecemos o mundo como globalizado. Um mundo que tenta nos convencer a todo o tempo de que as distâncias são curtas, ainda que não funcione desta mesma maneira para todos.

Neste ponto, concordando com Milton Santos (2006 [2000]), cabe então ressaltar que não se pretende afirmar que a globalização atinge realmente em igual proporção a todos os indivíduos em todas as sociedades. Segundo o autor, este é um mito difundido e sustentado por aqueles que detêm o poder e dominam o dito mercado global.

Um outro mito é o do espaço e do tempo contraídos, graças, outra vez, aos prodígios da velocidade. **Só que a velocidade apenas está ao alcance de um número limitado de pessoas**, de tal forma que, segundo as possibilidades de cada um, as distâncias têm significações e efeitos diversos e o uso do mesmo relógio não permite igual economia do tempo. (SANTOS, 2006 [2000], p. 41. Grifos nossos)

Santos (2006 [2000]) ressalta ainda que o fenômeno da globalização não é universal, porque os países que têm o poder não pretendem que seja diferente. É importante e imprescindível para estes países que exista uma falsa homogeneização nas relações.

Continuando com nossas questões, faz-se necessário esclarecer que as colocações deste autor são direcionadas à questão da pobreza, ou seja, o fato de a globalização não ser universal passa pelo domínio econômico dos países mais ricos. Para nós, o que interessa é o fato de ela não atingir a todos em igual proporção, mas não unicamente pela questão econômica. Se pensarmos em Cuba, não é somente este o motivo – nem o principal – que impede que os efeitos da globalização a “atinjam”. O bloqueio econômico pelos Estados Unidos – seguido por outros países – possibilita esta diferença nas relações que Cuba mantém, sejam elas econômicas ou sócio-culturais.

Posto isso, talvez possamos considerar que a influência remota da globalização em Cuba é também remota em outros países, que não sofrem com o bloqueio econômico, porém que, igualmente, estão afastados deste mundo “globalizado” por diversas questões. Ainda assim, este fenômeno parece afetar também a Cuba, mesmo que seja através de um processo mais lento, gradual e indireto, obrigando sempre a uma reformulação do seu sistema. E por que pensamos que pode afetar? E por que, de alguma maneira, os cubanos resistem ao sistema



socialista e desertam buscando asilo em outro país? A estas questões voltaremos a falar quando tratarmos da resistência.

Propusemo-nos então, para este estudo, entender o imaginário cubano e, em particular, o imaginário sobre os desertores, a partir dos conhecimentos da Análise de Discurso. O nosso objeto de pesquisa se constitui pelos pronunciamentos de Fidel Castro, que tomamos a fim compreender o jogo de **formações imaginárias** sobre este país, seu sistema de governo, bem como compreender o **funcionamento discursivo** no **imaginário** sobre a deserção. Por formações imaginárias entendemos, com Pêcheux (1990a [1969]), que, na relação entre linguagem, história e ideologia, produz-se um jogo de formações imaginárias que perpassam todo o discurso: a imagem que o sujeito faz dele mesmo, do seu interlocutor, do objeto do discurso, entre outras.<sup>5</sup>

Tentamos discutir, então, como um **acontecimento histórico** (a deserção dos desertistas nos Jogos) – e os sentidos que se produzem sobre ele – se transforma ou não em um acontecimento discursivo, fazendo trabalhar as relações interdiscursivas.

Um acontecimento histórico, conforme Le Goff (1996), é uma ocorrência no mundo que ganha relevância e começa a fazer parte das narrativas da ciência histórica. Não é qualquer acontecimento, que se torna histórico, que entra na história. São apenas alguns acontecimentos que “ganham relevância” pelas relações de poder.

Na perspectiva discursiva dos estudos da linguagem, não é o acontecimento histórico por si só, nem a sua inscrição na memória que importam. A Análise de Discurso, em que se inscreve este trabalho, considera para sua análise o acontecimento discursivo. Este, por sua vez, é definido como “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2005 [1983])

De acordo com as formulações de Pêcheux (*ibidem*), um discurso é estrutura e acontecimento, inscrevendo-se na memória do dizer – no interdiscurso – e na atualidade, podendo provocar rupturas com os sentidos já estabelecidos e vir a instaurar novos sentidos.

Compreender o discurso como estrutura e acontecimento é trabalhar com a possibilidade de interpretação própria do dizer, de modo a observar os seus efeitos de sentido, que se produzem no jogo entre regularidades e rupturas. O batimento entre a repetição e a inovação, entre o mesmo e o diferente, é próprio da produção discursiva, que traz sempre consigo uma memória do dizer, enquanto interdiscurso, e uma atualidade. [...] O discursivo inscreve-se nesse encontro de uma atualidade com uma memória, sob condições de produção específicas. Assim se constituem os

---

<sup>5</sup> Este conceito que compõe o dispositivo analítico será tratado mais detalhadamente quando trabalharmos o funcionamento do discurso no capítulo 4.

sentidos e, ao mesmo tempo, os sujeitos do discurso: no movimento constante entre repetições e rupturas. (DELA-SILVA, 2008, p.20-21)

Por outro lado, conforme Henry (1994), todo acontecimento histórico reclama sentidos. Em seu artigo *A história não existe?* (*idem*), o autor argumenta sobre a relação entre a história e as demais ciências humanas. Para Henry (*idem*), a história, na posição de ciência não existe, pois não tem objeto próprio. O autor afirma: “A história não teria mais então conteúdos específicos mas representaria somente o ponto de vista da ‘totalidade’ e da complementaridade do que estudam as diversas ciências humanas e sociais.” (*ibidem*, p. 30) e conclui que,

em resumo, a situação da história no campo das ciências humanas e sociais poderia bem ser aquela que descrevia Michel Foucault em *Lês mots et lês choses*: “Talvez, com efeito, ela [a história] não tenha lugar em meio às ciências humanas nem ao lado delas: é provável que ela entretenha com todas elas uma relação estranha, indefinida, inapagável, e mais fundamental do que seria uma relação de vizinhança em um espaço comum. (*ibidem*, p. 51)

Henry (1994) continua a desenvolver esta questão e estabelece a relação entre história e sentido. Esta relação, conforme o autor, é primordial. Para ele, o homem só tem/faz história porque fala, produz sentidos. Bem como não existe fato que não reclame sentidos.

“Por que a história?”, mais precisamente: “Por que a história das ciências humanas e sociais?”, tal era a questão. É bem verdade que é ilusório colocar para a história uma questão de origem e esperar dela a explicação do que existe. Ao contrário, **não há “fato” ou “evento” histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e conseqüências.** É nisso que consiste para nós a história, **nesse fazer sentido**, mesmo que possamos divergir sobre esse assunto em cada caso. (*ibidem*, p. 51-52. Grifos nossos).

É exatamente esta posição que tomamos aqui neste trabalho. Que todo acontecimento histórico reclama sentidos e, em virtude disto, é discursivizado. O que não significa que irá inscrever-se na memória oficial, embora tenha esta possibilidade. E se chegam a inscrever-se na dita memória oficial, os discursos produzidos a partir de cada fato histórico se configuram em possíveis materiais de análise, pois conjugam a materialidade da língua e a sua historicidade. Podemos dizer que um acontecimento histórico reclamou sentidos, inscreveu-se na memória com os pronunciamentos de Fidel Castro. E, para tanto, estabeleceu relações de sentidos com outros episódios de deserção na História de Cuba.

E para dar conta deste objeto de análise, o discurso, afirmamos que não há outra teoria senão a Análise do Discurso, formulada por Michel Pêcheux (1969 e 1975), que nos possibilita uma **leitura sintomática**<sup>6</sup> de nosso *corpus* em suas relações com a história e os sujeitos envolvidos neste processo.

Retomando e procurando elaborar um fechamento para esta introdução, a partir do episódio de deserção supracitado, é possível perguntar como o discurso socialista cubano na contemporaneidade reafirma o socialismo e constrói uma imagem de corrupção e máfia do capitalismo, principalmente, do seu maior representante, os Estados Unidos, em prol da manutenção do sistema que rege aquele país.

Sendo assim, neste trabalho, como objetivo geral, buscamos compreender como se dá o processo de manutenção do estado socialista através de uma análise do discurso cubano contemporâneo sobre a deserção, isto é, entender como Cuba mantém e (re)configura o seu sistema de governo, além de reafirmá-lo quando se apresentam questões de conflito.

E como objetivo específico, analisaremos dezesseis pronunciamentos de Fidel Castro, a fim de compreender como se dá a formulação e a circulação dos sentidos sobre a deserção.

Deste ponto de vista, afirmamos que apenas uma análise que leve em conta o sentido, a língua na história – a historicidade dos processos de produção dos sentidos – e o sujeito pode compreender o funcionamento do discurso socialista cubano contemporâneo.

### 1.1 O modo de trabalho e a configuração da escrita

Pensar no discurso e no seu funcionamento em outra sociedade, pensar na história e na configuração do dizer em determinadas condições de produção se constitui em um desafio para nós que estamos inseridos em outras condições, em outros discursos. Cuba tornou-se uma sociedade singular, por ser o único país socialista do ocidente, apresentando condições de produção completamente diferentes dos países que estão sob o regime capitalista. Vale salientar que diferentes condições de produção são responsáveis por diferentes funcionamentos discursivos.

Neste trabalho, nos propusemos a analisar os pronunciamentos do ex-líder de governo cubano, Fidel Castro, a fim de entender o funcionamento do discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção, no período de junho de 2007 a março de 2009.

---

<sup>6</sup> Uma leitura sintomática é a que busca, na materialidade do texto, as marcas do funcionamento do ideológico no discurso. Neste tipo de leitura, privilegia-se a estrutura discursiva, decentrando o sujeito da sua posição de origem do dizer. (MARIANI, 2008) Voltaremos a esta noção no capítulo 3.

Tomamos como parte do *corpus* **estrito** dezesseis pronunciamentos oficiais de Fidel Castro, dos quais selecionamos 76 seqüências discursivas<sup>7</sup>. Usamos a expressão *corpus* estrito para delimitar o *corpus* que será efetivamente analisado. Na construção do nosso *corpus*, lemos textos diversos a fim de entender as condições de produção dos discursos analisados, o que constitui o que denominamos, baseados em Courtine (2009 [1981]), **corpus complexo**. Sobre esta noção, Courtine afirma que: “por *corpus* de dimensão complexa entendemos [...] por exemplo *corpus* constituído a partir de seqüências discursivas produzidas ao mesmo tempo em sincronia e em diacronia.” (COURTINE *apud* MARIANI, 1998, p. 240).

Os pronunciamentos que constituem o *corpus* estrito estão disponíveis no site da TV cubana – a *TV Camaguey* – [www.tvcamaguey.co.cu](http://www.tvcamaguey.co.cu) e no site do jornal cubano *Granma Internacional*, no endereço eletrônico [www.granma.cu](http://www.granma.cu). Nestes veículos, encontramos uma seção nomeada *Reflexiones de Fidel (Reflexões de Fidel)*. Depois de sua renúncia ao governo cubano, Fidel Castro passou a escrever sob a rubrica *Reflexiones del compañero Fidel (Reflexões do companheiro Fidel)*. Isso porque, segundo ele próprio, continuaria lutando ao lado dos cubanos como um companheiro e não mais como o Comandante em Chefe daquele país, como verificamos no recorte apresentado à continuidade e que faz parte do pronunciamento publicado no site do periódico *Granma Internacional*, em 18 de fevereiro de 2008: “Não me despeço dos senhores. Desejo somente combater como um **soldado das idéias. Continuarei escrevendo sob o título ‘Reflexões do companheiro Fidel’**. Será uma arma a mais do arsenal com a qual se poderá contar. Talvez minha voz seja escutada. Serei cuidadoso.”<sup>8</sup> (Pronunciamento 9, *Mensaje del Comandante en Jefe, Granma Internacional*, 18 de fevereiro de 2008. Grifos nossos).

Bem sabemos que a questão cubana já foi discutida por diversas áreas, sob a ótica da sociologia, da antropologia, dos estudos políticos e culturais. Sabemos que existem também alguns trabalhos que tratam do discurso político em países do Continente Americano. Em termos discursivos, destacamos o trabalho de Avalor (2009), sob o título *O pedinte, o experiente e o grandiloqüente: éthé discursivos de presidentes da América do Sul*, que

---

<sup>7</sup> Para organizar tal *corpus*, baseamo-nos em uma seqüência discursiva de referência. Tal como proposto por Courtine (2009 [1981], P. 108): “a sdr está relacionada a um sujeito da enunciação como a uma situação de enunciação determináveis em relação a certo número de coordenadas espaço-temporais e mais geralmente circunstâncias (tempo da enunciação, lugar da enunciação, circunstâncias da enunciação, que incluem a presença de alocutários determinados.”

<sup>8</sup> “No me despido de ustedes. Deseo solo combatir como un soldado de las ideas. Seguiré escribiendo bajo el título "Reflexiones del compañero Fidel" . Será un arma más del arsenal con la cual se podrá contar. Tal vez mi voz se escuche. Será cuidadoso.” (Tradução nossa).

discutiui a construção discursiva dos *ethé* de três presidentes – Hugo Chávez, Evo Morales e Lula – pela análise dos seus pronunciamentos de posse. Nosso trabalho, além de privilegiar outro *corpus*, apresenta objetivos diferentes dos propostos por Avalor (2009). Por este motivo, cabe, então, ressaltar que a partir da teoria da qual partimos acreditamos que ainda há muito a se dizer.

Não pretendemos dar conta de todos os pronunciamentos produzidos neste período e esgotar tudo o que supostamente haveria a ser dito sobre o tema. Do ponto de vista teórico no qual nos situamos, entendemos que a incompletude faz parte do ato de dizer. Não é possível dizer tudo sobre determinado tema, bem como há várias maneiras de dizer. E, por conseguinte, também afirmamos que se já há um analista que se vale deste tema, esse analista o haverá recortado de maneira diferente, pois sabemos que o próprio recorte do objeto e do *corpus* é já um gesto de interpretação<sup>9</sup>. E este gesto é próprio do analista que está tocado por suas questões, às quais, muitas vezes, não tem acesso.

Por este motivo, o que fizemos foi um recorte no *corpus* complexo que foi entrelaçado ao recorte no *corpus* estrito. Nos termos de Orlandi, “o recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva.” (Orlandi, 1984, p. 14). Sendo assim, não tomamos como material de análise segmentos de textos organizados ao modo de seqüência lógica estabilizada. Os recortes das seqüências discursivas (doravante SDs) resultam antes da leitura na dispersão dos textos, a partir da repetição, visando encontrar regularidades no complexo formador do discurso socialista.

Como já foi dito, para fazer tal estudo, utilizamos como teoria norteadora a Análise de Discurso Francesa, mais especificamente a linha fundada por Michel Pêcheux (1990a [1969]) e sua equipe na França, além dos estudos posteriores desenvolvidos por Eni Orlandi (1983) no Brasil. Para esta teoria, que compreende o discurso como efeito de sentidos entre interlocutores, todo discurso está inscrito em uma rede de formulações possíveis e é afetado pela memória do dizer. Essa rede de formulações está diretamente ligada à **formação discursiva (FD)**, que, como veremos, determina para o sujeito o que pode e o que deve ser

---

<sup>9</sup> De acordo com os estudos de Orlandi (2004), o sujeito sempre interpreta. “A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação.” (ORLANDI, 2004, p. 9) E, aliado a este fato, há os **gestos de interpretação**. “Em nossa perspectiva, qualquer modificação na materialidade do texto corresponde a diferentes gestos de interpretação, compromisso com diferentes posições do sujeito, com diferentes formações discursivas, distintos recortes de memória, distintas relações com a exterioridade.” (*idem*, p. 14) Vale ainda destacar, baseados em Orlandi (2004), o fato de a interpretação ser um “gesto”, ou seja, é um ato no nível simbólico (PÊCHEUX, 1990 [1969]). Sem esquecer que a palavra ‘gesto’, na perspectiva discursiva, serve justamente para deslocar a noção de ‘ato’ da perspectiva pragmática, sem, no entanto, desconsiderá-la.” (ORLANDI, 2004, p. 18)

dito. Faz-se ainda necessário ressaltar que mesmo estando inscrito em determinada formação discursiva, o dizer pode ser sempre outro. Ou seja, sempre pode haver deslocamentos.

Nas palavras de Eni Orlandi, “é só por ilusão que se pensa poder dar a ‘palavra final’. O dizer também não tem um começo verificável: o sentido está (sempre) em curso.” (ORLANDI, 2004, p. 11) E é por esta característica dos sentidos, de estarem em curso, que mobilizaremos então, além das formações imaginárias que trabalharemos nos capítulos seguintes, os conceitos de **paráfrase** e **polissemia** para analisar as seqüências discursivas recortadas. Em confluência com Orlandi (1984), afirmamos que a polissemia é a condição para a multiplicidade de sentidos, a instauração do novo, a possibilidade do deslocamento. Já a paráfrase é a estabilização de um sentido, a hegemonia do mesmo dito de diversas maneiras, a repetição diferente. Isto porque

todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2009, p. 36)

A polissemia é, então, a possibilidade de deslizamento de sentidos. É também por este processo que aparecem novos sentidos. Especificamente, ao analisar os pronunciamentos de Fidel Castro, buscamos entender como na construção de um enunciado os sentidos trabalham.

É esta produção de sentidos, relação entre língua e ideologia, materializada no discurso, que tentamos analisar para compreender o funcionamento do discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção. São a história e a ideologia inscritas na língua, produzindo efeitos de sentidos. Dito de outra maneira, de acordo com os pressupostos da Análise de Discurso, o que analisaremos aqui são as marcas da história na língua, a historicidade da produção de sentidos.

Vale dizer que esta teoria não pretende examinar o conteúdo de determinado texto, nem encontrar uma verdade única e legítima. Isto é, temos como objetivo entender o processo de construção dos sentidos, as reformulações e até seus deslizamentos. E assim “compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, é compreendê-lo enquanto objeto lingüístico-histórico, é explicitar como ele realiza a discursividade que o constitui.” (*ibidem*, p. 70)

O que vale para esta teoria é o “como” foi dito e que efeitos de sentidos se produziram. Não esperamos descobrir o que está por trás de tal enunciado ou o que se quis dizer com determinada afirmação. Buscamos, nesta dissertação, analisar o funcionamento do discurso socialista cubano, especificamente aquele formulado por Fidel Castro e que constitui um imaginário sobre os desertores e a deserção.

Consideramos, tal como formula Eni Orlandi, (*ibidem*, p. 69-70)

o texto não apenas como um “dado” lingüístico (com suas marcas, organização etc.) mas como “fato” discursivo, trazendo a memória para a consideração dos elementos submetidos à análise. São os fatos que nos permitem chegar à memória da língua: desse modo podemos compreender como o texto funciona, enquanto objeto simbólico.

Concordando com a autora, em nosso trabalho, não temos a pretensão de estabelecer um panorama sobre Cuba e sua situação atual. Como já foi dito, pensamos apenas dar conta de entender a ordem e o funcionamento do discurso cubano sobre o ato de desertar, destacar o papel das denominações e das referências e compreender as questões referentes ao sujeito e às posições-sujeito ocupadas por Fidel Castro, depreendidas pelas análises.

Organizamos o nosso trabalho em capítulos a fim de assumir o gênero dissertação. Um capítulo tem o objetivo de oferecer suporte ao seguinte e à construção do texto. Apresentamos, a seguir, os capítulos e sua ordem.

No capítulo 1, o de apresentação, traçamos um breve panorama do que nos motivou, nossas perguntas e questionamentos sobre Cuba, além de nossas hipóteses de trabalho. Ainda neste capítulo, na seção 1.1, apresentamos nosso *corpus*, algumas pequenas inserções na teoria e nosso modo de trabalho.

A seguir, no capítulo 2, pretendemos dar a conhecer um pouco da ilha, o discurso sobre a sua história e sobre seu sistema de governo. Sabemos, apoiados na teoria a que nos vinculamos, que um discurso não é sem a história, sem as “condições de produção da linguagem, isto é, pelos interlocutores e pelo contexto de situação (enunciativo e histórico)”. (ORLANDI, 2008, p. 196)

O capítulo seguinte, de número 3, apresenta algumas considerações sobre a Análise de Discurso, sua formulação como campo de saber e a exposição dos conceitos fundamentais para nossa dissertação.

O capítulo 4 será dedicado às formações imaginárias. Na seção 4.1, trataremos do papel das denominações no funcionamento do discurso. Na seção seguinte, exporemos nossas análises sobre os **mecanismos de antecipação** e as **estratégias de argumentação** do discurso

socialista cubano contemporâneo de Fidel Castro. Na última seção deste capítulo, trataremos da estabilização da ilha pela narratividade.

No capítulo seguinte, capítulo 5, trabalhamos as posições de sujeito ocupadas por Fidel Castro no discurso.

O capítulo 6, as considerações finais, sugere uma conclusão. Não pretendemos aqui pensar que a palavra conclusão estabelece o fim de uma análise única e verdadeira, mas sim o fechamento feito a partir da discussão de algumas reflexões sobre a língua, a história, o sujeito e o discurso, baseadas em nossos recortes. Sempre acreditando que estes recortes e suas análises poderiam ter sido outros.

Em seguida, no capítulo 7, apresentamos a bibliografia utilizada e as referências dos pronunciamentos analisados.

No capítulo 8, dispomos para o leitor, em forma de apêndice, as seqüências discursivas recortadas e numeradas em língua espanhola e portuguesa.

E para finalizar, no capítulo 9, em anexo, estão os pronunciamentos completos de Fidel Castro.

Bem sabemos que este efeito de ordem é apenas efeito. O que tentamos fazer aqui é organizar de maneira mais lógica, para o nosso estudo, o trabalho que não foi fruto de tal organização, pois as questões e os sentidos se apresentaram para nós sem uma organização, mas com sua ordem própria.



## 2 A MEMÓRIA INSTITUCIONAL SOBRE A ILHA: O IMAGINÁRIO DESDE A COLONIZAÇÃO ESPANHOLA AO REINADO CASTRISTA<sup>10</sup>

Nesse capítulo, nossa proposta é contar uma parte da história de Cuba, considerando a história do país desde que este ainda era colônia espanhola até o fim da revolução e o início do governo de Fidel Castro. E como já mencionamos, a história é para nós construção discursiva. É sentido e interpretação. É monumento na concepção foucaultiana de que os documentos são monumentos. E para a Análise de Discurso, teoria em que nos apoiamos, língua e história se constituem mutuamente, a história não no sentido do determinismo, mas na medida em que esta se inscreve na materialidade da língua. Como Orlandi (2001), acreditamos que há uma determinação histórica dos sujeitos e dos sentidos.

É isso que significa a determinação histórica dos sujeitos e dos sentidos: nem fixados *ad eternum*, nem desligados como se pudessem ser quaisquer uns. É porque é histórico (não natural) é que muda e é porque é histórico que se mantém. Os sentidos e os sujeitos poderiam ser sujeitos ou sentidos quaisquer, mas não são. Entre o possível e o historicamente determinado é que trabalha a análise de discurso. Nesse entremeio, nesse espaço de interpretação. A determinação não é uma fatalidade mecânica. Ela é histórica. (ORLANDI, 2001, p. 103)

Partindo desta concepção teórica sobre a história, trataremos da história que está intimamente ligada aos processos de constituição dos sentidos e dos sujeitos. Não é de nosso interesse tratar da história de Cuba exaustivamente, pois não é este o nosso objeto. Apenas acreditamos, baseados na teoria em que nos inscrevemos, que se as produções discursivas e a história se constituem mutuamente, como já foi dito, se faz necessário dar a conhecer um pouco do que é a história de ilha.

---

<sup>10</sup> Optamos por manter a denominação “reinado castrista” e não “governo castrista”, pois levamos em consideração a durabilidade do governo que se assemelha a um reinado, mesmo concordando com a professora Vera Sant’Anna, que apontou, no momento da defesa de nossa dissertação, um deslizamento de nossa parte.

Para nós, que tomamos a história como discurso, pensamos haver pelo menos três discursos sobre a história de Cuba. A primeira seria a história narrada pelo historiador<sup>11</sup> que se inscreve na **formação ideológica (FI)** norte-americana de direita. O sujeito que comunga com os sentidos de que a revolução é antidemocrática e que o bloqueio econômico é a melhor solução; a segunda, narrada pelo historiador cubano oficial, aquele que “recebe” seus sentidos da formação discursiva pró-revolução e que está inserido no sistema socialista de governo; e a terceira, narrada pelo historiador ocidental de esquerda, que não está inserido no sistema socialista de governo, mas que também toma parte dos sentidos pró-revolução. Com base nestas três possibilidades de inscrição dos sentidos da história de Cuba, escolhemos a terceira, ou seja, trataremos da história que ganhou *status* de monumento a partir dos relatos de historiadores e jornalistas ocidentais de esquerda. Este será então nomeado como o **discurso histórico oficial ocidental de esquerda**.

Trabalharemos, exclusivamente, com um historiador e cientista político brasileiro, Luiz Alberto Vianna Moniz Bandeira (1998), e dois jornalistas, sendo um o brasileiro Eric Nepomuceno (1981) e o outro norte-americano, Herbert Lionel Matthews (1970). Cabe salientar que o último é norte americano, mas faz parte do terceiro grupo que nomeamos acima, ou seja, compartilha dos sentidos do discurso histórico oficial ocidental de esquerda.

Dito isto, podemos retomar nossa questão sobre a história que se colocou como a **memória** dos discursos que circulam sobre a ilha. Retomando Pêcheux (2007, p. 50), “memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador.”

Ou seja, é no entrecruzamento da memória em práticas discursivas<sup>12</sup>, construção social, e como memória institucionalizada, dita oficial, a que nos referiremos aqui, partindo dos historiadores acima mencionados.

Dito de outra maneira, para dar continuidade a esta análise se faz necessário conhecer a memória através dos discursos dos historiadores sobre os acontecimentos históricos e políticos que transformaram Cuba no que é hoje e por quais processos passou. Relacionamos então história e sentido, tal como dissemos no capítulo anterior.

Portanto, conhecer as **condições de produção** é fundamental para que se possa entender os processos discursivos sobre Cuba e sua constituição inscritos, como já afirmamos

---

<sup>11</sup> Falamos da posição de historiador, não da possibilidade um único sujeito historiador. Desta maneira, parecemos poder falar de uma posição-historiador para aquele que narra a história, inscrevendo-se nessa posição e que pode ocupá-la.

<sup>12</sup> Voltaremos a falar de práticas discursivas ainda neste capítulo.

anteriormente, na materialidade lingüística. Para Orlandi (2009, p. 30), as condições de produção “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação.” e “também a memória faz parte da produção do discurso” (*ibidem*). Neste sentido, condições de produção e memória estão intimamente ligadas. Ou seja, “a maneira como a memória ‘aciona’, faz valer, as condições de produção é fundamental.” (*ibidem*)

Seguindo as formulações de Orlandi (2009) sobre o mesmo tema, podemos considerar as condições de produção de duas maneiras: no sentido amplo e no sentido estrito.

Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (*ibidem*, p. 30)

Em termos discursivos, neste capítulo, trataremos das condições de produção no sentido amplo, visando o contexto sócio-histórico e ideológico. Faremos, então, um retorno no tempo, sabendo que, para esta Análise de Discurso, não importa uma seqüência cronológica. Este percurso tem por objetivo pensar na memória que se tornou oficial, na memória institucionalizada, e como ela foi se constituindo na sua relação com o interdiscurso.

A memória, por sua vez, tem suas características quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (*ibidem*, p. 31)

Pensamos aqui conhecer esta memória discursiva, o que já foi dito sobre Cuba e sua revolução, além de seu chefe de governo para relacionar os discursos sobre Cuba e sua rede de formulações possíveis. E por este motivo, achamos relevante, com base nestes pressupostos teóricos, fazer esta ponte com o discurso dos historiadores, não nos esquecendo de que estes relatos são também discursos.

Continuando com as questões sobre a memória, é trabalho do analista de discurso pensar nos sentidos em suas relações com as condições de produção, com os processos discursivos e a memória, com o interdiscurso.

Para concluir, nesta mesma direção, lembramos os estudos de Mariani (1998) ao falar do trabalho do analista do discurso. A autora afirma que

uma análise desta natureza busca entrever os processos discursivos atuantes na cristalização de determinados sentidos em detrimento de outros, ou seja, dos processos discursivos que contribuem para a tessitura e homogeneização da memória histórica oficial de uma formação ou grupo social. (MARIANI, 1998, p. 39)

Para nossa análise da história de Cuba, a partir do que determinados historiadores narraram, dividimos este capítulo em três subseções, a saber: 2.1 – a história antes da Revolução; 2.2 – a memória sobre a Revolução; e, por fim, 2.3 – a construção da imagem de um herói.

## 2.1 A história antes da Revolução

Conforme a memória histórica que se tornou oficial, Cuba foi colônia espanhola até 1898, quando a Espanha perdeu a guerra e seu domínio para os Estados Unidos.

Segundo os discursos dos historiadores referidos anteriormente, mesmo sendo colônia européia, a economia de Cuba estava vinculada à norte-americana. Grande parte de sua produção de açúcar, produto de maior relevância econômica naquela época, era destinada a este país.

Os capitalistas norte-americanos já controlavam o comércio de exportação de Cuba por meio de um *trust*, a American Sugar Refining Co., que Henry O. Havemeyer formara, em 1887, com a fusão de 19 pequenas refinarias, passando a monopolizar a compra do açúcar bruto e até 98% do produto refinado consumido no mercado norte-americano. (BANDEIRA, 1998, p. 29)

Contribuiria com esta situação o fato de a Espanha não conseguir sustentar-se no poder, por haver feito um contrato de exportação, o acordo de reciprocidade comercial, o que a teria colocado na posição de dependente do comércio norte-americano. Tal acordo não envolveria somente Cuba, mas também outras regiões do Caribe, tal como colocado por Bandeira (1998):

E a Espanha, a fim de não perder as colônias no Caribe, cederá às pressões dos EUA, após muita relutância, ao firmar, em 1891, o acordo de reciprocidade comercial, mediante o qual obteve para os açúcares que elas produziram as mesmas isenções tarifárias outorgadas ao Brasil naquele mesmo ano. Com isso, a produção açucareira de Cuba recebeu forte estímulo e passou ainda mais a depender, em ampla medida, do mercado norte americano, tanto para o seu escoamento, dado que a fabricação de açúcar a partir da beterraba reduzia-lhe a demanda na Europa, inclusive na Espanha, quanto para a aquisição da maquinaria necessária à rápida

modernização tecnológica e ao funcionamento das usinas. (*ibidem*)

Ao mesmo tempo em que a Espanha não via uma maneira de desvencilhar-se deste acordo e de sua dependência ao mercado norte-americano, os governantes de Cuba acreditavam que manter Cuba vinculada aos EUA seria a melhor maneira de livrar-se da colonização espanhola.

Por outro lado, os Estados Unidos teriam interesses que iam além dos econômicos. Os norte-americanos queriam o domínio daquela região e visavam implantar uma base naval naquele ponto, conforme descrito por Bandeira (1998), no seguinte trecho:

Os EUA, evidentemente, tinham nessa ilha interesses diretos, que não eram meramente econômicos, relacionados com o açúcar e o tabaco. Seus interesses eram igualmente estratégicos. A posse de Cuba, da mesma forma que a de Porto Rico e das Ilhas Virgens, cuja cessão o presidente McKinley naquela época intentava obter da Dinamarca com o objetivo de ali estabelecer uma base naval e um depósito de carvão, era percebida como fundamental para a segurança das rotas no Golfo do México e a defesa do canal que o governo norte-americano, quase 50 anos antes, projetava abrir no istmo do Panamá. Esta foi a razão, *inter alia*, que mais concorreu, talvez, para impulsionar os EUA ao confronto armado contra a Espanha, visando assenhorear-se de Cuba e não propriamente de pacificá-la. (*ibidem*, p. 33)

Foi então, em dezembro de 1898, que a Espanha, ao assinar o Tratado de Paris, teria renunciado a sua soberania sobre Cuba,

além de ceder, na condição de colônias, tanto o resto das Índias Ocidentais, inclusive Porto Rico, no Caribe, quanto Guam e o arquipélago das Filipinas, no Oceano pacífico, onde o governo McKinley, naquele mesmo ano, adquirira também o Havai. (*ibidem*, p. 34)

A partir daí, a ilha foi declarada independente da colonização espanhola pelos Estados Unidos e passou a ser seu protetorado até 1902. Neste ano, foi incorporada à Constituição Cubana a Emenda Platt, que dava direito aos Estados Unidos de intervirem na economia da ilha caso se sentissem ameaçados economicamente. Esta emenda também deu o direito a este país de montar a base de Guantánamo na ilha, que estava dominada econômica, política e militarmente pelos Estados Unidos.

A Emenda Platt deu a Cuba o direito de ter seu próprio governante. Passadas algumas sucessões de poder, o General Geraldo Machado assumiu a presidência. A oposição era forte e o General investia mais em milícias armadas para conter os atentados inimigos do que na agricultura, a principal atividade econômica do país. De acordo com registros históricos, a

situação teria se tornado insustentável e a renúncia se lhe impusera. O General Machado ficaria até 1935 no poder, mas, como não conseguira conter as ondas revolucionárias e a pressão dos EUA, renunciou ao cargo em 1933, dando lugar a Carlos Manuel de Céspedes y Quesada, indicado a ocupar provisoriamente a presidência do país. Foi durante o governo de Quesada que começou o levante dos militares, dentre eles, Fulgencio Batista.

Em 4 de setembro de 1933, cerca de três semanas após a queda de Geraldo Machado, os escalões inferiores do Exército e da Marinha insurgiram-se, liderados pelo sargento-estenoógrafo Fulgencio Batista, que convidou os dirigentes do Directorio Estudiantil ao Campo Colúmbia e com eles decidiu formar uma Junta de Governo ou Comissão Executiva, com cinco membros e por isto celebrizada como Pentarquia, à qual, à noite do mesmo dia, Céspedes entregou a presidência da República. (*ibidem*, p. 60-61)

O coronel Fulgencio Batista participava da junta na posição de líder e em 1938 permitiu que o Partido Comunista se tornasse legal. Batista já assumia então o seu desejo de participar das eleições. O coronel não se colocava contra a República. Além de que já havia admitido aspirar à presidência de Cuba, e afirmava que o faria apenas amparado pelo povo. Em 1940, o coronel assumiu a presidência da ilha pela União Revolucionária Comunista (Partido Comunista).

Como Batista não se opunha à intervenção dos EUA, começou então a receber apoio bélico e militar destes, inclusive com fornecimento de tanques, blindados e metralhadoras, em cerimônias públicas. Este tipo de ato funcionava como comprovação da força de ação do governo Batista. Após alguns anos, Batista foi deposto do poder, voltando, por um golpe militar, em 1952, quando também retomou a Constituição de 1940. Nasceria neste momento histórico a ditadura de Batista.

Enquanto isso, Fidel Castro já liderava movimentos de guerrilhas em Sierra Maestra. Nesta época já estava formado o grupo M-26 (Movimento 26 de Julho), composto por Fidel Castro, Che Guevara, Camilo Cienfuegos e outros.

Simultaneamente, os EUA ofereciam treinamento militar às tropas do exército cubano, além dos recursos financeiros que, segundo registros, foram de aproximadamente US\$ 2 a US\$3 milhões.

As regiões de guerrilha eram bombardeadas pelo exército cubano, que também tinha o apoio da Força Aérea norte-americana. Do outro lado, Fidel Castro e seus companheiros também recebiam apoio de partes segmentadas da CIA. Essas atitudes ajudavam a dividir as linhas políticas dentro desta instituição.

Para além da guerrilha, a economia cubana estava fadada à crise. Desde o fim do poderio espanhol, Cuba vinha enfrentando problemas de como administrar seu país, além de tentar conter toda a influência política dos Estados Unidos e a grande quantidade de revoltas daqueles que estavam insatisfeitos com esta relação de dominação e dependência.

Ainda que haja diferentes sentidos para a história de Cuba, há um consenso sobre este período histórico da ilha. Os discursos sobre esta época relatam uma Cuba pobre, com alto grau de analfabetismo, péssimas condições de saúde e de vida em geral.

Insatisfeitos com esta situação, os movimentos estudantis revolucionários, que já ganhavam força, passaram a atacar as bases militares do governo. O que teve mais sucesso foi o já citado Movimento 26 de Julho (M-26), liderado por Fidel Castro, Che Guevara e Camilo Cienfuegos. Foi com o surgimento deste movimento que se formou a base do que posteriormente se nomeou como a Revolução Cubana.

## 2.2 A memória sobre a revolução

Considerando que há mais de uma memória sobre a revolução, partiremos, nesta seção, da leitura realizada especialmente em Matthews (1970), jornalista que mais detalhadamente trata deste período.

O Movimento 26 de julho foi fundado por Fidel Castro e seus “companheiros”, dentre os quais figuravam na lista Che Guevara, Camilo Cienfuegos e outros exilados da ditadura militar.

Fidel Castro assumiu a posição de líder do movimento que tinha por objetivo derrubar o governo de Fulgencio Batista. Como o ditador tinha apoio dos Estados Unidos, o movimento sofreu resistência, mas venceu ao atacar e dominar o Quartel Moncada, na cidade de Santiago de Cuba, o que deu início a uma série de intervenções dos Estados Unidos.

Após algumas tentativas de intervenção deste país, Fidel Castro assumiu o governo e como parte de suas primeiras atuações como líder instituído, instaurou medidas contra o analfabetismo (que era de 40%) e realizou a Reforma Agrária no país. Medidas que tiveram o apoio popular e facilitaram a aceitação do novo governo.

Todos os setores de Cuba estavam precários. Não havia investimento em educação, saúde e agricultura. De acordo com os relatos já trazidos anteriormente, Batista gastava mais em aumentar o seu poderio militar do que em qualquer outro setor do governo.

Quando o grupo de Fidel Castro assumiu o poder, ainda que não se nomeassem socialistas, os jovens daquele grupo diziam querer fazer uma revolução. Uma revolução social acima de tudo porque pregava a divisão dos bens. Além disso, acreditavam que o Estado deveria ser o mantenedor e controlador do mercado. A revolução ainda se basearia na divisão dos meios de produção e na extinção de classes. Este tipo de governo já havia sido implantado na extinta União Soviética e tinha características do modelo proposto por Marx e Engels (2001 [1848]), no seu Manifesto do Partido Comunista.

Segundo o discurso histórico oficial ocidental de esquerda, para colocar em prática tal modelo, Fidel teria tomado algumas medidas estruturais que possibilitaram a promoção de uma reforma agrária que teria sido mais ousada do que alguns comunistas haviam previsto antes. Nas palavras de Matthews (1970, p. 84), “a sua reforma agrária [...] foi decididamente mais radical do que os comunistas tinham aconselhado. Ele era, de fato, ‘extremista de esquerda’”.

Ainda, de acordo com este autor, foi com a revolução que as mulheres começaram a trabalhar, constituindo-se assim uma revolução de cunho econômico e social. Contudo Fidel não podia esquecer-se de que a qualquer momento poderia ser mira do ataque das forças contrárias e, por neste motivo, “um dos seus primeiros atos fora a criação do seu próprio Exército Rebelde para substituir as forças regulares que ele destruíra [...]” (*ibidem*, p.155)

Entretanto, ainda conforme Matthews (1970), o governo se caracterizava por fazer uma política desgovernada e principiante. Foi em meio a este panorama que Cuba foi se transformando e se estabelecendo como um país socialista, em princípio, com o apoio da antiga União Soviética e, também, nos anos posteriores, dos países subdesenvolvidos da América Latina. Foi ainda neste contexto que se instalou a figura do comandante Fidel Castro, como relatado a seguir.

### 2.3 A construção da imagem de um herói

Podemos, então, estabelecer uma relação entre a história de Cuba, passando por sua revolução, e a instauração da figura do libertador que parece ter sido construída e reafirmada com as vitórias sobre os Estados Unidos. Os discursos sobre a história de Fidel Castro como líder revolucionário e, logo em seguida, de governo, se confundem com os discursos sobre a história da Revolução Cubana. Nos relatos sobre cada embargo e cada tentativa de intervenção norte-americana sobre a ilha, a figura do comandante Fidel Castro aparece, e há



sempre uma lembrança, um direcionamento que parece estabilizar os sentidos acerca do novo chefe de governo. Esses sentidos que se cristalizaram sugerem um vínculo discursivo entre a imagem de Fidel – chefe de governo – e a imagem de Fidel - revolucionário, no **imaginário** social cubano.

Faz-se necessário esclarecer que tomamos como imaginário uma construção, uma forma de percepção do que seria o mundo e suas relações. Retomando a formulação de Eni Orlandi, podemos afirmar que “não há relação direta entre o mundo e linguagem, entre palavra e coisa. A relação não é direta, mas funciona como se fosse, por causa do imaginário.” (ORLANDI, 1996, p. 32) Para a Análise de Discurso, o imaginário é

esse dizer já colocado interdiscursivamente, uma espécie de “reservatório” de sentidos para o sujeito. Mas nessa relação do sujeito com o dizível, o imaginário atua na ilusão subjetiva que o faz crer ser a origem e fonte do dizer. (MARIANI, 1998, p. 33)

Em confluência com esta questão teórica, afirmamos que não existe uma relação unívoca, o mundo tal qual é, ou seja, o mundo como realidade pura e una. Nossa relação com o mundo é sempre através do simbólico, da linguagem que o define e o constitui. É através do imaginário que se estabelece a relação entre os cubanos e a história do seu país, entre os cubanos e seu líder de governo, entre cubanos e cubanos. Estas percepções não são senão construtos historicamente estabilizados, o interdiscurso, a memória do dizer e seus sentidos já postos. Se pensarmos especificamente em nosso *corpus*, veremos que estes sentidos são retomados nos pronunciamentos de Fidel, que remontam à memória do dizer, constituindo-se em **práticas discursivas** eficientes na lembrança do imaginário.

Desde que assumiu o poder, o ex-líder de governo mantém um contato com o povo, em longos pronunciamentos sobre temas que, teoricamente, são de interesse da população, acerca de episódios do cenário nacional ou internacional. Voltaremos a este ponto na subseção 4.2 – *A antecipação e as estratégias de argumentação nos pronunciamentos de Fidel Castro*.

Sobre as práticas discursivas podemos afirmar que elas se constituem em modos eficazes de estabilização dos sentidos postos pelo imaginário. Para Maingueneau (1989 [1987]), o imaginário se constrói e se mantém em práticas discursivas, que integram a formação discursiva e a comunidade discursiva. Além disso, existiria uma relação entre o textual e o social que se materializa em tais práticas.

A partir de uma primeira leitura de nosso *corpus*, tornamos a ressaltar a importância destas práticas, que, para nós, também são responsáveis por fazer ressoar ainda na atualidade

a referência histórica da figura do ex-líder de governo. Neste “diálogo” que ocorre entre Fidel Castro e os cubanos, aparecem referências à Revolução Cubana. Referências textuais, como, por exemplo, o uso de termos bélicos que remontam àquele momento histórico, tal como adiantamos na seguinte seqüência discursiva:

**SD 56:** Por outro lado, me preocupou sempre, ao falar da minha saúde, evitar ilusões que no caso de final adverso, trariam notícias traumáticas a nosso povo em meio à **batalha**. Prepará-lo para minha ausência, psicológica e politicamente, era minha primeira obrigação depois de tantos anos de **luta**.<sup>13</sup> (Pronunciamento 9, *Mensaje del Comandante en Jefe, Granma Internacional*, 18 de fevereiro de 2008. Grifos nossos).

Além disso, vale lembrarmos que existe um jogo de **formações imaginárias** inscrito no discurso, que parece funcionar na sociedade cubana, principalmente através dos pronunciamentos de Fidel. É só através deste jogo de imagens que funciona a pretensa interlocução entre o chefe de governo e o povo, o que o faz selecionar os temas a serem tratados, bem como possibilita a rememoração da figura do comandante no imaginário social cubano. Retomaremos esta questão mais adiante, no capítulo que trata do quadro das formações imaginárias.

Voltamos a tomar alguns relatos<sup>14</sup> que parecem constituir capítulos importantes da história de Cuba como quando Fidel Castro assumiu o governo da ilha. Recorremos, mais uma vez, a alguns relatos dos historiadores e jornalistas citados, discursos oficializados sobre a história de Cuba e sobre o governo de Fidel Castro. Na versão contada por estes estudiosos, o início do governo Castrista foi conturbado e com muitas dificuldades. Devido ao embargo econômico imposto pelos Estados Unidos, além da falta de recursos e de capacitação técnica, Cuba passou por vários momentos de racionamento. Neste período, Fidel Castro mantinha diálogo contínuo com a população que tinha, em grande parte, tomado a revolução como um ideal. Este “diálogo” que perdura até os dias de hoje constitui uma prática discursiva que rememora a história da sociedade cubana.

Desta maneira, quando afirmamos, em Análise de Discurso, que sujeito e sentido se constituem mutuamente não é sem motivos. Os sentidos, a história e o sujeito estão ligados em uma relação de pertença e inclusão em que um não existe sem o outro. Se não há sentido

<sup>13</sup> “Por otro lado me preocupó siempre, al hablar de mi salud, evitar ilusiones que en el caso de un desenlace adverso, traerían noticias traumáticas a nuestro pueblo en medio de la batalla. Prepararlo para mi ausencia, psicológica y políticamente, era mi primera obligación después de tantos años de lucha”. (Tradução nossa).

<sup>14</sup> Vale ressaltar que sempre que nos referimos a relatos históricos estamos tratando dos acontecimentos que assumiram o *status* de discurso histórico oficial, institucionalizado. Para nosso trabalho, como já ressaltamos, estamos utilizando o discurso oficial ocidental de esquerda. Não é demais lembrar que para esta análise de discurso não existe uma história verdadeira ou falsa, o que há são sempre versões.

sem história, bem como há uma relação intrínseca entre sujeito e sentido, não há como não pensar que a própria constituição do sujeito não é sem história.

Assim, podemos afirmar que não tomamos aqui a história de Fidel Castro como uma biografia política, contudo é importante ressaltar que o sentido que se atribui atualmente à figura do chefe de governo cubano não é sem seu percurso como líder revolucionário, sem a imagem do que é um líder de governo, tal qual Fidel Castro.

Como já posto, buscamos, neste capítulo, apresentar a história tal como a conhecemos institucionalizada sempre pensando na sua relação com o sentido, sem nos esquecermos do que Paul Henry (1994) colocava em seu artigo já citado neste trabalho.

### 3 ANÁLISE DE DISCURSO – CONSIDERAÇÕES

Nos capítulos precedentes, trouxemos para a discussão de nosso trabalho, alguns conceitos do quadro teórico da Análise de Discurso. Pretendemos, agora, apresentar outras noções fundamentais da teoria que são imprescindíveis para a análise a ser empreendida.

A Análise de Discurso é um campo de conhecimento que se constituiu no entremeio de três regiões do saber: a lingüística, o materialismo histórico e a teoria do discurso, atravessadas por uma teoria do sujeito de base psicanalítica. Cada uma destas regiões contribuiu, de acordo com os estudos desenvolvidos, para a constituição da Análise de Discurso. Esta teoria, como afirma Mariani (1998, p. 23), por sua vez,

se propõe a discutir e a definir a linguagem e a natureza da relação que se estabelece com a exterioridade, tendo em vista seu objetivo principal: compreender os modos de determinação histórica dos processos de produção de sentidos, na perspectiva de uma semântica do discurso de cunho materialista.

Ao pensar nos processos de produção dos sentidos, esta teoria coloca em questão o sujeito, o sentido e a história em sua relação com a linguagem. Fundada, inicialmente, sobre as exclusões originadas pelo corte epistemológico determinado por Saussure (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 1971), a esta disciplina interessa trabalhar com os processos discursivos, considerando sujeito e sentido, na relação estabelecida entre língua e ideologia.

Para começar nosso estudo, traçaremos, brevemente, um percurso da Análise de Discurso, para entender, em princípio, como se deu a constituição desta área de conhecimento, a partir das questões colocadas, os campos de saber que a envolvem e seu objeto, para, posteriormente, pensar nos conceitos que foram formulados e desenvolvidos com a continuidade dos trabalhos com o discurso, na França e no Brasil, principalmente.

### 3.1 O primeiro campo de saber, a Lingüística

Para instituir-se como ciência, a Lingüística passou por um processo inicial em que se impôs a necessidade de delimitação do seu objeto: a língua. A publicação dos escritos reunidos por alunos de Ferdinand Saussure (1977), em seu *Curso de Lingüística Geral*, instaurou um corte epistemológico que, ao definir a língua como objeto da Lingüística, fundou a ciência piloto das ciências humanas.

Essa delimitação do objeto consistia em separar, em um primeiro momento, *langue* e *parole* (língua e fala), considerando a primeira de ordem sistemática e social e a segunda, assistemática e individual. Outro ponto importante que estabeleceu Saussure (1977) para tal delimitação foi a separação entre sincronia e diacronia. No final do século XIX, o estudo diacrônico e a comparação entre as línguas ocupavam um lugar privilegiado entre os lingüistas. Ao delimitar o objeto da Lingüística, Saussure (1977) estabeleceu o conceito de língua na ordem da sincronia. A análise se basearia, então, em um determinado estado no tempo e não mais, como faziam os estudos comparativistas, em uma perspectiva diacrônica. Com esta distinção entre sincronia e diacronia, Saussure (1977) direcionou seu estudo, estabelecendo a língua como um sistema homogêneo e autônomo.

Em decorrência deste recorte sincrônico e da sistematização na formação da Lingüística, o que era da ordem da fala, do individual, do uso e das significações, foi colocado à parte para que se pudesse estudar apenas o que é sistemático, regular, invariável. E de tal maneira, como afirma Indursky (1998, p. 7), “as relações sistêmicas ao abstraírem o uso e as variações dele decorrentes, são de natureza regular e homogênea, permitindo, por conseguinte, instituir um objeto idealizado”. A língua, este objeto idealizado, na perspectiva sincrônica, não seria tomada do ponto de vista da variação, nem sofreria as mudanças históricas, estudadas pelos comparativistas.

Como já foi dito, esta delimitação provocou uma tripla exclusão, a saber: do sujeito, da história e do sentido, que segundo Haroche, Pêcheux e Henry (1971) podemos nomear como o corte saussuriano. Repetimos ainda que este corte foi o custo teórico à Lingüística para alcançar o *status* de ciência.

O mesmo gesto teórico que funda a Lingüística como ciência e a língua como seu objeto asséptico de investigação vai alijar desse objeto tudo o que diz respeito à exterioridade desse objeto, vale dizer o sujeito, seu interlocutor, o contexto sócio-histórico e, por conseguinte, os processos de significação. Este foi o custo teórico para instituir a Lingüística como ciência. (INDURSKY, 1998, p. 8)

Neste ponto, acrescentamos a crítica de Pêcheux, em sua obra *Análise Automática do Discurso* (1990a [1969]), sobre esta pretensa homogeneidade da língua. Para o fundador da Análise de Discurso, a separação feita por Saussure (1977) resultou na exclusão do sentido, ou seja, ao desconsiderar o indivíduo e a história, a lingüística priorizou o funcionamento da língua enquanto sistema em detrimento da língua como expressão de sentidos.

Ora, o deslocamento conceptual introduzido por Saussure consiste precisamente em separar essa homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem: a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um **sistema**, deixa de ser compreendida como tendo a **função** de exprimir sentido; ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o **funcionamento** (retomando a metáfora do jogo de xadrez utilizada por Saussure para pensar o objeto da lingüística, diremos que não se deve procurar o que cada parte **significa, mas quais são as regras que tornam possível** qualquer parte, quer se realize ou não). (PÊCHEUX, 1990a [1969], p. 62)

E então nos perguntamos: qual a relação entre este corte e a Análise de Discurso? Pois é exatamente para formular o seu objeto teórico, o discurso, que esta teoria questionará a Lingüística com relação a essas exclusões, propondo-se a reincluir e a teorizar o sujeito e a produção de sentidos na história.<sup>15</sup>

Vale ressaltar que a Análise de Discurso não exclui a Lingüística, ao contrário, esta disciplina é uma das bases sobre as quais se apóia a teoria em que nos inscrevemos, uma vez que, como já dissemos, os processos discursivos se inscrevem na materialidade da língua. Contudo, a Análise de Discurso não funciona como uma aplicação da Lingüística ou como sua extensão. A distinção fundamental entre a Lingüística e a Análise de Discurso é com relação a seu objeto. Enquanto o objeto fundador da primeira é a língua, a AD tem o discurso como seu objeto teórico de análise.

E para trabalhar com a materialidade lingüística, consideramos, nesta teoria, conforme a proposta de Orlandi (2001), a **forma material**, a forma lingüístico-histórica da língua.

A forma material é a forma (não empírica nem abstrata) constituída pela/na discursividade, forma em que se inscrevem os efeitos da articulação língua/história, acontecimento do significante no sujeito. Sendo o discurso definido como efeito de sentidos entre locutores (PÊCHEUX, 1990 [1969]), a **materialidade da forma discursiva** implica o funcionamento ideológico da palavra. (2001, p. 129. Grifos nossos).

---

<sup>15</sup> Voltaremos a esta questão mais adiante.

Distinguimos, então, forma material de forma abstrata, pois na forma material, os sentidos trabalham pela inscrição da ideologia na língua. A forma abstrata isoladamente não é objeto de estudo para o analista de discurso, por ser esta a forma da língua considerada como um sistema abstrato, fechado sobre si mesmo. A congregação de sujeito e sentido, na relação com o lingüístico-histórico, constitui-se na **materialidade discursiva**.

Pela noção de materialidade discursiva, que recobre a relação entre a forma-sujeito e a forma do sentido, confronta-se o simbólico com o político, na relação entre língua e história: eis a forma material. (ORLANDI, 2003)

A análise lingüístico-sistêmica tem como primeiro objeto compreender a organização da língua, e nisto consiste mais uma distinção entre a Lingüística e a Análise de Discurso, pois, para a AD, apenas a organização da língua não é suficiente para a compreensão dos **processos discursivos** de constituição dos sentidos. Por conseguinte, é necessário que o analista, filiado a esta teoria, pense na ordem do discurso.

Na análise, não é a relação entre, por exemplo, sujeito e predicado (SN e SV) que é relevante, mas o que essa organização sintática pode nos fazer compreender dos **mecanismos de produção de sentidos (lingüístico-históricos)** que aí estão funcionando em termos de ordem significante. (ORLANDI, 2004, p. 46. Grifos nossos).

Na produção dos sentidos, não existe realização da língua sem história, existe a constituição simultânea. “Nem, de um lado, só a língua, nem de outro só a situação, o fora. Observando a materialidade do texto, não abandono o exterior específico (o real da história) mas o considero atravessado pelo exterior constitutivo (o interdiscurso).” (*ibidem*, p. 46)

O trabalho do analista é compreender os processos de produção de sentidos da língua na história, considerando o sistema significante material – ordem da língua – na sua relação intrínseca com a materialidade simbólica – ordem da história. Nosso trabalho é considerar o texto como meio de acesso ao discurso e não como seu objeto final. O texto, para a Análise de Discurso, é o lugar de materialização da ordem do discurso, o lugar onde é possível compreender o seu funcionamento. (ORLANDI, 2004)

Posto isso, podemos partir então para a compreensão da materialidade da história, na concepção althusseriana do materialismo histórico, para então, podermos trabalhar com o nosso objeto de análise, o discurso socialista cubano contemporâneo.

### 3.2 O segundo campo de saber, o materialismo histórico

Pensando em sua relação com o materialismo histórico, podemos articular alguns elementos fundamentais para a Análise de Discurso, a saber: a estrutura de classes, a relação de forças e a noção de ideologia. Faremos um breve esboço destas noções para compreender as contribuições da teoria das formações sociais na constituição dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso.

Para começar, queremos pensar na questão mesma do materialismo. Para Marx e Engels (2001 [1948]), a história tem sua materialidade verificável na estrutura social em classes. Esta estrutura material é a responsável pela luta de classes e, segundo estes autores, a história da sociedade é a história da luta de classes, das relações de força. Segundo Freda Indursky (1997), a importância dos estudos destes autores está na sua percepção de história não idealista, uma concepção de história que leva em conta as relações sociais e políticas.

À concepção idealista da História, os autores contrapõem uma história materialista construída a partir das relações de trabalho e de produção estabelecidas pelos homens, as quais determinam, por sua vez, relações sociais e políticas. Nessa concepção, a estrutura social e o Estado decorrem do processo de vida dos indivíduos, tomados “não como poderão parecer na sua própria representação, ou na de outros, mas como eles realmente são. (Marx e Engels, p. 21)” (INDURSKY, 1997, p. 18)

E acrescenta a isto o fato de que a história e as formações de idéias surgem das práticas e não o contrário. “A sociedade civil passa a ser a base da História e sua ação, como Estado, passa a ser representada. Como se percebe, o materialismo histórico propõe-se a explicar as formações de idéias a partir da *práxis*.” (*ibidem*, p. 18)

Outra relação que podemos estabelecer a partir da teoria das formações sociais é a estrutura da sociedade em classes. Por causa desta estrutura, o sujeito é levado a ocupar um lugar em determinada sociedade. Esta estrutura é anterior ao sujeito, de tal modo que ao assujeitar-se ele toma posição neste sistema. Vale dizer que para o sujeito existe um apagamento deste processo e ele não se dá conta desta condição.

Quando alguém se vê obrigado a ocupar um lugar dentro de um sistema de trabalho, este processo já se deu anteriormente; tal pessoa sabe, por exemplo, que é um trabalhador e sabe o que tudo isto implica. O mesmo acontece quando alguém é, por exemplo, nomeado juiz. O processo pelo qual os agentes são colocados em seu lugar é apagado; não vemos senão as aparências externas e as conseqüências. (HENRY, 1990, p. 26)



É interessante ressaltar que as colocações que Pêcheux faz sobre a teoria das formações sociais passa, primordialmente, pelas leituras que este autor fez da obra de Althusser (2003 [1971]). Dito isto, podemos relacionar o conceito de **posição-sujeito** ao de lugar social, na obra de Marx. O sujeito é “levado” a tomar posição na estrutura que lhe é anterior e este ato se materializa no seu discurso. A propósito da *Análise Automática do Discurso*, Michel Pêcheux postula: “nossa hipótese é a de que esses lugares estão **representados** nos processos discursivos em que são colocados em jogo.” (PÊCHEUX, 1990a [1969], p. 82) E segue afirmando que A e B – os interlocutores do discurso –

designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do “patrão” (diretor, chefe da empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis. (*ibidem*)

Contudo, com Pêcheux, é primordial ressaltar que

seria ingênuo supor que o *lugar como feixe de traços objetivos* funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, **presente, mas transformado**; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. (*ibidem*)

O autor conclui dizendo que esta relação não é biunívoca e que várias posições podem estar representadas em uma mesma situação, num mesmo contexto imediato. As posições discursivas – posições do sujeito no discurso – desempenham papéis importantes na análise do funcionamento discursivo. Podemos adiantar que esta noção nos será válida para verificar o funcionamento discursivo dos pronunciamentos de Fidel Castro.

Ademais, conforme Althusser, esta estrutura é mantida, pois é interessante para a classe dominante a manutenção destas relações e da estrutura social tal como está definida. Não é de seu interesse a mudança de paradigma. Vale para a classe hegemônica a reprodução do sistema que a favorece. E completa: à burguesia é conveniente a reprodução das condições de produção, pois “toda formação social para existir, ao mesmo tempo que produz, e para produzir, deve reproduzir as condições de sua produção [e, para conseguir esta manutenção,] “deve, portanto, reproduzir: 1 – as forças produtivas [meios de produção e força de trabalho]; e 2 – as relações de produção existentes.” (ALTHUSSER, 2003 [1971], p. 54)

Como propõe Althusser (ALTHUSSER, 2003 [1971]), esta tentativa de continuidade funciona através de aparelhos específicos. Para tanto, existem o que o autor denominou como os aparelhos ideológicos do estado (AIE). Althusser retoma os Aparelhos de Estado de Marx, aos que ele determinará como os Aparelhos (repressivos) do Estado para formular os seus AIE. Segundo este autor, há vários instrumentos do estado “garantidores” da continuidade da hegemonia. O autor ressalta a importância da igreja, em outras condições, e da escola, na atualidade, como aparelhos ideológicos. Essa questão retornará para falarmos dos Aparelhos repressivos e ideológicos do Estado cubano. Indursky (1997) retomará Pêcheux para afirmar que os “AIE não são puros instrumentos da classe dominante, concebidos como máquinas ideológicas que se limitam unicamente a reproduzir as relações de produção existentes. Se, no seu interior, trava-se ininterruptamente a luta de classes, “esses AIE constituem simultânea e contraditoriamente o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção”. (PÊCHEUX, op.cit.: 129)” (INDURSKY, 1977, p. 19)

Também ao reler Marx, Althusser propõe uma teoria da ideologia, distinguindo a Ideologia das ideologias. Segundo este autor, em seus Aparelhos Ideológicos do Estado (ALTHUSSER, 2003 [1971]), interessa-lhe tratar de uma teoria da Ideologia – no singular. Althusser afirma que “a ideologia não tem história” (ALTHUSSER, 2003 [1971], p. 82), existe desde já e sempre. Já as ideologias – no plural – têm história, estão no seio da sociedade, relacionadas diretamente às suas condições de produção. “É neste sentido que, na *Ideologia Alemã*, a ideologia não tem história, uma vez que sua história está fora dela, lá onde está a única história, a dos indivíduos concretos etc...” (*ibidem*, p. 83) Neste ponto, o autor coloca a sua tese sobre a ideologia em relação “à proposição de Freud de que o *inconsciente* é eterno, isto é, não tem história.” (*ibidem*, p. 84)

E por fim, para compreender a estrutura e funcionamento da Ideologia, Althusser lança mão de duas teses.

A primeira está relacionada às condições de existência dos indivíduos, pois, de acordo com o autor, o sujeito não tem acesso às suas condições de existência, há somente uma relação imaginária. Nas palavras de Althusser (*ibidem*, p. 85), a primeira tese consiste em que “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência.” Isto é, “não são as suas condições reais de existência, seu mundo real que os “homens” se representam. Na ideologia o que é nelas representado é, antes de mais nada, a sua relação com as condições reais de existência.” (*ibidem*, p. 87)

A segunda tese está centrada no aspecto material da ideologia. Para Althusser (2003 [1971]), a ideologia não é da ordem das idéias, ela tem uma materialidade própria. Isto significa dizer que há uma “existência não espiritual mas material das idéias.” (*ibidem*, p. 89)

Para o autor, a ideologia está materializada na *práxis*. Não está somente no mundo das idéias do homem. Está presente nas práticas sociais existentes. Como foi colocado na sua segunda tese, existe uma relação imaginária entre o homem e as suas condições de produção, entre o homem e o mundo.

É, portanto, essa *relação imaginária com o mundo real*, que é o objeto da representação ideológica. Conseqüentemente, o autor propõe que a **ideologia estude o conjunto de práticas materiais necessárias à produção**, bem como à reprodução das condições econômicas, políticas e ideológicas. (INDURSKY, 1997, p. 19. Grifos nossos).

Aqui, podemos fazer uma ponte com a Análise de Discurso. Diz-se, em Análise de Discurso, que o discurso é um dos lugares de materialização da ideologia. Pelo fato de a ideologia ter sua materialidade, para nós inscritos nesta teoria, nos importa analisar a materialização da ideologia no discurso. Dito de outra maneira, é ao analisar o funcionamento discursivo que apreendemos a sua forma ideológica.

Aí entra a questão do **sintoma**. A leitura sintomal (ou sintomática) foi proposta por Althusser na sua releitura de Marx. Para o autor, podia-se depreender na escrita de Marx os seus próprios meios de leitura dos seus predecessores. E, de acordo com Althusser, este tipo de “método” serviria “para construir um modo de ler que trabalha nas lacunas, nas contradições, nos silêncios da materialidade do texto.” (MARIANI, 2008, p. 4) Outro ponto essencial sobre a leitura sintomática é a noção de estrutura discursiva que vai contra o idealismo, concepção que coloca o homem como centro e origem de tudo, inclusive do seu dizer.

Esse tipo de leitura chamada por Althusser de sintomal se caracteriza, portanto, por um decentramento do indivíduo na medida em que, ao privilegiar a noção de estrutura discursiva, recusa a tese central do idealismo humanista, que coloca o homem como centro e origem de tudo. (*ibidem*)

É a partir da leitura sintomal da estrutura discursiva que poderemos compreender o modo de produção de sentidos. Podemos acrescentar que, para a Análise de Discurso, será somente fazendo este tipo de leitura do texto que poderemos depreender o seu funcionamento através das marcas lingüísticas para chegarmos às marcas da ideologia no discurso.

Concluimos com Indursky, pois

acreditamos poder acrescentar que, no âmbito da AD, **o discurso não reflete a ideologia como algo que lhe é exterior, mas a mostra, enquanto efeito de sentido, porque ela é constitutiva da prática discursiva.** Vale dizer que o efeito de sentido funciona como indício da interioridade da ideologia. Ou seja: pensar a ideologia no âmbito da AD consiste em deslocar **a relação imaginária com o mundo real**, considerada por Althusser como o objeto da representação ideológica, **para o interior dos processos de significação.** Em nosso entender, pois, **a ideologia para a AD consiste na representação da relação imaginária com o mundo real no interior dos processos discursivos.** E o analista, ao debruçar-se sobre o discurso, depara-se com a **materialidade discursiva, que é concomitantemente lingüística e ideológica.** (INDURSKY, 1997, p. 20-21)

Desta maneira, terminamos nossa breve exploração sobre os conceitos da teoria das formações sociais que estão presentes nos estudos da Análise de Discurso. Não pretendemos aqui fazer uma exposição teórica extensiva, mas apenas tracejar alguns dos caminhos do materialismo pelos quais percorreu Michel Pêcheux ao formular a sua teoria semântica de base materialista. Voltaremos a algumas questões aqui tratadas sempre que sejam necessárias a nosso estudo.

### 3.3 O terceiro campo de saber, a teoria do discurso e o atravessamento pela Psicanálise

Ainda pensando nos caminhos que Michel Pêcheux percorreu para construir os pressupostos para esta teoria, trazemos a teoria do discurso entendida como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. (PÊCHEUX, 1990 [1969]) Estabelece-se uma relação entre o exterior e a língua, isto é, “o discurso é pensado como uma relação, uma correspondência entre língua e questões que surjam no exterior desta, no que diz respeito a todo **discurso concreto.**” (COURTINE, 2009 [1981], p. 30)

Pensar neste exterior à língua presente na sua materialidade foi fundamental para a constituição da Análise de Discurso. Uma teoria da determinação histórica dos processos de produção dos sentidos. Além disso, podemos afirmar, com Indursky,

que o campo da lingüística e o da teoria do discurso estão profundamente imbricados e, nas palavras de Pêcheux, “nos diferentes níveis de análise lexical, sintática e enunciativa estão em interação com o da análise do discurso. (PÊCHEUX *apud* INDURSKY, 1997, p. 30)

Por fim, então, este campo contribuiu com os seus estudos a partir de um objeto próprio, o discurso e sua estreita ligação com a história.

Além das questões colocadas pela teoria do discurso sobre a história, a Análise de Discurso supõe um sujeito, de base psicanalítica, atravessado pelo inconsciente, um sujeito que não é senhor do seu dizer. De acordo com Pêcheux, Haroche e Henry (1971), o corte epistemológico, operado por Saussure (1977), resultou na exclusão do sujeito. Posteriormente a Saussure (1977), Benveniste (1971 [1966]) deu início a estudos sobre a subjetividade na linguagem, incluindo o sujeito nos processos de constituição dos sentidos. Contudo, segundo Pêcheux (1988 [1975]), esta inclusão se baseia em um sujeito que ao dizer “eu” se coloca como origem do seu dizer. Este é o idealismo da noção de sujeito que o coloca como centro na teoria benvenistiana.

Por sua vez, nos estudos psicanalíticos, Freud faz um deslocamento da noção de sujeito do “eu” para sujeito do inconsciente. Esse deslocamento é fundamental para a constituição da noção de sujeito na Análise de Discurso.

Esta concepção de sujeito freudiana, em sua releitura por Lacan, é a que dá base para o sujeito na teoria a que nos filiamos, pois, para a AD, o sujeito, além de inscrever-se em uma formação discursiva<sup>16</sup>, é atravessado pelo inconsciente e seu dizer se constitui pela ligação entre inconsciente e os processos ideológicos a que está assujeitado. Dizer que o sujeito em Análise de Discurso é interpelado ideologicamente e atravessado pelo inconsciente significa supor uma teoria que não tem o sujeito como centro na constituição dos sentidos. Os dois processos – de interpelação ideológica e de atravessamento pelo inconsciente – acontecem antes e independentemente do sujeito e estão materialmente ligados (PÊCHEUX, 1988 [1975]).

### 3.4 Articulando os pressupostos teóricos

Dizer que a Análise de Discurso está no entremeio de três regiões do saber não quer dizer positivamente que ela simplesmente se valha dos conhecimentos destas regiões e estabeleça relações. A AD não é uma aplicação da Lingüística em relação às ciências humanas e sociais, seu trabalho é o de questionar o que a cada uma falta, na sua concepção com relação ao objeto de estudo que a interessa, o discurso.

A AD trabalha no entremeio, fazendo uma ligação mostrando que não há separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva. Levando a sua crítica até o limite de mostrar que o recorte de constituição dessas disciplinas que

<sup>16</sup> Ao inscrever-se em uma formação discursiva, o sujeito tem o seu dizer constituído pela memória e pelo interdiscurso, determinado pelo que pode e o que deve ser dito em determinadas condições, dentro da formação discursiva em que se inscreve. Retomaremos a noção de formação discursiva mais adiante.

constituem essa separação necessária e se constituem nela é o recorte que nega a existência desse outro objeto, o discurso, e que coloca como base a noção de **materialidade**, seja lingüística seja histórica, fazendo aparecer uma outra noção de ideologia, possível de explicitação a partir da noção mesma de discurso e que não separa linguagem e sociedade na história. (ORLANDI, 2004, p. 25)

Trazer a questão das materialidades lingüística e histórica é mister para entender a relação com a lingüística e com o materialismo histórico na Análise de Discurso. A língua tem sua ordem e, por este motivo, pensar nesta ordem, bem como no funcionamento das marcas lingüísticas e sua produção de sentidos vai além de entender a língua como estrutura estável, como um sistema que estabelece somente relações internas. Ademais, como já antecipamos, em Análise de Discurso, afirmamos que a língua é a materialidade do discurso e o discurso, da ideologia. E a isso podemos acrescentar, com a definição de Orlandi (2009), a relação do trabalho destas materialidades com o sentido. “Partindo da idéia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, [a Análise de Discurso] trabalha a relação língua-discurso-ideologia.” (ORLANDI, 2009, p. 17)

Ao retomar as colocações de Pêcheux (1988 [1975]) na sua relação com os escritos de Althusser (2003 [1971]), Orlandi (2009) trabalha a ligação estreita entre sujeito, sentido e ideologia, materializados no discurso, através do funcionamento da língua. Para a AD, o discurso é o lugar deste encontro, “é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para sujeitos.” (ORLANDI, 2009, p. 17) Nesta relação com os sentidos, é importante salientar que, para esta teoria, sujeito e sentido se constituem mutuamente.

Terminamos com Courtine (2006), dissertando sobre o lugar da análise do discurso em sua relação com os pressupostos teóricos.

A análise do discurso foi, então, o lugar privilegiado de um encontro entre a lingüística e a história, e isso de duas maneiras. Por um lado, ela participou de um exame histórico crítico dos fundamentos do gesto inaugural de Saussure. Ela pretendia questionar a própria operação de “corte” e de delimitação do campo da lingüística, interpelando a centralidade da disciplina, a partir de sua periferia, lembrando-lhe suas insuficiências, tudo o que ela teria inicialmente negligenciado. Por outro lado, ela pretendeu proceder à rearticulação do que havia sido cindido: o sistema lingüístico (então, concebido como um conjunto de regras sintáticas que determinam as frases, mas também os funcionamentos que se inscrevem numa problemática da enunciação) com as condições históricas da língua em uso (por meio da determinação das “condições de produção” do discurso). (COURTINE, 2006, p. 40-41)

Ressaltamos a importância de uma teoria crítica da linguagem e dos modos de determinação histórica dos sentidos e concluímos destacando o lugar especial que a Análise de Discurso ocupa entre as disciplinas das ciências humanas. Seu objeto de estudo provocou questões sobre o sujeito e o sentido que a Lingüística não tinha como objetivo responder dado o modo de construção do seu objeto. Trataremos, pois, na seção seguinte, da constituição do discurso como objeto da AD.

### 3.5 Discurso, texto e posição-sujeito

Agora que traçamos parte dos caminhos que Michel Pêcheux e seu grupo, os fundadores da Análise de Discurso, percorreram para elaborar a teoria, podemos fazer algumas colocações sobre os seus objetos teórico e empírico.

Para começar, parece-nos igualmente importante delinear a maneira como se concebe a linguagem em Análise de Discurso. De fato, sua visão sobre a linguagem não é a mesma que a proposta pelos estruturalistas – língua como sistema – ou pelos comunicativistas – língua para comunicar –, mas sim a língua em sua relação com o exterior. “A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.” (ORLANDI, 2009, p. 15) É importante ressaltar que “isto não quer dizer que linguagem não serve para comunicar, mas sim que este aspecto é somente a parte emersa do iceberg.” (HENRY, 1990, p. 26)

Como dissemos, para esta teoria à qual nos filiamos, a língua é a possibilidade de relação do homem com o mundo, é através do simbólico que o homem expressa sentidos e se significa.

A Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2009, p. 15-16)

Vale salientar que esta relação não é direta. Este homem não acessa os conteúdos da língua que estão dispostos em caixas no mundo, como na história da Emília, de Monteiro Lobato.<sup>17</sup> Trabalha-se, nesta teoria, com a concepção de língua como objeto sócio-histórico, considerando história e sociedade numa relação de coexistência e não de independência.

---

<sup>17</sup> Referimo-nos aqui à obra *Emília no país da gramática*, de Monteiro Lobato (1934), em que substantivos, artigos, verbos etc. estão disponíveis no mundo, separados em classes.

(ORLANDI, 2009) Por isso, afirmamos que o sócio-histórico para a Análise de Discurso é constitutivo da linguagem, há “uma construção conjunta do social e do lingüístico”. (ORLANDI, 2004) O social está imbricado no histórico, não existe um sem o outro, tal como não existe língua sem sociedade.

Porque, do nosso ponto de vista, a língua não pode ser reduzida a um sistema abstrato – um conjunto de códigos – podemos afirmar que é importante uma abordagem que leve em consideração o discursivo, a **discursividade** da língua, a sua historicidade, a maneira como se constroem os sentidos historicamente. Ou seja, é a inscrição da língua na história – discursividade – que interessa para a Análise de Discurso. E, para tanto, “tomamos a discursividade, por definição, como o lugar que nos permite observar os efeitos materiais da língua, enquanto sistema passível de jogo, na história”. (ORLANDI, 2004, p. 132) Retomando a proposição de Courtine (2009 [1981] sobre a distinção entre língua e processos discursivos, afirmamos que “se os processos discursivos constituem a fonte de produção dos efeitos de sentido no discurso, a língua, pensada como uma instância relativamente autônoma, é o lugar material onde se realizam os efeitos de sentido.” (COURTINE, 2009 [1981], p. 32)

Esta relação de sentidos faz com que o discurso sempre aponte para outros discursos existentes ou imaginados. (ORLANDI, 2009). Neste processo, interfere também o lugar do sujeito, a posição de onde fala, isto é, o seu lugar social de patrão, de empregado, de pai, de sindicalista, de presidente. Isto demonstra que estão profundamente imbricadas às relações de sentidos as relações de forças, que se estabelecem sócio-historicamente. Estas relações provocam, por exemplo, antecipações e reformulações no dizer do sujeito. (ORLANDI, 2009) As antecipações e reformulações a partir das relações de forças acontecem pelo funcionamento do mecanismo das formações imaginárias. Ou seja, as antecipações ou reformulações que o sujeito realiza no seu dizer não estão baseadas no seu conhecimento sobre um sujeito específico que ocupa o lugar do patrão, por exemplo, mas na imagem que ele tem sobre o que é um patrão, a imagem que tem sobre alguém que ocupa este lugar social em um momento histórico determinado.

Estas imagens são construídas, como já dissemos, sócio-historicamente, ou seja, “a imagem que temos do que é um professor, por exemplo, não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições.” (ORLANDI, 2009, p. 42) Funciona, deste modo, também definido pelas condições de produção do discurso, um jogo de formações imaginárias que determinam, através das relações de forças e de poder, o que o sujeito poderá dizer a partir do lugar de onde fala.



Considerando esta questão, afirmamos que os sentidos não estão nas palavras, eles estão sempre em relações, condicionados a determinadas condições de produção, além de estarem sempre relacionados aos lugares de quem fala.

Em conseqüência e porque afirmamos que um sentido está sempre em relação, para a AD,

o sentido não existe em si mesmo mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo a posição daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais estas posições se inscrevem. Temos então as formações ideológicas que, segundo Courtine, são “realidades complexas que colocam em jogo práticas associadas a relações de lugares (determinados pelas relações de classes). (COURTINE, 2009 [1981], p. 71)

São, segundo Haroche, “as formações ideológicas as responsáveis pela manutenção de uma formação social e sua determinada conjuntura ideológica.” (HAROCHE *apud* COURTINE, 2009 [1981], p. 71-72)<sup>18</sup>

Para Haroche, então,

cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflitos umas em relação às outras. (HAROCHE *apud* COURTINE, 2009 [1981], p. 71-72)

Courtine (2009 [1981], p. 72) salienta que “é nesse quadro que é considerada a relação das ideologias com o discurso. Se as ideologias têm uma ‘existência material’, o discursivo será considerado como um de seus aspectos materiais.” Com isso, destacamos que estas formações ideológicas, para a Análise de Discurso, não estão no mundo das ideologias, separadas, elas têm uma materialidade que se presentifica no discurso. Dito de outra maneira, as formações ideológicas

comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de um relatório, de um programa, etc.), a partir de uma dada posição em uma **conjuntura**, em outras palavras, **em uma certa relação de lugares interna a um aparelho ideológico e inscrita em uma relação de classes**. Diremos assim que **toda**

<sup>18</sup> O desenvolvimento desta questão está diretamente relacionada aos estudos althusserianos (ALTHUSSER, 2003) sobre os modos de produção e reprodução das condições de produção, bem como às questões colocadas por Marx e Engels (2001 [1848]) sobre a luta de classes.

**formação discursiva diz respeito a condições de produção específicas**, identificáveis a partir do que acabamos de designar. (PÊCHEUX & FUCHS *apud* COURTINE, 2009 [1981], p. 72. Grifos nossos).

Ademais, dizemos, em Análise de Discurso, que a formação ideológica pode comportar mais de uma formação discursiva e esta ligação pode ser percebida, concretamente, a partir de uma análise da materialidade lingüística. Henry (*apud* COURTINE (2009 [1981], p. 33. Grifos nossos) acrescenta que

a noção de autonomia relativa da língua caracteriza a independência de um nível de funcionamento do discurso em relação às formações ideológicas que nele se encontram articuladas, nível de funcionamento relativamente autônomo a partir do qual a Lingüística formula a teoria. O conceito que permite pensar esse nível de funcionamento é o da língua. A autonomia é relativa, pois na produção e na interpretação do que se chama de “seqüências discursivas”, ou seja, dos discursos “concretos”, as fronteiras entre o que é do domínio da autonomia relativa da língua e o que é do domínio da determinação desses discursos “concretos” por formações discursivas [...] não pode ser a priori determinada.

Em outras palavras, afirmamos que **todo discurso “concreto” é duplamente determinado, de um lado por formações ideológicas que remetem esse discurso a formações discursivas definidas**, de outro, pela autonomia relativa da língua, mas afirmamos também que não é possível traçar *a priori* uma linha de demarcação entre o que é de domínio de uma ou de outra dessas determinações

As formações discursivas (FDs) representam, de modo particular, as formações ideológicas no discurso, são sua materialidade, sendo apreendidas no discurso “concreto”, pela materialidade da língua, pela ordem da língua e sua inscrição na história. Este discurso concreto é, por sua vez, materializado no texto, nos seus ditos e na relação com a formação discursiva em que este, o texto, se inscreve. Além disso, dentro da mesma formação discursiva, há, conforme aponta Pêcheux (1988 [1975]), três modalidades de subjetivação: a **identificação**, a **contra-identificação** e a **desidentificação**. Pela primeira, o sujeito identifica-se completamente com os saberes da formação discursiva em que está inscrito. Já na contra-identificação, o sujeito não está completamente identificado com os saberes da formação discursiva, porém não rompe com a mesma. Há ainda uma terceira modalidade de subjetivação, a desidentificação. Nesta modalidade, o sujeito se desidentifica da formação discursiva de origem, identificando-se imediatamente com outra.<sup>19</sup>

Podemos pensar nestas reflexões teóricas, retomando a fala de Fidel que mencionamos no início da apresentação – o nosso “discurso concreto”. Talvez, agora, possamos dar um

---

<sup>19</sup> Trataremos mais detalhadamente destes conceitos na seção 1, do capítulo 4, ao analisar as denominações para a deserção e para os desertores.

passo à frente com relação à primeira leitura do nosso *corpus*. Tentaremos estabelecer uma relação entre o pronunciamento de Fidel e sua inscrição nas formações discursivas.

No capítulo 1, expusemos as relações de sentidos estabelecidas no pronunciamento de Fidel sobre os cubanos que deixam o país. Retomaremos aqui o trecho exposto para que possamos seguir com nossas reflexões.

**SD 12:** Não existe justificativa alguma para solicitar asilo político. Se não é o Brasil seu mercado definitivo, pouco lhes importa. Há países ricos do primeiro mundo que pagam muito mais. As autoridades brasileiras declararam que os que desertam deverão provar a necessidade real de asilo. É impossível demonstrar o contrário. De antemão se conhece seu destino final como **atletas mercenários** em uma sociedade de consumo. Acho que ofenderam o Brasil, utilizando os Pan-Americanos como pretexto para autopromover-se. De todas as formas, consideramos úteis as declarações de suas autoridades.<sup>20</sup> (Pronunciamento 03, *¿Brasil sustituto de Estados Unidos?*, TV Camaguey, 23 de julho de 2007. Grifos nossos).

Pensamos, naquele momento, com a leitura desta seqüência discursiva, na possibilidade de dois sentidos para estes “cubanos desertores” – um sentido 1 (S1) – mercenários, vendidos para o capitalismo, maus cidadãos – e um sentido 2 (S2) – desportistas, roubados pelos Estados Unidos, bons cidadãos. Estes sentidos apreendidos de uma primeira leitura do nosso *corpus* nos leva a pensar na sua inscrição nas formações ideológicas. Se, como afirmamos em AD, os sentidos “vêm” – pela formação discursiva – da formação ideológica em que se inscreve o sujeito e se, nos pronunciamentos de Fidel Castro, aparecem dois sentidos para “desertores”, nos questionamos, então, se o ex-governante, na posição de Comandante em Chefe do governo cubano, se inscreveria em mais de uma formação discursiva. Ou ainda, se os dois sentidos resultariam de um deslizamento, um movimento de contra-identificação dentro da mesma formação discursiva de uma formação ideológica determinada. Para desenvolver estas questões, sobretudo no capítulo de análise, é relevante trazer os conceitos de texto e de posição-sujeito. À continuação, este será o próximo empreendimento que faremos.

Como já antecipamos, a língua é a materialização do discurso, é a sua possibilidade. O discurso, por sua vez, não é um texto. Um texto é, por definição, um fato discursivo. (ORLANDI, 2009) e, “segundo o que pensamos, o discurso é uma dispersão de textos e o

<sup>20</sup> “No existe justificación alguna para solicitar asilo político. Si no es Brasil su mercado definitivo, poco les importa. Hay países ricos del primer mundo que pagan mucho más. Las autoridades brasileñas han declarado que los que deserten deberán probar la necesidad real de asilo. Es imposible demostrar lo contrario. De antemano se conoce su destino final como atletas mercenarios en una sociedad de consumo. Pienso que han ofendido a Brasil utilizando los Panamericanos como pretexto para autopromoverse. De todas formas consideramos útiles las declaraciones de sus autoridades.” (Tradução nossa).

texto é uma dispersão do sujeito. O sujeito se subjetiva de maneiras diferentes ao longo de um texto.” (ORLANDI, 2009, p. 70) Isto significa dizer que um texto tem seu espaço definido e o discurso não. O discurso é a dispersão, é a textualidade em vários lugares, relacionados por sua relação interdiscursiva, por sua memória. Como afirma a autora, (*ibidem*, p. 71), “um sujeito não produz só um discurso; um discurso não é igual a um texto.” Desta maneira, se nos voltamos para nosso *corpus*, podemos afirmar que os textos – pronunciamentos – feitos por Fidel Castro se inscrevem em uma rede de filiações de sentidos que fazem parte do que chamamos o discurso socialista cubano contemporâneo. Desta rede participam os vários textos produzidos em diferentes lugares, por diferentes sujeitos que se inscrevem ideologicamente em uma mesma formação discursiva.

Vale ressaltar que o sujeito não tem uma essência, não é homogêneo, o que há é uma **tomada de posição do sujeito** de acordo com as condições de produção. Esse jogo de posições que o sujeito ocupa ao se colocar de acordo com as condições de produção são as posições discursivas. Ou seja, o que analisamos em nossa dissertação não é o sujeito Fidel Castro, como se este fosse um sujeito uno e verdadeiro, com uma essência. Mas, para nós, na AD, o que importa é a posição discursiva, ou seja, a posição de sujeito no texto e o fato de essa posição de sujeito estar determinada pela posição sócio-histórica de Comandante em Chefe de governo de Cuba, de acordo com o que discutimos sobre as relações de forças na produção de sentidos.

Segundo Pêcheux (*apud* ROBIN, 1977 [1973], p. 116).

o que o sujeito diz deve, pois, sempre referir-se às condições nas quais ele o diz: o que é pertinente não é tanto o “conteúdo” da entrevista que um dirigente de empresa concede ao sociólogo, **quanto à confrontação do discurso que ele lhe faz em relação ao que ele diz e faz em outros lugares**, isto é, em relação ao outros papéis discursivos, cujos efeitos podem ser apreendidos em outros lugares.

Afirmar que não importa somente o que se diz, mas exatamente em que condições e a partir de que concepção se diz é pensar nas condições de produção do discurso, e com isso, entender que uma palavra não “significa” algo no mundo, mas que o que há são efeitos de sentidos entre interlocutores, são sentidos que se colocam no funcionamento do discurso.

### 3.6 Sujeito e forma-sujeito

Apresentamos, na seção 3.3, um início de reflexão sobre a noção de sujeito em Análise de Discurso. Pretendemos agora trazer a continuação sobre esta noção a fim de compreendê-la, bem como pensar na sua relação com a **forma-sujeito** histórica atual.

Como dissemos anteriormente, Benveniste (1971 [1966]) iniciou os estudos sobre a subjetividade, caracterizando como sujeito, aquele que se coloca na posição de um “eu” no discurso, supondo, desta maneira, um sujeito dono do seu dizer, responsável pelo uso da linguagem. A teoria benvenistiana da subjetividade estabelece um sujeito = ego, um sujeito que domina o que diz. Para Benveniste (1971 [1966]), é a capacidade do locutor em colocar-se como sujeito que o transforma em sujeito.

É na e pela linguagem que o homem se constitui como “sujeito”, porque só a linguagem funda na realidade, na “sua” realidade, que é a do ser, o conceito de “ego”. A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor de se colocar como “sujeito. (BENVENISTE *apud* HAROCHE, 1992, p.162)

Nestas condições, ser sujeito significa dizer “eu”, assumir o lugar de quem diz em primeira pessoa do singular. Para a Análise de Discurso, esta definição de sujeito não satisfaz, não dá conta dos processos de subjetivação do indivíduo em sujeito. Haroche (1992) questiona esta tese de Benveniste (1971 [1966]), afirmando que não é só por este mecanismo de dizer “eu” que nos tornamos sujeitos do nosso discurso.

Não podemos nos satisfazer com a afirmação de que a subjetividade se explica pela sua redução a este último mecanismo, a não ser tomando “fundamento” e “subjetividade” no sentido demasiado literal da **expressão** individual pelo pronome pessoal na língua. O que, aliás, não explica nada, mas apenas se limita a designar um mecanismo fundamental. (HAROCHE, 1992, p. 163)

Embora reconheça como fundamental a tese de que é preciso colocar-se como “eu” – assumir-se como sujeito – Haroche (1992) a questiona e se pergunta se seria só esta tomada de posição a responsável pelo assujeitamento.

Não corremos, assim, o risco de optar implicitamente a favor do postulado de uma tese lingüística irredutível, quanto ao fundamento da subjetividade? Não corremos o risco de negligenciar a dimensão, ao mesmo tempo psicanalítica, histórica e ideológica (religiosa e jurídica) da subjetividade? Não corremos, enfim, e sobretudo o risco de estabelecer um corte, impossível, na questão da subjetividade, entre lingüística, psicanálise e direito? (*ibidem*)

São estas as perguntas que a Análise de Discurso se colocou ao pensar na subjetividade, na característica do sujeito ser sujeito.

Podemos então começar afirmando que a primeira proposta da AD é a de não considerar o indivíduo bio-psico-social. (ORLANDI, 2009) Isto significa dizer que o sujeito, para a AD, é sempre já sujeito, resultado de uma dupla constituição, sendo afetado pela ideologia e pelo inconsciente.

Retomaremos Althusser (2003 [1971]), pois antes mesmo da Análise de Discurso fazer-se este questionamento, o autor já iniciava um estudo sobre a ideologia e seus mecanismos de assujeitamento. Para este autor, a ideologia é a responsável pelo processo de transformar o indivíduo em sujeito, sendo o sujeito sempre já sujeito. Não existe a possibilidade de anterioridade à subjetividade, tal como aparece na teoria benvenistiana. Isto acontece porque, segundo Althusser (2003 [1971]), a ideologia é eterna, – como apontamos no capítulo 3 – ela não tem história. E é exatamente porque a ideologia interpela a todos sem que haja uma anterioridade do ser “não-sujeito” que o sujeito é sempre já sujeito.

A ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos. Sendo a ideologia eterna, devemos agora suprimir a temporalidade em que apresentamos o funcionamento da ideologia e dizer: a ideologia sempre/já interpelou os indivíduos como sujeitos, o que quer dizer que os indivíduos foram sempre/já interpelados pela ideologia como sujeitos, o que necessariamente nos leva a uma última formulação: **os indivíduos são sempre já sujeitos.** (ALTHUSSER, 2003 [1971], p. 98. Grifos nossos).

Este processo de interpelação ocorre pela ideologia que recruta indivíduos em sujeitos. Dizer que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito é estabelecer uma anterioridade teórica que não existe como temporalidade. Ou seja, não há antes o indivíduo que, em contato com a ideologia, se transforma em sujeito. O recrutamento é atemporal e inevitável, o que há são sempre sujeitos. É a este processo que Althusser (*ibidem*, p. 96) chamou de interpelação ideológica.

Sugerimos então que a ideologia “age” ou “funciona” de tal forma que ela “recruta” sujeitos dentre os indivíduos (ela os recruta a todos), ou “transforma” os indivíduos em sujeitos (ela os transforma a todos) através desta operação muito precisa que chamamos **interpelação**.

A interpelação é, desta maneira, o processo ideológico elementar de constituição do sujeito. É a ideologia a responsável por transformar o sujeito em sujeito e colocá-lo na posição de assujeitado que o faz ser livre e submisso, simultaneamente.

Continuando sua crítica, Althusser (*ibidem*, p.103-104) aponta uma ambigüidade presente no próprio termo sujeito.

Todo o mistério deste efeito está contido (...) na ambigüidade do termo *sujeito*. Na acepção corrente do termo, sujeito significa 1) uma subjetividade livre: um centro de iniciativas, autor e responsável por seus atos; 2) um ser subjugado, submetido a uma autoridade superior, desprovido de liberdade, a não ser a de livremente aceitar a submissão. Esta última conotação nos dá o sentido desta ambigüidade, que reflete o efeito que a produz: o indivíduo é **interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto, (livremente) sua submissão**, para que ele “realize por si mesmo” os gestos e atos de sua submissão. **Os sujeitos se constituem pela sua sujeição**. Por isso é que caminham por si mesmos.

Trazendo Haroche (1992) para esta reflexão, podemos pensar que estas duas acepções de sujeito, que são complementares e contraditórias, têm origem em tempos diferentes.

A etimologia nos ensina que o sentido primeiro de “sujeito” (surgido no século XII) significa: “submetido à autoridade soberana”. “Sujeição” aparece igualmente na mesma época; no século XV, são derivadas as palavras “assujeitar” e depois “assujeitamento”. Bloch e Wartburg nos revelam também que o termo ‘sujeito’, significando no início “que é subordinado”, toma, a partir do século XVI, o sentido de matéria, causa, motivo e, enfim, de “pessoa que é motivo de algo, pessoa considerada em suas aptidões” (HAROCHE, 1992, p. 158)

São estas acepções, advindas de momentos históricos diferentes, que nos levam a pensar a contradição existente na própria noção de sujeito atual, o sujeito interpelado pela ideologia, como propôs Althusser (2003 [1971]) – um sujeito livre para submeter-se.

Althusser (2003 [1971]) postula que esta forma de assujeitamento que se inscreve na história de uma sociedade é a forma-sujeito.<sup>21</sup> Como escreve Althusser (*apud* PÊCHEUX, 1988 (1975), p. 183), “todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da forma de sujeito. A ‘forma de sujeito’, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais.” Esta reflexão nos leva a outro ponto da submissão. Para submeter-se, o sujeito precisa de um outro, designado aqui como o Sujeito, com letra maiúscula. Para a Análise de Discurso, a forma de interpelação ideológica mudou exatamente pelo fato desta forma de sujeito estar inscrita na história.

---

<sup>21</sup> Esta expressão foi formulada por Althusser (ALTHUSSER *apud* PÊCHEUX, 1988 (1975), p. 183) em sua *Resposta a John Lewis*.

Este lugar de grande Sujeito – ou grande Outro<sup>22</sup> –, no medievo, era ocupado pela Religião. Era a Religião a responsável pelo processo de assujeitamento, a operação de interpelação ideológica. Como a forma-sujeito é histórica, seus modos de determinação mudam. Por este motivo, a forma-sujeito atual é a forma-sujeito histórica do capitalismo. Isto significa dizer que o modo de determinação histórica se transformou e que não é mais a Religião a responsável pelo processo de interpelação. O Estado agora cumpre esta função, é ele o responsável por uma submissão – livre e sem falhas – do sujeito. A operação de interpelação ideológica acontece, como na forma da lei, pelo fato de o sujeito ter de assumir a responsabilidade por seus atos. Ao mesmo tempo que é livre, tem seus direitos garantidos legalmente, ele é submisso às leis do Estado, que determinam sua forma de existência.

Para este trabalho, é interessante refletir sobre qual a possibilidade desta forma-sujeito histórica ser a mesma na qual são constituídos os sujeitos cubanos. Até que ponto pode-se dizer que é a mesma? Se a forma-sujeito histórica é determinada pelas condições históricas e se na sociedade cubana temos conhecidamente outras condições, a pergunta que nos fazemos é de que maneira esta diferença pode afetar na forma do sujeito subjetivar-se e, principalmente, na sua forma de inscrição na história. É possível dizer que se constitui uma nova forma-sujeito histórica a partir do momento em que são outras as condições históricas de produção? Se a resposta é afirmativa, poderíamos nos questionar como se apresenta este novo sujeito frente a outras condições. Especificamente, quais são as diferenças entre a forma-sujeito histórica do capitalismo e a suposta forma-sujeito histórica do socialismo? Ou ainda, podemos pensar que não há uma forma-sujeito histórica do socialismo, mas que existem algumas diferenças no modo de relação do sujeito que vive em outras condições históricas – o socialismo – com a forma-sujeito histórica do capitalismo.

Referente a isto, podemos lembrar as reflexões propostas por Mariani e Souza (1994), no artigo *1822, pátria Independente: outras palavras*, em que as autoras procuram compreender quais são as formações discursivas presentes na discussão pelo estabelecimento de um novo nome para a Língua Portuguesa falada no Brasil ou pela manutenção da denominação que foi herdada. Na questão colocada, o movimento de independência e o estabelecimento de uma nova língua foram nomeações que não mudaram o *status* da língua.

<sup>22</sup> Também diz-se, em AD, que o Sujeito é o grande Outro, de Lacan. Nas palavras de Pêcheux, “se acrescentarmos, de um lado, que esse sujeito, com um *S* maiúsculo – sujeito absoluto e universal –, é precisamente o que J. Lacan designa como o Outro (*Autre*, com *A* maiúsculo), e de outro lado, que, sempre de acordo com a formulação de Lacan, ‘o inconsciente é o discurso do Outro’, podemos discernir de que modo o **recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico** estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como o processo do **Significante na interpelação e na identificação**, processo pelo qual se realiza o que chamamos de condições ideológicas da reprodução/ transformação das relações de produção.” (PÊCHEUX, 1988 [1975], p. 133-134)



Ou seja, a língua portuguesa falada no Brasil, ainda que dito independente, no imaginário das elites portuguesa e brasileira, bem como para muitos gramáticos da época, continuava a ser a mesma, com especificidades apenas de vocabulário. Para essas elites e para esses gramáticos, não houve um processo histórico nem lingüístico que realmente transformasse a língua falada no Brasil em outra língua.

Voltando para as nossas questões e usando esta mesma chave de raciocínio, podemos nos perguntar, com relação ao sistema socialista, se mudar o nome do modo de governo representa, realmente, alterações históricas no sistema de governo proposto. Além disso, não há como saber se, mesmo mudando o modo de governo, a maneira de o sujeito subjetivar-se seria diferente.

É provável que sim, mas ainda não é possível responder a esta pergunta. Identifica-se um comportamento diferente, sujeitos que agem de maneira diferente. Mas será que agiriam da mesma maneira que os outros, os ditos iguais (sujeitos-capitalistas), se não vivessem em uma ilha, com uma Constituição<sup>23</sup> que apresenta um discurso voltado para o anti-imperialismo?

Não pretendemos aqui, nesta dissertação, responder a estas questões. Como dissemos anteriormente, a prática analítica nos coloca questões que ultrapassam os limites da teoria. Iremos seguir nosso estudo, pensando poder trabalhar com a forma-sujeito histórica do capitalismo, visto que não conseguimos analisar amplamente esta questão a ponto de poder respondê-la com eficácia. Mas, ainda assim, acreditamos poder deixar aberto um ponto de desenvolvimento teórico que poderá ser tratado em outro momento. Podemos já, inclusive pensar em trabalhos que estão sendo desenvolvidos em Análise de Discurso, que se propõem a refletir sobre a possibilidade de emergência de uma outra configuração da forma-sujeito do capitalismo. Muitas vezes, estes trabalhos tomam por base as leituras de filósofos como Dufour (2005) e psicanalistas como Melman (2003), Lebrun (2004), entre outros. Estes autores apontam para mudanças na constituição do sujeito, cada um a partir de sua prática.

Em Análise de Discurso, poderíamos citar ainda alguns trabalhos que desenvolvem esta questão, baseados também em sua prática analítica, a partir de seus *corpora* de estudo, como é o caso de Payer (2005) e Dela-Silva (2008). Lembramos ainda o trabalho de Orlandi (2008) ao referir-se à “forma-sujeito” do índio e as suas diferenças com relação à forma-sujeito histórica atual. Pensar nesta questão seria um caminho a seguir, mas bem sabemos que este

---

<sup>23</sup> Cf. Constituição da República de Cuba. Governo de Cuba, 1976.

não é nosso propósito. Apenas sustentamos a importância de abrir os caminhos para novos questionamentos tão importantes para esta teoria.

Terminaremos esta seção, conscientes de que há muito por compreender sobre o modo histórico de determinação do sujeito, na contemporaneidade. Contudo, seguiremos certos de que outros analistas já dividem esta mesma inquietação teórica.

### 3.7 Interpelação ideológica, esquecimento e interdiscurso

Tentamos conjugar, na seção anterior, as noções de sujeito e forma-sujeito e suas reflexões em Análise de Discurso. As relações estabelecidas nos levaram ao caminho da interpelação ideológica e do assujeitamento, conforme proposto por Althusser (2003 [1971]). Pretendemos, nesta parte, ampliar estas relações, pensando a interpelação ideológica e sua estreita relação com o **esquecimento** e a memória. Temos conhecimento de que já tratamos de algumas destas questões em seções anteriores, mas supomos ter ainda algo a explorar com estas novas relações que a seguir apresentaremos.

A ideologia, conjugada ao inconsciente, é a responsável tanto pela interpelação ideológica, quanto pelo apagamento do seu funcionamento no seu próprio interior. (PÊCHEUX, 1988 [1975], p. 153)

o caráter comum das estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente como **ideologia e inconsciente** é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de **evidências "subjctivas"**, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito”.

O indivíduo é recrutado para tornar-se sujeito. Essa relação de “recrutamento” é possível pela aliança que se estabelece entre o inconsciente e a ideologia que dissimulam no seu interior sua própria existência. O sujeito não se dá conta de que é resultado de um processo do qual não pode escapar, o processo responsável por sua própria constituição.

O apagamento do fato de que o sujeito resulta de um processo, apagamento necessário no interior do sujeito como “causa de si”, tem como conseqüência, a nosso ver, a série do que poderia chamar as **fantasias metafísicas**, que tocam, todas, na questão da causa: por exemplo, a fantasia de duas mãos que, tendo cada uma um lápis **se desenham uma à outra sobre a mesma folha de papel** e, também, a do salto perpétuo no qual, de **um impulso prodigioso, se salta pro alto antes de se ter tocado o solo**; poderíamos continuar. Vamos nos deter, propondo atribuir esse efeito **fantástico** – pelo qual o indivíduo é interpelado em sujeito – o

nome de “efeito Münchhausen”, em memória do imortal barão que **se eleva nos ares puxando-se pelos próprios cabelos**. (*ibidem*, p. 157).

A imagem do barão de Münchhausen é perfeita para ilustrar este sujeito como origem e causa de si, que podemos vincular a um idealismo do sujeito como centro do seu dizer e responsável por suas atitudes. Pelo fato próprio da ideologia e o inconsciente se dissimularem, no momento mesmo da constituição do sujeito, é que há a possibilidade de evidência do sujeito e do sentido.

Como já dissemos, a partir das colocações de Althusser (2003 [1971]), a ideologia recruta os indivíduos, tornando-os sujeitos. Este recrutamento é a operação responsável pelo assujeitamento, que constrói a evidência de sermos sujeitos, bem como a evidência de haver um sentido. É exatamente porque o sujeito “acredita” na evidência de origem – o sentido nasce do próprio sujeito, que escolhe o que irá dizer – e do sentido – só existe um sentido para o que está sendo dito – que a interpelação acontece.

Nas palavras de Althusser (2003 [1971], p. 94),

tanto para vocês como para mim, a categoria de sujeito é uma “evidência” primeira (as evidências são sempre primeiras): está claro que vocês, como eu, somos sujeitos (livres, morais, etc.). Como todas as evidências, inclusive aquelas que fazem com que uma palavra “designa uma coisa” ou “possua um significado” (portanto inclusas as evidências da “transparência” da linguagem), a evidência de que vocês e eu somos sujeitos – e que isto constitua um problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar.

O efeito ideológico elementar é causa e efeito da interpelação que acontece pelos mecanismos da ideologia e do inconsciente. Por esta operação, o sujeito não se dá conta de que “algo disse” antes em outro lugar. Atuam, no sujeito, pelas evidências do efeito ideológico elementar, dois esquecimentos responsáveis pela manutenção da “sensação” de origem – do sentido e do sujeito –, ou seja, pelo assujeitamento.

O **esquecimento número um** atua na relação com o inconsciente, é por ele que acreditamos ser a origem do dizer. Este esquecimento é o responsável pela ilusão ideológica de estarmos na fonte do que formulamos.

Já o **esquecimento número dois** atua na ordem da enunciação, é a não literalidade dos sentidos. Em outras palavras, não existe apenas uma referência para cada palavra no mundo, assim como a mesma palavra pode significar diferente. Bem como podemos afirmar que sempre é possível dizer de outras maneiras.

O esquecimento número dois, que é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo, de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas<sup>24</sup> que indicam que o dizer sempre poderia ser outro. Ao falarmos “sem medo”, por exemplo, podíamos dizer “com coragem”, ou “livremente” etc. Isto significa em nosso dizer e nem sempre temos consciência disso. Este “esquecimento” produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim. [...] É o chamado esquecimento enunciativo e que atesta que a sintaxe significa: o modo de dizer não é indiferente aos sentidos.

O outro esquecimento é o esquecimento número um, também chamado esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pre-existentes. (ORLANDI, 2009, p. 35)

Como já afirmamos, baseados em Pêcheux (1988 [1975]), estas duas evidências são da ordem da constituição do sujeito. Este é, para o autor, o “pequeno teatro teórico da interpelação.” (PECHEUX, 1988 [1975])

Podemos dar um passo à frente, referindo-nos a estas evidências como responsáveis pela aparência de unicidade do sentido, que está diretamente relacionada às formações ideológicas, apresentadas anteriormente. É nas formações discursivas que o sujeito inscreve seu dizer em uma rede de formulações possíveis que determina o sentido, dissimulando a possibilidade de outros sentidos. A regulação que consiste desta inscrição confere, através do interdiscurso, um efeito de verdade a este “novo” dizer. Inclui-se, neste ponto, a relação que o dizer estabelece com o interdiscurso.

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que as minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em minhas palavras. (ORLANDI, 2009, p. 34)

Segundo esta proposição, é preciso que haja, no interdiscurso, a partir da inscrição na formação discursiva, um sentido para o que o sujeito diz. O sentido não nasce no momento em que o sujeito toma a palavra, ele já existe como pre-construído, na tensão existente nas formações ideológicas, em uma formação discursiva ou proveniente de outras que a invadem. Tomando as palavras de Indursky (1997, p. 34), “o complexo dominante das FD constitui o **interdiscurso**, exterior específico de uma FD, que também é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza o complexo das FI.”

---

<sup>24</sup> Voltaremos a esta questão na continuação deste capítulo.

Esta lei de desigualdade-contradição-subordinação demonstra que uma FD não tem uma fronteira “dura”, impenetrável. Como se diz, em AD, os limites de uma FD são porosos e são sempre os mesmos limites de outra FD, no complexo das formações ideológicas.

Repetindo Pêcheux, a FD é constitutivamente invadida por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) e se repelem nela. Esse entrelaçamento da FD com seu exterior, continua Pêcheux, obriga a descobrir os pontos de confronto polêmico nas fronteiras internas da FD, as zonas atravessadas por toda uma série de efeitos discursivos, resposta pronta e de réplicas estratégicas. No horizonte desta problemática, aparece a idéia de uma “espécie de vacilação discursiva que afeta dentro de uma FD as seqüências situadas em suas fronteiras.” (PÊCHEUX *apud* INDURSKY, 1997, p. 34)

Todo dizer está inscrito, como dissemos anteriormente, em uma rede de formulações possíveis que se inscreve em uma formação discursiva no complexo de uma formação ideológica correspondente. Não afirmamos aqui que esta relação é unívoca, nem que seja pré-determinada. Só é possível que cheguemos a esta relação após uma análise do discurso. A formação discursiva está um degrau acima de uma primeira leitura, é trabalho do analista compreender a forma de determinação ideológica dos sentidos e chegar, através do trabalho analítico, às formações discursivas.

Como apontamos anteriormente, tentaremos, a partir de no nosso *corpus*, entender o discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção e sua inscrição em uma formação ideológica. Questionamo-nos, a partir de uma primeira leitura, sobre a possibilidade de inscrição do discurso em mais de uma formação discursiva. Pretendemos, no capítulo seguinte, trabalhar estas questões para melhor compreender a produção de sentidos no discurso socialista cubano e suas relações com o interdiscurso.

Partindo destas colocações, apresenta-se também a necessidade de tratar da memória, como responsável pela manutenção dos processos de produção e circulação dos sentidos. Tal como colocamos no capítulo 2, a memória histórica oficial ocupa o lugar de institucionalização dos sentidos, tornando-os hegemônicos. Adiantamos, neste ponto, que não é apenas este tipo de memória que funciona em uma sociedade, em determinadas condições de produção. Além da memória oficial, há a memória social que é responsável pelo efeito imaginário de continuidade das narrações. “Na memória social está a garantia de um efeito imaginário de continuidade entre as épocas, ou, em outras palavras, a manutenção de uma narrativa coerente para a formação social em função da reprodução/ projeção dos sentidos

‘hegemônicos’.” (MARIANI, 1998, p. 36) O trabalho da memória<sup>25</sup> é, desta maneira, o de reproduzir os sentidos, tornando-os hegemônicos, e, com isso, levando para o lugar do esquecimento os sentidos “indesejados” por aqueles que têm o direito de construir memória<sup>26</sup>. Em conformidade com os pressupostos da Análise de Discurso, ao fazer o gesto de inscrição de determinados acontecimentos na história, o sujeito coloca outros acontecimentos no esquecimento. Por conseguinte, afirmamos que o mesmo gesto que inscreve determinado sentido na memória é responsável por silenciar outros, que ficam à margem<sup>27</sup>.

Para concluir esta seção, afirmamos que, no processo de constituição dos sentidos, memória e esquecimento trabalham em relação contínua e indissociável. Ademais, com o exposto, podemos afirmar que nesta produção de sentidos também entram o mecanismo de interpelação ideológica e suas evidências elementares.

### 3.8 Funcionamento discursivo e processo discursivo

Nas seções anteriores deste capítulo, expusemos alguns conceitos da malha teórica, além de mostrar suas relações. Para a AD, estes conceitos estão imbricados e sua separação é formal. Em conformidade com tal formalização, dividimos este capítulo, pelas relações que estabelece, em seções para tentar organizar o dispositivo teórico já formulado em Análise de Discurso. Temos ciência de que esta seção é mais uma divisão imaginária, contudo necessária.

Para dar continuidade a este capítulo, nos moldes da divisão proposta, trabalharemos, a partir deste ponto, os princípios acerca do funcionamento discursivo e do **processo discursivo**. Este recorte, certamente, nos levará a outros pontos de articulação teórica.

O funcionamento discursivo está diretamente ligado à configuração ideológica do dizer. Podemos recuperar, para começar, a diferença existente entre textualidade e discursividade. Vale lembrar que esta diferença se estabelece pelo fato de que, para ser texto, é necessário que haja uma textualidade, uma continuidade enunciativa, regulada intradiscursivamente. Já a discursividade é característica do texto inscrito na história, cuja

---

<sup>25</sup> Trata-se, de acordo com Mariani (1998), de todo tipo de memória e não somente da memória oficial.

<sup>26</sup> Como colocamos do capítulo 2, não são todos sujeitos que têm o direito de construir memória. De acordo com as questões levantadas naquela parte, o historiador é um dos responsáveis por esta inscrição dos acontecimentos na memória, em um gesto de interpretação de historiador.

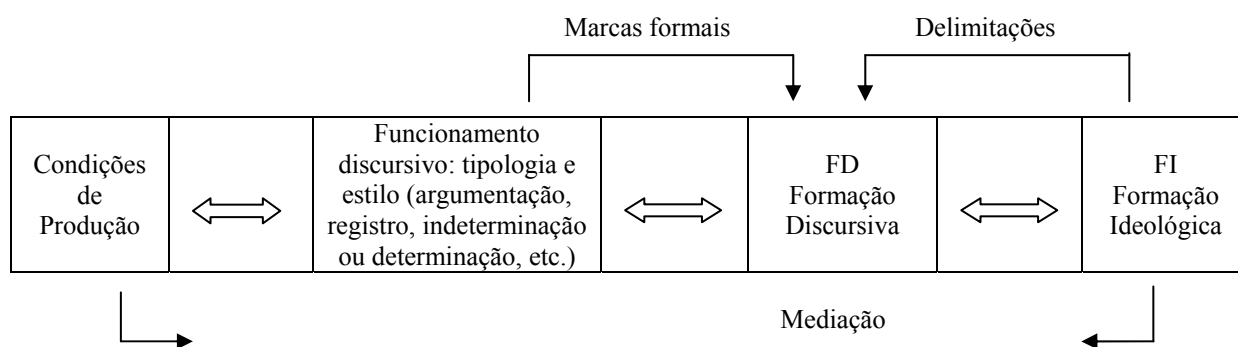
<sup>27</sup> Lembramos aqui dos trabalhos de Eni Orlandi sobre o silêncio (ORLANDI, 2007a), em que a autora trabalha as formas do silêncio. É neste silenciamento dos sentidos que estamos pensando.

historicidade determina sentidos. A discursividade não está fechada no intradiscorso, pelo contrário, se inscreve no interdiscorso, construindo relações com a memória do dizer. Esta distinção, como propõe Orlandi (2009), é fundamental para a compreensão do próprio funcionamento do nosso objeto, o discurso. É por sua característica ideológica que o discurso tem um funcionamento próprio, determinado por formações ideológicas que regulam o dizer. Este processo, que é materializado no discurso pelo sistema lingüístico, apresenta uma ordem própria, a ordem do discurso. (FOUCAULT, 2006) Existe, sobretudo, uma relação intrínseca entre as condições de produção do discurso, o funcionamento discursivo, a formação discursiva e, por fim, as formações ideológicas. (ORLANDI, 1983) Este processo de compreensão do funcionamento discursivo, como proposto por Orlandi (1983), pode percorrer duas direções.

O percurso pode ser feito nos dois sentidos e isto, metodologicamente, corresponde a um procedimento que tem implicações fortes para a análise e a teoria do discurso: esse percurso feito nos dois sentidos, ou melhor, as duas visões – de dentro para fora e vice-versa – são ambas necessárias e complementares, isto é, delimito o conjunto de marcas pertinentes, relevantes para uma formação discursiva, pela visão de fora para dentro, e, ao mesmo tempo, descrevo as marcas que vão caracterizar as formações discursivas, de dentro para fora, analisando o funcionamento discursivo.

De um lado, as marcas são definidas pela sua relação com a ideologia; de outro, derivam das condições de produção do discurso. (ORLANDI, 1983, p. 122-123)

Este duplo percurso que a autora sustenta aponta para a questão de o processo ser contínuo, isto é, de não haver uma única direção para a constituição dos sentidos. Os sentidos “vêm” dos dois lados, simultaneamente, como resultado do processo de relação contínua entre condições de produção e formação ideológica. Este processo, de acordo com o quadro construído pela autora, tem como mediadora a formação discursiva.



**Quadro 1 – Quadro do funcionamento discursivo.**<sup>28</sup>

<sup>28</sup> (ORLANDI, 1983, p. 122).

Como dissemos, este processo de dupla constituição e sem um começo verificável é responsável pelo funcionamento do discurso. O que existe é uma correlação responsável pela constituição do sentido. Podemos dizer, com Orlandi (1998), que o funcionamento discursivo é estabelecido pela relação entre o interdiscurso e o intradiscurso. “Para compreender o funcionamento discursivo é necessário distinguir o plano da constituição (interdiscurso) do plano da formulação (intradiscurso)”. (ORLANDI, 1998, p. 77)

Vale dizer que é pela análise do funcionamento discursivo que chegaremos ao processo de constituição dos sentidos, interessante para o analista de discurso. É por esta via que o analista poderá entender como os sentidos se constituem e ir além da simples apreensão do modo de formulação do dizer, pensando na relação entre o interdiscurso e o intradiscurso.

Com Courtine (2009 [1981]), compreendemos que a formulação do dizer, por sua vez, é mecanismo fundamental do processo discursivo e está na ordem do enunciado e em relação com o interdiscurso. Por processo discursivo<sup>29</sup>, entendemos “o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinônimos, etc., funcionando entre elementos lingüísticos”. (PÊCHEUX *apud* COURTINE, 2009 [1981], p. 73) Esta concepção de processo discursivo aponta para dois processos internos, no nível da formulação, do intradiscurso: a paráfrase e a polissemia. Como adiantamos na seção 1.1, é pelo jogo entre paráfrase e polissemia que se constituem os sentidos, jogo representável pela relação entre os enunciados – construídos e imaginados – em determinada formação discursiva. Pela constituição deste processo contínuo entre o que está sedimentado, o sentido estabilizado – a paráfrase – e o que desloca, desliza – a polissemia – que sentido e sujeito se constituem na relação com o interdiscurso. Nas palavras de Orlandi (2009, p. 37), “é condição de existência dos sujeitos e dos sentidos: constituírem-se na relação tensa entre paráfrase e polissemia.” E completa: “daí dizermos que os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros.” Este jogo não acontece fora da relação dos sentidos com a história, relação com a formação ideológica e pela determinação do que pode e o que deve ser dito, pela formação discursiva.

Consideramos, nesta teoria, que a relação entre estes dois processos – o parafrástico e o polissêmico – “entre o mesmo e o diferente, [que] o analista se propõe compreender como o político e o lingüístico se interrelacionam na constituição dos sujeitos e na produção dos sentidos, ideologicamente assinalados.” (ORLANDI, 2009, p. 37) Orlandi (2009) acrescenta

---

<sup>29</sup> Neste sentido, podemos acrescentar que o processo discursivo aponta para o infundável curso do discurso. Ou seja, pensamos o discurso por sua própria denominação de processo, que está sempre em curso, e, como antecipamos, não tem um começo e um fim verificável.



que neste jogo está a relação distinta em Análise de Discurso sobre o que é da ordem da **criatividade** e o que é **produtividade**.

É desse modo que, na análise de discurso, distinguimos o que é criatividade do que é produtividade. A “criação” em sua dimensão técnica é produtividade, reiteração de processos já cristalizados. Regida pelo processo parafrástico, a produtividade mantém o homem num retorno constante ao mesmo espaço dizível: produz a variedade do mesmo. Por exemplo, produzimos frases da nossa língua, mesmo as que não conhecemos, as que não havíamos ouvido antes, a partir de um conjunto de regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrumpem assim sentidos diferentes. (*idem*, p. 37)

Por esta articulação, consideramos que a produtividade está para a paráfrase assim como a criatividade está para a polissemia. O que nos leva a afirmar, baseados nestes pressupostos teóricos, que

a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico. (*ibidem*, p. 38)

É nesta articulação entre repetir e deslocar que, de acordo com o que expusemos, acontece o confronto de sentidos, materializado no discurso e que tem sua origem no complexo das formações discursivas. Lembrando o que expusemos na seção anterior, a fronteira de uma formação discursiva é sempre outra formação discursiva. Desta maneira, neste contínuo embate, os sentidos “escorregam”, invadindo os limites da outra FD.

Pelo proposto, podemos trazer estas reflexões para nosso trabalho sobre o discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção. Destacamos, para este fim, uma seqüência discursiva, retirada do texto *Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos*, publicado no site da *TV Camaguey* e que constitui nosso *corpus* de pesquisa.

**SD 14:** O senhor não vê os Pan-Americanos? Parece que escuto a muitos cubanos. Claro que sim!, respondo, assim que tiro o olho da televisão. Às vezes me esqueço a hora de algum alimento ou algum remédio. Depois reclamo pelo fato de ninguém ter sido capaz de tirar-me de uma entrada<sup>30</sup> (*inning*) com jogo apertado e Mayeta no bastão (no ataque), com dois na base e um eliminado (*out*).<sup>31</sup> (Pronunciamento

<sup>30</sup> Uma entrada no beisebol equivale a um set no voleibol, é uma divisão em turno do jogo.

<sup>31</sup> “¿Usted no ve los Panamericanos? Me parece escuchar a muchos cubanos. ¡Claro que sí!, respondo, apenas sacó la vista del televisor. A veces olvido la hora de algún alimento o alguna pastilla Después protesto por que

02, *Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos*, TV Camaguey, 17 de julho de 2007. Grifos nossos).

Tomando a seqüência acima destacada, podemos pensar na relação estabelecida pelo dizer de Fidel Castro e sua inscrição em determinada formação discursiva, bem como o sentido colocado pelo uso das palavras em inglês. Parece-nos que o que foi dito poderia haver sido formulado de outra maneira, mas Fidel foi “invadido” pelos dizeres de outra formação discursiva, ou até mesmo de outra formação ideológica. Poderíamos adiantar, a partir desta breve leitura da seqüência recortada, que esta formulação demonstra que na possibilidade do dizer se colocam os sentidos vindos de outro lugar, deste constante embate existente na fronteira da formação discursiva em que se inscreve. Não pretendemos, neste momento, responder a esta questão, mas apontar para o funcionamento do trabalho ideológico no discurso concreto, tal como formulamos anteriormente.

Feitas estas reflexões, concluímos esta seção, retomando o objetivo desta exposição. Desta maneira, sustentamos que, para pensar no funcionamento do discurso socialista cubano contemporâneo, especificamente sobre a deserção, faz-se mister compreender os jogos de produção dos sentidos na história e sua interpelação pela ideologia, materializados no discurso. Ademais, pensamos poder relacionar as questões sobre o funcionamento discursivo – sua relação com o interdiscurso e a inscrição em uma formação discursiva – aos processos discursivos responsáveis pela construção dos sentidos intradiscursivamente.

Para este capítulo, tínhamos como proposta entender a configuração da Análise de Discurso como campo de saber a partir da tríade que o constitui. Pensamos em poder percorrer, minimamente, os caminhos da teoria, articulando seus pressupostos, questionamentos e avanços. Tratamos das questões sobre a linguagem, a relação entre sujeito, sentido e condições de produção, bem como algumas noções que consideramos essenciais para um início de reflexão em Análise de Discurso. Trouxemos os conceitos de texto e discurso – suas relações e diferenças –, a inscrição do sujeito em formações discursivas e em formações ideológicas. Começamos a elaborar um pequeno dispositivo teórico que nos ajudará nos próximos capítulos em que apresentaremos nossas análises. Certamente, retomaremos muitos dos conceitos aqui apresentados, desenvolvendo nossos questionamentos e articulando-os com nosso *corpus*. Seguiremos sabendo ser uma difícil empreitada teórica e analítica pensando poder compreender o nosso objeto, o discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção, pelos pressupostos da Análise de Discurso.

---

nadie fuera capaz de sacarme de un *inning* con juego apretado y Mayeta al bate, con dos en base y un *out*.” (Tradução nossa).

#### 4 O IMAGINÁRIO CUBANO SOBRE A DESERÇÃO

Até este momento de nosso trabalho, nos restringimos a apresentar um pequeno percurso dos discursos sobre a história de Cuba e os conceitos que fazem parte da malha teórica sobre o discurso. Chegamos a relacionar o *corpus* com alguns destes conceitos para melhor explicitar a sua relação com o nosso tema, o imaginário sobre a deserção nos textos que compõem o discurso socialista cubano contemporâneo.

Como demonstramos no primeiro capítulo, fazem parte do nosso *corpus* estrito dezesseis pronunciamentos de Fidel Castro, de 2007 a 2009. Estes textos foram selecionados após uma leitura inicial que nos permitiu fazer um primeiro recorte no nosso *corpus* discursivo, a partir do que determinamos uma seqüência discursiva de referência, como proposto por Courtine (2009 [1981]).

Não trouxemos para esta dissertação todos os conceitos da Análise de Discurso, visto que não é nosso objetivo esgotar o amplo dispositivo teórico já construído pelos estudiosos desta teoria na França e no Brasil. Por conseguinte, mobilizaremos principalmente os conceitos que supomos importantes para o trabalho de análise deste *corpus*. Isto equivale a dizer que em Análise de Discurso, o trabalho teórico não está separado do trabalho analítico, já que esta se pretende uma teoria crítica da linguagem e dos processos discursivos. Esta visão crítica faz com que a teoria se debruce sempre sobre si mesma a fim de questionar-se para dar conta do seu objeto teórico. O que há, como consequência, é o entrelaçamento indissociável entre teoria e análise, na configuração dos estudos inscritos sob esta perspectiva teórica.

Destacamos que, por esta intrínseca relação entre teoria e análise, alguns conceitos apresentados no capítulo anterior serão retomados sempre que sejam necessários.

Pretendemos, como expusemos no início destas colocações, neste capítulo e nos posteriores, proceder a uma análise que foi configurada com vista às regularidades encontradas nos textos analisados, o que nos possibilitará, de agora em diante, analisar o funcionamento do imaginário socialista cubano, principalmente em torno do tema da deserção.

#### 4.1 As formações imaginárias e as denominações

Nos estudos da AD, afirma-se que ao falar o sujeito é levado a tomar uma posição no discurso, colocando em funcionamento o mecanismo de formações imaginárias. É somente por esse mecanismo que o sujeito “sabe” sobre seu interlocutor. Esta suposição de saber é baseada numa representação do lugar social que cada protagonista do discurso ocupa.

A representação se faz através de projeções feitas pelos protagonistas do discurso sobre si mesmos e sobre o outro – pelos lugares que ocupam. Estas projeções não estão no mundo das idéias, são resultado do funcionamento de uma estrutura social bem definida, com lugares sociais determinados. (PÊCHEUX, 1990a [1969])

Nas palavras de Pêcheux (1990a [1969]), neste jogo, necessário e imprescindível ao funcionamento do discurso, as posições dos protagonistas do discurso (A e B)

designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do “patrão” (diretor, chefe da empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis. Nossa hipótese é a de que esses lugares estão **representados** nos processos discursivos em que estão colocados em jogo. (PÊCHEUX, 1990a [1969], p. 82)

Vale reiterar que não são os traços objetivos de cada lugar social que importam para uma análise discursiva, mas a sua representação, baseada na imagem que os protagonistas do discurso têm de cada um destes lugares sociais. Incluímos neste jogo discursivo o referente – sobre o que se diz – por ser este também um objeto imaginário, do ponto de vista do sujeito. (*ibidem*, p. 83) Este objeto não representa uma realidade física, bem como os sujeitos não são tomados como “seres” conscientes que pensam seu lugar na sociedade. As formações imaginárias são representações. Pode-se ainda dizer que estas representações, por funcionarem em uma estrutura social bem determinada historicamente, estão diretamente ligadas às condições de produção no sentido amplo, isto é, às condições sócio-históricas do discurso. Isto porque se estas formações imaginárias estão diretamente relacionadas aos lugares sociais dos protagonistas do discurso podemos concluir que uma estrutura social está sempre determinada em um contexto sócio-histórico e não separada deste. Relacionando estas questões, de acordo com Pêcheux (1990a [1969]), ressaltamos que esta “é a maneira pela qual a posição dos protagonistas do discurso intervém a título de condições de produção.” (*ibidem*)

Pensando nestas reflexões a partir de nosso *corpus*, no contexto cubano, a sua estrutura social conta com um Comandante em Chefe do Governo de Cuba – Fidel Castro<sup>32</sup>; um regime de governo socialista; cidadãos cubanos sob este sistema; e cidadãos cubanos que resistem a este sistema, desertando. Neste primeiro gesto de análise, focaremos nas imagens destes lugares de governante e de cidadão cubano no funcionamento do discurso socialista cubano sobre o desertor.

Partindo destes pressupostos, elaboramos, neste primeiro momento, o quadro de formações imaginárias, baseado no que formula Pêcheux, em sua *Análise Automática do Discurso* (1990a [1969]), prezando por uma configuração que possibilite a melhor visualização deste processo. Juntamente a estas imagens, apresentamos as perguntas que subjazem às representações imaginárias.

Expressão que designa as formações imaginárias		Significação da Expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A	IFC (FC)	Imagem do lugar de presidente para Fidel Castro (FC)	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	IFC (CC)	Imagem que Fidel Castro faz para o cidadão cubano (CC)	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B	ICC (CC)	Imagem que o cidadão cubano faz sobre seu lugar de cidadão cubano	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	ICC (FC)	Imagem que o cidadão cubano faz de Fidel Castro	“Quem é ele para que me fale assim?”

**Quadro 2 – Quadro das formações imaginárias das imagens dos protagonistas sobre seus lugares sociais**

Este quadro esclarece que se trata de representações e não da realidade de cada lugar ocupado pelos protagonistas. Após isto, ressaltamos que, para nosso estudo, serão analisadas somente as imagens formuladas por A, ou seja, por Fidel Castro. Isto se deve ao fato de que nosso *corpus* está constituído pelos pronunciamentos de Fidel e não dos demais cubanos. Porém, através da análise do *corpus*, trabalharemos também as imagens que Fidel Castro, na posição de líder de governo, supõe que os cubanos fazem, pois, pelo mecanismo de antecipação o locutor supõe as imagens que seu interlocutor faz dele, de si mesmo e do

<sup>32</sup> Quando começamos nossa pesquisa, Fidel Castro ainda ocupava o cargo de governante de Cuba. Para efeito de análise, consideraremos a posição que Fidel Castro ocupa no imaginário cubano. Isto equivale a dizer que, para este trabalho, mesmo não ocupando mais o cargo de Comandante em Chefe da ilha, Fidel, em seus pronunciamentos, fala deste lugar.

referente. Sendo assim, pela análise deste mecanismo, é possível perceber como funciona o dialógico na enunciação.<sup>33</sup>

Salientamos que, deste jogo discursivo também faz parte a imagem que se tem do referente. Isto significa dizer que os protagonistas do discurso também não têm acesso ao objeto de seu discurso. Como já expusemos anteriormente, o referente – de que se fala – é também um objeto imaginário (PÊCHEUX, 1990a [1969]). Para representar esta colocação apresentamos o quadro seguinte e suas perguntas subjacentes.

Expressões que designam formações imaginárias		Significação da Expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A	IFC (D)	Imagem que Fidel Castro faz sobre a deserção (D)	“De que lhe falo assim?”
	IFC (CD)	Imagem que o cidadão cubano faz sobre o cubano desertor (CD)	“De que ele me fala assim?”
B	ICC (D)	Imagem que o cidadão cubano faz sobre a deserção	“De que ele me fala assim?”
	ICC (CD)	Imagem que o cidadão cubano faz sobre o cubano desertor	“De que ele me fala assim?”

**Quadro 3 – Quadro das formações imaginárias das imagens dos interlocutores sobre os referentes**

Não é demais repetir que não trataremos da imagem que o cidadão cubano tem do referente ICC (D), pois, como antecipamos, não fazem parte de nossa pesquisa os textos produzidos pelos interlocutores de Fidel Castro.

Posto isto, consideramos que um trabalho que se propõe a analisar as formações imaginárias no discurso não terá como objetivo fazer um estudo social sobre o que é ser cidadão cubano, ou ainda o que é ser um cubano desertor. Ou seja, em AD, não se tratará da identidade do sujeito cubano e de suas características como ser social, mas do imaginário construído no discurso sobre cubano desertor. Não é a questão da identidade do cubano que

<sup>33</sup> Como já apontava Bakhtin (1986 [1929]) em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, a comunicação institui-se pela interação verbal. Nas palavras de Bakhtin, “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal.” Bakhtin ressalta ainda que o diálogo não é somente a interação face a face, “mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”. (BAKHTIN, 1986 [1929], p. 123) Posteriormente, Benveniste (1971 [1966]) dirá que o dialógico é constitutivo da linguagem, afirmando que ao dizer “eu” o locutor se coloca no lugar de enunciador e se remete a um “tu”, seu interlocutor: “A linguagem não é possível senão porque cada locutor se coloca como **sujeito** e remete a si mesmo como **eu** no seu discurso. Em virtude disto, **eu** sugere outra pessoa, a que, exterior e todo a “mim”, se transforma em meu eco ao que digo *tu* e que me diz **tu**.” (BENVENISTE, 1971 [1966], p. 181)

está em pauta, são, antes, os sentidos postos discursivamente pelo jogo das formações imaginárias. Podemos trazer para a reflexão os estudos de Orlandi (2008), na obra *Terra à vista*, em que a autora discute os sentidos postos sobre “brasileiro” em nossa sociedade.

Não pretendemos tampouco definir o brasileiro. O que visamos é observar como o discurso que define o brasileiro constitui **processos de significação**, produzindo o imaginário pelo qual se rege a nossa sociedade. Ou dito de outra forma, procuramos compreender os processos discursivos que vão provendo o brasileiro de uma definição que, por sua vez, é parte do funcionamento imaginário da sociedade brasileira. (ORLANDI, 2008, p. 20. Grifos nossos).

Em nosso trabalho, tampouco pretendemos definir o cidadão cubano que deixa o país. Antes de tudo, nosso objetivo é o de entender os processos discursivos que significam estes cidadãos, promovendo um funcionamento imaginário na sociedade sobre este grupo. Assim, para concluir esta reflexão com Orlandi (2008), entendemos que o funcionamento do discurso, materializado nos pronunciamentos de Fidel Castro, remete para as construções imaginárias sobre o cubano desertor no funcionamento da sociedade cubana.

Por outro lado, também consideramos que as formações imaginárias apontam, de certa maneira, para o lugar social de onde se enuncia. Este lugar, como já dissemos antes, está inscrito em uma estrutura social, o que faz funcionar a luta de classes colocada por Marx e Engels (2001 [1848]). Esta luta sustenta o dizer a partir das imagens dos lugares sociais dos seus interlocutores. As formações imaginárias, por sua vez, não existem previamente, elas se constituem simultaneamente ao discurso.

Depreende-se do *corpus* analisado uma rede de formulações que denominam a deserção, o cubano desertor, todos os cubanos, e os ditos responsáveis pela deserção – os capitalistas/o capitalismo. Este trabalho de denominação no discurso funciona pela evidência de literalidade, juntamente ao esquecimento número dois, que apresentamos no capítulo do dispositivo teórico. Este esquecimento, como colocamos anteriormente, atua na ordem da enunciação, estando diretamente relacionado aos processos parafrásticos. Pelo funcionamento deste esquecimento, coloca-se a evidência do sentido. Para o sujeito, apaga-se o fato de existir mais de uma maneira de enunciar, fazendo com que ele por identificação-interpelação se inscreva em uma formação discursiva, que determinará para seu dizer uma rede de formulações possíveis.

Neste jogo de formulações, as cadeias parafrásticas parecem estabelecer uma relação direta através dos sentidos construídos. Tem-se, deste modo, um direcionamento dos sentidos, como se ao dizer parafrasticamente de uma maneira ou de outra os sentidos não mudassem. É

a estabilização pela paráfrase. Aliando esta questão teórica à imagem do lugar social de comandante de governo, como é o caso do nosso enunciador, coloca-se para o cidadão cubano – interlocutor de Fidel Castro – o efeito de verdade. Isto porque, para a Análise de Discurso, as palavras significam diferente de acordo com a posição daqueles que as sustentam.

Assim, se o sujeito fala a partir do lugar do professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de forças, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno. (ORLANDI, 2009, p. 40)

Entretanto se, como afirmamos, o que vale para a nossa análise é a posição-sujeito e não, simplesmente, o seu lugar social, temos de dizer que não é o locutor empírico que importa, mas a posição que ocupa no discurso. Assim, se o que Fidel Castro diz significa de determinado modo é pela posição que ocupa no discurso enquanto Comandante em Chefe do Governo de Cuba. Por agora, interessa-nos somente observar que o seu lugar social trabalha na constituição dos sentidos daquilo que diz.<sup>34</sup>

Cumpre, portanto, neste ponto de nossa análise, pensarmos nas denominações e no seu efeito de evidência provocado pela estabilização de sentidos através do processo parafrástico, aliado à força relativa ao lugar social que Fidel Castro ocupa.

Voltando ao que dissemos anteriormente, em nosso *corpus*, encontramos algumas formas de denominar. Nos pronunciamentos analisados, estes modos de denominação produzem um efeito de verdade. Isto significa que, pelas questões acima expostas, denominar, nestas condições, pode ser compreendido como enunciar uma verdade.

Com Mariani (1998, p. 118. Grifos nossos),

entendemos, nessa perspectiva, que o denominar não é apenas um aspecto do caráter de designação das línguas. Denominar é significar, ou melhor, representa uma vertente do processo social geral de produção de sentidos. O processo de denominação não está na ordem da língua ou das coisas, mas organiza-se na ordem do discursivo, o qual, lembrando mais uma vez, consiste na **relação entre o lingüístico e o histórico-social**, ou entre linguagem e exterioridade.

E por ser histórico e social, por estarem na ordem da língua e da ideologia, é que os sentidos são constituídos. Pelo esquecimento número dois e pela evidência dos sentidos, parece natural dizer *povo*, bem como *povo cubano* ou *população cubana*, mas quando

<sup>34</sup> Voltaremos às posições ocupadas por Fidel Castro no discurso no capítulo seguinte.



relacionamos estes sentidos estabilizados a outras denominações como *protagonista principal da nossa resistência, povo educado e culto e heróicos compatriotas* aparecem outros sentidos funcionando no discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção. Trata-se, pois, de uma referência a uma sociedade específica, que teria participado de uma revolução, um povo que “resiste heroicamente” às forças contrárias. Há um constante cenário de luta construído no discurso.

Em uma primeira leitura dos dezesseis pronunciamentos que constituem nosso *corpus*, pudemos observar o jogo de formações imaginárias trabalhando no ato de denominar. A partir daí, fizemos o recorte inicial que originou 76 seqüências discursivas, em que aparecem formas de denominar. Começamos a recortar, buscando exatamente as paráfrases formuladas para designar Cuba, os habitantes do país, o sistema de governo socialista, os governantes cubanos, o sistema de governo capitalista e seus representantes, a deserção e, por fim, os desertores.

Já em um primeiro gesto de análise, separamos as denominações em cinco grupos, resultantes das seqüências discursivas analisadas. Chegamos a esta configuração, após a leitura sintomática dos textos que nos possibilitou depreender o funcionamento das denominações a partir das regularidades presentes nos pronunciamentos. Destarte, salientamos que a própria formação deste grupo é consequência de uma análise. A seguir, enumeramos os grupos:

- a) Cuba/ cubanos;
- b) Governo socialista / governantes cubanos;
- c) O capitalismo/ os capitalistas;
- d) A deserção;
- e) Os desertores.

Contudo, temos de salientar que o funcionamento do discurso aponta para uma relação intrínseca entre todos os pontos. Não poderia ser diferente visto que este processo discursivo funciona pela relação existente entre as formações imaginárias, ou seja, as imagens que os protagonistas têm de si e do outro, bem como as imagens que têm do referente são responsáveis pelo processo discursivo de formação de paráfrases. Ademais, como já dissemos, os sentidos funcionam sempre em relação a outros sentidos.

Para apresentar cada grupo, descreveremos o que nos levou a dividir desta maneira o complexo das denominações.

## 4.1.a Cuba/ os cubanos

O primeiro grupo está formado pelas paráfrases utilizadas para denominar Cuba e os cubanos. Elencaremos como, nos pronunciamentos de Fidel Castro, aparecem diferentes formas de nomear o país e seus habitantes. Em nossa análise, pela apreensão das relações interdiscursivas, notamos, já num primeiro momento, um modo de funcionamento que se relaciona aos processos parafrásticos que os designam. Verifica-se o embate dos sentidos para estas duas referências. Outrossim, observamos que as denominações em torno da ilha e dos seus cidadãos estão imbricadas num processo que parece não poder separar-se.

Abaixo reunimos as denominações e as seqüências discursivas que julgamos mais pertinentes, relativas ao grupo *Cuba/cubanos*, dispondo-as em forma de um quadro para, posteriormente, proceder com a análise.

DENOMINAÇÃO	SEQÜÊNCIA DISCURSIVA	PRONUNCIAMENTO / DATA
povo <sup>35</sup>	É óbvia a preocupação que sempre teve a Revolução cubana pela educação do <b>povo</b> . Julgando minha própria experiência, cheguei rapidamente à idéia de que unicamente a consciência podia prevalecer sobre os instintos que nos regem. Os avanços tecnológicos falam hoje da possibilidade de manipular as funções das células do cérebro humano. Para que servirá tudo isso em um mundo onde impera o valor comercial dos bens e serviço? Que autoridade o determinará? Por essa via e através do roubo desavergonhado de cérebros, fenômeno em que temos que insistir com teimosia, poderiam destroçar o que mais vale do ser humano, que é sua educação através da consciência.	Pronunciamento 06 03 de agosto de 2007 SD 26
o povo	Ao cumprir-se um aniversário do Proclama compartilho com <b>o povo</b> a satisfação de observar que o prometido se ajusta à incomovível realidade: Raúl, o partido, o governo, a Assembléia Nacional, a Juventude Comunista e as organizações de massas e sociais, encabeçadas pelos trabalhadores, marcham adiante guiados pelo princípio inviolável da unidade.	Pronunciamento 05 31 de julho de 2007 SD 16
nosso povo	Se forem breves, têm a vantagem de que os cento e doze meios de comunicação estrangeiros, cadastrados em nosso país que as recebem com antecipação, publicam partes importantes do seu texto; se são extensas, me permitem aprofundar o que deseje em determinados conceitos a meu juízo importantes para que <b>nosso povo</b> , protagonista principal diante de	Pronunciamento 01 22 de junho de 2007 SD 01

<sup>35</sup> Denominações recortadas das seqüências discursivas originais: pueblo; pueblo cubano; nuestro pueblo; pueblo de Cuba; pueblo educado y culto; población de Cuba; cubanos; ciudadanos; protagonista principal de nuestra resistencia; protagonista principal ante cualquier agresión; instruidos en cuestiones deportivas; compatriotas; entrañables compatriotas; heroicos compatriotas; nación; patria; nuestro país; nuestro pequeño país; país dependiente y maniatado por los acuerdos comerciales. (Grifos nossos).

	qualquer agressão, e outros países em circunstâncias similares, disponham de elementos de juízo. Este dilema constitui para mim uma dor de cabeça.	
povo de Cuba	<b>O povo de Cuba</b> deve render tributo ao exemplo heróico de Mariela, nascida na província oriental de Granma, cujas taxas de mortalidade infantil e materna foram, no ano de 2006, 4,4 por cada mil nascidos vivos e 11 por cada 100 mil partos, melhores que as de Estados Unidos. Em seu município, Rio Cauto, com 17 mil 918 habitantes, foi zero em ambas.	Pronunciamento 03 23 de julho de 2007 SD 11
povo educado e culto	Ninguém tenha vontade de que o império, que leva em si os genes de sua própria destruição, negociará com Cuba. Por muito que lhe digamos ao povo dos Estados Unidos que nossa luta não é contra ele – algo muito correto –, este não está em condições de frear o espírito apocalíptico de seu governo nem a turva e maníaca idéia do que chamam “uma Cuba democrática”, como se aqui cada dirigente se postulasse e elegeesse a si mesmo, sem passar pelo rigoroso crivo da abrumadora maioria de um <b>povo educado e culto</b> que o apóie.	Pronunciamento 05 31 de julho de 2007 SD 25
população de Cuba	Falei da tecnologia e disciplina introduzidas no beisebol por Japão, dos esforços que realiza uma nação com não menos de 10,4 vezes a <b>população de Cuba</b> , onde ademais havia que descontar aos “débeis de consciência” que se deixam subornar por nossos inimigos.	Pronunciamento 16 20 de março de 2009 SD 51
cubanos	É claríssima a estúpida intenção de misturar <b>cubanos</b> no assunto, à parte da mentira sobre a impossível presença de nossos estudantes de Medicina nessa distante selva colombiana. Quando um engenheiro ou médico cubano abandona seu país, é alguém que vai com os conhecimentos que nosso povo financiou com grandes sacrifícios. No dia 13 deste mês precisamente regressaram a sua pátria 177 membros da Brigada Médica e 35 professores depois de cumprir durante dois anos sua sagrada missão no Timor Leste.	Pronunciamento 10 15 de março de 2008 SD 43
cidadãos	Aqui é onde o esporte e a política se misturam, em busca de soluções corretas e de princípios, superando desejos e amarguras. A estes <b>cidadãos</b> não os esperam prisões de nenhum tipo nem muito menos métodos como os que usa o Governo dos Estados Unidos em Abu Ghraib e Guantânamo, jamais utilizados em nosso país. Eles serão transferidos provisoriamente a uma casa de visita e lhes proporcionaremos o acesso de seus familiares. A imprensa também poderá contatá-los se eles o desejarem fazer. Oferecer-lhes-emos tarefas decorosas e a favor do esporte de acordo com seus conhecimentos e experiência.	Pronunciamento 07 04 de agosto de 2007 SD 60
protagonista principal da nossa resistência	Não comeci este trabalho como parte de um plano elaborado previamente, mas por um forte desejo de comunicar-me com o <b>protagonista principal de nossa resistência</b> à medida que observo as ações estúpidas do império. Agora constitui, igual a quando estava no que se chamou de prisão fecunda, um enorme desejo de estudar e meditar enquanto dura minha reabilitação.	Pronunciamento 01 22 de junho de 2007 SD 03
protagonista principal diante de qualquer agressão	Se forem breves, têm a vantagem de que os cento e doze meios de comunicação estrangeiros cadastrados em nosso país que as recebem com antecipação,	Pronunciamento 01 22 de junho de 2007 SD 01

	publicam partes importantes do seu texto; se são extensas, me permitem aprofundar o que deseje em determinados conceitos a meu juízo importantes para que nosso povo, <b>protagonista principal diante de qualquer agressão</b> , e outros países em circunstâncias similares, disponham de elementos de juízo. Este dilema constitui para mim uma dor de cabeça.	
instruídos em questões desportivas	Peço para sintonizar o televisor para ver a partida de futebol entre a equipe olímpica de Cuba e uma forte seleção das universidades dos Estados Unidos. Ontem pela noite, observei o choque entre as equipes olímpicas de boxe de Cuba e da França. Os atletas que representam a esta são excelentes, como os boxeadores cubanos. Nosso público, bem <b>instruído em questões desportivas</b> , é imparcial, respeitoso e objetivo. Houve paz, hinos e bandeiras içadas, a pesar do afã dos europeus e os ianques por subornar e comprar atletas cubanos.	Pronunciamento 14 22 de junho de 2008 SD 73
compatriotas	Prometi-lhes na última sexta-feira, 15 de fevereiro, que na próxima reflexão abordaria um tema de interesse para muitos <b>compatriotas</b> .	Pronunciamento 09 18 de fevereiro de 2009 SD 39
íntimos compatriotas	Meu desejo foi sempre cumprir o dever até o último alento. É o que posso oferecer. Aos meus <b>íntimos compatriotas</b> , que me deram a imensa honra de eleger-me recentemente como membro do Parlamento, em cujo seio devem ser adotados acordos importantes para o destino da nossa Revolução, lhes comunico que não aspirarei nem aceitarei – repito – não aspirarei nem aceitarei o cargo de Presidente do Conselho de Estado e Comandante em Chefe.	Pronunciamento 09 18 de fevereiro de 2009 SD 41
heróicos compatriotas	A entrevista de Gerardo Hernández Nordelo, um de nossos Cinco Heróis, com a BBC divulgada ontem pela televisão, que enorme impacto me produziu, que conteúdo humano, profundidade, brilhantismo, algo que só pode surgir de uma mente que sofreu 9 anos de injusta tortura psíquica. Por favor, rogamos que a Mesa Redonda continue nos informando sobre os histórico processo relacionado com o destino dos <b>heróicos compatriotas</b> .	Pronunciamento 08 07 de agosto de 2007 SD 37
nação	Também me preocupa o espaço que utilizam nas primeiras páginas de nossa imprensa, tão necessário para a atividade diária da <b>nação</b> .	Pronunciamento 01 22 de junho de 2007 SD 03
pátria	Esses casos servem para ressaltar o mérito dos atletas da nossa equipe nacional, dispostos a dar sua vida pela <b>Pátria</b> .	Pronunciamento 16 20 de março de 2009 SD 55
nosso país	Aqui é onde o esporte e a política se misturam, em busca de soluções corretas e de princípios, superando desejos e amarguras. A estes cidadãos não os esperam prisões de nenhum tipo nem muito menos métodos como os que usa o Governo dos Estados Unidos em Abu Ghraib e Guantânamo, jamais utilizados em <b>nosso país</b> . Eles serão transferidos provisoriamente a uma casa de visita e lhes proporcionaremos o acesso de seus familiares. A imprensa também poderá contatá-los se eles o desejarem fazer. Oferecer-lhes-emos tarefas decorosas e a favor do esporte de acordo com seus conhecimentos e	Pronunciamento 07 04 de agosto de 2007 SD 60

	experiência.	
nosso pequeno país	Utilizaremos a computação não para fabricar armas de destruição massiva e exterminar vidas senão para transmitir conhecimentos a outros povos. Desde o ponto de vista econômico, o desenvolvimento das inteligências e as consciências de nossos compatriotas, graças à Revolução, nos permitem não somente especializados, incluídos os de saúde, a países com mais recursos que nossa pátria. Neste terreno, Estados Unidos não poderia competir jamais com Cuba. <b>Nosso pequeno país</b> resistirá. Em poucas palavras: A formiga pôde mais que o elefante!	Pronunciamento 11 18 de junho de 2008 SD 70
país dependente e maniatado pelos acordos comerciais <sup>36</sup>	Cuba, <b>o país mais dependente e maniatado</b> pelos acordos comerciais, sofreu as maiores conseqüências dessa crise. Acrescentava-se a Base Naval e a humilhante e desnecessária Emenda, que lhes dava direito constitucional a intervir em nossa nação, deixando em pedaços sua gloriosa história.	Pronunciamento 15 03 de julho de 2008 SD48

**Quadro 4 – Quadro das denominações para Cuba/ os cubanos**

Nesta rede de formulações apresentada, percebemos a repetição de alguns vocábulos. Apareceu, por exemplo, mais de uma vez a palavra ‘povo’. Igualmente, registramos as suas ocorrências quando esta aparecia acompanhada por adjetivos ou locuções adjetivas que a determinavam: *povo*, *povo cubano*, *povo educado e culto*.

Em concordância com o que afirmamos anteriormente, as palavras não significam por elas mesmas, significam de acordo com a posição daqueles que as sustentam. Ademais, o interdiscurso faz ressoar sentidos já colocados para este vocábulo. Ao se dizer *povo*, coloca-se em jogo, através do processo discursivo parafrástico, os sentidos postos pela formação discursiva socialista que comunga com os sentidos estabilizados pela teoria marxista: uma sociedade para o povo, o governo para o povo.<sup>37</sup>

Fidel Castro, do lugar de onde fala, inscreve seu dizer em uma rede de formulações que faz trabalhar a memória dos sentidos construídos para ‘povo’ naquela sociedade, remontando assim aos pressupostos teóricos em que estaria embasada a revolução cubana.

<sup>36</sup> Tradução nossa.

<sup>37</sup> Em sua *Crítica ao Programa de Gotha* (2001 [1875]), Marx afirma que um governo justo só seria possível se fosse para o povo e que uma educação eficiente só poderia realizar-se quando desvinculada dos interesses do Estado e da Igreja. Ademais, para Marx, o Estado deveria funcionar pela soberania do povo para o povo: “o Partido não deveria esquecer o essencial, a saber, que todos esses belos pormenores repousam no reconhecimento da chamada soberania do povo e, portanto, só tem cabimento em uma *República democrática*.” (MARX, 2001 [1875], p. 124)

Falar em *povo*, nestas condições de produção, é inscrever o discurso na memória da revolução e dos seus ideais.<sup>38</sup>

Em outro ponto da análise, observamos o funcionamento das palavras que se referem à ilha. Cuba aparece como a *pátria*, a *nação*. Estas palavras, no imaginário social, têm seus sentidos estabilizados pela idéia de unidade. Podemos lembrar ainda a idéia de comunhão imaginária a que Benedict Anderson (2005 [1983], p. 25) se refere ao definir ‘nação’ como “uma **comunidade politicamente imaginada** – e que é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana”. E acrescenta que “é imaginada porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão”. (*ibidem*. Grifos nossos). É por este sentimento de comunidade que os sujeitos nascidos em determinada sociedade se acreditam pertencentes a um mesmo grupo, a uma *nação*, a uma *pátria*. É a referência a esta *nação* como “comunidade imaginada” que aparece nos pronunciamentos de Fidel Castro.

Além disso, podemos ressaltar também os sentidos socialmente estabilizados, e dicionarizados, para ‘nação’ e ‘pátria’. Para tanto, trazemos, para nossa reflexão, as definições de dois dicionários de língua espanhola:

1 *Diccionario Salamanca de la Lengua Española*;

2 *Diccionario de la Real Academia Española*.<sup>39</sup>

Faz-se mister esclarecer que, de maneira crítica, consideramos os dicionários como discursos que estabilizam sentidos historicamente determinados.<sup>40</sup> Para nós, os dicionários são também construções discursivas e se, como já apontamos, os discursos são historicamente determinados, um dicionário de língua espanhola apresentará definições diferentes daqueles apresentados pelos de língua portuguesa, por exemplo.<sup>41</sup>

Buscamos estas definições que nos dicionários funcionam como uma espécie de “garantia” da estabilização dos sentidos, bem como apresentam em sua configuração a ilusão

<sup>38</sup> Orlandi (2006), em seu texto *A noção de “povo” que se constitui em diferentes discursividades*, analisa os sentidos construídos na sociedade brasileira para a palavra ‘povo’. Neste trabalho, apontamos outro funcionamento para esta palavra, diferente dos apontados pela autora.

<sup>39</sup> O *Diccionario Salamanca de la lengua española* foi consultado em sua versão impressa. Já o *Diccionario de la Real Academia Española* foi consultado em sua versão *on-line*, disponível em [www.rae.es](http://www.rae.es).

<sup>40</sup> No âmbito da Análise de Discurso, conferir os trabalhos de Collinot e Mazière (1997) e Horta Nunes (2006 e 2007) que tomam dicionários como *corpora*.

<sup>41</sup> Não foi possível incluir em nosso trabalho dicionários cubanos, porém acreditamos que utilizar dicionários que regem a língua espanhola no mundo já nos mostrará alguns sentidos com os quais podemos trabalhar.

de completude. Os dicionários funcionam socialmente como catalogadores das palavras da língua e, através deles, tem-se a ilusão da literalidade dos sentidos. Não pretendemos fazer uma análise extensiva das acepções destas palavras nos dicionários e dos significados catalogados. Contudo, acreditamos ser uma contribuição importante para esta reflexão pensar nos sentidos de ‘nação’ colocados para a sociedade.

Transcrevemos, na íntegra,<sup>42</sup> as definições registradas nos dois dicionários supracitados para posteriormente tecer nossas análises.

#### NAÇÃO

s.f. **Conjunto de pessoas agrupadas** em um Estado comum: Muitas nações europeias se constituíram no século XIX. Território ocupado por este conjunto de pessoas.: A nação mexicana é maior que a nação espanhola. SIN. país. **Conjunto de pessoas, normalmente dentro de um mesmo território, unidas por vínculos históricos, culturais, lingüísticos ou religiosos que se sentem fazendo parte de uma mesma comunidade:** a nação catalã, a nação vasca, a nação galega. SIN. país. Conjunto de pessoas com alguma característica comum, como religião, língua ou cultura, que **se consideram fazendo parte da mesma comunidade** ainda que não vivam no mesmo território: a nação judia, a nação palestina, a nação armênia.<sup>43</sup> (*Diccionario Salamanca de la Lengua Española*, 1996, p. 1068. Grifos nossos).

#### NAÇÃO

s.f. Conjunto dos habitantes de um país regido pelo mesmo governo; Território deste país; Conjunto de pessoas de uma mesma origem e que geralmente falam o mesmo idioma e **têm uma tradição comum**; f. Coloq. Nascimento (ação e efeito de nascer). Cego de nação; s.m. Arg. Homem natural de uma nação, contraposto ao natural de outra.<sup>44</sup> (*Diccionario de la Real Academia Española*. Grifos nossos).

Na primeira definição encontra-se um sentido para ‘nação’ que se figura pela história comum de um povo, como é o caso do catalão, do galego, etc. Por extensão, poderíamos agregar essa definição também a Cuba? Poderíamos se não houvesse a restrição colocada na definição: “[...] se consideram fazendo parte da mesma comunidade”. No caso em análise, devemos considerar os desertores que, se procuram desertar, é, muito provavelmente, porque não se sentem fazendo parte de uma mesma comunidade.

<sup>42</sup> As definições foram transcritas sem alterações no conteúdo. Foram apagados apenas os destaques feitos nos dicionários para que pudéssemos proceder com nossos próprios grifos, para efeito de análise.

<sup>43</sup> “Nación. s.f. 1. Conjunto de personas agrupadas en un Estado común: *Muchas naciones europeas se constituyeron en el siglo XIX*. 2. Territorio ocupado por este conjunto de personas: *La nación mexicana es más extensa que la nación española*. SIN. país. 3. Conjunto de personas, normalmente dentro de un mismo territorio, unidas por vínculos históricos, culturales, lingüísticos o religiosos que se sienten formando parte de una misma comunidad: *la nación catalana, la nación vasca, la nación gallega*. SIN. país. 4. Conjunto de personas con alguna característica común, como religión, lengua o cultura, que se consideran formando parte de la misma comunidad aunque no vivan en el mismo territorio: *la nación judía, la nación palestina, la nación armenia*.” (Tradução nossa).

<sup>44</sup> “Nación. Conjunto de los habitantes de un país regido por el mismo gobierno; Territorio de ese país; Conjunto de personas de un mismo origen y que generalmente hablan un mismo idioma y tienen una tradición común; f. coloq. nacimiento (acción y efecto de nacer). Ciego de nación; s.m. Arg. Hombre natural de una nación, contrapuesto al natural de otra.” (Tradução nossa).

Ademais, discursivamente, “escolher” este vocábulo possibilita uma idéia de comunidade que comunga de um sentido para Cuba, que “sabe” a história da ilha e a compartilha. E ainda segundo a definição do *Diccionario de la Real Academia Española*, são pessoas que “têm uma tradição comum.”

À continuação, apresentamos as definições de ‘pátria’ nos dois dicionários supracitados.

#### PÁTRIA

1. País onde nasceu ou está nacionalizada uma pessoa: Os soldados juraram defender a pátria. 2. Pequena pátria (cidade, lugar, povoado). **Lugar onde uma pessoa nasceu:** Arturo passa muitos anos fora, mas ainda se sente muito ligado a seu povoado.<sup>45</sup> (*Diccionario Salamanca de la Lengua Española*, 1996, p. 1170. Grifos nossos).

#### PÁTRIA

1. Terra natal ou adotiva ordenada como **nação, à que se sente ligado o ser humano por vínculos jurídicos, históricos e afetivos**. 2. Lugar, cidade ou país em que se nasceu.<sup>46</sup> (*Diccionario de la Real Academia Española*. Grifos nossos.)

No que se refere à definição de ‘pátria’, observa-se que no primeiro dicionário utilizado, *Diccionario Salamanca de la Lengua Española*, o substantivo refere-se tão somente ao lugar de origem do sujeito. Já no *Diccionario de la Real Academia Española* verifica-se que ‘pátria’ aparece em uma rede parafrástica com ‘nação’, onde se lê: “Terra natal ou adotiva ordenada como **nação**, à que se sente ligado o ser humano por vínculos jurídicos, históricos e afetivos.”

Neste processo parafrástico e em suas relações intra e interdiscursivas, o efeito de evidência se produz, e constitui-se como efeito um único sentido para o *povo cubano* pertencente à *nação*, à *pátria*. A ilusão de literalidade faz com que o sujeito se encaixe neste sistema, compartilhando os sentidos postos para Cuba e para si mesmo.

As denominações *Cuba – nação – pátria – povo – sociedade revolucionária* apresentam-se como se estivessem relacionadas diretamente por seus sentidos. Como dissemos, ao designar *povo* como o conjunto de cubanos, Fidel inclui-se, incluindo também, o sistema de governo. Aparece, deste modo, como indissociável a relação entre o povo e o

<sup>45</sup> “Patria. País donde ha nacido o está nacionalizada una persona: *Los soldados juraron defender la patria*. 2. Patria chica. Lugar donde una persona ha nacido: *Arturo lleva muchos años fuera, pero aún se siente muy ligado a su patria chica*.” (Tradução nossa).

<sup>46</sup> “Tierra natal o adoptiva ordenada como nación, a la que se siente ligado el ser humano por vínculos jurídicos, históricos y afectivos. 2. Lugar, ciudad o país en que se ha nacido”. (Tradução nossa).



socialismo. Nestas condições, fazer parte do *povo de Cuba* parece significar que o sujeito compartilha dos ideais deste sistema, compactua com seus governantes, fazendo funcionar a comunidade politicamente imaginada (ANDERSON, 2005 [1983]) através da estabilização dos sentidos pelo funcionamento discursivo da denominação parafrástica.

#### 4.1.b Governo socialista / governantes cubanos

Os modos de referir-se ao governo cubano e seus governantes são diferentes dos demais grupos apresentados. Para começar, não é comum a presença de adjetivações neste grupo, nem mesmo a sua denominação. Por este motivo, não foi possível fazer uma lista de palavras em que o enunciador fizesse referência ao modo de governo da ilha e seus governantes.

Após tal constatação, uma pergunta colocou-se como fundamental para entender a representação imaginária do governo socialista e dos seus representantes no discurso: como funciona discursivamente a imagem produzida sobre o governo socialista e seus governantes? Se não é pela denominação, que outros processos acontecem no discurso?

No começo de nossa exploração, com a dessuperficialização do *corpus* analítico, percebemos a presença regular de expressões acerca das propriedades do sistema socialista e da índole dos governantes de Cuba. Além disso, a presença do governo nos pronunciamentos não raro se demonstra por referências a cargos e órgãos oficiais: *a Assembléia Nacional, a Juventude Comunista, o Embaixador, etc.*

Mesmo não sendo regular, encontramos uma referência pela denominação dos governantes cubanos como *dirigentes da revolução*. Foi a única expressão definitiva encontrada para este grupo.

**SD 24:** Este ponto me obriga a insistir em algo que não pode jamais ser esquecido pelos **dirigentes da revolução**: é dever sagrado reforçar sem trégua nossa capacidade e preparação defensiva, preservando o princípio de cobrar dos invasores em qualquer circunstância um preço impagável.<sup>47</sup> (Pronunciamento 05, *La llama eterna, Granma Internacional*, 31 de julho de 2007. Grifos nossos).

Esta denominação, mesmo sendo a única recorrência, aponta já para uma reflexão sobre a imagem que faz Fidel Castro sobre os governantes do país. O governante de Cuba é

<sup>47</sup> “Este punto me obliga a insistir en algo que no puede ser jamás olvidado por los dirigentes de la revolución: es deber sagrado reforzar sin tregua nuestra capacidad y preparación defensiva, preservando el principio de cobrar a los invasores en cualquier circunstancia un precio impagable.” (Tradução nossa).

um *dirigente da revolução*. Neste sentido, temos para socialismo a definição de revolução. O socialismo é a *revolução* e os governantes, seus *dirigentes*, fazendo funcionar no discurso a memória sobre a revolução. Com a memória discursiva, ressoam sentidos a dizer-se e a esquecer-se, aparecem formulações possíveis pelo já-dito, que apontam para a seleção de palavras que remetem àquele período histórico: o *combate*, a *batalha*, a *luta*. Pela definição do próprio sistema de governo, definem-se seus representantes e seus opositores: os *inimigos*, os *adversários*, aqueles que querem derrubar o sistema com suas armas. Todo este léxico aparece para definir o sistema de governo opositor e os que estão sob seu regime. Sabe-se, em Análise de Discurso, que o sentido está sempre em relação e por sua característica relacional, no discurso socialista cubano contemporâneo, formam-se redes de sentido intra e interdiscursivas sobre aqueles que compartilham do governo socialista e vivem sob este regime, como também sobre os outros, os que estão contra este sistema.<sup>48</sup> Ademais, há a imagem que o próprio governante faz de si mesmo, representada pelas posições que ocupa no discurso. Sobre este aspecto trataremos, no capítulo seguinte, considerando que, por ser o enunciador, Fidel se coloca em várias posições discursivas.

A falta de denominações nos pronunciamentos também aponta para o próprio funcionamento da ideologia. É pela interpelação ideológica que o sujeito “sabe” o que é o sistema socialista de governo, não precisando denominá-lo.<sup>49</sup> Não é preciso falar do sistema de governo, pois é como se estivesse evidente o que ele significa, aparecendo apenas como marcas do modo de governar, não sendo necessárias as denominações. É como se todos soubessem o que é o sistema de governo cubano e compartilhassem seus sentidos, pela evidência dos sentidos postos pela própria inscrição do sujeito enunciador em determinada formação ideológica. O socialismo é sempre o não-capitalismo, apresentando-se como oposição àquilo que há de errado no sistema opositor imaginariamente. Esta oposição funciona pelas relações de sentidos estabelecidas discursivamente. Sobre esta noção, Orlandi (2009, p. 39) afirma que

não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

<sup>48</sup> Voltaremos a tratar dos ditos opositores ao socialismo na próxima subseção.

<sup>49</sup> Retomando Pêcheux, (1988 [1975], p.160), “é a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ [...]”.

Ao tratar mais especificamente da denominação pela contraposição estabelecida nas relações de sentidos, se para os capitalistas proliferam nomes que os determinam como a representação do Mal para a sociedade, pela relação dicotômica existente no mundo Bem X Mal<sup>50</sup>, liga-se o sistema de governo socialista aos sentidos do Bem, aquilo que é justo e leal. Se o capitalismo é o *sistema apodrecido* e representa um *poder real e destrutivo no mundo*, o socialismo aparece, por sua vez, como o que pode salvar a população da possibilidade de destruição mundial, com sua forma de *resistência*, lutando contra as forças do mal social. Verifica-se a constituição destes sentidos para socialismo pelas expressões que definem as características do sistema de governo. Nas seqüências discursivas abaixo transcritas, aparecem as referências ao tipo de política empregada pelo governo cubano:

**SD 63:** Manteremos **nossa política de princípios**, ainda que o mundo entre cada vez mais no profissionalismo, e como nos tempos de Kid Chocolate – um verdadeiro gênio –, no exista uma medalha para o esporte são e somente se conceba um esporte que valorize atirar bolas irredutíveis, conectar *home runs* e distribuir e receber golpes sem proteção alguma. A uma época como aquela jamais voltaremos.<sup>51</sup> (Pronunciamento 08, *La constancia escrita*, *Granma Internacional*, 07 de agosto de 2007. Grifos nossos).

**SD 61:** Não cultivamos o chauvinismo nem o espírito de superioridade. Apoiamo-nos na ciência e nos conhecimentos, sobre essas bases **lutamos para criar os valores éticos** de uma mente sã em um corpo são.<sup>52</sup> (Pronunciamento 03, *¿Brasil sustituto de Estados Unidos?*, *TV Camaguey*, 23 de julho de 2007. Grifos nossos).

**SD 20:** Esta é uma reflexão política. Para dizer-lo mais exatamente: é outra proclama. Hoje faz um ano exato da primeira, em 31 de julho de 2006. Contudo, o ano transcorrido vale por 10 com relação à possibilidade de viver uma experiência única que me proporcionou informações e conhecimentos sobre questões vitais para a humanidade, **que transmiti com toda honradez** ao povo de Cuba.<sup>53</sup> (Pronunciamento 05, *La llama eterna*, *Granma Internacional*, 31 de julho de 2007. Grifos nossos).

<sup>50</sup> Mariani (1988, p. 134), ao analisar o imaginário sobre o comunismo, aponta para este funcionamento que, segundo a autora, faz parte do “domínio das coisas-a-saber constitutivas na formação ocidental cristã [...]”.

<sup>51</sup> “Mantendremos nuestra política de principios, aunque el mundo se adentre cada vez más en el profesionalismo, y como en los tiempos de Kid Chocolate – un verdadero genio –, no exista una medalla para el deporte sano y solo se conciba un deporte que ponga precio a lanzar pelotas imbateables, conectar jonrones y repartir y recibir piñazos sin protección alguna. A una época como aquella jamás volveremos.” (Tradução nossa).

<sup>52</sup> “No cultivamos el chovinismo ni el espíritu de superioridad. Nos apoyamos en la ciencia y en los conocimientos, sobre esas bases luchamos por crear los valores éticos de una mente sana en un cuerpo sano.” (Tradução nossa).

<sup>53</sup> “Esta es una reflexión política. Para decirlo más exactamente: es otra proclama. Hoy se cumple un año exacto de la primera, el 31 de julio de 2006. Pero el año transcurrido vale por 10 en cuanto a la posibilidad de vivir una experiencia única que me aportó información y conocimientos sobre cuestiones vitales para la humanidad, que he transmitido con toda honradez al pueblo de Cuba.” (Tradução nossa).

**SD 24:** Este ponto me obriga a insistir em algo que não pode jamais ser esquecido pelos dirigentes da revolução: é **dever sagrado** reforçar sem trégua nossa capacidade e preparação defensiva, preservando o princípio de cobrar aos invasores em qualquer circunstância um preço impagável.<sup>54</sup> (Pronunciamento 05, *La llama eterna*, *Granma Internacional*, 31 de julho de 2007. Grifos nossos).

Nas seqüências destacadas, os sentidos para o governo cubano giram em torno de significantes como *princípios*, *valores éticos*, *honradez*, *dever sagrado*. É a presentificação do Bem para Cuba, reforçada pela declaração de que Cuba pratica uma *política de princípios*. Além disso, de acordo com o dito por Fidel, a política cubana não é nacionalista, *não cultiva o chauvinismo* em detrimento do estrangeiro. Constitui-se um direcionamento de sentido, de acordo com as formulações, de uma prática política que preza a justiça, valoriza a ética, além de ser sagrada, bem como a imagem de um governante honrado que *transmite ao povo seus conhecimentos* e informações através de seus pronunciamentos.

No que tange ao dever do governo, este é sempre o de frear os instintos individualistas dos seres-humanos, presentificados pelo sistema capitalista. A revolução aparece como a salvação do povo e da sociedade frente a uma política de destruição já apodrecida. Para revolução, pelas formações imaginárias, constrói-se a imagem de um poder *consciente* contra o desejo instintivo de consumismo.

**SD 26: É óbvia a preocupação que sempre teve a Revolução cubana pela educação do povo.** Julgando minha própria experiência, **cheguei rapidamente à idéia de que unicamente a consciência podia prevalecer sobre os instintos que nos regem.** Os avanços tecnológicos falam hoje da possibilidade de manipular as funções das células do cérebro humano. Para que servirá tudo isso em um mundo onde impera o valor comercial dos bens e serviços? Que autoridade o determinará? Por essa via e através do roubo desavergonhado de cérebros, fenômeno em que temos que insistir com teimosia, poderiam destroçar o que mais vale do ser humano, que é sua educação através da consciência.<sup>55</sup> (Pronunciamento 06, *Reflexión sobre duras y evidentes realidades*, *Granma Internacional*, 03 de agosto de 2007. Grifos nossos).

Pela análise das seqüências apresentadas, pode-se concluir que o governo cubano significa a partir dos seus modos de governar: com *ética*, com *honradez*, por seu *apeço à*

<sup>54</sup>“Este punto me obliga a insistir en algo que no puede jamás ser olvidado por los dirigentes de la revolución: es deber sagrado reforzar sin tregua nuestra capacidad y preparación defensiva, preservando el principio de cobrar a los invasores en cualquier circunstancia un precio impagable.” (Tradução nossa).

<sup>55</sup>“Es obvia la preocupación que siempre ha tenido la Revolución cubana por la educación del pueblo. Juzgando mi propia experiencia, llegué pronto a la idea de que únicamente la conciencia podía prevalecer sobre los instintos que nos rigen. Los avances tecnológicos hablan hoy de la posibilidad de manipular las funciones de las células del cerebro humano. ¿Para qué servirá todo eso en un mundo donde impera el valor comercial de los bienes y servicios? ¿Qué autoridad lo determinará? Por esa vía y a través del robo desavergonzado de cerebros, fenómeno en el que hay que insistir porfiadamente, podrían destrozar lo que más vale del ser humano, que es su educación a través de la conciencia. (Tradução nossa).

*educação e à consciência do povo.* Fixa-se, no imaginário cubano, através dos pronunciamentos, a imagem de um governo para o povo, a idéia de uma nação, dirigida por seus governantes que se relaciona com as imagens discursivas para o país e seus dirigentes, conforme apresentado na subseção anterior.

#### 4.1.c O capitalismo/ os capitalistas

Para esta análise, repetimos a mesma metodologia utilizada para as imediatamente anteriores e trazemos, para o princípio de nossa exposição, o quadro das denominações e das respectivas seqüências discursivas sobre o segmento que analisamos:

DENOMINAÇÃO	SEQÜÊNCIA DISCURSIVA	PRONUNCIAMENTO / DATA / SD
império <sup>56</sup>	Ninguém tenha vontade de que o <b>império</b> , que leva em si os genes de sua própria destruição, negociará com Cuba. Por muito que lhe digamos ao povo dos Estados Unidos que nossa luta não é contra ele – algo muito correto –, este não está em condições de frear o espírito apocalíptico de seu governo nem a turva e maníaca idéia do que chamam “uma Cuba democrática”, como se aqui cada dirigente se postulasse e elegeesse a si mesmo, sem passar pelo rigoroso crivo da abrumadora maioria de um povo educado e culto que o apóie.	Pronunciamento 05 31 de julho de 2007 SD 25
império decadente	Agora me assediam com perguntas sobre o momento em que voltará a ocupar o que alguns chamam o poder, como si tal poder fosse possível sem independência. Há um poder real e destrutivo no mundo, emanado de um <b>império decadente</b> que a todos ameaça.	Pronunciamento 05 31 de julho de 2007 SD 21
máfia	A notícia de que os boxeadores se encontravam na Turquia enquanto lhes administravam a imigração foi evidentemente lançada pela <b>máfia</b> como manobra de engano. Até um membro do parlamento alemão tratou rebater <i>home run</i> com a bola de pano. A empresa que havia investido mais de dois milhões de dólares no negócio grotesco falava dos “direitos humanos” dos familiares dos atletas. Que dirão as Nações Unidas desta desleal competição?	Pronunciamento 07 04 de agosto de 2007 SD 30
máfia alemã	Cuba, cujos resultados e esforços no esporte amador ninguém pode negar, sofre mais que qualquer outro país as mordidas das piranhas. Veja-se como se comportam os tarifadores frente à denúncia cubana. Quando falei da <b>máfia alemã</b> e os milhões de dólares que dispunha para subornar atletas cubanos, de imediato se sentiram aludidos e declararam: “não, não,	Pronunciamento 04 27 de julho de 2007 SD 15

<sup>56</sup> Denominações recortadas das seqüências discursivas originais: imperio; imperio decadente; mafia; mafia alemana; mafia de Miami; mafia terrorista cubano-americana; tiburones de la mafia; empresa mafiosa; enemigo insolente; nuestros enemigos; pirañas; adversario; sociedad de consumo; podrido sistema; consumismo; derroche; yanquis; países ricos del primer mundo; poder real y destructivo en el mundo. (Grifos nossos).

	nós não somos nenhuma máfia.	
máfia terrorista cubano-americana	Nesse país haveriam fuzilado a Roberto Martín Pérez Rodríguez e a Luis del Pozo Jiménez como mercenários a serviço de uma potência inimiga. Os Tribunais Revolucionários decretaram prisão e não mexeram em um fio de cabelo seu. Qual foi o destino final de Martín Pérez? Emigrou para os Estados Unidos legalmente. É hoje defensor da <b>máfia terrorista cubano-americana</b> que apóia o candidato republicano McCain.	Pronunciamento 15 03 de julho de 2008 SD 50
tubarões da máfia	Nós, ao contrário, devemos continuar a luta. Chegou nada menos que o momento de constituir a lista de boxeadores cubanos que participarão das Olimpíadas de Pequim, com quase um ano de antecipação. Primeiro devem viajar aos Estados Unidos para participar do Campeonato Mundial, um dos três eventos classificatórios para os Jogos Olímpicos. Imaginem aos <b>tubarões da máfia</b> demandando carne fresca.	Pronunciamento 08 07 de agosto de 2007 SD 42
empresa mafiosa	Os boxeadores lhe comunicaram que haviam cometido um erro e estavam arrependidos. Negaram-se a receber um cidadão alemão, que de imediato se interessou por eles, cumprindo instruções da <b>empresa mafiosa</b> . Isto nós soubemos depois.	Pronunciamento 07 04 de agosto de 2007 SD 29
piranhas	Cuba, cujos resultados e esforços no esporte amador ninguém pode negar, sofre mais que qualquer outro país as mordidas das <b>piranhas</b> . Veja-se como se comportam os tarifadores frente à denúncia cubana. Quando falei da máfia alemã e os milhões de dólares que dispunha para subornar atletas cubanos, de imediato se sentiram aludidos e declararam: “não, não, nós não somos nenhuma máfia.”	Pronunciamento 04 27 de julho de 2007 SD 15
inimigo insolente	A luta deve ser implacável, contra nossas próprias deficiências e contra o <b>inimigo insolente</b> que tenta apoderar-se de Cuba.	Pronunciamento 05 .31 de julho de 2007 SD 23
nossos inimigos	Falei da tecnologia e disciplina introduzidas no beisebol por Japão, dos esforços que realiza uma nação com não menos de 10,4 vezes a população de Cuba, onde ademais havia que descontar aos “débeis de consciência” que se deixam subornar por <b>nossos inimigos</b> .	Pronunciamento 16 20 de março de 2009 SD 51
adversário	Era incômoda minha posição frente a um <b>adversário</b> que fez todo o imaginável por desfazer-se de mim e em nada me agradava satisfazê-lo.	Pronunciamento 09 18 de fevereiro de 2008 SD 40
sociedade de consumo	Não existe justificativa alguma para solicitar asilo político. Se não é o Brasil seu mercado definitivo, pouco lhes importa. Há países ricos do primeiro mundo que pagam muito mais. As autoridades brasileiras declararam que os que desertem deverão provar a necessidade real de asilo. É impossível demonstrar o contrário. De antemão se conhece seu destino final como atletas mercenários em uma <b>sociedade de consumo</b> . Acho que ofenderam o Brasil, utilizando os Pan-Americanos como pretexto para autopromover-se. De todas as formas, consideramos úteis as declarações de suas autoridades.	Pronunciamento 03 23 de julho de 2007 SD 12
sistema apodrecido	Muitos países pobres têm problemas com o profissionalismo, mas também neles numerosas pessoas morrem prematuramente ou sofrem doenças invalidantes por falta de exercícios. Padecem também	Pronunciamento 08 07 de agosto de 2007 SD 34

	dessa tragédia os países ricos desenvolvidos por insuficiências no seu <b>sistema apodrecido</b> e pelo espírito mercantilista de seus serviços médicos.	
consumismo	A publicidade comercial e o <b>consumismo</b> são inconciliáveis com a sobrevivência da espécie. Façam todos os cálculos possíveis e se verá que os recursos naturais, o espaço, o clima, o tempo e o sistema, na velocidade e na direção que levam, não podem dar outro resultado.	Pronunciamento 06 03 de agosto de 2007 SD 27
ianques	Peço para sintonizar o televisor para ver a partida de futebol entre a equipe olímpica de Cuba e uma forte seleção das universidades dos Estados Unidos. Ontem pela noite, observei o choque entre as equipes olímpicas de boxe de Cuba e da França. Os atletas que representam a esta são excelentes, como os boxeadores cubanos. Nosso público, bem instruído em questões desportivas, é imparcial, respeitoso e objetivo. Houve paz, hinos e bandeiras içadas, a pesar do afã dos europeus e os <b>ianques</b> por subornar e comprar atletas cubanos.	Pronunciamento 14 22 de junho de 2008 SD 73
países ricos do primeiro mundo	Não existe justificativa alguma para solicitar asilo político. Se não é o Brasil seu mercado definitivo, pouco lhes importa. Há <b>países ricos do primeiro mundo</b> que pagam muito mais. As autoridades brasileiras declararam que os que desertem deverão provar a necessidade real de asilo. É impossível demonstrar o contrário. De antemão se conhece seu destino final como atletas mercenários em uma sociedade de consumo. Acho que ofenderam o Brasil, utilizando os Pan-Americanos como pretexto para autopromover-se. De todas as formas, consideramos úteis as declarações de suas autoridades.	Pronunciamento 03 23 de julho de 2007 SD 12
poder real e destrutivo no mundo <sup>57</sup>	Agora me assediam com perguntas sobre o momento em que voltará a ocupar o que alguns chamam o poder, como si tal poder fosse possível sem independência. Há um <b>poder real e destrutivo no mundo</b> , emanado de um império decadente que a todos ameaça.	Pronunciamento 05 31 de julho de 2007 SD 21

**Quadro 5 – Quadro das denominações para o capitalismo / os capitalistas**

Para este grupo, podemos refletir inicialmente sobre os sentidos estabilizados para o capitalismo na formação discursiva socialista, em que se inscreve Fidel Castro.

Os sentidos postos para este sistema de governo são efeito da estabilização das denominações que precedem a revolução cubana, como é o caso de *império*. Estas denominações já aparecem no período histórico anterior ao socialismo em Cuba. Assim, ao enunciar *império* o sujeito inscreve seu dizer na memória, fazendo significar os sentidos cristalizados.

Apontando para outras questões, temos as formulações em torno de *máfia*. O capitalismo aparece como *máfia* e não importa a sua localização, podendo ter sua origem na

<sup>57</sup> Tradução nossa.

Alemanha, nos Estados Unidos ou mesmo sendo um tipo de máfia mista, como a *cubano-americana*. O que nos importa dizer é que em torno das construções com a denominação *máfia* formam-se redes parafrásticas que estabilizam os sentidos. Neste ponto, parece não haver espaço para o deslizamento, para a polissemia. O lugar do outro, ocupado pelo capitalismo, faz parte da *máfia*, representa uma *empresa mafiosa*, são por si *tubarões da máfia* ou *piranhas* que estão prontos a atacar a qualquer momento de vacilo de sua presa.

O cubano desertor aqui é significado, pela relação com estas formulações, como presa, vítima indefesa frente a animais tão poderosos, ágeis e traiçoeiros. Não trataremos, neste momento, dos sentidos postos para *cubano desertor*, pois este conjunto será apresentado a seguir no tópico 4.1.e – os desertores. Contudo, vale salientar que, já que o sentido é sempre em relação a outro, não se pode falar em *tubarões da máfia* sem pensar nas suas pobres presas indefesas, os peixinhos-desertores.

Ainda pensando com relação à denominação *máfia*, verificamos, mais uma vez, a atualização da memória social. *Máfia* supõe um conjunto de pessoas envolvidas por um objetivo comum e que age por meios ilícitos. Os capitalistas, nas palavras de Fidel, representados pelos aliciadores de atletas cubanos, formam uma rede de delinqüentes. Como apresentado na definição socialmente construída do *Diccionario de la Real Academia Española de la Lengua*, a máfia é “**organização criminosa** de origem siciliana. Qualquer organização clandestina de criminosos. Grupo organizado que trata de defender seus interesses.”<sup>58</sup> (*Diccionario de la Real Academia Española*. Grifos nossos).

Ou ainda, como no *Diccionario Salamanca de la Lengua Española*:

#### MÁFIA

s.f. Organização secreta criminosa originária da Sicília, **que impõe sua lei pela violência**: A polícia deteve a um importante chefe da máfia. Pejorativo. **Organização que emprega métodos pouco lícitos** ou não deixa que outros participem de uma atividade: A venda de entradas para esse espetáculo está nas mãos da máfia.<sup>59</sup> (*Diccionario Salamanca de la Lengua española*, 1996, p. 970. Grifos nossos).

Estabelecem-se sentidos para os capitalistas, integrando-os a um grupo de malfeitores que parecem agir em uma rede de corrupção contra os cubanos. Seus métodos seriam *ilícitos*, chegando os mafiosos a agirem pela violência e pela força, pela “imposição de sua lei”. Em

<sup>58</sup> “Organización criminal de origen siciliano. f. Cualquier organización clandestina de criminales. Grupo organizado que trata de defender sus intereses.” (Tradução nossa).

<sup>59</sup> “Mafia. organización secreta criminal originaria de Sicilia, que impone su ley por la violencia. *La policía detuvo a un importante capo de la mafia*. Pejorativo. Organización que emplea métodos poco lícitos o no deja participar a otros en una actividad: *La venta de entradas para ese espectáculo está en manos de una mafia*.” (Tradução nossa).



contraposição, os cubanos significam como sendo os benfeitores, os bons sujeitos nesta história, inocentes por não poderem reagir a esta organização mafiosa.

Seguindo com a leitura da relação das denominações para capitalismo/ capitalistas, encontramos, em paráfrase com *máfia*, as denominações *adversário*, *inimigo*, *inimigo insolente*. São vocábulos que se referem à guerra, que significam o embate socialismo X capitalismo e que aparecem em um cenário de constante *batalha* que parece construir-se nos pronunciamentos.

**SD 23:** A *luta* deve ser implacável, contra nossas próprias deficiências e contra o **inimigo** insolente que tenta apoderar-se de Cuba.<sup>60</sup> (Pronunciamento 05, *La llama eterna*, *Granma Internacional*, 31 de julho de 2007. Grifos nossos).

**SD24:** Este ponto me obriga a insistir em algo que não pode jamais ser esquecido pelos **dirigentes da revolução**: é **dever sagrado** reforçar **sem trégua** nossa capacidade e preparação **defensiva**, preservando o princípio de cobrar aos **invasores** em qualquer circunstância um preço impagável.<sup>61</sup> (Pronunciamento 05, *La llama eterna*, *Granma Internacional*, 31 de julho de 2007. Grifos nossos).

**SD 57:** Preparar-se sempre para a pior das variantes. Ser tão prudentes no sucesso como firmes na adversidade é um princípio que não se pode esquecer. O **adversário** a **derrotar** é sumamente forte, mas o mantivemos a distância durante meio século.<sup>62</sup> (Pronunciamento 09, *Mensaje del Comandante en Jefe*, *Granma Internacional*, 18 de fevereiro de 2008. Grifos nossos).

O capitalista, além de significado como mafioso, é representado como *adversário*, um *inimigo sumamente forte* num cenário de constante guerra revolucionária. Estas são as denominações e as construções que giram em torno dos protagonistas do discurso. O capitalismo é sempre um *inimigo* a ser combatido *sem trégua*. O trabalho feito pelos ditos *dirigentes da revolução* é *sagrado*, da ordem do divino. O *adversário* mafioso aparece como um *inimigo* da paz cubana.

Conforme já colocado, a denominação resulta de um processo ideológico que se constitui pelo encontro entre a memória e o esquecimento. Falada e retomada nos pronunciamentos de Fidel, a memória sobre a revolução constitui o dizer e apaga os sentidos contrários a ela, no próprio gesto de denominar. Nestas condições de produção do discurso,

<sup>60</sup> “La lucha debe ser implacable, contra nuestras propias deficiencias y contra el enemigo insolente que intenta apoderarse de Cuba”. (Tradução nossa).

<sup>61</sup> “Este punto me obliga a insistir en algo que no puede jamás ser olvidado por los dirigentes de la revolución: es deber sagrado reforzar sin tregua nuestra capacidad y preparación defensiva, preservando el principio de cobrar a los invasores en cualquier circunstancia un precio impagable.” (Tradução nossa).

<sup>62</sup> “Prepararse siempre para la peor de las variantes. Ser tan prudentes en el éxito como firmes en la adversidad es un principio que no puede olvidarse. El adversario a derrotar es sumamente fuerte, pero lo hemos mantenido a raya durante medio siglo.” (Tradução nossa).

alcança-se pelas denominações para capitalismo/ capitalistas uma imagem de corrupção, de uma rede de malfeitores contra o processo revolucionário libertador e *sagrado*.

Podemos concluir, pela análise das denominações referentes a estes grupos e a construção do processo discursivo, que parece haver a necessidade de lutar contra os inimigos e seus *planos terroristas anti-cubanos* <sup>63</sup>. Estas relações sempre retomam a revolução, fazendo ressoar o sócio-histórico e ideológico que constituem a memória social cubana, tal como proposto no capítulo 2.

#### 4.1.d A deserção

Seguindo com nossos quadros de denominações, elencamos abaixo os recortes encontrados referentes à deserção/ ato de desertar:

DENOMINAÇÃO	SEQÜÊNCIA DISCURSIVA	PRONUNCIAMENTO / DATA / SD
roubo de talentos <sup>64</sup>	Qual foi o pior problema dos países pobres do ponto de vista tecnológico e econômico? O roubo de cérebros. Qual do ponto de vista patriótico e educativo? O <b>roubo de talentos</b> .	Pronunciamento 04 27 de julho de 2007 SD 13
roubo de cérebros	Qual foi o pior problema dos países pobres do ponto de vista tecnológico e econômico? O <b>roubo de cérebros</b> . Qual do ponto de vista patriótico e educativo? O roubo de talentos.	Pronunciamento 04 27 de julho de 2007 SD 13
roubo desavergonhado de cérebros	É óbvia a preocupação que sempre teve a Revolução cubana pela educação do povo. Julgando minha própria experiência, cheguei rapidamente à idéia de que unicamente a consciência podia prevalecer sobre os instintos que nos regem. Os avanços tecnológicos falam hoje da possibilidade de manipular as funções das células do cérebro humano. Para que servirá tudo isso em um mundo onde impera o valor comercial dos bens e serviço? Que autoridade o determinará? Por essa via e através do <b>roubo desavergonhado de cérebros</b> , fenômeno em que temos que insistir com teimosia, poderiam destroçar o que mais vale do ser humano, que é sua educação através da consciência.	Pronunciamento 06 03 de agosto de 2007 SD 26

<sup>63</sup> “Planes terroristas anticubanos” (Pronunciamento 05, *La llama eterna*, *Granma Internacional*, 31 de julho de 2007) (Tradução nossa).

<sup>64</sup> Denominações recortadas das seqüências discursivas originais: robo de talentos; robo de cerebros; robo desavergonzado de cerebros; traición; traición por dinero; golpe; golpe bajo; fechoría cometida contra el país; felonía; mordidas de las pirañas; bochornoso negocio; grotesco negocio; compraventa de atletas; compraventa de los boxeadores; inmigración; maniobra de engaño; Desleal competencia; insólita aventura; doloroso episódio; consumismo; explotación colonial, semicolonial y capitalista. (Grifos nossos).

traição	Enquanto isso, em Cuba os mercenários e vende-pátrias ao serviço do império puxam os cabelos e se descabelam em defesa dos direitos de <b>traição</b> e impunidade.	Pronunciamento 12, 20 de junho de 2008 SD 47
traição por dinheiro	A <b>traição por dinheiro</b> é uma das armas prediletas dos Estados Unidos para destruir a resistência de Cuba.	Pronunciamento 03 23 de julho de 2007 SD 07
golpe	Domingo passado, 22 de julho, por volta de meio-dia, foi recebida a triste notícia de que dois dos mais destacados atletas do boxe, Guillermo Rigondeaux Ortiz e Erislandy Lara Santoya, não se apresentaram à pesagem. Simplesmente os nocautearam com um <b>golpe</b> direto no queixo, dado com notas norte-americanas. Não fez falta nenhuma contagem de proteção.	Pronunciamento 03 23 de julho de 2007 SD 10
golpe baixo	Havia que golpeá-la, e não somente compraram a dois dos atletas que tinham o ouro assegurado, mas também golpearam a excelente moral dos demais atletas que continuaram defendendo com valor suas medalhas de ouro. O <b>golpe baixo</b> influenciou até nos juízes.	Pronunciamento 04 27 de julho de 2007 SD 19
malfeitoria cometida contra o país	Vejam como se orgulham da <b>malfeitoria cometida contra o país</b> .	Pronunciamento 04 27 de julho de 2007 SD 18
felonia	O outro escrevia em <i>Juventude Rebelde</i> do mesmo tema. Este havia saído várias vezes, porém esperava o Clássico para realizar sua <b>felonia</b> . Estava constantemente junto à equipe. Era grudento. Duas horas antes da partida em direção ao aeroporto para regressar, desapareceu.	Pronunciamento 16 20 de março de 2009 SD 53
mordidas das piranhas	Cuba, cujos resultados e esforços no esporte amador ninguém pode negar, sofre mais que qualquer outro país as <b>mordidas das piranhas</b> . Veja-se como se comportam os tarifadores frente à denúncia cubana. Quando falei da máfia alemã e os milhões de dólares que dispunha para subornar atletas cubanos, de imediato se sentiram aludidos e declararam: “não, não, nós não somos nenhuma máfia.	Pronunciamento 04 27 de julho de 2007 SD 15
negócio vexatório	Contaram em detalhe como funciona o <b>negócio vexatório</b> da compra-venda dos boxeadores. Suas palavras, aspeadas, foram as seguintes na ordem que chegaram a minhas mãos.	Pronunciamento 04 27 de julho de 2007 SD 17
negócio grotesco	A notícia de que os boxeadores se encontravam na Turquia enquanto lhes administravam a imigração foi evidentemente lançada pela máfia como manobra de engano. Até um membro do parlamento alemão tratou rebater <i>home run</i> com a bola de pano. A empresa que havia investido mais de dois milhões de dólares no <b>negócio grotesco</b> falava dos “direitos humanos” dos familiares dos atletas. Que dirão as Nações Unidas desta competição desleal?	Pronunciamento 07 04 de agosto de 2007 SD 30
compra-venda de atletas	Contaram em detalhe como funciona o <b>negócio vexatório</b> da compra-venda dos boxeadores. Suas palavras, aspeadas, foram as seguintes na ordem que chegaram a minhas mãos.	Pronunciamento 04 27 de julho de 2007 SD 17
compra-venda dos boxeadores	Contaram em detalhe como funciona o negócio vexatório da <b>compra-venda</b> dos boxeadores. Suas palavras, aspeadas, foram as seguintes na ordem que chegaram a minhas mãos.	Pronunciamento 04 27 de julho de 2007 SD 17
manobra de engano	A notícia de que os boxeadores se encontravam na Turquia enquanto lhes administravam a imigração foi	Pronunciamento 07 04 de agosto de 2007

	evidentemente lançada pela máfia como <b>manobra de engano</b> . Até um membro do parlamento alemão tratou rebater <i>home run</i> com a bola de pano. A empresa que havia investido mais de dois milhões de dólares no negócio grotesco falava dos “direitos humanos” dos familiares dos atletas. Que dirão as Nações Unidas desta competição desleal?	SD 30
imigração	A notícia de que os boxeadores se encontravam na Turquia enquanto lhes administravam a <b>imigração</b> foi evidentemente lançada pela máfia como manobra de engano. Até um membro do parlamento alemão tratou rebater <i>home run</i> com a bola de pano. A empresa que havia investido mais de dois milhões de dólares no negócio grotesco falava dos “direitos humanos” dos familiares dos atletas. Que dirão as Nações Unidas desta competição desleal?	Pronunciamento 07 04 de agosto de 2007 SD 30
competição desleal	A notícia de que os boxeadores se encontravam na Turquia enquanto lhes administravam a imigração foi evidentemente lançada pela máfia como manobra de engano. Até um membro do parlamento alemão tratou rebater <i>home run</i> com a bola de pano. A empresa que havia investido mais de dois milhões de dólares no negócio grotesco falava dos “direitos humanos” dos familiares dos atletas. Que dirão as Nações Unidas desta <b>competição desleal</b> ?	Pronunciamento 07 04 de agosto de 2007 SD 30
Insólita aventura	Julita Osendi, repórter de televisão e bem informada sobre os Jogos Pan-Americanos do Rio, solicitou visitá-los e se esforçou para persuadi-los de que conversassem com toda franqueza. Foram mais abertos e lhe contaram alguns detalhes adicionais sobre sua <b>insólita aventura</b> , mas o resultado final foi igual.	Pronunciamento 08 07 de agosto de 2007 SD 33
doloroso episódio	Era indispensável, por justiça elementar, escutá-los, conhecer o grau de arrependimento que alegavam ao ver-se envolvidos em tão <b>doloroso episódio</b> .	Pronunciamento 08 07 de agosto de 2007 SD 36
exploração colonial, semicolonial e capitalista <sup>65</sup>	Isto se torna ainda mais evidente quando coincide com a brutal medida europeia de expulsar aos imigrantes não autorizados procedentes dos países latino-americanos, em alguns dos quais a população em sua maioria é de origem europeia. Os imigrantes são ademais fruto da <b>exploração colonial, semicolonial e capitalista</b> .	Pronunciamento 12 20 de junho de 2008 SD 45

**Quadro 6 – Quadro das denominações para a deserção**

Designar é significar. Não resulta de um processo natural dar nomes às coisas. Denominar a deserção faz parte do processo de construção discursiva dos sentidos. Em Análise de Discurso, designar é colocar em jogo os processos lingüísticos em sua relação com a exterioridade. Em outras palavras, “a referencialidade do ponto de vista discursivo é uma operação de base lingüística que envolve mecanismos de substituição, construção de sinônimos e paráfrases determinados pelo interdiscurso.” (MARIANI, 1988, p. 118) Por estes processos constituem-se os sentidos na história. E no discurso socialista cubano

<sup>65</sup> Tradução nossa.

contemporâneo, a produção das imagens para o referente ‘deserção’ funciona, da mesma maneira, por sua inscrição na história.

Dito isto, podemos continuar nossa análise acerca das denominações e paráfrases para a deserção. Os sentidos para o ato de desertar se entrelaçam com os sentidos postos para capitalismo/ capitalistas. Estabelece-se intradiscursivamente uma relação que aparece como natural nos pronunciamentos de Fidel Castro, que pelo processo de denominação estabilizam os sentidos no discurso.

A deserção, nas condições de produção do discurso socialista cubano contemporâneo, significa em uma mesma direção. A deserção é sempre posta como da ordem do desleal, do roubo, da manipulação. Pelo processo parafrástico aparecem construções como *negócio vexatório*, *negócio grotesco* e *traição por dinheiro*. Estas definições para a deserção constroem seu sentido na história, relacionando este ato à própria configuração do capitalismo como política do acúmulo de bens, do lucro pelas relações comerciais exploratórias. Relações que são materializadas lingüisticamente nos textos de Fidel Castro, como por exemplo, pela construção de deserção como *exploração colonial*, *semicolonial* e *capitalista*. Conclui-se, deste modo, que as designações funcionam numa relação contínua com o sócio-histórico, pois é possível dizer de diferentes maneiras, direcionando a um só sentido. As construções que estabelecem as relações comerciais para a deserção não param por aí, têm-se, nas palavras de Fidel Castro, que a deserção é, por sua relação com o comércio capitalista, *negócio*, *compra-venda* de pessoas. Ou ainda, por parte dos desertores: *golpe*, *traição*, *consumismo*. As relações entre os desertores e o capitalismo são sempre comerciais e funcionam, nesta formação discursiva, pelo apagamento dos problemas existentes no próprio sistema socialista. Não há a possibilidade de significar diferente. Não aparece neste discurso a falha do sistema de governo socialista. A culpa é ora do sujeito por sua necessidade consumista, por sua falta de amor à pátria materializada em uma traição à bandeira, através de um *golpe baixo*, ora do capitalista mafioso que rouba os talentos cubanos, geralmente utilizando métodos *ilícitos*. Se a deserção aparece como ocorrendo por culpa do sujeito, constrói-se, discursivamente, a imagem de um sujeito culpado por suas ações, o sujeito compatível com a forma-sujeito da lei, ou seja, o sujeito do jurídico, que é responsável e ao mesmo tempo submisso. Apaga-se, desta forma, pelo processo ideológico-discursivo, que pode haver uma falha no sistema socialista que leva o sujeito a identificar-se com outra formação discursiva. Destarte, no funcionamento do discurso socialista cubano contemporâneo, apagam-se outras possíveis motivações para a deserção. Apenas apresenta-se como causa o desejo do sujeito em acumular

capital, como se este não compartilhasse dos ideais da revolução por ser um **mau-sujeito**. (PÊCHEUX, 1988 [1975])<sup>66</sup>

Com base nestas considerações, verifica-se que, no discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção, não há espaço para que se instaurem outros sentidos. Os pronunciamentos materializam a estabilização do dizer, configurando-se, desta forma, como um **discurso autoritário**. (ORLANDI, 1983) De acordo com as colocações sobre as tipologias do discurso formuladas por Orlandi (1983), o discurso autoritário funciona pela estabilização dos sentidos através do processo parafrástico. Deste modo, neste tipo de discurso, parece não haver lugar para a polissemia, para o deslizamento dos sentidos. No discurso em análise, depreende-se esta relação com a paráfrase que tende a “conter” os sentidos para deserção, funcionando como responsável pelo direcionamento de sentidos em torno deste referente. A deserção é sempre significada negativamente, é sempre um ato de *traição* ao sistema socialista e, ainda, podemos salientar que, por sua configuração discursiva, funciona como um *golpe*, medida desonesta por parte daqueles que a praticam.

Há que se considerar também, como discutimos brevemente no capítulo 3, que este movimento de deserção pode ser, em termos discursivos, como aponta Pêcheux (1988 [1975]), uma modalidade de subjetivação. Como dissemos anteriormente, na seção 5 do capítulo 3, em sua obra *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (PÊCHEUX, 1988 [1975]), o autor distingue três “modalidades discursivas do funcionamento subjetivo”: a identificação, a contra-identificação e a desidentificação.

Estas modalidades fazem parte do funcionamento do sujeito com relação à formação discursiva dominante. Em um primeiro momento, o autor apresenta as duas primeiras modalidades como forma de funcionamento da subjetivação. Courtine (2009 [1981]), por sua vez, em sua obra *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*, afirma que em uma formação discursiva funciona o que denomina como a **forma-sujeito universal**. Esta forma-sujeito constitui-se na forma ideal de identificação do sujeito com os saberes de uma formação discursiva. Nos termos de Pêcheux (1988 [1975]), a completa identificação deste sujeito com a ideologia dominante, através dos saberes da formação discursiva, estabelece-se como sendo a identificação. Neste sentido, o sujeito identificado é aquele que se identifica completamente com o sujeito universal da formação discursiva. Na sociedade cubana, podemos verificar esta forma de funcionamento da

---

<sup>66</sup> O conceito de mau-sujeito aparece, nas primeiras colocações de Pêcheux (1988 [1975]), com relação ao sujeito que se contra-identifica com a formação discursiva dominante. Voltaremos a isto na continuação de nossa exposição.

modalidade de subjetivação pela existência de cubanos que vivem sob a égide do socialismo e se identificam com este sistema de governo, sem contrapor-se. Seriam estes os também ditos **bons-sujeitos**, conforme propõe Pêcheux (1988 [1975]).

Por outro lado, como se afirma em AD, as fronteiras das formações discursivas são porosas e estão em constante embate com as demais que constituem o complexo com dominante das formações discursivas. (PÊCHEUX, 1988 [1975]). Esta constante batalha que se trava no interior de uma formação ideológica possibilita, pelo funcionamento do interdiscurso, que sujeitos inscritos em determinada formação discursiva – no caso de Cuba, a dominante é a socialista – identifiquem-se com saberes provenientes de outra formação discursiva, ou seja, “o efeito daquilo que definimos como o interdiscurso continua a determinar a identificação ou a contra-identificação do sujeito com uma formação discursiva, na qual a evidência do sentido lhe é fornecida, para que ele se ligue a ela ou a rejeite.” (PÊCHEUX, 1988 [1975], p. 216) O movimento de rejeição a uma formação discursiva, de acordo com o postulado por este autor, resulta na contra-identificação, que funciona, então, pelas relações interdiscursivas, o discurso do outro ou o já-dito colocado também pela memória do dizer.

Ressaltamos que, nesta modalidade, o sujeito não rompe com os saberes da formação discursiva dominante, mas os sentidos de outras formações discursivas os invadem, fazendo-os significar e significar-se diferente.

Na sociedade cubana atual, esta modalidade de subjetivação é constante, havendo aqueles que não estão de acordo com o sistema, mas que mesmo nestas condições não se afastam dos saberes da formação discursiva dominante. O sujeito pode não estar plenamente identificado com os saberes desta formação discursiva, contudo ele não se opõe ao sistema e continua sob sua lei. Para concluir, com relação ao discursivo, estes sujeitos inscrevem seus dizeres na formação discursiva socialista, aliando também seu dizer às formações discursivas co-existent.

Como para significar é preciso que já haja sentido, ao enunciar, o sujeito inscreve seu dizer em redes de formulações possíveis e identifica-se com uma formação discursiva, processo que aparece como natural para o sujeito e se apaga pela evidência de origem posta no esquecimento número 1, o sujeito “acredita-se” na origem do dizer.

Estamos considerando que existe uma rede de formulações possíveis em que se inscreve o discurso socialista cubano, tendo-se assim a formação discursiva socialista cubana contemporânea. Podemos, então, seguir com nossa análise e pensar que o sujeito que inscreve seu dizer nesta formação discursiva está identificado com os seus saberes. (Pêcheux, 1988

[1975]) Sabendo que a formação discursiva “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos, que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente” (INDURSKY, 2008, p. 2), funcionando como modo de regulação do que pode e o deve ser dito (PÊCHEUX, 1988 [1975], p.160) e pensando no sistema socialista cubano e nos cidadãos cubanos, podemos relacionar os discursos também às práticas sociais, concluindo, provisoriamente, que o sujeito que vive sob os domínios deste sistema está identificado com os saberes da formação ideológica na qual se inscreve. Assim como parece podermos entender que aqueles que desertam estariam desidentificados com relação a estes saberes, chegando a mudar sua forma de inscrição.

Não pretendemos analisar estes dois primeiros grupos, pois, como dito anteriormente, não temos acesso a *corpora* que possibilitem este trabalho. Entretanto, sabemos fazerem parte do sistema estes sujeitos pela leitura de outros textos que compõem o *corpus* complexo desta análise. Quisemos apenas diferenciar os três tipos de relação com a formação discursiva socialista cubana contemporânea, conforme os escritos de Pêcheux (1988 [1975]) sobre este tema, identificando a sua existência na configuração do discurso socialista cubano na atualidade.

Seguimos então para a terceira modalidade de subjetivação, apontada pelo autor, a desidentificação. Pela continuidade desta reflexão, podemos pensar o cidadão cubano desertor como aquele que se desidentifica da formação ideológica socialista. O sujeito desidentificado não “acredita” nos sentidos evidentes da FD dominante e inscreve seu dizer em outra FD. Este processo de subjetivação não pára, o sujeito não “sai” da ideologia e estanca o processo de interpelação. Em conformidade com o exposto por Althusser (2003 [1971]), o sujeito é sempre já-sujeito, num processo contínuo de subjetivação. Desidentificar-se, neste sentido, é identificar-se imediatamente/ simultaneamente com outra formação discursiva. Esta identificação pode ocorrer na mesma formação ideológica, através de outra formação discursiva, ou por uma ruptura com a ideologia dominante. Para nós, a deserção inscreve-se como a modalidade de subjetivação que rompe com a ideologia dominante em Cuba, a socialista.

Articulando estas colocações a nossas primeiras questões, apaga-se no discurso – incluindo o discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção – o funcionamento do processo de interpelação ideológica que constitui o dizer. Parece natural identificar-se, em Cuba, com a FD dominante, apresentando-se como deslealdade, *malfeitoria* ou *traição* todo o movimento contrário à ideologia dominante. São as marcas da história fazendo funcionar o discurso.



## 4.1.e Os desertores

Na subseção anterior já introduzimos a discussão sobre as construções denominativas para os cidadãos cubanos desertores, em sua relação com o ato de desertar. Contudo, acreditamos haver outras questões sobre as quais podemos refletir, baseados nas denominações para estes cidadãos. Buscaremos elaborar uma análise que considere nossas colocações anteriores e, ir além, formulando novos questionamentos sobre nosso objeto de estudo. Como procedimento regular, segue o quadro das denominações para desertor.

DENOMINAÇÃO	SEQÜÊNCIA DISCURSIVA	PRONUNCIAMENTO / DATA
bons treinadores ou técnicos <sup>67</sup>	Depois de tudo, Cuba dispõe de milhares de <b>bons treinadores</b> ou <b>técnicos</b> que costumam trabalhar no exterior com atletas que não poucas vezes ganham medalhas de ouro competindo contra os nossos. Algo mais: existe uma Escola Internacional de Professores de Educação Física e Esportes onde cursam estudos superiores mais de 1.300 jovens do Terceiro Mundo. Faz uns dias se graduaram 247. Não cultivamos o chauvinismo nem o espírito de superioridade. Apoiamo-nos na ciência e nos conhecimentos, sobre essas bases lutamos para criar os valores éticos de uma mente sã em um corpo sã.	Pronunciamento 03 23 de julho de 2007 SD 61
atletas cubanos	Cuba, cujos resultados e esforços no esporte amador ninguém pode negar, sofre mais que qualquer outro país as mordidas das piranhas. Veja-se como se comportam os tarifadores frente à denúncia cubana. Quando falei da máfia alemã e os milhões de dólares que dispunha para subornar <b>atletas cubanos</b> , de imediato se sentiram aludidos e declararam: “não, não, nós não somos nenhuma máfia.	Pronunciamento 04 27 de julho de 2007 SD 15
atletas mercenários	Não existe justificativa alguma para solicitar asilo político. Se não é o Brasil seu mercado definitivo, pouco lhes importa. Há países ricos do primeiro mundo que pagam muito mais. As autoridades brasileiras declararam que os que desertem deverão provar a necessidade real de asilo. É impossível demonstrar o contrário. De antemão se conhece seu destino final como <b>atletas mercenários</b> em uma sociedade de consumo. Acho que ofenderam o Brasil, utilizando os Pan-Americanos como pretexto para autopromover-se. De todas as formas, consideramos úteis as declarações de suas autoridades.	Pronunciamento 03 23 de julho de 2007 SD 12
mercenários	Enquanto isso, em Cuba os <b>mercenários</b> e vende-	Pronunciamento 12

<sup>67</sup> Denominações recortadas das seqüências discursivas originais: buenos entrenadores o técnicos; atletas cubanos; atletas mercenarios; mercenarios; atleta que abandona su delegación; destacados atletas del boxeo; boxeadores; boxeadores que desertaron; buen atacante del equipo cubano de balonmano; licenciado en Educación Física y Deportes; ciudadanos; soldado que abandona a sus compañeros; vendepatrias a servicio del imperio; sujetos simuladores y repugnantes; débiles de conciencia que se dejan sobornar; pobres diablos.

	pátrias ao serviço do império puxam os cabelos e se descabelam em defesa dos direitos de traição e impunidade.	20 de junho de 2008 SD 47
atleta que abandona sua delegação	O <b>atleta que abandona sua delegação</b> é como o soldado que abandona seus companheiros no meio do combate. Cuba dispõe de muitos bons desportistas, mas não roubaram ninguém. O povo desfruta de suas maravilhosas atuações. É já parte de sua cultura, seu bem-estar e sua riqueza espiritual.	Pronunciamento 08 07 de agosto de 2007 SD 35
destacados atletas do boxe	Domingo passado, 22 de julho, por volta de meio-dia, foi recebida a triste notícia de que dois dos mais <b>destacados atletas do boxe</b> , Guillermo Rigondeaux Ortiz e Erislandy Lara Santoya, não se apresentaram à pesagem. Simplesmente os nocautearam com um golpe direto no queixo, dado com notas norte-americanas. Não fez falta nenhuma contagem de proteção.	Pronunciamento 03 23 de julho de 2007 SD 10
boxeadores	Contaram em detalhe como funciona o negócio vexatório da compra-venda dos <b>boxeadores</b> . Suas palavras, aspeadas, foram as seguintes na ordem que chegaram a minhas mãos.	Pronunciamento 04 27 de julho de 2007 SD 17
boxeadores que desertaram	A notícia ademais não é desalentadora. As TVs a cabo anunciaram que os dois <b>boxeadores que desertaram</b> no Rio de Janeiro haviam sido localizados e detidos pelas autoridades em uma praia próxima a esta cidade. Recordem que foram dados como desaparecidos. Careciam de documentação.	Pronunciamento 07 04 de agosto de 2007 SD 28
bom atacante da equipe cubana de handebol	Pouco depois apareceu um <b>bom atacante da equipe cubana do handebol</b> vestido com o uniforme de uma equipe profissional de São Paulo.	Pronunciamento 03 23 de julho de 2007 SD 06
licenciado em Educação Física y Deportes	O atleta realizava estudos superiores: seria graduado como <b>Licenciado em Educação Física e Desportes</b> , um trabalho digno. Seus ingressos são modestos, mas sua preparação profissional é altamente apreciada; seja qual for o esporte e sua especialidade, o mesmo se atraem muito público e publicidade comercial, ou não atraem nenhum, são úteis para o desenvolvimento humano.	Pronunciamento 03 23 de julho de 2007 SD 08
cidadãos	Aqui é onde o esporte e a política se misturam, em busca de soluções corretas e de princípios, superando desejos e amarguras. A estes <b>cidadãos</b> não os esperam prisões de nenhum tipo nem muito menos métodos como os que usa o Governo dos Estados Unidos em Abu Ghraib e Guantânamo, jamais utilizados em nosso país. Eles serão transferidos provisoriamente a uma casa de visita e lhes proporcionaremos o acesso de seus familiares. A imprensa também poderá contatá-los se eles o desejarem fazer. Oferecer-lhes-emos tarefas decorosas e a favor do esporte de acordo com seus conhecimentos e experiência.	Pronunciamento 07 04 de agosto de 2007 SD 60
soldado que abandona seus companheiros	O atleta que abandona sua delegação é como o <b>soldado que abandona seus companheiros</b> no meio do combate. Cuba dispõe de muitos bons desportistas, mas não roubaram ninguém. O povo desfruta de suas maravilhosas atuações. É já parte de sua cultura, seu bem-estar e sua riqueza espiritual.	Pronunciamento 08 07 de agosto de 2007 SD 35
vende-pátrias a serviço do império	Enquanto isso, em Cuba os mercenários e <b>vende-pátrias a serviço do império</b> puxam os cabelos e se	Pronunciamento 12 20 de junho de 2008

	descabelam em defesa dos direitos de traição e impunidade.	SD 47
sujeitos simuladores e repugnantes	Que <b>sujeitos simuladores e repugnantes</b> os que incubam a ideologia capitalista!	Pronunciamento 16 20 de março de 2009 SD 54
débeis de consciência que se deixam subornar	Falei da tecnologia e disciplina introduzidas no beisebol por Japão, dos esforços que realiza uma nação com não menos de 10,4 vezes a população de Cuba, onde ademais havia que descontar aos “ <b>débeis de consciência</b> ” que se deixam subornar por nossos inimigos.	Pronunciamento 16 20 de março de 2009 SD 51
pobres diabos <sup>68</sup>	Dos 73 que voaram para o México e San Diego, dois <b>pobres diabos</b> não regressaram.	Pronunciamento 16 20 de março de 2009 SD 52

**Quadro 7 – Quadro das denominações para os desertores**

A partir da leitura de nosso *corpus* verificamos a produção de pelo menos duas redes de sentidos para “cubano desertor” nos pronunciamentos de Fidel Castro. Pelas paráfrases construídas para o cubano que abandonou o país aparecem diferentes formas de dizer que ora confluem para um sentido, ora deslizam pelos processos polissêmicos. Se tomarmos os recortes acima listados, podemos perceber que da mesma forma que aparece a construção discursiva *atleta cubano*, que apenas localizaria o atleta proveniente de tal país, aparecem também as formas *atletas mercenários* e *atleta que abandona sua delegação*. Para melhor explicitar esta construção no discurso, poderíamos dividir as denominações de acordo com o quadro abaixo:

FORMAÇÃO DISCURSIVA SOCIALISTA CUBANA

REDE DE SENTIDOS 1			REDE DE SENTIDOS 2
S1	S2	S3	S4
atletas; atletas cubanos; boxeadores; cidadãos;	destacados atletas de boxe; bom atacante da equipe cubana de handebol; talentos desportivos;	pobres diabos; cérebros roubados; talentos roubados; <sup>69</sup>	atletas mercenários; traidores; vende-pátrias a serviço do império; sujeitos simuladores e repugnantes; débeis de consciência que se deixam subornar; atleta que abandona sua delegação; soldado que abandona seus companheiros.

**Quadro 8 – Quadro das redes parafrásticas para os desertores**

<sup>68</sup> Tradução nossa.

<sup>69</sup> Ainda que não tenhamos encontrado as construções “talentos roubados”, “cérebros roubados” “atleta não-desertor” e “atleta herói”, chegamos a estas formulações pela leitura de nossas seqüências, tal como as que aparecem a seguir: “Qual foi o pior problema dos países pobres do ponto de vista tecnológico e econômico? **O roubo de cérebros**. Qual do ponto de vista patriótico e educativo? **O roubo de talentos**. (Pronunciamento 04, *La repugnante compraventa de atletas*, TV Camaguey, 27 de julho de 2007. Grifos nossos). E “acabamos de ganhar a terceira medalha de ouro do dia com um atleta lesionado. Foi **heróico**.” (Pronunciamento 02, *Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos*, TV Camaguey, 17 de julho de 2007. Grifos nossos). (Tradução nossa).

Pelo quadro construído, verifica-se que aparecem duas grandes redes de sentidos para os desertores.

A primeira subdivide-se em três outros modos de significar o desertor: no primeiro grupo, o desertor é um *atleta cubano*, um *boxeador* ou simplesmente *cidadãos*, designações que não os qualificam com relação à sua índole, por exemplo; no segundo, exaltam-se suas qualidades, pois os atletas desertores são significados como *destacados atletas do boxe* e *bons atacantes da equipe cubana de handebol*; no terceiro e último grupo desta primeira rede de sentidos, o cubano desertor é significado como um *pobre diabo*, um *talento roubado*, que não tem culpa por sua deserção, é inocente.

A segunda rede parafrástica constitui-se em oposição à primeira e, pelos sentidos aí postos, os cubanos que desertam são *sujeitos simuladores e repugnantes*, *traidores da pátria*, *vendem a pátria a serviço do império*, são corruptos.

Ainda pensando na paráfrase, podemos imaginar outras possibilidades de dizer, mantendo a configuração destas duas grandes redes de sentidos. Lembramos que a paráfrase é um processo discursivo pelo qual se pode perceber o jogo do simbólico na história. E por este jogo, podemos incluir neste grupo os *atletas não-mercenários* e os *atletas que não abandonam sua delegação*. Estas construções apontam para o funcionamento discursivo de dois tipos de atletas, os quais poderíamos separar, baseados nas denominações recortadas ou em outras imaginadas que poderiam haver sido ditas. Pelo funcionamento parafrástico, é possível relacionar as construções discursivas existentes a outras, tais como *atleta desertor*, *atleta traidor*, *atleta mercenário* e, em contraposição, *atleta não-desertor*, *atleta amante da pátria*, *atleta herói*. As duas redes de sentidos formadas em torno de *atleta cubano*, considerando o que foi posto na subseção anterior, funcionam, imaginariamente, para a sociedade cubana, significando os cubanos desertores como “bons cidadãos” e “maus cidadãos”.<sup>70</sup>

Para os bons cidadãos, atletas que não desertam, circulam vocábulos como *heróico*, *perfeito*, *força*, *digno*, *mérito* etc. como demonstram as seqüências discursivas abaixo.

---

<sup>70</sup> Conforme apresentamos na subseção anterior, existem três modalidades de subjetivação discursiva: a identificação, a contra-identificação e a desidentificação. As formas “bom-cidadão” e “mau cidadão” remetem aos conceitos “**bom-sujeito**” e “**mau-sujeito**”. (Pêcheux, 1988 [1975]). Estas foram as primeiras formulações feitas por Pêcheux para falar da relação entre o modo do sujeito relacionar-se com a formação discursiva dominante. Trabalharemos aqui as duas divisões propostas “bom cidadão” e “mau cidadão”, considerando-os em sua relação à “bom-sujeito” e “mau-sujeito”, reconhecendo as limitações teóricas, apontadas por Indursky (2008), e remetendo-os às três modalidades de subjetivação, por entender que, para o discurso socialista cubano contemporâneo, as denominações para os atletas cubanos funcionam pela dicotomia “bom-cidadão” para os identificados e “mau-cidadão” para os desidentificados.

**SD 59:** Junto aos senhores vivi as vicissitudes de tais partidas. Pode ser um jogo de voleibol feminino entre Cuba e Estados Unidos, em que as nossas fizeram tudo **perfeito**. Que **espantosas** nossas equipes de handebol feminina e masculina! Que **velocidade**, que **força!**<sup>71</sup> (Pronunciamento 02, *Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos*, TV Camaguey, 17 de julho de 2007. Grifos nossos).

**SD 55:** Esses casos servem para ressaltar **o mérito dos atletas da nossa equipe nacional, dispostos a dar sua vida pela Pátria.**<sup>72</sup> (Pronunciamento 16, *¡Gloria a los buenos!*, *Granma Internacional*, 20 de março de 2009. Grifos nossos).

Por outro lado, aqueles que vão contra o sujeito universal da formação discursiva socialista, os desertores, aparecem como os maus cidadãos da história. As formulações em torno deste “tipo de atleta” aparecem pela condensação de um substantivo negativizado ou mesmo pelas construções substantivo + adjetivo/ substantivo + orações adjetivas: *traidores*, *sujeitos simuladores e repugnantes*, *atleta que abandona sua delegação*, *soldado que abandona seus companheiros*, etc.

Como apontamos no *Quadro das redes parafásticas para os desertores*, constrói-se outra divisão no discurso socialista cubano sobre o desertor, aparecendo também como modo de referir-se aos atletas cubanos que desertam, o sujeito enunciador os coloca como sendo, ao mesmo tempo, *vende-pátrias a serviço do império e talentos roubados*, *débeis de consciência e pobres diabos*. Por estas denominações, como demonstramos, constroem-se para desertores duas redes de sentidos, referentes a dois tipos de deserção: a **deserção dolosa** e a **deserção culposa**.<sup>73</sup> Nestas condições, a deserção dolosa seria a deserção intencionada, funcionando como desejo do sujeito em “trocar” de sistema. Já a culposa seria aquela em que o sujeito não tem o desejo de ir, ele foi enganado, levado a errar, culpado pelo ato por ter participação não intencional.

Ressalte-se que não afirmamos existir estas tipologias de deserção. Apenas apontamos para o funcionamento do discurso socialista cubano contemporâneo a partir das denominações para deserção/ desertores.

Por este funcionamento discursivo, os cidadãos cubanos que praticaram a deserção dolosa são denominados como *traidores da pátria*, *mercenários*, *sujeitos simuladores e*

<sup>71</sup> “Junto a ustedes he vivido las vicisitudes de tales partidos. Puede ser un juego de voleibol femenino entre Cuba y Estados Unidos, en que las nuestras lo hicieron perfecto. ¡Qué asombrosos nuestros equipos de balonmano femenino y masculino! ¡Qué velocidad, qué fuerza!” (Tradução nossa).

<sup>72</sup> “Estos casos sirven para resaltar el mérito de los atletas de nuestro digno equipo nacional, dispuestos a dar su vida por la Patria”. (Tradução nossa).

<sup>73</sup> Aproveitamos os termos “doloso” e “culposo” do sistema jurídico por compreender que abarcariam os sentidos que depreendemos da análise sobre os tipos de deserção/ tipos de desertores.

*repugnantes*. São os maus cidadãos de Cuba, aqueles a quem o governo teria oferecido tudo para que fossem os melhores em suas áreas: eles são *licenciados em Educação Física e Desportes* e *destacados atletas do boxe*, mas ainda assim não estariam satisfeitos, pois não reconhecem o valor que tem representar Cuba.

Do outro lado, estão aqueles que praticaram a deserção culposa e são os *pobres diabos*, foram roubados, são inocentes no episódio. Pelo processo parafrástico estes significam como os *cérebros roubados*, são os *talentos roubados* pela máfia capitalista que parece tê-los levado à força, contra sua vontade.

Em uma primeira leitura de nosso *corpus*, chegamos a questionar a possibilidade da inscrição do sujeito enunciador em duas formações discursivas. Ou ainda a invasão dos dizeres pela presença do interdiscurso. Contudo, como afirmamos anteriormente, pelos sentidos postos para capitalismo e, principalmente, para a deserção<sup>74</sup>, parece-nos melhor pensar esta questão pelo viés da antecipação. A antecipação, como já dissemos anteriormente, é a capacidade que o sujeito tem de colocar-se no lugar do seu outro, pelo jogo das formações imaginárias. Neste caso, há a imagem que Fidel faz da deserção – IFC (D), bem como a imagem que faz do cubano desertor – IFC (CD), conforme apresentado no *Quadro 3 – Quadro das formações imaginárias das imagens dos interlocutores sobre os referentes*. Apresenta-se, também, pelo jogo das formações imaginárias do discurso, a imagem que o cidadão cubano faz do cubano desertor – ICC (CD). Para antecipar-se ao seu interlocutor, antecipar ao que acredita que o outro irá dizer/ quererá ouvir, o protagonista do discurso, neste caso Fidel Castro, faz a imagem do que acredita ser a deserção para o cidadão cubano – IFC (ICC (D)) e daquilo que acredita ser o desertor para o cidadão cubano – IFC (ICC (CD)) a partir de suposições.

Sob a perspectiva discursiva, este jogo das formações imaginárias funciona e, baseado neste jogo, o interlocutor pode tecer sua argumentação, pensando nas imagens que seu outro no discurso possa ter dos referentes: a deserção e o cubano desertor.

Desta forma, coloca-se em funcionamento, no discurso socialista cubano, o jogo de formações imaginárias sobre o desertor pela imagem que o locutor faz dos sentidos postos para o cidadão cubano sobre os desertores. No âmbito desta dissertação, e considerando os objetivos específicos propostos, não foi nossa finalidade tratar das imagens que os cidadãos

---

<sup>74</sup> Relembremos que, naquele momento de análise, afirmamos que o discurso socialista cubano contemporâneo, pelo trabalho das denominações, funciona como discurso autoritário. (ORLANDI, 1983). Por este motivo, parece-nos interessante notar que praticamente não há espaço para a polissemia e que a paráfrase sustenta um dizer que se repete, estabilizando sentidos na memória. Nestas condições, dizer que o cidadão foi roubado não parece polissemia por inscrição em outra formação discursiva, e sim o funcionamento do mecanismo de antecipação, fazendo valer o jogo das formações imaginárias.

cubanos fazem da deserção – ICC (D) – e dos desertores – ICC (CD) –, porém, vale pensarmos que deve haver, naquela sociedade, sujeitos que pensem na possibilidade de deserção por desidentificar-se com o sistema de governo. Há também, e isto é certo, cidadãos cubanos que têm relação com algum cidadão que já desertou ou deseja desertar. Sob esta perspectiva, se pensarmos no funcionamento do discurso socialista cubano, um discurso que, pelo que apontamos até o momento, parece prezar pela manutenção do sistema e por sua “boa imagem”, não é difícil supor que, antecipando-se, Fidel Castro formula o que irá dizer, cuidando para não atingir a estes cidadãos a quem também precisa convencer argumentando.<sup>75</sup>

Formulando ainda outra hipótese para o funcionamento do discurso pelo processo de denominação, ao dizer que o cidadão cubano foi roubado, Fidel isenta-o de culpa, apagando, com o mesmo movimento, a falha do sistema. Vemos aqui repetida esta característica do funcionamento do discurso socialista cubano contemporâneo, que, no discursivo, afirma-se com denominações que enaltecem o país e o sistema de governo por meio de adjetivações e construções que apontam para um nacionalismo ufanista, colocando no esquecimento os sentidos contrários à sua constituição, apagando a falha existente nos processos de subjetivação do cidadão cubano.

Neste funcionamento, entre a memória e o esquecimento, entre o que pode e deve dizer o sujeito, inscrevem-se os processos ideológico-discursivos. E assim, encontramos, relacionadas ao que foi dito antes, outras construções que apontam para o caráter solidário do governo socialista para com o desertor, tal como segue:

**SD 60:** Aqui é onde o esporte e a política se misturam, em busca de soluções corretas e de princípios, superando desejos e amarguras.

A estes cidadãos não os esperam prisões de nenhum tipo nem muito menos métodos como os que usam o Governo dos Estados Unidos em Abu Ghraib e Guantánamo, jamais utilizados em nosso país. Eles serão transferidos provisoriamente a uma casa de visita e lhes proporcionaremos o acesso de seus familiares. A imprensa também poderá contactá-los se eles o desejarem fazer.

**Oferecer-lhes-emos tarefas decorosas e a favor do esporte** de acordo com seus conhecimentos e experiência.<sup>76</sup> (Pronunciamento 07, *La política y el deporte*, TV Camaguey, 04 de agosto de 2007. Grifos nossos).

<sup>75</sup> Voltaremos a questão da antecipação como estratégia de argumentação ainda neste capítulo.

<sup>76</sup> “Aquí es donde el deporte y la política se mezclan, en busca de soluciones correctas y de principios, por encima de aficiones y amarguras. A estos ciudadanos no los esperan arrestos de ningún tipo ni mucho menos métodos como los que usa el Gobierno de Estados Unidos en Abu Ghraib e Guantánamo, jamás utilizados en nuestro país. Se les trasladará provisionalmente a una casa de visita y se les brindará acceso a sus familiares. La prensa también podrá contactarlos si ellos desean hacerlo. Les ofrecerán tareas decorosas y en favor del deporte de acuerdo con sus conocimientos y experiencia.” (Tradução nossa).

Observa-se, na seqüência acima transcrita, o que chamamos de solidariedade do governo e do seu governante. Conforme o exposto, o governo apresenta-se como bondoso com relação a estes maus cidadãos e, por sua generosidade, pode permitir que os desertores recebam visitas de familiares ou façam entrevistas. Estabelece-se também, no discurso, uma diferença fundamental com relação ao funcionamento do capitalismo. O sistema cubano oferece trabalho àqueles que retornam da deserção, o norte-americano, na mesma situação, os prenderia ou usaria outros “métodos” de repreensão.

Nesta subseção, articulamos o trabalho das denominações aos outros processos discursivos. Como verificamos, os sentidos postos para os cinco grupos formados – Cuba/ cubanos; governo de Cuba/ governante cubano; o capitalismo/ os capitalistas; a deserção; e os desertores – fazem funcionar no discurso socialista cubano as formações imaginárias, obedecendo assim aos processos ideológicos de subjetivação.

De acordo com o que apontamos e repetimos, designar é significar, fazer referência não é um processo natural de dar nomes às coisas. Pelo processo de denominação, estabilizam-se os sentidos na memória.

De acordo com Mariani,

Para referir-nos, construímos discursivamente expressões que funcionam como condensadores de um substantivo. Neste mesmo movimento de condensação, mostram-se **os sentidos estabilizados resultantes das relações de força existentes pelo embate das formações discursivas de um complexo com dominante.** (MARIANI, 1988, p. 118. Grifos nossos).

No imaginário socialista cubano, discursiviza-se esta luta de forças responsável pela produção e reprodução dos sentidos construídos nas denominações analisadas. Por este processo de estabilização, alcança-se uma imagem de generosidade, bondade, vitória, heroísmo, nacionalismo e compatriotismo para Cuba e os cubanos. Estes são os *protagonistas da revolução*, os *educados*, os *cultos* e os amantes da pátria. E como os sentidos estão sempre em relação, para seu opositor imaginário estabelecem-se outras denominações que giram em torno de designações como *máfia*, *traição*, *roubo*, *golpe*, *manobra de engano*. Estes são os negociadores. Trava-se, no imaginário socialista cubano contemporâneo, a batalha entre estes dois grandes grupos: o dos revolucionários e o dos negociadores. Aqueles pensam no *povo*, na *sociedade*, na *pátria*. Estes, no lucro, no *consumo*, na guerra.

Discursivamente, reforçam-se e repetem-se os sentidos sobre a revolução, com o uso de vocabulário de guerra e construções discursivas sobre a vitória e a resistência do sistema socialista na ilha. Pelo funcionamento do discurso autoritário, parece não haver espaço para



que outros sentidos se coloquem, há sempre uma tentativa de promover a hegemonia de certos sentidos. Desta forma, no discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção, a partir do lugar social de Comandante em Chefe do governo de Cuba, Fidel Castro parece enunciar com larga vantagem nesta batalha dos sentidos.

#### 4.2 A antecipação e as estratégias de argumentação nos pronunciamentos de Fidel Castro

Na primeira seção deste capítulo, trabalhamos as imagens construídas no discurso socialista cubano contemporâneo para os protagonistas do discurso e para os referentes, partindo dos pressupostos de Pêcheux (1990a [1969]) sobre as formações imaginárias. Elaboramos dois quadros, A e B, que demonstrariam o esquema de imagens que o sujeito faz de si mesmo, do outro e do seu referente no discurso. A partir destes quadros, buscamos, nos textos analisados, as marcas de denominação por entender que funcionam como representações imaginárias materializadas na língua. Para organizar os procedimentos de análise, dividimos as denominações em cinco grupos, considerando o funcionamento das imagens nos pronunciamentos selecionados. Pelas análises desenvolvidas, chegamos às marcas no discurso da oposição Bem X Mal para os sistemas de governo socialista e capitalista, respectivamente, além de verificar que pelo processo histórico de estabilização dos sentidos, no discurso socialista cubano contemporâneo, ressoa a memória sobre a revolução e trava-se uma constante luta ideológica pela manutenção do poder inscrita nos pronunciamentos.

Pretendemos agora dar um passo adiante para compreender, ainda pensando nas formações imaginárias do discurso, as estratégias de argumentação (PÊCHEUX, 1990a [1969]), principalmente as empreendidas pela antecipação que o enunciador faz dos seus interlocutores e dos referentes.

Como adiantamos na seção anterior, pela antecipação o enunciador projeta-se ao lugar do outro a fim de adiantar-se para convencê-lo. Nas palavras de Orlandi (2009, p. 39. Grifos nossos).

segundo o mecanismo de antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. **Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte.** Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor.

É por este mecanismo que o sujeito argumenta, acreditando poder antecipar-se aos sentidos que serão produzidos ao falar para determinado grupo, seja de seus supostos seguidores, os cubanos identificados, seja de seus supostos opositores, os cubanos desertores ou mesmo aqueles sujeitos inseridos no sistema capitalista de governo. Deste mecanismo de antecipação fazem parte as formações imaginárias, pois é somente pela suposição das representações que o sujeito pode antecipar-se, visto que não tem acesso às representações imaginárias do interlocutor. Ressaltemos, com Pêcheux (1990a [1969]), que esse mecanismo deriva de “processos discursivos anteriores”, ou seja, o protagonista do discurso toma como base do seu discurso o conhecimento sobre dizeres anteriores em condições de produção semelhantes.<sup>77</sup>

As diversas formações resultam, elas mesmas, de processos discursivos anteriores (provenientes de outras condições de produção) que deixaram de funcionar mas que deram nascimento a “tomadas de posição” implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo em foco. Por oposição à tese “fenomenológica” que colocaria a **apreensão perceptiva** do referente, do outro e de si mesmo como **condição pré-discursiva do discurso, supomos que a percepção é sempre atravessada pelo “já ouvido” e o “já-dito”, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas.** (PÊCHEUX, 1990a [1969], p. 95. Grifos nossos).

Retomando as reflexões de Pêcheux, o sujeito não se projeta ao acaso, ele embasa seu dizer em discursos anteriores, condições de produção conhecidas, em que já obteve “respostas” a seu dizer. Voltando-nos para nosso *corpus*, é possível verificar este mecanismo pelo qual o locutor antecipa-se ao que “sabe” sobre o povo cubano, sobre suas manifestações quanto a pronunciamentos anteriores ou mesmo pela imagem que faz sobre suas necessidades, vistas suas condições sócio-históricas.

Em todo processo discursivo há por parte do emissor uma antecipação das representações do receptor “sobre a qual se funda a estratégia do discurso” (PÊCHEUX, 1990a [1969], p. 84). De acordo com Orlandi (1998, p. 76-77. Grifos nossos),

sobre esta estratégia, sobre o mecanismo de antecipação repousa o funcionamento discursivo da argumentação. **Argumentar é prever, tomado pelo jogo de imagens.** Que se trate de transformar o ouvinte ou de identificar-se a ele, a antecipação joga a partir das diferentes instâncias dos processos discursivos.

---

<sup>77</sup> Isto não quer dizer que este processo seja controlado pelo sujeito, mas que faz parte da própria configuração do mecanismo de antecipação.

Para a Análise de Discurso a que nos filiamos, a estratégia de argumentação funda-se sobre as formações imaginárias que constituem o discurso. A argumentação, para esta teoria, é uma estratégia que começa fora do sujeito, não parte da intenção que este tem de convencer e não está no nível da formulação e sim da constituição dos sentidos. (ORLANDI, 1998) Isto significa dizer que “a argumentação é vista pelo analista de discurso a partir do processo histórico-discursivo em que as posições dos sujeitos são constituídas.” (ORLANDI, 1998, p. 78) Por conseguinte, as intenções do sujeito

são assim produtos de processos de significação aos quais o sujeito não tem acesso direto. As filiações ideológicas já estão definidas e o jogo da argumentação não toca as posições dos sujeitos, ao contrário, deriva desse jogo; o significa. Se a argumentação é conduzida pelas intenções do sujeito, este tem no entanto sua posição já constituída e produz seus argumentos sob o efeito da sua ilusão subjetiva afetada pela vontade da verdade, pelas evidências do sentido. Os próprios argumentos são produtos dos discursos vigentes, historicamente determinados. Eles também derivam das relações entre discursos e têm um papel importante nas projeções imaginárias do nível da formulação, das antecipações. (*ibidem*, p.78-79)

Destarte, não é no nível da formulação que se encontra a argumentação, esta faz parte de um processo discursivo da constituição dos sentidos. Os sentidos derivam dos “discursos vigentes, historicamente determinados.” (ORLANDI, 1998) Fazem parte deste jogo as relações interdiscursivas, bem como o apagamento das evidências dos sentidos e do sujeito pelos dois esquecimentos.

Em concordância com estes pressupostos e baseados em Pêcheux (1990a [1969]), formulamos o quadro das formações imaginárias que demonstram o mecanismo de antecipação, permitindo o direcionamento do dizer nos pronunciamentos de Fidel Castro pelas estratégias do discurso (PÊCHEUX, 1990a [1969]). Junto a isto, apresentaremos também algumas possibilidades de perguntas subjacentes para estas questões. Após esta proposta de sistematização, seguiremos com nossa análise.

Expressão que designa as formações imaginárias		Significação da Expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A	IFC (I CC (FC))	Imagem que Fidel Castro (FC) faz da imagem que o cidadão cubano (CC) faz do lugar do seu interlocutor, ocupado por Fidel Castro	“Que suponho que pensa ele sobre mim para que eu lhe fale assim?”
	IFC (ICC (CC))	Imagem que Fidel Castro faz da imagem	“Que suponho que pensa ele sobre ele

		que o cidadão cubano faz do seu próprio lugar	mesmo para que eu lhe fale assim?"
	IFC (ICC (D))	Imagem que Fidel Castro faz da imagem que o cidadão cubano faz da deserção	"Que suponho que pensa ele sobre a deserção para que eu lhe fale assim?"
	IFC (ICC (CD))	Imagem que Fidel Castro faz da imagem que o cidadão cubano faz do cidadão cubano desertor	"Que suponho que pensa ele sobre o cubano desertor para que eu lhe fale assim?"

**Quadro 9 – Quadro das formações imaginárias dos mecanismos de antecipação**

A partir deste quadro, podemos fazer algumas colocações com relação a nosso *corpus*. Conforme o proposto anteriormente, baseado nos mecanismos de antecipação o sujeito pode experimentar o lugar do seu interlocutor e, neste mesmo movimento, supor o que é de seu interesse. Pelo funcionamento deste mecanismo, Fidel Castro, na posição de Comandante em Chefe do Governo de Cuba, trata, em seus pronunciamentos, de temas que julga serem interessantes para o povo cubano, ocupando a posição de mestre, daquele que fala como quem tem aprendizes como interlocutores. Esta posição de mestre aparece na configuração do discurso e na ordem estabelecida.

**SD 39:** Prometi-lhes na última sexta-feira, 15 de fevereiro, que na próxima reflexão **abordaria uma tema de interesse para muitos compatriotas.**<sup>78</sup> (Pronunciamento 09, *Mensaje del Comandante en Jefe, Granma Internacional*, 18 de fevereiro de 2008. Grifos nossos).

**SD 62:** Para a imensa maioria do nosso povo o essencial é conhecer qual foi o comportamento moral dos atletas, que com tanto sacrifício os educa e forma.<sup>79</sup> (Pronunciamento 08, *La constancia escrita, Granma Internacional*, 07 de agosto de 2007. Grifos nossos)

**SD 20:** Esta é uma reflexão política. Para dizer-lo mais exatamente: é outra proclama. Hoje faz um ano exato da primeira, em 31 de julho de 2006. Contudo, o ano transcorrido vale por 10 com relação à possibilidade de viver uma experiência única que me proporcionou informações e conhecimentos **sobre questões vitais para a humanidade, que transmiti com toda honradez ao povo de Cuba.**<sup>80</sup> (Pronunciamento 05, *La llama eterna, Granma Internacional*, 31 de julho de 2007. Grifos nossos).

<sup>78</sup> "Les prometí el pasado viernes 15 de febrero que en la próxima reflexión abordaría un tema de interés para muchos compatriotas." (Tradução nossa).

<sup>79</sup> "Para la inmensa mayoría de nuestro pueblo lo esencial es conocer cuál fue el comportamiento moral de los atletas, que con tanto sacrificio los educa y forma." (Tradução nossa).

<sup>80</sup> "Esta es una reflexión política. Para decirlo más exactamente: es otra proclama. Hoy se cumple un año exacto de la primera, el 31 de julio de 2006. Pero el año transcurrido vale por 10 en cuanto a la posibilidad de vivir una experiencia única que me aportó información y conocimientos sobre cuestiones vitales para la humanidad, que he transmitido con toda honradez al pueblo de Cuba." (Tradução nossa).

O sujeito não sabe realmente se este é um *tema de interesse* para os cubanos, entretanto é pela representação imaginária que supõe que o tema a tratar possa ser relevante. E, além disso, verifica-se que esta construção ultrapassa a própria suposição que faz o locutor, faz parte do mecanismo de argumentação. Mesmo que o motivo do pronunciamento não seja válido para seus locutores, o protagonista do discurso, na posição de líder, o apresenta como se assim fosse. Na constituição do dizer, os sentidos aparecem, funcionando pela organização da língua na ordem do discurso.

No segundo pronunciamento, mostra-se como *o essencial a conhecer* aquilo que o protagonista afirma ser essencial para a maioria do povo.

Desta forma, dizer que *o tema é de interesse para os compatriotas* ou o que é essencial ou não para os cubanos ultrapassa a suposição e passa a ser da ordem da imposição dos sentidos. Isto porque, como dissemos anteriormente, da posição que ocupa Fidel Castro, da posição de onde enuncia, as palavras “significam mais” (ORLANDI, 2009) por estarem sustentadas pelo sujeito nesta posição.

É também pelo mecanismo de antecipação, por poder imaginar-se no lugar do outro no discurso, que o locutor pode antecipar-se a alguns sentidos para os referentes. Isto significa dizer que ao falar do ato de desertar ou dos cidadãos cubanos que desertam, o sujeito levará em consideração as representações imaginárias que supõe funcionarem para o seu interlocutor.

Conforme o *Quadro das formações imaginárias dos mecanismos de antecipação*, podemos retomar as representações imaginárias que compõem o discurso, funcionando pela antecipação, considerando a imagem que Fidel Castro faz da imagem que o cidadão cubano faz do ato de desertar – IFC (I CC (D)). Ao supor que o cidadão cubano, apoiando o sistema de governo socialista, está contra a deserção, o sujeito, na posição de líder, pode condenar este ato, significando-o como *traição*, *malfeitoria* ou *golpe baixo* por parte do cidadão cubano desertor.

**SD 07:** A **traição** por dinheiro é uma das armas prediletas de Estados Unidos para destruir a resistência de Cuba.<sup>81</sup> (Pronunciamento 03, *¿Brasil sustituto de Estados Unidos?*, TV Camaguey, 23 de julho de 2007. Grifos nossos).

**SD 18:** Vejam como se orgulham da **malfeitoria** cometida contra o país.<sup>82</sup> (Pronunciamento 04, *La repugnante compraventa de atletas*, TV Camaguey, 27 de julho de 2007. Grifos nossos).

---

<sup>81</sup> “La traición por dinero es una de las armas predilectas de Estados Unidos para destruir la resistencia de Cuba.” (Tradução nossa).

**SD 19:** Havia que golpeá-la, e não somente compraram a dois dos atletas que tinham o ouro assegurado, mas também golpearam a excelente moral dos demais atletas que continuaram defendendo com valor suas medalhas de ouro. **O golpe baixo** influenciou até nos juízes.<sup>83</sup> (Pronunciamento 04, *La repugnante compraventa de atletas*, TV Camaguey, 27 de julho de 2007. Grifos nossos).

**SD 12:** Não existe justificativa alguma para solicitar asilo político. Se não é o Brasil seu mercado definitivo, pouco lhes importa. Há países ricos do primeiro mundo que pagam muito mais. As autoridades brasileiras declararam que os que desertam deverão provar a necessidade real de asilo. É impossível demonstrar o contrário. De antemão se conhece seu destino final como **atletas mercenários** em uma sociedade de consumo. Acho que ofenderam o Brasil, utilizando os Pan-Americanos como pretexto para autopromover-se. De todas as formas, consideramos úteis as declarações de suas autoridades.<sup>84</sup> (Pronunciamento 03, *¿Brasil sustituto de Estados Unidos?*, TV Camaguey, 23 de julho de 2007. Grifos nossos).

De acordo com estes recortes, para a deserção, constituem-se sentidos em torno de denominações como *traição* e *golpe*. A deserção é um ato contra o Estado, constituindo-se em uma **deserção dolosa**. Contudo, como aponta Pêcheux (1990a [1969]), os mecanismos de antecipação funcionam também porque o locutor considera condições de produção pré-discursivas, baseando-se em outras condições de produção, possibilitando o funcionamento da memória do dizer.

Pelas representações imaginárias e baseando-se nas condições anteriores, constituem-se outros sentidos para a deserção. Como expusemos anteriormente, certamente haverá cubanos que conhecem outros cubanos que desertaram ou que querem desertar. Ao dizer que o ato de deserção é uma *traição*, o sujeito, na posição de Comandante em Chefe, julga negativamente o desertor, podendo gerar um “mal-estar” a partir dos seus pronunciamentos. De acordo com as análises empreendidas, verifica-se a tentativa de manutenção do sistema de governo, sob o sustentáculo da imagem de um governante compreensivo e um governo acolhedor, que não somente julga os desertores, mas, principalmente, os compreende. Para isto, pelo mecanismo de antecipação das imagens, colocam-se discursivamente outros sentidos para a deserção e para os desertores.

---

<sup>82</sup> “Vean cómo se ufanan de la fechoría cometida contra el país.” (Tradução nossa).

<sup>83</sup> “Había que golpearla, y no sólo compraron a dos de los atletas que tenían el oro asegurado, sino que golpearon la excelente moral de los demás atletas que siguieron defendiendo con valor sus medallas de oro. Hasta en los jueces influyó el golpe bajo.” (Tradução nossa).

<sup>84</sup> “No existe justificación alguna para solicitar asilo político. Si no es Brasil su mercado definitivo, poco les importa. Hay países ricos del primer mundo que pagan mucho más. Las autoridades brasileñas han declarado que los que deserten deberán probar la necesidad real de asilo. Es imposible demostrar lo contrario. De antemano se conoce su destino final como atletas mercenarios en una sociedad de consumo. Pienso que han ofendido a Brasil utilizando los Panamericanos como pretexto para autopromoverse. De todas formas consideramos útiles las declaraciones de sus autoridades.” (Tradução nossa).

**SD 13:** Qual foi o pior problema dos países pobres do ponto de vista tecnológico e econômico? **O roubo de cérebros.**

Qual do ponto de vista patriótico e educativo? **O roubo de talentos.**<sup>85</sup> (Pronunciamento 04, *La repugnante compraventa de atletas, TV Camaguey*, 27 de julho de 2007. Grifos nossos).

**SD 29:** Os boxeadores lhe comunicaram que **havia cometido um erro e estavam arrependidos.** Negaram-se a receber um cidadão alemão, que de imediato se interessou por eles, cumprindo instruções da empresa mafiosa. Isto nós soubemos depois.<sup>86</sup> (Pronunciamento 7, *La política y el deporte, TV Camaguey*, 04 de agosto de 2007. Grifos nossos).

**SD 51:** Falei da tecnologia e disciplina introduzidas no beisebol por Japão, dos esforços que realiza uma nação com não menos de 10,4 vezes a população de Cuba, onde ademais havia que descontar aos “**débeis de consciência** que se deixam subornar por nossos inimigos”<sup>87</sup>. (Pronunciamento 16, *¡Gloria a los buenos!, Granma Internacional*, 20 de março de 2009. Grifos nossos).

**SD 52:** Dos 73 que voaram para o México e San Diego, dois **pobres diabos** não regressaram.<sup>88</sup> (Pronunciamento 16, *¡Gloria a los buenos!, Granma Internacional*, 20 de março de 2009. Grifos nossos).

Nestas seqüências, constitui-se um novo sentido para a deserção, que não é mais significada como um ato de *traição*, agora a deserção é outra, dita como *roubo de talentos*, roubo dos talentosos atletas que não aparecem mais como traidores. Pelo funcionamento deste recorte, os atletas não traíram a pátria, foram *roubados*, são *pobres diabos* enganados, inocentes, chegando a arrepender-se. Foram levados a errar, sem ter culpa pela deserção, que não era sua vontade.

Isto é possível porque os sentidos mudam, estão sempre em curso. Pelo mecanismo de antecipação, sustentado pelo conhecimento das condições pré-discursivas, a deserção muda de sentido e estabelece-se assim a estratégia de argumentação do discurso socialista cubano. Ressaltemos que esta estratégia não é parte da intenção de um sujeito onipotente que deseja convercer e sim parte de um processo discursivo que se constitui já nas formações ideológicas.

<sup>85</sup> “¿Cuál ha sido el peor problema de los países pobres desde el punto de vista tecnológico y económico? El robo de cerebros. ¿Cuál desde el punto de vista patriótico y educativo? El robo de talentos.” (Tradução nossa).

<sup>86</sup> “Los boxeadores le comunicaron que habían cometido un error y estaban arrepentidos. Se negaron a recibir a un ciudadano alemán, que de inmediato se interesó por ellos, cumpliendo instrucciones de la empresa mafiosa. Esto lo supimos después.” (Tradução nossa).

<sup>87</sup> “Hablé de la tecnología y disciplina introducidas en el béisbol por Japón, de los esfuerzos que realiza una nación con no menos de 10,4 veces la población de Cuba, donde además había que descontar a ‘los débiles de conciencia que se dejan sobornar por nuestros enemigos’.” (Tradução nossa).

<sup>88</sup> “De los 73 que volaron a México y San Diego, dos pobres diablos no regresaron.” (Tradução nossa).

Da mesma maneira que os sentidos mudam para a deserção, eles também deslizam para significar o desertor. Pelo funcionamento discursivo da argumentação, o mecanismo de antecipação funciona tanto para a representação do ato de desertar quanto para o sujeito que deserta. Estes aparecem nos pronunciamentos como, por exemplo, *atletas mercenários*, funcionando contrariamente a *talentos desportivos*, *talentos roubados*. Desta maneira, a deserção e os desertores significam diferente e não porque as condições de deserção mudaram, mas porque está em funcionamento o mecanismo das antecipações pelo qual o sujeito experimenta o lugar do outro no discurso, fazendo valer as supostas imagens que tem o interlocutor. Assim, Fidel Castro, na posição de Comandante em Chefe do Governo de Cuba, parece supor que nem todos os cubanos representarão os atletas como traidores. Para alguns, os desportistas podem ser inocentes, ou ainda, ter apenas buscado outras oportunidades fora do sistema. Por esta estratégia, o sujeito parece ocupar a posição de quem entende os desportistas que foram roubados e não desertaram por sua própria vontade. A culpa, neste caso, recai sobre a *máfia* que os rouba e não sobre os atletas inocentes.

Pelo funcionamento dos mecanismos de argumentação, constituem-se sentidos diferentes aos quais podemos aceder pela análise das denominações. O jogo dos sentidos na história permite que se construam mais possibilidades de identificação com o sistema. De um modo ou de outro, por um ou outro sentido, o cidadão cubano pode identificar-se e o governo, por sua vez, constrói para si uma imagem de justiça e compreensão, em uma “sociedade harmoniosa”, possibilitando, pelo funcionamento da argumentação discursiva, a manutenção do sistema de governo que acolhe a todos, inclusive aos desertores.

#### 4.3 A ilha semanticamente estabilizada: a narratividade

Do ponto de vista da Análise de Discurso, opera, na sociedade ocidental contemporânea, a lógica de um mundo semanticamente estabilizado (PÊCHEUX, 2002). Nesta seção, nosso objetivo é expor como, nas marcas discursivas, a ilha aparece como espaço semântico estabilizado, configurando-se em uma pseudo-harmonia de um país sem contradições.

Já trouxemos, anteriormente, a discussão sobre a divisão imaginária que figura no ocidente – e seu funcionamento discursivo em Cuba – entre o Bem X Mal. Como apontamos, uma das formas de funcionamento desta dicotomia, em nosso *corpus*, é pela oposição das denominações. Indo mais adiante, verificamos que este modo de organização é também



responsável pelo que chamamos de mecanismo de estabilização dos sentidos em Cuba. Por esta oposição, aparece para o sujeito como lógica a divisão entre o Bem e o Mal, que são representados, na sociedade cubana, pelo socialismo e pelo capitalismo, respectivamente. Com esta divisão, há somente duas possibilidades de “encaixar-se” no mundo, ou se é do Bem ou do Mal.

Aliado a isto e de acordo com o que expusemos anteriormente, os pronunciamentos de Fidel Castro funcionam como práticas discursivas eficientes, estabilizando os sentidos no imaginário cubano. Atualmente, quando se fala em Fidel Castro, não raro aparece a associação entre o líder de governo e seus longos pronunciamentos, desde a época da Revolução. Por esta prática discursiva – os pronunciamentos –, organizam-se não apenas os sentidos para a sociedade cubana, mas também os sentidos para o mundo, para os sujeitos que estão inseridos no sistema socialista de governo e para os que estão “fora”. Pela eterna volta à memória social e discursiva, estabelece-se uma continuidade imaginária na ilha, ou seja, os pronunciamentos são modos eficazes de manutenção do sistema imaginariamente estabilizado.

Este processo leva-nos ao que Mariani (1998) teoricamente denominou como **narratividade**. Segundo a autora,

A narratividade possibilita **a reorganização imaginária do movimento histórico**, é o que permite que fatos antes “descartados” passem a fazer sentido para a história. A narratividade, enfim, é o **que permite o contar uma história coerente, sem falhas, com estruturação temporal, com encadeamento de causas e conseqüências, com personagens e cenários explicativos**. (MARIANI, 1998, p. 231. Grifos nossos).

É a narratividade, então, responsável pelo “fio invisível” que liga imaginariamente as épocas, impedindo o deslizamento dos sentidos. (MARIANI, 1998) Pela narratividade inscrita nas práticas discursivas, estabilizam-se os sentidos e, em nosso *corpus*, garante-se a hegemonia de uma rede de sentidos para o socialismo, para o capitalismo, para os desertores, e, finalmente, para a deserção. Assim, atua no imaginário cubano a ilusão de completude, impedindo que outros sentidos se coloquem e que outras práticas se estabeleçam.

Apagam-se, neste processo, as contradições do próprio sistema, a polissemia é controlada e mesmo que os sentidos para desertores e deserção sejam diferentes, não há a possibilidade de inscrição em outra formação discursiva, há, sim, a hegemonia de uma rede de sentidos e a dominância de uma formação ideológica.

Outro aspecto que preza a organização do mundo e a estabilização de sentidos é a característica pedagógica dos pronunciamentos de Fidel Castro. Discursivamente, existem marcas que organizam os temas como se houvesse uma lógica natural estabelecida no discurso. A presença de datas e marcadores temporais atesta a continuidade dos pronunciamentos e da pseudo-interlocução entre Fidel Castro e o povo cubano.

**SD 39: Prometi-lhes na última sexta-feira, 15 de fevereiro, que na próxima reflexão** abordaria um tema de interesse para muitos compatriotas.<sup>89</sup> (Pronunciamento 9, *Mensaje del Comandante en Jefe, Granma Internacional*, 18 de fevereiro de 2008. Grifos nossos).

**SD 05: Falei faz pouco tempo** do roubo de cérebros, algo repugnante.<sup>90</sup> (Pronunciamento 03, *¿Brasil sustituto de Estados Unidos? TV Camaguey*, 23 de julho de 2007. Grifos nossos).

**SD 10: Domingo passado, 22 de julho, por volta de meio-dia**, foi recebida a triste notícia de que dois dos mais destacados atletas do boxe, Guillermo Rigondeaux Ortiz e Erislandy Lara Santoya, não se apresentaram à pesagem. Simplesmente os nocautearam com um golpe direto no queixo, dado com notas norte-americanas. Não fez falta nenhuma contagem de proteção.<sup>91</sup> (Pronunciamento 03, *¿Brasil sustituto de Estados Unidos?, TV Camaguey*, 23 de julho de 2007. Grifos nossos).

**SD 20:** Esta é uma reflexão política. Para dizer-lo mais exatamente: é outra proclama. **Hoje faz um ano exato da primeira, em 31 de julho de 2006.** Contudo, **o ano transcorrido vale por 10** com relação à possibilidade de viver uma experiência única que me proporcionou informações e conhecimentos sobre questões vitais para a humanidade, que transmiti com toda honradez ao povo de Cuba.<sup>92</sup> (Pronunciamento 05, *La llama eterna, Granma Internacional*, 31 de julho de 2007. Grifos nossos).

Os marcadores temporais e as datas, nos pronunciamentos analisados, funcionam de maneira a organizar o mundo cronologicamente sob a ótica de Fidel: *o ano transcorrido vale por 10*. Os pronunciamentos se encaixam na ordem da sociedade pela lógica cronológica que imprime a imagem de realidade temporal ao que se diz. A sociedade ocidental funciona na ordem do tempo e os pronunciamentos também. Esta organização, como dissemos, faz parte

<sup>89</sup> “Les prometí el pasado viernes 15 de febrero que en la próxima reflexión abordaría un tema de interés para muchos compatriotas.” (Tradução nossa).

<sup>90</sup> “Hablé hace muy poco del robo de cerebros, algo repugnante.” (Tradução nossa).

<sup>91</sup> “El pasado domingo 22 de julio, en horas del mediodía, se recibió la triste noticia de que dos de los más destacados atletas del boxeo, Guillermo Rigondeaux Ortiz y Erislandy Lara Santoya, no se presentaron al pesaje. Sencillamente los noquearon con un golpe directo al mentón, facturado con billetes norteamericanos. No hizo falta conteo alguno de protección.” (Tradução nossa).

<sup>92</sup> “Esta es una reflexión política. Para decirlo más exactamente: es otra proclama. Hoy se cumple un año exacto de la primera, el 31 de julio de 2006. Pero el año transcurrido vale por 10 en cuanto a la posibilidad de vivir una experiencia única que me aportó información y conocimientos sobre cuestiones vitales para la humanidad, que he transmitido con toda honradez al pueblo de Cuba.” (Tradução nossa).

da característica pedagogizante dos pronunciamentos, que mostra para os cubanos, um mundo semanticamente estabilizado, constituindo-se a ordem do discurso.

Outra maneira de didatizar o mundo é estabelecendo uma **continuidade enunciativa** sobre o que já foi dito antes e o que está sendo tematizado. Esta continuidade dá a impressão de que existe um antes e um depois a ser dito, sempre de acordo com os interesses daqueles que ouvem<sup>93</sup>. Como aparece na SD 39, existe uma “promessa” feita em um pronunciamento anterior que está sendo retomada no atual, verifica-se a impressão de continuidade enunciativa, funcionando como uma “historinha”, que sempre tem um próximo capítulo. É como se ao fim de cada pronunciamento, o interlocutor tivesse que esperar pelo “continua...”. É como uma novela em que os capítulos/ pronunciamentos precisam ser acompanhados pelo espectador-leitor/ povo cubano. Afinal, tratar-se-á sempre de um *tema de seu interesse*, que não pode ser perdido/ não lido. Além do mais, com esta referência ao que já foi dito, aquele que não leu terá de aceder ao texto anterior, já que ele estabelece um elo com o atual. Desta maneira, um texto faz parte de um contínuo para compreender o outro, configurando-se assim o próprio funcionamento dos processos discursivos.

De acordo com o exposto, pela continuidade enunciativa, esta retomada constrói a imagem de que o líder está sempre em contato com o público leitor, estabelecendo uma relação de proximidade pela frequência de suas declarações e pela relação que os temas estabelecem entre si.

**SD 71:** Não escrevi nenhuma diatribe contra Europa, disse simplesmente a verdade. Se esta ofende, não é minha culpa. Por economizar espaço, **na reflexão de ontem** não mencionei sequer a exportação de armas, os gastos militares e as aventuras bélicas da OTAN, às que se acrescentam os vôos secretos e a cumplicidade de Europa com as torturas do governo dos Estados Unidos.<sup>94</sup> (Pronunciamento 13, *La verdad y las diatribas*, *Granma Internacional*, 21 de junho de 2008. Grifos nossos).

**SD 58: Amanhã** vem o dia fatídico em muitos esportes: o início das disputas entre importantes equipes coletivas. Levem em consideração que isto **eu escrevo na terça-feira à tarde**. Acabamos de ganhar a terceira medalha de ouro do dia com um atleta lesionado. Foi heróico.<sup>95</sup> (Pronunciamento 02, *Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos*, *TV Camaguey*, 17 de julho de 2007. Grifos nossos).

<sup>93</sup> Conforme já expusemos, o locutor não tem acesso ao que é do interesse do interlocutor realmente, o que há, sempre, é o funcionamento dos mecanismos de antecipação.

<sup>94</sup> “No escribí ninguna diatriba contra Europa, dije sencillamente la verdad. Si esta ofende, no es mi culpa. Por ahorrar espacio, en la reflexión de ayer no mencioné siquiera la exportación de armas, los gastos militares y las aventuras bélicas de la OTAN, a las que se añaden los vuelos secretos y la complicidad de Europa con las torturas del gobierno de Estados Unidos”. (Tradução nossa).

<sup>95</sup> “Mañana viene el día fatídico en muchos deportes: el inicio de las disputas entre importantes equipos colectivos. Ténganse en cuenta que esto lo escribo el martes por la tarde. Acabamos de ganar la tercera medalla de oro del día con un atleta lesionado. Fue heroico”. (Tradução nossa).

É, então, também pelo funcionamento da narratividade e da continuidade enunciativa que se dá o processo de estabilização dos sentidos para Cuba e seu sistema de governo, bem como para seus opositores imaginários. O direcionamento dos dizeres, prezando pela hegemonia de um sentido, possibilita a configuração do discurso do Mesmo (MARIANI, 1998), a repetição pela memória discursiva, estabilizando os sentidos na ilha e apagando suas contradições.

Encerrando a reflexão, neste capítulo, observamos o funcionamento das formações imaginárias no discurso. A partir das imagens que os locutores fazem de si e dos outros, observamos o funcionamento das denominações que promovem, no discurso socialista cubano contemporâneo, um direcionamento de sentidos sobre os desertores e a deserção. Por este processo, estabilizam-se sentidos e produz-se, discursivamente, seu efeito de evidência, que preza a hegemonia da formação discursiva dominante em Cuba: a socialista.

E porque os sentidos tendem a uma única direção, o discurso socialista cubano contemporâneo configura-se nos moldes do discurso autoritário (ORLANDI, 1983), quase não deixando margem para a polissemia, apenas para a paráfrase. Conforme verificamos, para a deserção os sentidos giram em torno de denominações que remetem ao Mal, pois esta é sempre significada negativamente, podendo apresentar-se de dois modos: a deserção dolosa e a deserção culposa. Constroem-se, também, para os desertores, duas grandes redes de sentidos: a dos *traidores e mercenários*; e a dos *débeis de consciência e atletas roubados*. Verificamos que a dança dos sentidos para desertores não se constitui pela mudança na forma de inscrição do sujeito em mais de uma formação discursiva, e sim pelo próprio funcionamento dos mecanismos de antecipação e das estratégias de argumentação do discurso.

Pela análise dos pronunciamentos de Fidel Castro, foi possível verificar como se constroem dicotomicamente as imagens no discurso socialista cubano contemporâneo. De um lado (Bem), um país harmonioso, cujo sistema de governo está baseado na justiça e tem um governante que atua com *honradez*. Do outro (Mal), um sistema de governo *apodrecido*, cujos representantes fazem parte da *máfia* que corrompe os cidadãos opositores que são significados como *traidores da pátria, mercenários, consumistas*.

Pela hegemonia dos sentidos, a ilha se estabiliza semanticamente, impõem-se certos sentidos e silenciam-se outros. Os sentidos sobre a resistência são censurados, por não terem a possibilidade de circular no espaço discursivo construído nos pronunciamentos. Vale lembrar, como já apontado neste capítulo, que assim se configura o discurso autoritário: pelo

silenciamento das vozes discordantes, pelo apagamento das contradições e pela evidência de um sentido que alcança o *status* supremo de verdade.

Diante do exposto, verifica-se a legitimação do sistema de governo a partir dos sentidos postos para si e para seus outros.<sup>96</sup> Tal legitimação ocorre antes pela autonomia do político no discurso. Como entende Orlandi (1983, p. 220. Grifos nossos),

em relação ao político, há uma maior independência: o **político não só é autônomo** em relação à voz do povo como ele pode até mesmo criar, inventar a voz do povo que lhe for mais conveniente. Desde que lhe seja atribuída legitimidade. É assim que se cria o consenso.

Ao longo das análises realizadas, observamos esta autonomia do político, uma representação da voz do povo pela determinação dos temas e dos sentidos a serem ditos, como demonstrado na análise da SD 39, em que se apresentará um *tema de interesse para muitos compatriotas*. Apaga-se a voz do povo – a voz do interlocutor – em detrimento de um sentido determinado, da legitimação do dizer do político. Constitui-se, discursivamente, a simulação da voz do povo, silenciando os outros sentidos que daí poderiam surgir.

Ao longo desta nossa incursão, nosso questionamento inicial persistia e a cada seção reaparecia, saltando para não ser esquecido. Para lembrar, tínhamos como objetivo geral entender, pelo discurso, como se dá o processo de manutenção do sistema socialista de governo. A inquietação por compreender esta questão retorna aqui: como Cuba se representa discursivamente, possibilitando a manutenção do sistema de governo?

Não pretendendo dar uma resposta, podemos apenas vislumbrar um caminho, o de ser a legitimação do próprio sistema de governo, no funcionamento do discurso, a responsável pela manutenção do socialismo cubano. Se, pelo que expusemos, certos sentidos são possíveis e outros não, pelo silenciamento do outro opositor, mantém-se a ordem do sistema no discurso. E aqui estamos saindo do micro para o macro: os pronunciamentos são apenas uma parte da dispersão de textos que compõem o discurso socialista cubano contemporâneo, são ínfima parte que tomamos para entender este processo.

Não pretendemos com isto encerrar a discussão, seria muita pretensão de nossa parte. Contudo, pela análise das formações imaginárias, verificamos que, no discurso socialista cubano contemporâneo – de Fidel Castro – sobre a deserção, alguns sentidos circulam e outros são silenciados como característico de um discurso autoritário. Certos sentidos se

---

<sup>96</sup> Os outros aqui representam os *aliados* e os *adversários*. São os *outrinhos* no discurso, os interlocutores.

repetem, outros se repelem, e, desta forma, o efeito de harmonia é o que prevalece no discurso.

## 5 AS POSIÇÕES-SUJEITO E A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

Diz-se, em Análise de Discurso, que, ao falar, o sujeito é levado a **tomar posição** (PÊCHEUX, 1988 [1975]) no discurso, representando-se pelas imagens que constrói para si pelo mecanismo das formações imaginárias. Por este mecanismo, discutido no capítulo anterior, o sujeito constrói imagens sobre o seu lugar social e sobre o lugar do outro, em uma estrutura social bem determinada. Ressaltemos que não são os lugares empíricos na estrutura social que se considera em uma análise desta natureza, mas as representações destes lugares pelos sujeitos do discurso.

Não pretendemos afirmar que esta tomada de posição seja consciente por parte do sujeito, não é seu “desejo” ocupar uma ou outra posição no discurso. Tal como mostramos, no *Quadro de formações imaginárias das imagens dos protagonistas sobre seus lugares sociais*, o sujeito sustenta-se na imagem que constrói sobre si para ocupar as diversas posições de sujeito no discurso. Nas palavras de Orlandi (2008, p. 207),

podemos dizer que ele [o sujeito] se representa (apresenta) em suas **múltiplas posições** – ele é “x” e “y” e “z” **no interior do mesmo texto** –,sem que haja necessidade de construir relações não contraditórias (por palavras argumentativas, por exemplo) no conjunto do texto como um todo.

Estas múltiplas posições constituem o próprio discurso, heterogêneo pela dispersão dos textos que o compõem e dos sujeitos que nele se representam. (ORLANDI, 2008) Em suma, a multiplicidade de posições discursivas do sujeito é caracterizada pela própria **dispersão do sujeito** no discurso. (FOUCAULT *apud* ORLANDI, 2008) Esta dispersão apresenta-se sob o efeito de homogeneidade na figura do **autor**. (FOUCAULT *apud* ORLANDI, 2008) É pela função de autor que o texto e o sujeito apresentam-se com o efeito de coerência, unidade e não-contradição, possibilitando a aparência de progressão e duração do discurso. (ORLANDI, 2008)

Do ponto de vista da Análise de Discurso, esta unidade é imaginária e, como dissemos, constitui-se como efeito.

No capítulo atual – capítulo 5 – interessa-nos pensar, pela análise do discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção, como, na materialidade lingüística, aparecem, discursivamente, as posições de sujeito ocupadas por Fidel Castro a partir das imagens que este faz do seu lugar na estrutura da sociedade cubana.

Tomaremos como ponto de partida, as marcas lingüísticas de primeira pessoa do singular e do plural – *eu* e *nós*, respectivamente. Segundo Indursky (1997), se analisamos a base lingüística do discurso, podemos verificar o funcionamento da língua e do discurso. Sendo assim, tratar-se-á, especificamente, das marcas lingüísticas representadas pelos pronomes pessoais do caso reto<sup>97</sup>, pelas desinências e pelos pronomes possessivos.

Vale salientar que, para esta teoria a que nos filiamos, é na materialidade lingüística que se pode perceber o movimento de sentidos no discurso. Isto significa dizer que, pela análise das marcas de pessoa em nosso *corpus*, objetivamos compreender os sentidos postos pela representação do protagonista em seu discurso. E especificamente, de acordo com Indursky (1997), analisar o *nós* é compreender as relações do sujeito com a formação discursiva em que se inscreve.

Assim sendo, baseados em Indursky (1997, p. 66), procederemos a nossas análises, com o pressuposto de que o *nós* assume o lugar de **não-pessoa discursiva**, “dado que *nós* designa conjuntos lexicalmente não nomeados, nós os entendemos como uma **não-pessoa discursiva**. Ou seja, na interlocução discursiva, a não-pessoa discursiva corresponde ao referente lexicalmente não-especificado ao qual se associa para constituir um *nós*.”

Além do *nós*, a marca do singular foi analisada devido ao grande número de incidências nos pronunciamentos. Este fato também caracteriza o discurso socialista cubano contemporâneo de Fidel Castro, como veremos adiante.

Em uma leitura inicial de nosso *corpus* percebemos a variação, muitas vezes no mesmo parágrafo, com relação ao uso de *eu* e *nós* nos pronunciamentos analisados. Estas marcas já apontam, *grosso modo*, para a variação da posição do sujeito no discurso. Esta foi a primeira questão observada a este respeito. Em seguida, começamos a selecionar,

---

<sup>97</sup> Cumpre lembrarmos que, em língua espanhola, não é comum a presença dos pronomes pessoais do caso reto (pronomes sujeito) no texto. A identificação se faz freqüentemente pelas marcas desinenciais. *Grosso modo*, utilizam-se os pronomes pessoais do caso reto para evitar uma possível ambigüidade, quando não há, por exemplo, a distinção entre a desinência número-pessoal de 1ª e de 3ª pessoa do singular, ou ainda, para enfatizar a diferença de opinião em um diálogo.



indistintamente, as marcas lingüísticas de *eu* e *nós*, para, posteriormente, em um primeiro gesto de análise, separá-las em cinco grupos, a saber:

1. Fidel Castro, o *eu* singular;
2. Fidel Castro, o *eu* político;
3. *Nós*, Fidel e os governantes do país;
4. *Nós*, todos os cubanos;
5. *Nós*, a modéstia de um *eu*.

Analisaremos, daqui por diante, cada grupo separadamente. Isto não quer dizer que consideramos que esta divisão se constitua em blocos independentes, entretanto há uma separação analítica que procede. Além disso, veremos que, mais de uma vez, na mesma seqüência discursiva, aparecerão dois grupos, mostrando a variação da posição do sujeito no discurso. Voltaremos a isto nas análises.

### 5.1 Fidel Castro, o *eu* singular

Este primeiro grupo é a representação discursiva de Fidel Castro como um *eu* singular. Neste grupo, estão as representações do *eu* como um sujeito comum, referente ao espaço público individual (INDURSKY, 1997), o que sugere, neste *corpus*, a construção da imagem de um cidadão como qualquer outro. Acrescentam-se, a este uso, informações de ordem pessoal. A partir desta construção, o sentido que se alcança para o governante é de um sujeito como qualquer outro, um cidadão cubano qualquer, que, pelo exposto a seguir, se interessa pelos Jogos Pan-Americanos como todo e qualquer cidadão cubano, como vemos nas seqüências 64 e 73, a seguir:

**SD 64:** Não perco um evento dos que passam na televisão: pesos, tae-kwon-do, remo, ciclismo, vôlei de praia. Assisti às competições individuais de ginástica artística feminina. **Percebo** que esse belo esporte foi elevado da categoria infantil à categoria olímpica. As atletas mais vencedoras são meninas; ninguém com mais idade e peso pode ganhá-las.<sup>98</sup> (Pronunciamento 02, *Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos*, TV Camaguey, 17 de julho de 2007. Grifos nossos).

---

<sup>98</sup> “No me pierdo un evento de los que salen por televisión: pesas, taekwondo, remo, ciclismo, voleibol de playa. He mirado las competencias individuales de gimnasia artística femenina. Me doy cuenta de que ese bello deporte ha sido elevado de la categoría infantil a la categoría olímpica. Las atletas más ganadoras son niñas; nadie con más edad y peso les puede ganar.” (Tradução nossa).

**SD 73: Peço** para sintonizar o televisor para ver a partida de futebol entre a equipe olímpica de Cuba e uma forte seleção das universidades dos Estados Unidos. Ontem pela noite, **observei** o choque entre as equipes olímpicas de boxe de Cuba e da França. Os atletas que representam a esta são excelentes, como os boxeadores cubanos. Nosso público, bem instruído em questões desportivas, é imparcial, respeitoso e objetivo. Houve paz, hinos e bandeiras içadas, a pesar do afã dos europeus e os ianques por subornar e comprar atletas cubanos.<sup>99</sup> (Pronunciamento 14, *Los derechos humanos, el deporte y la paz, Granma Internacional*, 22 de junho de 2008. Grifos nossos).

Assim, Fidel diz: *não perco, percebo, observei*. Ou seja, sintonizado com o cubano torcedor do time, como entusiasta e patriota. Aliado a isto, as informações de ordem pessoal vão além do suposto interesse do governante pelo esporte do país. Nos pronunciamentos, é constante a referência à doença de Fidel Castro como aparece nos recortes abaixo. Em meio a uma colocação ou outra, entram informações a respeito da saúde do governante, de ordem pessoal. No jogo entre o lembrar e o esquecer, constroem-se os sentidos para o governante, que mesclam o singular da saúde e a singularidade do político revolucionário. Abaixo, nas SDs, distinguimos as marcas de pessoa, colocando-as em negrito e sublinhamos as demais marcas lingüísticas que interessam à análise proposta.

**SD 65:** O próprio Raul se encarregou de responder que cada decisão importante a medida que **eu ia me recuperando** era consultada comigo. Que farei? Lutar sem descanso como fiz toda vida.<sup>100</sup> (Pronunciamento 05, *La llama eterna, Granma Internacional*, 31 de julho de 2007. Grifos nossos).

**SD 04:** O senhor não vê os Pan-Americanos? Parece que **escuto** a muitos cubanos. Claro que sim!, **respondo**, assim que  **tiro** o olho da televisão. Às vezes **me esqueço a hora de algum alimento** ou algum remédio. Depois **reclamo** pelo fato de ninguém ter sido capaz de **tirar-me** de uma entrada<sup>101</sup> (*inning*) com jogo apertado e Mayeta no bastão (no ataque), com dois na base e um eliminado (*out*)<sup>102</sup> (Pronunciamento 02, *Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos, TV Camaguey*, 17 de julho de 2007. Grifos nossos).

<sup>99</sup> “Pido sintonizar el televisor para ver el partido de pelota entre el equipo olímpico de Cuba y una fuerte selección de las universidades de Estados Unidos. Ayer por la noche, observé el choque entre los equipos olímpicos de boxeo de Cuba y de Francia. Los atletas que representan a esta son excelentes, como los boxeadores cubanos. Nuestro público, bien instruido en cuestiones deportivas, es imparcial, respetuoso y objetivo. Hubo paz, himnos y banderas izadas, a pesar del afán de los europeos y los yanquis por sobornar y comprar atletas *cubanos*.” (Tradução nossa).

<sup>100</sup> “El propio Raúl se ha encargado de responder que cada decisión importante a medida que me iba recuperando era consultada conmigo. ¿Qué haré? Luchar sin descanso como lo hice toda la vida.” (Tradução nossa).

<sup>101</sup> Uma entrada no beisebol equivale a um set no voleibol, é uma divisão em turno do jogo.

<sup>102</sup> ¿Usted no ve los Panamericanos? – me parece escuchar a muchos cubanos. ¡Claro que sí!, respondo, apenas saco la vista del televisor. A veces olvido la hora de algún alimento o alguna pastilla. Después protesto por que nadie fuera capaz de sacarme de un *inning* con juego apertado y Mayeta al bate, con dos en base y un *out*.” (Tradução nossa).

Também observa-se que a imagem de Fidel está, nestes recortes, constantemente, aliada ao torcedor nacionalista, àquele que aparece como fanático pelo exagerado amor ao seu país, como qualquer cidadão cubano, ou ainda, igualando-se a qualquer cidadão dos países que disputam a competição do continente, chegando a esquecer-se de comer – *me esqueço a hora de algum alimento* –, além de não conseguir sair da frente da TV – *depois reclamo pelo fato de ninguém ter sido capaz de tirar-me de uma entrada*.

Neste movimento, aproxima-se, discursivamente, a imagem do político à imagem do cidadão cubano comum.

## 5.2 Fidel Castro, o *eu* político

Com maior incidência, aparecem as referências a um *eu* que se refere à imagem do político, o Comandante em Chefe do governo de Cuba. O governante, pelos recortes abaixo, está sempre preocupado com o futuro da Revolução, mostra-se constantemente atento ao destino da sociedade e estas questões o fazem colocar-se nos pronunciamentos.

**SD 01:** Se forem breves, têm a vantagem de que os cento e doze meios de comunicação estrangeiros cadastrados em nosso país que as recebem com antecipação publicam partes importantes do seu texto; se são extensas, me permitem aprofundar o que deseje em determinados conceitos a meu juízo importantes para que nosso povo, protagonista principal diante de qualquer agressão, e outros países em circunstâncias similares, disponham de elementos de juízo. Este dilema constitui **para mim** uma dor de cabeça.<sup>103</sup> (Pronunciamento 01, *Reflexión sobre las reflexiones*, *Granma Internacional*, 22 de junho de 2007. Grifos nossos).

**SD 02:** Também **me preocupa** o espaço que utilizam nas primeiras páginas de nossa imprensa, tão necessário para a atividade diária da nação.<sup>104</sup> (Pronunciamento 01, *Reflexión de las reflexiones*, *Granma Internacional*, 22 de junho de 2007. Grifos nossos).

**SD 03:** Não **comecei** este trabalho como parte de um plano elaborado previamente, mas por um forte desejo de **comunicar-me** com o protagonista principal de nossa resistência à medida que observo as ações estúpidas do império. Agora constitui, igual a quando estava no que se chamou de prisão fecunda, um enorme desejo de

<sup>103</sup> “Si son breves, tienen la ventaja de que los ciento doce medios de prensa extranjeros acreditados en nuestro país que las reciben con antelación, publican partes importantes de su texto; si son extensas, me permiten profundizar lo que desee en determinados conceptos a mi juicio importantes para que nuestro pueblo, protagonista principal ante cualquier agresión, y otros países en circunstancias similares, dispongan de elementos de juicio. Este dilema constituye para mí un dolor de cabeza.” (Tradução nossa).

<sup>104</sup> “También me preocupa el espacio que utilizan en las primeras planas de nuestra prensa, tan necesario para la actividad diaria de la nación.” (Tradução nossa).

estudar e meditar enquanto dura **minha** reabilitação.<sup>105</sup> (Pronunciamento 01, *Reflexión de las reflexiones, Granma Internacional*, 22 de junho de 2007. Grifos nossos).

**SD 65:** O próprio Raul se encarregou de responder que cada decisão importante a medida que **eu ia me recuperando** era consultada comigo. Que **farei?** Lutar sem descanso como **fiz** toda vida.<sup>106</sup> (Pronunciamento 05, *La llama eterna, Granma Internacional*, 31 de julho de 2007. Grifos nossos).

Fidel Castro, assumindo o lugar do político, fala em primeira pessoa do singular e sempre aos *protagonistas da resistência*. Seu dever, como político da revolução, é *lutar sem descanso*, é *meditar* sobre as questões de interesse para os cubanos.

**SD 24:** Este ponto **me obriga** a insistir em algo que não pode jamais ser esquecido pelos dirigentes da revolução: é dever sagrado reforçar *sem trégua* **nossa capacidade e preparação defensiva**, preservando o princípio de cobrar dos invasores em qualquer circunstância um preço impagável.<sup>107</sup> (Pronunciamento 05, *La llama eterna, Granma Internacional*, 31 de julho de 2007. Grifos nossos).

**SD 56:** Por outro lado, **me preocupou** sempre, ao falar da **minha** saúde, evitar ilusões que no caso de final adverso, trariam notícias traumáticas a nosso povo em meio à batalha. Prepará-lo para minha ausência, psicológica e politicamente, era minha primeira obrigação depois de tantos anos de luta.<sup>108</sup> (Pronunciamento 9, *Mensaje del Comandante en Jefe, Granma Internacional*, 18 de fevereiro de 2008. Grifos nossos).

**SD 72:** Não **sou** nem **serei** nunca chefe de fração ou grupo. Não se pode deduzir, por tanto, que haja pugnas dentro do Partido. **Escrevo** porque continuo lutando, e o **faço** em nome das convicções que **defendi** toda **minha** vida.<sup>109</sup> (Pronunciamento 13, *La verdad y las diatribas, Granma Internacional*, 21 de junho de 2008. Grifos nossos).

Nos recortes acima transcritos, podemos perceber como os pronunciamentos funcionam discursivamente para falar da Revolução, são *armas* que funcionam como

<sup>105</sup> “No inicié este trabajo como parte de un plan elaborado previamente, sino por un fuerte deseo de comunicarme con el protagonista principal de nuestra resistencia a medida que observo las acciones estúpidas del imperio. Ahora constituye, igual que cuando estaba en lo que se llamó prisión fecunda, un enorme deseo de estudiar y meditar mientras dura mi rehabilitación.” (Tradução nossa).

<sup>106</sup> “El propio Raúl se ha encargado de responder que cada decisión importante a medida que me iba recuperando era consultada conmigo. ¿Qué haré? Luchar sin descanso como lo hice toda la vida.” (Tradução nossa).

<sup>107</sup> “Este punto me obliga a insistir en algo que no puede ser jamás olvidado por los dirigentes de la revolución: es deber sagrado reforzar sin tregua nuestra capacidad y preparación defensiva, preservando el principio de cobrar a los invasores en cualquier circunstancia un precio impagable.” (Tradução nossa).

<sup>108</sup> “Por otro lado me preocupó siempre, al hablar de mi salud, evitar ilusiones que en el caso de un desenlace adverso, traerían noticias traumáticas a nuestro pueblo en medio de la batalla. Prepararlo para mi ausencia, psicológica y políticamente, era mi primera obligación después de tantos años de lucha”. (Tradução nossa).

<sup>109</sup> “No soy ni seré nunca jefe de fracción o grupo. No puede deducirse, por tanto, que haya pugnas dentro del Partido. Escribo porque sigo luchando, y lo hago en nombre de las convicciones que defendí toda mi vida.” (Tradução nossa).

continuidade do processo revolucionário que parece nunca haver estancado. A vida política está imbricada a este processo, bem como a vida pessoal, a saúde é o que pode faltar ao dirigente nesta constante *luta* contra os seus *adversários*. Uma *batalha sem trégua* contra os *invasores*.

Ademais, o que se faz, nestes pronunciamentos, é “informar” o povo sobre as questões de seu interesse<sup>110</sup>. Apresenta-se, deste modo, como característica deste grupo, a própria representação do fazer político e das obrigações de um governante.

**SD 41:** Meu desejo foi sempre cumprir o dever até o último alento. É o que posso oferecer.

Aos **meus** íntimos compatriotas, que **me** deram a imensa honra de eleger-me recentemente como membro do Parlamento, em cujo seio devem ser adotados acordos importantes para o destino da nossa Revolução, lhes **comunico** que não aspirarei nem aceitarei – repito – não aspirarei nem aceitarei o cargo de Presidente do Conselho de Estado e Comandante em Chefe.<sup>111</sup> (Pronunciamento 9, *Mensaje Del Comandante en Jefe, Granma Internacional*, 18 de fevereiro de 2008. Grifos nossos).

**SD 20:** Esta é uma reflexão política. Para dizer-lo mais exatamente: é outra proclama. Hoje faz um ano exato da primeira, em 31 de julho de 2006. Contudo, o ano transcorrido vale por 10 com relação à possibilidade de viver uma experiência única que **me proporcionou informações e conhecimentos** sobre questões vitais para a humanidade, que transmiti com toda honradez ao povo de Cuba.<sup>112</sup> (Pronunciamento 05, *La llama eterna, Granma Internacional*, 31 de julho de 2007. Grifos nossos).

**SD 67:** Falava na reflexão do último 31 de julho sobre o que significava para **mim** ter disposto de um ano para reunir informação e meditar a fundo em torno dos problemas vitais que ameaçam hoje mais do que nunca a nossa espécie.<sup>113</sup> (Pronunciamento 06, *Reflexión sobre duras y evidentes realidades, Granma Internacional*, 03 de agosto de 2007. Grifos nossos).

**SD 71:** Não **escrevi** nenhuma diatribe contra Europa, **disse simplesmente a verdade**. Se esta ofende, não é **minha** culpa.

<sup>110</sup> Como já expusemos, é a imagem do interesse, portanto também determinado pelo jogo das formações imaginárias do discurso.

<sup>111</sup> “Mi deseo fue siempre cumplir el deber hasta el último aliento. Es lo que puedo ofrecer.

A mis entrañables compatriotas, que me hicieron el inmenso honor de elegirme en días recientes como miembro del Parlamento, en cuyo seno se deben adoptar acuerdos importantes para el destino de nuestra Revolución, les comunico que no aspiraré ni aceptaré – repito – no aspiraré ni aceptaré, el cargo de Presidente del Consejo de Estado y Comandante en Jefe.”(Tradução nossa).

<sup>112</sup> “Esta es una reflexión política. Para decirlo más exactamente: es otra proclama. Hoy se cumple un año exacto de la primera, el 31 de julio de 2006. Pero el año transcurrido vale por 10 en cuanto a la posibilidad de vivir una experiencia única que me aportó información y conocimientos sobre cuestiones vitales para la humanidad, que he transmitido con toda honradez al pueblo de Cuba.”(Tradução nossa).

<sup>113</sup> “Hablaba en la reflexión del pasado 31 de julio sobre lo que significaba para mí haber dispuesto de un año para reunir información y meditar a fondo en torno a los problemas vitales que amenazan hoy más que nunca a nuestra especie.” (Tradução nossa).

Por economizar espaço, na reflexão de ontem não **mencionei** sequer a exportação de armas, os gastos militares e as aventuras bélicas da OTAN, às que se acrescentam os vãos secretos e a cumplicidade de Europa com as torturas do governo dos Estados Unidos.<sup>114</sup> (Pronunciamento 13, *La verdad y las diatribas*, *Granma Internacional*, 21 de junho de 2008. Grifos nossos).

Faz parte desta obrigação, *transmitir com honradez* as informações e os conhecimentos que adquiriu, *reunir informação e meditar a fundo em torno dos problemas vitais* que ameaçam o mundo, bem como *cumprir o dever* político e tratar de *acordos importantes para o destino da Revolução*.

No nosso *corpus*, o *eu* político está diretamente relacionado ao fazer político que, por sua vez, não está separado do fazer a revolução. Fazer política, neste sentido, é continuar com o trabalho da Revolução cubana, pela *resistência* do povo e dos governantes. Aparece a imagem de um comandante preocupado sempre com a revolução e que atua com clareza ao manter o povo informado sobre seus passos. Relacionam-se a este grupo as imagens do governo (que vimos no capítulo anterior) que age com *honradez*, praticando uma *política de princípios*, possibilitando a *informação* ao povo.

Apaga-se, por conseguinte, o fato de que toda a informação que circula em Cuba é gerada pelo próprio governo, em seus meios de comunicação estatais, o que significa dizer que não há possibilidade de que “outras informações” circulem, apenas aquelas possibilitadas pelo governo. É o **agendamento** (MARIANI, 1988) do que se pode pensar, direcionando os sentidos que poderão circular, livremente repetindo-se.

### 5.3 Nós, Fidel e os governantes do país

A partir deste grupo não será mais nosso objetivo pensar nas marcas de primeira pessoa do singular. O que aparecerá nos três grupos subseqüentes será o jogo das posições discursivas possibilitado pelo uso do *nós*. Lembremos, com Indursky (1997), que trabalhamos o *nós* como **não-pessoa discursiva**, que permite, inclusive, a ambigüidade no dizer. Isto porque, de acordo com o que apontamos anteriormente, ao dizer *nós*, abre-se um leque de possibilidades para esta designação, apontando para um funcionamento discursivo que não permite a imediata retomada da referência para este pronome. Em conseqüência, analisar o

---

<sup>114</sup> “No escribí ninguna diatriba contra Europa, dije sencillamente la verdad. Si esta ofende, no es mi culpa. Por ahorrar espacio, en la reflexión de ayer no mencioné siquiera la exportación de armas, los gastos militares y las aventuras bélicas de la OTAN, a las que se añaden los vuelos secretos y la complicidad de Europa con las torturas del gobierno de Estados Unidos”. (Tradução nossa).

*nós* é pensar nas marcas do discurso na língua, pois é somente pela análise do discurso que é possível chegar ao funcionamento discursivo deste pronome. Após uma primeira leitura do *corpus*, distinguimos três grupos que se formaram sob a égide do *nós*, os quais descreveremos na seqüência e que se inicia nesta seção.

Neste primeiro grupo – *Nós*, Fidel e os governantes do país – pela análise do *nós*, percebe-se que figuram discursivamente as imagens construídas para os governantes do país e seu modo de governo.

**SD 63: Manteremos nossa política de princípios**, ainda que o mundo entre cada vez mais no profissionalismo, e como nos tempos de Kid Chocolate – um verdadeiro gênio –, no exista uma medalha para o esporte são e somente se conceba um esporte que valorize atirar bolas irredutíveis, conectar *home runs* e distribuir e receber golpes sem proteção alguma. A uma época como aquela jamais voltaremos.<sup>115</sup>” (Pronunciamento 8, *La constancia escrita, Granma Internacional*, 07 de agosto de 2007. Grifos nossos).

Nesta primeira seqüência, identifica-se um *eu* que se confunde com um *nós*, pela possibilidade da ambigüidade encerrada pelo uso do *nós* sem referente explícito, podendo apresentar-se como o que segue: *nós* = *eu* ou *os dirigentes* ou *eu + os dirigentes*.

Além disso, observa-se a imagem do governo que pratica uma *política de princípios*, uma política que parece privilegiar a moral, em contraposição ao *profissionalismo* que rege o mundo. O governo cubano está do lado da moral, pelos *princípios*, e funciona materializando o Bem, fazendo significar no discurso a divisão dicotômica que se constrói no mundo ocidental de que tratamos anteriormente.

**SD 61:** Depois de tudo, Cuba dispõe de milhares de bons treinadores ou técnicos que costumam trabalhar no exterior com atletas que não poucas vezes ganham medalhas de ouro competindo contra os nossos. Algo mais: existe uma Escola Internacional de Professores de Educação Física e Esportes onde cursam estudos superiores mais de 1.300 jovens do Terceiro Mundo. Faz uns dias se graduaram 247. **Não cultivamos** o chauvinismo nem o espírito de superioridade. Apoiamo-nos na ciência e nos conhecimentos, sobre essas bases **lutamos** para criar os valores éticos de uma mente sã em um corpo são.<sup>116</sup> (Pronunciamento 03, *¿Brasil sustituto de Estados Unidos?*, *TV Camaguey*, 23 de julho de 2007. Grifos nossos).

<sup>115</sup> “Mantendremos nuestra política de principios, aunque el mundo se adentre cada vez más en el profesionalismo, y como en los tiempos de Kid Chocolate – un verdadero genio –, no exista una medalla para el deporte sano y solo se conciba un deporte que ponga precio a lanzar pelotas imbateables, conectar jonrones y repartir y recibir piñazos sin protección alguna. A una época como aquella jamás volveremos.” (Tradução nossa).

<sup>116</sup> “Después de todo, Cuba dispone de miles de buenos entrenadores o técnicos que suelen trabajar en el exterior con atletas que no pocas veces ganan medallas de oro compitiendo contra los nuestros. Algo más: existe una Escuela Internacional de Profesores de Educación Física y Deportes donde cursan estudios superiores más de 1.300 jóvenes del Tercer Mundo. Hace unos días se graduaron 247. No cultivamos el chovinismo ni el espíritu

**SD 09:** Os que solicitaram asilo brasileiro o fazem quando Estados Unidos declarou há pouco tempo que não cumprirá as cifras exatas dos acordos migratórios que assinou com nosso país. Baste assinalar que quase duzentos atletas e treinadores que participaram na primeira semana das competições dos Pan-Americanos, faltaram um jogador de beisebol e um treinador de ginástica.<sup>117</sup> (Pronunciamento 03, *¿Brasil sustituto de Estados Unidos?*, TV Camaguey, 23 de julho de 2007. Grifos nossos).

Por seu próprio trabalho de representar um grupo, o *nós*, quando não imediatamente referido, possibilita a multiplicidade de sentidos. Sob sua égide aparecem, na SD 09, os sentidos para *nosso país*, que pode ser o país de quem assina os *acordos migratórios* – os representantes do governo em geral –, ou de um governante – pela modéstia do dizer, o locutor – ou, por fim, todos os cidadãos – todos os cubanos. Assim temos o *nós* = *eu*, ou *eu* + os dirigentes, ou *eu* + os cubanos, ou ainda, e finalmente, *eu* + os dirigentes + os cubanos.

**SD 24:** Este ponto **me obriga** a insistir em algo que não pode jamais ser esquecido pelos dirigentes da revolução: é dever sagrado reforçar sem trégua nossa capacidade e preparação defensiva, preservando o princípio de cobrar dos invasores em qualquer circunstância um preço impagável.<sup>118</sup> (Pronunciamento 05, *La llama eterna*, *Granma Internacional*, 31 de julho de 2007. Grifos nossos).

Na SD 24, observa-se a alternância entre o uso do pronome no singular e do plural, fazendo funcionar, no discurso, um *nós* inclusivo, que se refere a todos os governantes e também ao *eu* representado no recorte. Podemos dizer que há uma gradação de um *me (eu)* – os dirigentes – *nossa*, pelo processo que permite incluir o locutor no *nós* enunciado.

É por este jogo que um *dever sagrado* pode ser do governante, e de todos os demais, *dever de reforçar sem trégua nossa capacidade e preparação defensiva*, contra os *invasores*, os contrários ao grupo.

**SD 68:** As autoridades **nos** solicitaram a documentação e a representação consular de Cuba, seguindo instruções de **nosso** Embaixador, começou a realizar os trâmites pertinentes.<sup>119</sup> (Pronunciamento 07, *La política y el deporte*, TV Camaguey, 4 de agosto de 2007. Grifos nossos).

---

de superioridad. Nos apoyamos en la ciencia y en los conocimientos, sobre esas bases luchamos por crear los valores éticos de una mente sana en un cuerpo sano.” (Tradução nossa).

<sup>117</sup> “Los que solicitaron asilo brasileño lo hacen cuando Estados Unidos declaró hace muy poco que no cumplirá las cifras exactas de los acuerdos migratorios que suscribió con nuestro país. Baste señalar que casi doscientos atletas y entrenadores que participaron en la primera semana de las competencias de los Panamericanos, faltaron un jugador de balonmano y un entrenador de gimnasia.” (Tradução nossa).

<sup>118</sup> “Este punto me obliga a insistir en algo que no puede ser jamás olvidado por los dirigentes de la revolución: es deber sagrado reforzar sin tregua nuestra capacidad y preparación defensiva, preservando el principio de cobrar a los invasores en cualquier circunstancia un precio impagable.” (Tradução nossa).

<sup>119</sup> “Las autoridades nos solicitaron la documentación, y la representación consular de Cuba, siguiendo instrucciones de nuestro Embajador, procedió a realizar los trámites pertinentes.” (Tradução nossa).



Na SD 68, não se explicita a quem foi solicitada a documentação do desportista, mas logo depois aparecem seções do governo, a *representação consular* e o *embaixador*, aumentando as possibilidades que o *nós* abarca. Temos então *nós* = *eu* locutor, ou *nós* = os dirigentes, ou *nós* = locutor + representantes do governo.

**SD 70: Utilizaremos** a computação não para fabricar armas de destruição massiva e exterminar vidas senão para transmitir conhecimentos a outros povos. Desde o ponto de vista econômico, o desenvolvimento das inteligências e as consciências de **nossos** compatriotas, graças à Revolução, **nos** permitem não somente especializados, incluídos os de saúde, a países com mais recursos que **nossa** pátria. Neste terreno, Estados Unidos não poderia competir jamais com Cuba. **Nosso** pequeno país resistirá. Em poucas palavras: A formiga pôde mais que o elefante!<sup>120</sup> (Pronunciamento 11, *La hormiga y el elefante*, *Granma Internacional*, 18 de junho de 2008. Grifos nossos).

Confundem-se, nestas últimas seqüências, os deveres de todos os governantes e os somente do Comandante do governo. Ressaltemos que, na época deste pronunciamento, Fidel Castro já não ocupava mais o lugar de líder do governo, mas, de acordo com seus pronunciamentos, o lugar de Comandante em Chefe do governo cubano segue ocupado por Fidel Castro, ou melhor, o sujeito fala desta posição. E ademais, Fidel Castro, nos recortes acima listados, fala como representante de todos os governantes, é o *nós* funcionando para um grupo, o grupo dos *dirigentes da revolução*.

#### 5.4 *Nós*, todos os cubanos

Este é o grupo com maior incidência, o que parece esperado pela configuração do discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção. Se o governo pretende manter o apoio do povo, sustentar-se no poder, sem abertura para uma revolução adversária, é preciso construir para si uma imagem de governo do povo. Esta é a proposta do governo socialista, um governo para o povo.

---

<sup>120</sup> “Utilizaremos la computación no para fabricar armas de destrucción masiva y exterminar vidas sino para transmitir conocimientos a otros pueblos. Desde el punto de vista económico, el desarrollo de las inteligencias y las conciencias de nuestros compatriotas, gracias a la Revolución, nos permiten no sólo especializados, incluidos los de salud, a países con más recursos que nuestra patria. En ese terreno Estados Unidos no podría competir jamás con Cuba.

Nuestro pequeño país resistirá.

En pocas palabras: ¡La hormiga pudo más que el elefante!”(Tradução nossa).

Nos recortes abaixo, podemos ver o trabalho dos sentidos atuando na construção discursiva com este *nós*. É por este processo que aparece a imagem de um governo nacionalista, ufanista com relação ao povo e à revolução.

Tanto em questões políticas, quanto esportivas, este *nós* parece demarcar um conjunto, o grupo de todos os cubanos, incluindo Fidel Castro.

**SD 59:** Junto aos senhores vivi as vicissitudes de tais partidas. Pode ser um jogo de voleibol feminino entre Cuba e Estados Unidos, em que **as nossas fizeram tudo perfeito**. Que espantosas **nossas equipes** de handebol feminina e masculina! Que velocidade, que força!<sup>121</sup> (Pronunciamento 02, *Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos*, Tv Camaguey, 17 de julho de 2007. Grifos nossos).

Pela análise da seqüência acima, verifica-se que o *nós*, pela ambigüidade que encerra em sua construção, é responsável pelo funcionamento dos sentidos no discurso. A isso nos referimos, em AD, quando dizemos que o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores. Pelo jogo do *nós* que pode representar diversos grupos, cada leitor interpretará, incluindo-se ou excluindo-se deste *nós*. Nesta SD, por exemplo, podemos ter *nós* = o locutor + os atletas e *nós* = o locutor + os atletas + os cubanos.

Ainda na SD 59, observa-se o tratamento respeitoso destinado ao interlocutor, o povo cubano: *junto aos senhores*. A proximidade entre governante e povo é alcançada por outros meios, pois quando se trata de referir-se ao povo cubano, a forma de tratamento (em língua espanhola, o pronome *usted*) escolhida é o que demonstra respeito e não intimidade.

**SD 55:** Esses casos servem para ressaltar o mérito dos atletas da **nossa equipe nacional**, dispostos a dar sua vida pela Pátria.<sup>122</sup> (Pronunciamento 02, *Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos*, Tv Camaguey, 17 de julho de 2007. Grifos nossos).

**SD 58:** Amanhã vem o dia fatídico em muitos esportes: o início das disputas entre importantes equipes coletivas. Levem em consideração que isto eu escrevo na terça-feira à tarde. **Acabamos** de ganhar a terceira medalha de ouro do dia com um atleta lesionado. Foi heróico.<sup>123</sup> (Pronunciamento 02, *Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos*, *Granma Internacional*, 17 de julho de 2007 . Grifos nossos).

<sup>121</sup> “Junto a ustedes he vivido las vicisitudes de tales partidos. Puede ser un juego de voleibol femenino entre Cuba y Estados Unidos, en que las nuestras lo hicieron perfecto. ¡Qué asombrosos nuestros equipos de balonmano femenino y masculino! ¡Qué velocidad, qué fuerza!” (Tradução nossa).

<sup>122</sup> Estos casos sirven para resaltar el mérito de los atletas de nuestro digno equipo nacional, dispuestos a dar su vida por la Patria. (Tradução nossa).

<sup>123</sup> “Mañana viene el día fatídico en muchos deportes: el inicio de las disputas entre importantes equipos colectivos. Ténganse en cuenta que esto lo escribo el martes por la tarde. Acabamos de ganar la tercera medalla de oro del día con un atleta lesionado. Fue heróico.” (Tradução nossa).

**SD 61:** Depois de tudo, Cuba dispõe de milhares de bons treinadores ou técnicos que costumam trabalhar no exterior com atletas que não poucas vezes ganham medalhas de ouro competindo contra os **nossos**. Algo mais: existe uma Escola Internacional de Professores de Educação Física e Esportes onde cursam estudos superiores mais de 1.300 jovens do Terceiro Mundo. Faz uns dias se graduaram 247. Não cultivamos o chauvinismo nem o espírito de superioridade. Apoiamo-nos na ciência e nos conhecimentos, sobre essas bases lutamos para criar os valores éticos de uma mente sã em um corpo sã.<sup>124</sup> (Pronunciamento 03, *¿Brasil sustituto de Estados Unidos?*, 23 de julho de 2007– Grifos nossos).

**SD 76:** Nossa delegação foi recebida na madrugada de hoje com o reconhecimento e as honras que merece. Falaram Esteban Lazo e Frederich Capeda. Ali estava Raúl, que os havia defendido no Palácio da Revolução.<sup>125</sup> (Pronunciamento 16, *¿Gloria a los buenos!*, *Granma Internacional*, 20 de março de 2009 – Grifos nossos).

Funcionando nas SDs acima, temos um *nós* que repete o dito anteriormente, ou seja, um *nós* que pode congrega o locutor, os atletas e os cubanos. Acrescente-se, pela análise da SD 55, o trabalho da memória da revolução. A *equipe nacional*, nesta seqüência, aparece como disposta a *dar sua vida pela pátria*, assim como faz um exército, que representa a pátria, defendendo-a com a própria vida. Esta seqüência está em relação com a SD 35 em que se lê:

**SD 35:** **O atleta que abandona sua delegação é como o soldado que abandona seus companheiros no meio do combate.** Cuba dispõe de muitos bons desportistas, mas não roubaram ninguém. O povo desfruta de suas maravilhosas atuações. É já parte de sua cultura, seu bem-estar e sua riqueza espiritual.<sup>126</sup> (Pronunciamento 8, *La Constancia escrita*, *Granma Internacional*, 07 de agosto de 2007. Grifos nossos).

Estas seqüências dialogam entre si, significando o atleta cubano como um soldado que defende a pátria, fazendo rememorar, no discurso, a memória da revolução cubana.

Ainda neste grupo, destacam-se os direitos do povo com relação à sua constituição como nação, a **comunidade imaginada** (Anderson, 2005 [1983])

<sup>124</sup> “Después de todo, Cuba dispone de miles de buenos entrenadores o técnicos que suelen trabajar en el exterior con atletas que no pocas veces ganan medallas de oro compitiendo contra los nuestros. Algo más: existe una Escuela Internacional de Profesores de Educación Física y Deportes donde cursan estudios superiores más de 1.300 jóvenes del Tercer Mundo. Hace unos días se graduaron 247. No cultivamos el chovinismo ni el espíritu de superioridad. Nos apoyamos en la ciencia y en los conocimientos, sobre esas bases luchamos por crear los valores éticos de una mente sana en un cuerpo sano.” (Tradução nossa).

<sup>125</sup> “Nuestra delegación fue recibida en la madrugada de hoy con el reconocimiento y los honores que merece. Hablaron Esteban Lazo y Frederich Capeda. Allí estaba Raúl, que los había abanderado en el Palacio de la Revolución.” (Tradução nossa).

<sup>126</sup> “El atleta que abandona su delegación es como el soldado que abandona a sus compañeros en medio del combate. Cuba dispone de muchos buenos deportistas pero no se los ha robado a nadie. El pueblo disfruta además de sus maravillosas actuaciones. Es ya parte de su cultura, su bienestar y su riqueza espiritual”. (Tradução nossa).

**SD 02:** Também me preocupa o espaço que utilizam nas primeiras páginas de **nossa imprensa**, tão necessário para a atividade diária da nação.<sup>127</sup> (Pronunciamento 01, *Reflexión de las reflexiones*, 22 de junho de 2007. Grifos nossos).

**SD 62:** Para a imensa maioria do **nosso povo** o essencial é conhecer qual foi o comportamento moral dos atletas, que com tanto sacrificio os educa e forma.<sup>128</sup>

A própria revolução é de todos os cubanos, a resistência aparece como desejo de todos os cidadãos e as vitórias são fruto do trabalho e do investimento de todos os cubanos. São *nossas equipes, nossos estudantes, nosso país*.

**SD 74:** A nossa revolução vitoriosa correspondeu-lhe compatibilizar a amizade de Allende e o ódio de Trujillo. Este era um Pinochet rústico, engendrado pelos Estados Unidos no Caribe. O déspota havia sido fruto de uma das intervenções militares ianques na ilha que compartilha com Haiti e que foi a primeira colônia espanhola.<sup>129</sup> (Pronunciamento 15, *La historia real y el desafío de los periodistas cubanos*, *Granma Internacional*, 03 de julho de 2008. Grifos nossos).

**SD 43:** É claríssima a estúpida intenção de misturar cubanos no assunto, à parte da mentira sobre a impossível presença de **nosso estudantes** de Medicina nessa distante selva colombiana. Quando um engenheiro ou médico cubano abandona seu país, é alguém que vai com os conhecimentos que **nosso povo** financiou com grandes sacrificios. No dia 13 deste mês precisamente regressaram a sua pátria 177 membros da Brigada Médica e 35 professores depois de cumprir durante dois anos sua sagrada missão no Timor Leste.<sup>130</sup> (Pronunciamento 10, *Sed de Sangre*, *Granma Internacional*, 15 de março de 2008. Grifos nossos).

**SD 69:** **Nosso país** demonstrou que pode resistir a todas as pressões e ajudar a outros povos. Meditava sobre a magnitude de **nossa cooperação** não somente na Bolívia, senão no Haiti, no Caribe, vários países da América Central e América do Sul, África e até a longínqua Oceania, a 20.000 quilômetros de distância.<sup>131</sup>

<sup>127</sup> “También me preocupa el espacio que utilizan en las primeras planas de nuestra prensa, tan necesario para la actividad diaria de la nación.” (Tradução nossa).

<sup>128</sup> “Para la inmensa mayoría de nuestro pueblo lo esencial es conocer cuál fue el comportamiento moral de los atletas, que con tanto sacrificio los educa y forma.” (Pronunciamento 08, *La constancia escrita*, 07 de agosto de 2007, SD 62) (Tradução nossa).

<sup>129</sup> “A nuestra revolución victoriosa le correspondió simultanear la amistad de Allende y el odio de Trujillo. Este era un Pinochet rústico, engendrado por Estados Unidos en el Caribe. El déspota había sido fruto de una de las intervenciones militares yanquis en la isla que comparte con Haití y que fuera la primera colonia española.” (Tradução nossa).

<sup>130</sup> “Es clarísima la estúpida intención de mezclar cubanos en el asunto, aparte de la mentira sobre la imposible presencia de nuestros estudiantes de Medicina en esa distante selva colombiana. Cuando un ingeniero o médico cubano abandona su país, es alguien que se marcha con los conocimientos que nuestro pueblo sufragó con grandes sacrificios. El día 13 de este mes precisamente regresaron a su patria 177 miembros de la Brigada Médica y 35 maestros después de cumplir durante dos años su sagrada misión en Timor Leste.” (Tradução nossa).

<sup>131</sup> “Nuestro país ha demostrado que puede resistir a todas las presiones y ayudar a otros pueblos. Meditava sobre la magnitud de nuestra cooperación no sólo en Bolivia, sino en Haití, el Caribe, varios países de Centroamérica y América del Sur, África y hasta la lejana Oceania, a 20.000 kilómetros de distancia.” (Tradução nossa).

(Pronunciamento 11, *La hormiga y el elefante*, *Granma Internacional*, 18 de junho de 2008. Grifos nossos).

**SD 57:** Preparar-se sempre para a pior das variantes. Ser tão prudentes no sucesso como firmes na adversidade é um princípio que não se pode esquecer. O adversário a derrotar é sumamente forte, mas o **mantivemos** a distância durante meio século.<sup>132</sup> (Pronunciamento 9: *Mensaje del Comandante en Jefe*, *Granma Internacional*, 18 de fevereiro de 2007. Grifos nossos).

**SD 01:** Se forem breves, têm a vantagem de que os cento e doze meios de comunicação estrangeiros cadastrados em **nosso país** que as recebem com antecipação publicam partes importantes do seu texto; se são extensas, me permitem aprofundar o que deseje em determinados conceitos a meu juízo importantes para que **nosso povo**, protagonista principal diante de qualquer agressão, e outros países em circunstâncias similares, disponham de elementos de juízo. Este dilema constitui para mim uma dor de cabeça.<sup>133</sup> (Pronunciamento 01, *Reflexión sobre las reflexiones*, *Granma Internacional*, 22 de junho de 2007. Grifos nossos).

**SD 75:** Abria-se um capítulo de paz para Colômbia, processo que Cuba vem apoiando faz mais de 20 anos como o mais conveniente para a unidade e libertação dos povos de **nossa América**, utilizando novas vias nas complexas e especiais circunstâncias atuais depois do afundamento da URSS em princípios dos anos 90 que não tentarei analisar aqui –, muito diferentes às de Cuba, Nicarágua e outros países nas décadas de 50, 60 e 70 do Século XX.<sup>134</sup> (Pronunciamento 15, *La historia real y el desafío de los periodistas cubanos*, *Granma Internacional*, 03 de julho de 2008. Grifos nossos).

É o povo o responsável pela *resistência*, *o nosso povo é o protagonista principal diante de qualquer agressão*, que pode *resistir a todas as pressões e ajudar a outros povos da nossa América*, formando-se uma rede de sentidos que permite significar o *nós*, pela partilha representada pelo possessivo, desde os *nosso estudantes*, passando por *nossa equipe nacional*, *nossa delegação*, chegando a *nosso povo*, *nosso país*, possibilitando dizer *nossa América*.

Em conseqüência, podemos elencar uma rede de possíveis determinações para os possessivos *nosso*, *nossa*, *nosso*, *nossas* que mostra, no discurso, o que pode figurar como

<sup>132</sup> “Prepararse siempre para la peor de las variantes. Ser tan prudentes en el éxito como firmes en la adversidad es un principio que no puede olvidarse. El adversario a derrotar es sumamente fuerte, pero lo hemos mantenido a raya durante medio siglo.” (Tradução nossa).

<sup>133</sup> “Si son breves, tienen la ventaja de que los ciento doce medios de prensa extranjeros acreditados en nuestro país que las reciben con antelación, publican partes importantes de su texto; si son extensas, me permiten profundizar lo que desee en determinados conceptos a mi juicio importantes para que nuestro pueblo, protagonista principal ante cualquier agresión, y otros países en circunstancias similares, dispongan de elementos de juicio. Este dilema constituye para mí un dolor de cabeza.” (Tradução nossa).

<sup>134</sup> “Se abría un capítulo de paz para Colombia, proceso que Cuba viene apoyando desde hace más de 20 años como lo más conveniente para la unidad y liberación de los pueblos de nuestra América, utilizando nuevas vías en las complejas y especiales circunstancias actuales después del hundimiento de la URSS a principios de los 90 – que no intentaré analizar aquí –, muy diferentes a las de Cuba, Nicaragua y otros países en las décadas de 50, 60 y 70 del Siglo XX.” (Tradução nossa).

referindo-se aos possíveis *nós*, ou seja, o que se partilha, neste grupo: o locutor, os atletas, os cidadãos cubanos.

<i>NÓS</i>	DETERMINANTES
<p style="text-align: center;"><b>nosso</b> <b>nossa</b> <b>nossos</b> <b>nossas</b></p>	<p><b>estudantes</b> <b>[atletas]</b> <b>delegação</b> <b>equipes</b> <b>equipe nacional</b> <b>imprensa</b> <b>povo</b> <b>país</b> <b>América</b> <b>revolução vitoriosa</b> <b>revolução</b> <b>cooperação</b></p>

Pelos sentidos postos no discurso, catalogados nesta subseção, percebemos a imagem de um governo do povo, para o povo. Pelo discurso, aproxima-se o povo cubano dos sentidos da Revolução, colocando-o como *principal protagonista* do processo revolucionário e de sua continuidade. Constrói-se a imagem de um governo sustentado pelo povo e pelos seus ideais. O nacionalismo exagerado aparece em muitas seqüências pela exaltação dos esportistas ou outros cidadãos que representam Cuba em outros países. Neste recorte, funciona a imagem de um governo democrático e popular, com bases fincadas na vontade do povo e no resultado do seu próprio trabalho.

### 5.5 *Nós*, a modéstia de um *eu*

O último grupo, com pouca incidência, representa o que conhecemos como sendo o plural da modéstia. Este grupo representa um *eu* que, no discurso, se apresenta como um *nós*. Nestas seqüências, mostra-se um sujeito que expressa sua opinião individual, que fala sobre seu ato político, mas usa um *nós* para colocar-se como representante do grupo. Por este mecanismo, o sujeito aproxima mais uma vez o leitor/ cidadão cubano das decisões do próprio país. Contudo, estes recortes demonstram que há um único sujeito que diz, aquele que ocupa o lugar de Comandante do governo.

**SD 66:** Não me arribei<sup>135</sup> em um minuto ao que penso hoje com relação ao poder, mas estimo que se trata de um pensamento conseqüente. Atribuo o modesto aporte de **nossa Revolução** ao fato de que **nossas respostas** às perguntas nunca regrediram, a pesar do cru realismo que nos impôs o brutal bloqueio do império.<sup>136</sup> (Pronunciamento 6, *Reflexión sobre duras y evidentes realidades*, *Gramma Internacional*, 03 de agosto de 2007. Grifos nossos).

Na SD 66, mais uma vez, observa-se a possibilidade de dois referentes para o *nós*. Em *nossa Revolução* podemos referir este *nós* como na seção anterior = o locutor + os cubanos. Contudo, em *nossas respostas*, verifica-se que não é a resposta do povo, mas do próprio locutor, singular, empregando o *nós* em lugar do *eu*, do único locutor.

**SD 29:** Os boxeadores lhe comunicaram que haviam cometido um erro e estavam arrependidos. Negaram-se a receber um cidadão alemão, que de imediato se interessou por eles, cumprindo instruções da empresa mafiosa. Isto nós **soubemos** depois.<sup>137</sup> (Pronunciamento 07, *La política y el deporte*, *Tv Camaguey*, 04 de agosto de 2007. Grifos nossos).

**SD 12:** Não existe justificativa alguma para solicitar asilo político. Se não é o Brasil seu mercado definitivo, pouco lhes importa. Há países ricos do primeiro mundo que pagam muito mais. As autoridades brasileiras declararam que os que desertem deverão provar a necessidade real de asilo. É impossível demonstrar o contrário. De antemão se conhece seu destino final como atletas mercenários em uma sociedade de consumo. Acho que ofenderam o Brasil, utilizando os Pan-Americanos como pretexto para autopromover-se. De todas as formas, **consideramos** úteis as declarações de suas autoridades.<sup>138</sup> (Pronunciamento 03, *¿Brasil sustituto de Estados Unidos?*, *TV Camaguey*, 23 de julho de 2007. Grifos nossos).

Ao dizer *isto nós soubemos depois*, configura-se, no discurso, o que chamamos de plural da modéstia. Quando se diz *consideramos úteis as declarações de suas autoridades* emprega-se o *nós* politicamente para não dizer com a arrogância do *eu*.

<sup>135</sup> ‘Arribar’ significa afastar a proa da linha do vento (ou para sotavento), o que parece, neste pronunciamento, ser não distanciar-se do pensamento, da linha do vento.

<sup>136</sup> “No arribé en un minuto a lo que hoy pienso con relación al poder, pero estimo que se trata de un pensamiento consecuente. El modesto aporte de nuestra Revolución lo atribuyo al hecho de que nuestras respuestas a las interrogantes nunca involucionaron, a pesar del crudo realismo que nos impuso el brutal bloqueio del imperio.” (Tradução nossa).

<sup>137</sup> “Los boxeadores le comunicaron que habían cometido un error y estaban arrepentidos. Se negaron a recibir a un ciudadano alemán, que de inmediato se interesó por ellos, cumpliendo instrucciones de la empresa mafiosa. Esto lo supimos después.” (Tradução nossa).

<sup>138</sup> “No existe justificación alguna para solicitar asilo político. Si no es Brasil su mercado definitivo, poco les importa. Hay países ricos del primer mundo que pagan mucho más. Las autoridades brasileñas han declarado que los que deserten deberán probar la necesidad real de asilo. Es imposible demostrar lo contrario. De antemano se conoce su destino final como atletas mercenarios en una sociedad de consumo. Pienso que han ofendido a Brasil utilizando los Panamericanos como pretexto para autopromoverse. De todas formas consideramos útiles las declaraciones de sus autoridades.” (Tradução nossa).

Ressaltemos que toda vez que o sujeito de um discurso toma a palavra, ele mobiliza um funcionamento discursivo responsável pela construção de sentidos no discurso. Aparecem, nos recortes acima, sob o efeito de homogeneidade do *eu* e do *nós*, diferentes posições de sujeito no discurso, é a dispersão do sujeito, que, pelos pressupostos da teoria a que nos filiamos, não é uno, não tem uma essência que lhe seria própria.

Como dissemos no princípio deste capítulo, esta homogeneidade reunida pela autoria, é puramente imaginária, pois o que há são as imagens que o sujeito constrói para si no discurso.

Há que se ressaltar o funcionamento metonímico do *nós*. Sob a face de um *nós*, abriga-se uma pluralidade de grupos que ora inclui os cubanos, ora os exclui. Ora aparece como a voz do governo e dos governantes, ora é representativo de um único locutor. Pela análise do *nós* observa-se que funciona, no discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção, o movimento do sujeito enunciador que passeia por distintas posições discursivas. Concluindo esta parte sobre as posições-sujeito, verifica-se, neste jogo, a própria relação do sujeito com a formação discursiva em que se inscreve, pelo duplo movimento de constituição do sujeito e dos sentidos no discurso.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso questionamento com relação a Cuba começou ainda em nossa prática diária como professores de língua espanhola. Tínhamos vago conhecimento sobre os longos pronunciamentos de Fidel Castro desde sua época de revolucionário dos movimentos estudantis. Contudo, estes pronunciamentos não nos despertavam interesse do ponto de vista científico. Foi a partir de um acontecimento na história, a deserção de três desportistas da delegação cubana nos XV Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro em 2007, que, para nós, Cuba passou a significar diferente. Após este acontecimento, o então líder de governo, Fidel Castro, ordenou que voltassem à ilha, antes do fim dos jogos do continente, todos os atletas da delegação.

Começamos a ler mais sobre Cuba e, a partir dos pressupostos da Análise de Discurso francesa inaugurada por Pêcheux (1990a [1969]), nos propusemos a entender o funcionamento do discurso socialista cubano contemporâneo pela análise de dezesseis pronunciamentos de Fidel Castro que tratam, de alguma maneira, do tema deserção.

Uma característica deste discurso que nos chamou a atenção imediatamente foi o trabalho das denominações, nos pronunciamentos. Pelas denominações pudemos compreender como se constroem discursivamente as imagens dos cidadãos cubanos, do governo de Cuba, do capitalismo, dos desertores e, finalmente, da deserção.

Verificamos que se constrói a oposição entre um sistema e outro, entre o modo de governar do socialismo e o do capitalismo pela dicotomia presente no imaginário ocidental entre o Bem e o Mal, uma dicotomia que organiza o mundo, também fazendo figurar, no discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção, dois tipos de sujeito – o bom e o mau-cidadão cubano, dividindo a própria sociedade entre aqueles que, imaginariamente, prezam pelo bem de Cuba e aqueles que estão do outro lado, contra o sistema e que aparecem como *traidores* da nação. Ao mesmo tempo em que se processa esta divisão imaginária, constroem-se também os sentidos para o mau-cidadão, que nem sempre é significado como

tão mau assim. Aparecem, no discurso, duas redes de sentidos que separam os tipos de cidadãos desertores, que podem apresentar-se sem que se lhe atribuam qualidades, são simplesmente, *cidadãos* e *atletas cubanos*, por exemplo, ou pela exaltação do seu talento, pois são *destacados atletas do boxe*, *talentos desportivos*, ou, ainda como parte integrante do primeiro tipo de desertores, os *pobres diabos*, *os talentos roubados*. E, em contraposição, constituindo a segunda rede de sentidos, estão os *traidores*, *atletas mercenários*, *sujeitos simuladores e repugnantes*, um *vende-pátrias* que não tem amor ao país, atleta que *abandona seus companheiros no meio do combate*.

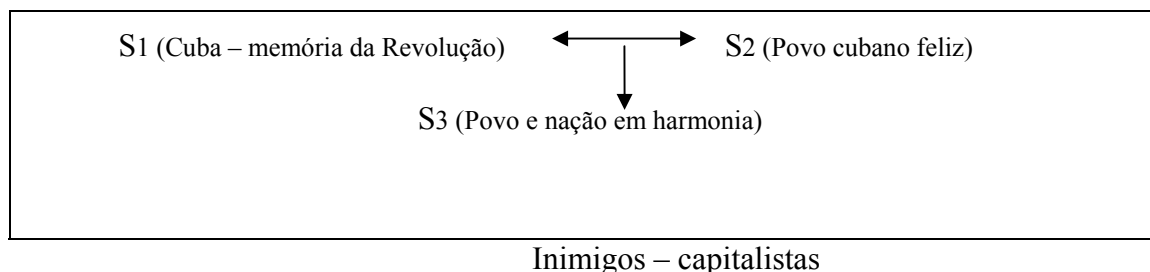
As denominações funcionam pela estabilização dos sentidos, tendo como conseqüência uma pretensa homogeneidade do discurso, pelo direcionamento dos sentidos. Direcionamento que aparece desde a própria escolha do tema, sobre o que é interessante dizer em tais condições e, como vimos, pela imposição dos sentidos, regulado pelo lugar social de quem enuncia.

Porque o dizer se pretende único, a polissemia é contida, controlada, configurando o discurso sobre a deserção nos moldes de um discurso autoritário, pelo domínio da paráfrase em detrimento da polissemia. Pelo mesmo movimento de conter o deslizamento dos sentidos, silenciam-se os sentidos que não devem ser ditos dentro da formação discursiva socialista cubana contemporânea. É o silenciamento próprio do ato de dizer – não é possível dizer tudo – e o silenciamento local, a censura, – a restrição do dizer – funcionando pela manutenção da ideologia dominante. (ORLANDI, 2007)

Também pelo funcionamento da divisão imaginária da ilha, apresentam-se, no discurso, estratégias de argumentação que fazem com que, mesmo para o mau-cidadão haja uma salvação, isto é, quando o cidadão cubano pratica a deserção, não é sempre porque ele quer, não é porque está contra o sistema cubano de governo. Referente a isto, verificamos, no discurso, duas formas de significar a deserção, tal como nomeamos – a deserção culposa e a deserção dolosa –, apontando, em termos discursivos, para o apagamento do desejo do sujeito de “sair” do sistema e, como conseqüência, para o apagamento de qualquer falha do sistema de governo.

Há, desta forma, a construção da maneira de significar Cuba e as implicações que tem a deserção para o sistema. Nos pronunciamentos selecionados, Cuba significa pela memória da Revolução. Cuba é o *país da resistência*, é também representada como *sociedade revolucionária*, é a *nossa pátria*. Podemos considerar este como sendo o sentido construído para Cuba que está relacionado à imagem de um povo cubano harmonioso, uma *nação* cubana homogênea e feliz. Sentidos que estão em relação intra e interdiscursivamente, construindo-se

como resultado deste processo discursivo a imagem de um *povo* e uma *nação* em harmonia, sem espaço para o opositor, ou seja, neste espaço discursivo construído nos pronunciamentos, não há lugar para o *inimigo*, os capitalistas que parecem funcionar fora da ilha.



O *adversário* que compõe a *máfia* não faz parte do sistema, aparecendo como um intruso que invade para corromper os *pobres diabos*, que se deixam roubar, lançando-se em uma *insólita aventura sem justificativa alguma*, já que de acordo com o exposto, o sistema é tão perfeito e justo. Esta é a construção discursiva, são os sentidos de um país perfeito e feliz, com um governo justo e compreensivo.

Paralelamente, a deserção funciona como o que foge ao possível de ser dito. É o real da história que irrompe nesta harmonia. O gesto do desertor traz à tona o real da história, o que é impossível de ser dito, impossível de ser significado dentro desta construção imaginária para a sociedade cubana. E como, então, dar sentidos a este real que foge? A deserção precisa ser significada, pois, como já dissemos, “os fatos reclamam sentidos” (HENRY, 1994) e neste fazer sentido, coloca-se em jogo o funcionamento da memória sobre a revolução, construindo imaginariamente uma continuidade entre os tempos, que faz rememorar, no imaginário cubano, os sentidos da revolução, colocando-os em paráfrase com os sentidos do atletismo.

**SD 35: O atleta que abandona sua delegação é como o soldado que abandona seus companheiros no meio do combate.** Cuba dispõe de muitos bons desportistas, mas não roubaram ninguém. O povo desfruta de suas maravilhosas atuações. É já parte de sua cultura, seu bem-estar e sua riqueza espiritual.<sup>139</sup> (Pronunciamento 8, *La Constancia escrita*, *Granma Internacional*, 07 de agosto de 2007. Grifos nossos).

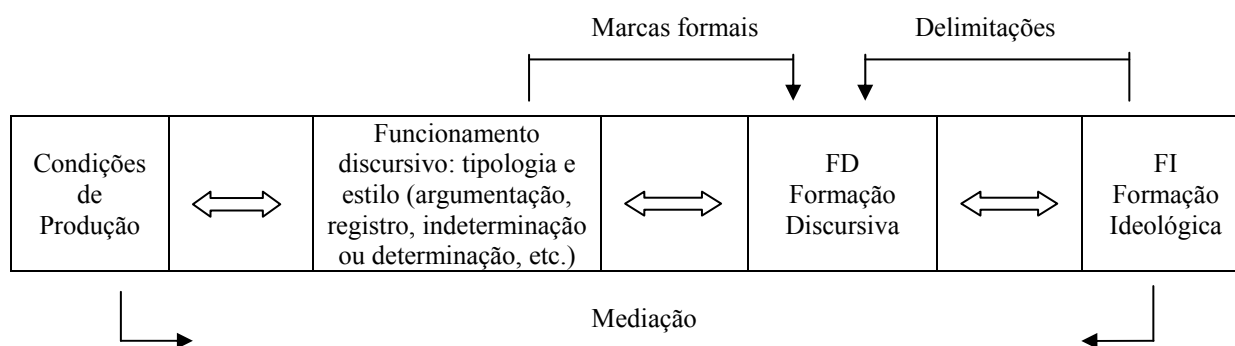
Como verificamos ao longo desta dissertação, esta rememoração que remonta ao período histórico da revolução, constrói-se também pelo campo semântico que se refere à guerra, em que o constante embate entre os socialistas e os capitalistas é significado como

<sup>139</sup> “El atleta que abandona su delegación es como el soldado que abandona a sus compañeros en medio del combate. Cuba dispone de muchos buenos deportistas pero no se los ha robado a nadie. El pueblo disfruta además de sus maravillosas actuaciones. Es ya parte de su cultura, su bienestar y su riqueza espiritual”. (Tradução nossa).

uma *batalha*, uma *luta sem trégua* que acontece contra os *adversários*, os *inimigos* da revolução. Pelo funcionamento que apontamos, privilegia-se a manutenção do sistema de governo pelo constante retorno à memória, estabilizando determinados sentidos que podem ser ditos e outros que devem ser esquecidos. Repetem-se, parafrasticamente, os sentidos para uma Cuba feliz, harmoniosa, honesta e revolucionária.

Juntamente com isso, pelo jogo das formações imaginárias, o mecanismo de antecipação, possibilita, no discurso, o funcionamento das estratégias de argumentação responsáveis, no caso em análise, pela formação das duas grandes redes de sentidos para desertores, de acordo com o trabalho apresentado no capítulo 4, em que verificamos o funcionamento dos dois tipos de deserção. Concluimos, pela análise das seqüências discursivas recortadas, que a deserção culposa, sem intenção, é resultado mesmo da própria estratégia de argumentação no discurso. Ou seja, propusemos, naquele momento de reflexão, que, pela constituição do discurso socialista cubano contemporâneo, não se pode, simplesmente, julgar os cubanos desertores negativamente, pois isso significaria a construção imaginária de um governo intolerante com os dissidentes. Contudo, contrariamente, auferimos, pela análise dos recortes aqui tratados, que a imagem que se constrói no discurso é de um governo compreensivo e justo que promove, discursivamente, a manutenção do seu sistema, pela legitimação própria do dizer político, funcionando em comunhão com o silenciamento das vozes discordantes da resistência.

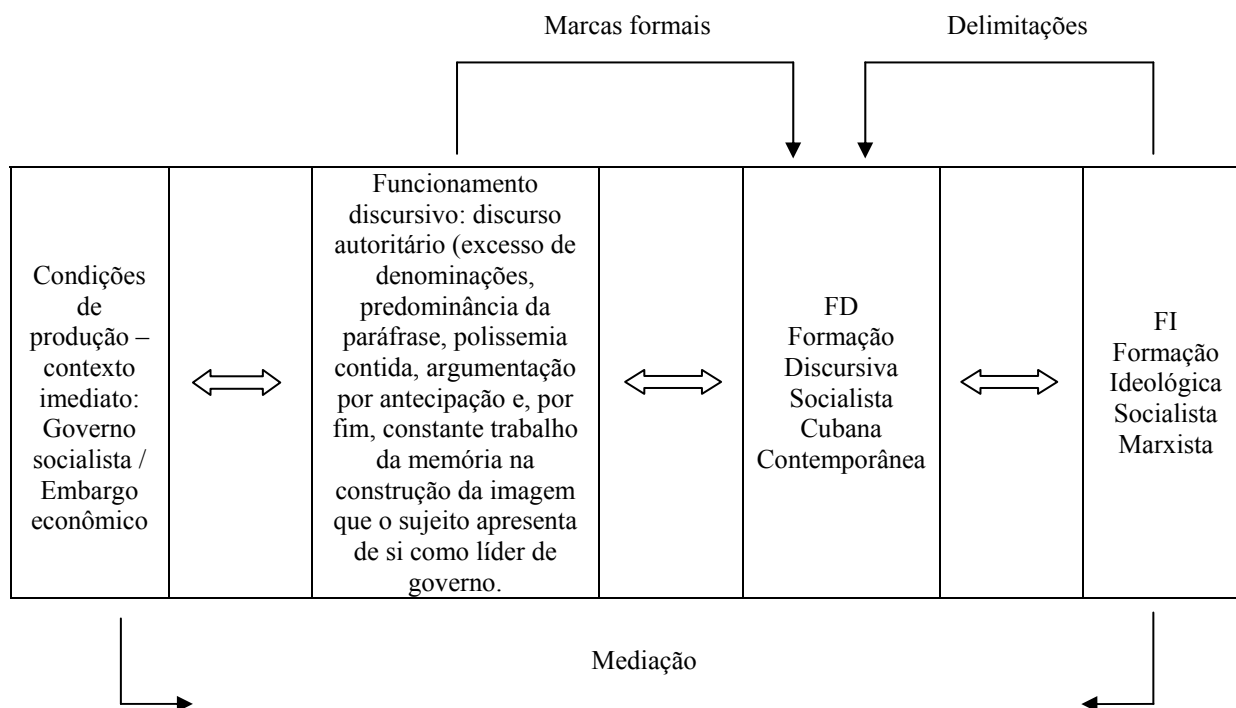
Podemos, neste ponto da conclusão, retomar o *Quadro 1 – Quadro do funcionamento discursivo* proposto por Orlandi (1983)<sup>140</sup> – para, após análise, formular nosso próprio quadro, ao qual nomearemos como o *Quadro do funcionamento discursivo nos pronunciamentos de Fidel Castro*.



**Quadro 1 – Quadro do funcionamento discursivo.**<sup>141</sup>

<sup>140</sup> Este quadro foi apresentado na seção 8, do capítulo 3.

<sup>141</sup> (ORLANDI, 1983, p. 122).



**Quadro 10 – Quadro do funcionamento discursivo nos pronunciamentos de Fidel Castro**

Pela análise das formas-materiais na língua, no confronto entre o lingüístico e o histórico, chegamos ao que denominamos a **formação discursiva socialista cubana contemporânea**, que se inscreve, por sua vez, na **formação ideológica socialista marxista** pelos discussão dos ideais da teoria marxista, que vigoram e são rememorados, como vimos anteriormente, construindo as bases de um **discurso ocidental político de esquerda**, de onde parecem vir os sentidos para a palavra *povo*, por exemplo.

Cumpramos, nestas últimas considerações, a discussão que propusemos sobre a forma-sujeito histórica e a questão cubana. Não era nosso objetivo responder a esta questão, mas, conforme apontamos em nossa apresentação, Cuba é um país singular, as condições de produção do discurso são diferentes das nossas, o que nos faz supor uma mudança na configuração da própria forma de constituição do sujeito. Contudo, observa-se também o funcionamento da lei, nesta sociedade. Há uma Constituição e, inclusive, uma Carta dos Direitos do cidadão cubano, que nos leva a outro ponto fundamental da forma-sujeito histórica do capitalismo que é o seu funcionamento pela ordem do Estado, que regula os processos de individualização do sujeito (ORLANDI, 2008). Neste sentido, o Estado Cubano não se distinguiria do Estado Capitalista, apontando, talvez, para a mesma forma de subjetivação. Como expusemos no capítulo 3, esta é já uma questão de estudo para a Análise de Discurso. Nesta dissertação, buscou-se outro caminho, pelo que não se propôs responder

esta questão, pois o que se procurou, minimamente, foi não silenciá-la, apresentando algumas hipóteses, que ficarão, em parte, sem resposta, sugerindo apenas mais questões sobre Cuba, este país “*hermano*” na América, e que, contudo, não nos parece assim tão familiar. Mas esta é outra questão.

Por fim, voltando aos objetivos desta dissertação, os pronunciamentos analisados pareceram-nos suficientes para compreendê-los como práticas discursivas que funcionam como mais um dos aparelhos ideológicos do estado cubano (ALTHUSSER, 2003 [1971]), tal como a *Constituição da República de Cuba*, a *Carta dos direitos e deveres fundamentais dos cubanos*, e também os aparelhos ideológicos apontados por Althusser (2003 [1971]) como a escola, a imprensa, o sistema político, etc.

É pela constante interlocução imaginária, construída nos pronunciamentos de Fidel Castro e pelo trabalho das denominações que se observa o funcionamento do discurso socialista cubano contemporâneo, construindo a imagem do governo socialista e do seu governante, um eterno revolucionário, um Dom Quixote de La Habana que tenta resistir aos infindáveis ataques das *piranhas* do capitalismo.

## 7 BIBLIOGRAFIA

### 7.1 Bibliografia consultada e citada

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Papel da Memória*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007, p. 11-21.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2003 [1971]. (Biblioteca de Ciências Sociais).

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do Nacionalismo*. Trad. Catarina Mira. Lisboa: Edições 70, 2005 [1983]. 283 p.

AVALLE, Augusta Porto. *O pedinte, o experiente e o grandiloqüente: ethé discursivos de presidentes da América do Sul*. Rio de Janeiro, RJ, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística general*. México, D.F: Siglo Veintiuno Editores, 1971 [1966]. 218 p.

BETTO, Frei. *Fidel e a religião*. São Paulo: Círculo do Livro, 1985. 290 p.

CASTRO, Fidel. *Nada podrá detener la marcha de la historia*. La Habana: Editora Política, 1985. 237 p.

COLLINOT, Andre. MAZIÈRE, Francine. *Un Prêt-a Parler: le dictionnaire*. Paris: Press Universitaires de France, 1997.

CONSTITUCIÓN de la República de Cuba. Cuba: Asamblea Nacional de Poder Popular, 1976. Disponível em: <[www.cuba.cu](http://www.cuba.cu)>.. Acesso em: 15 de março de 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político*. Derivas da fala pública. Trad. Nilton Milanez. Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz Editora, 2006. 160 p.

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009 [1981]. 250 p.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. Campinas, SP, 2008. 243 f. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

DICCIONARIO de la Real Academia Española. Disponível em: <[www.rae.es](http://www.rae.es)>.. Acesso em: 28 de jan. 2010.

DICCIONARIO Salamanca de la lengua española. Madrid: Grupo Santillana de Ediciones. Coedición con la Universidad de Salamanca, 1996.

DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005. 216 p.

FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à Lingüística*. 5 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008. v. 1. 226 p.



FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 14 ed. São Paulo. Editora Loyola, 2006 [1971]. 79 p.

GADET, Françoise. HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. 320 p.

HAROCHE, Claudine. HENRY, Paul. PÊCHEUX, Michel. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages*. Paris: n 24, p. 93-106, 1971.

HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer. Querer dizer*. Trad. Eni P. Orlandi. São Paulo: Editora Hucitec, 1992. 224 p.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise. HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990, p. 13-38.

\_\_\_\_\_. A história não existe? In: ORLANI, Eni P. et al. (Org.). *Gestos de leitura: da História no Discurso*. Trad. Bethania Mariani. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994, p.29-53.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e outras vozes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. 268 p.

\_\_\_\_\_. A análise do discurso e sua inserção no campo das ciências da linguagem. Caderno de Letras do Instituto de Letras, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n 20, p. 7-21, dezembro, 1998.

\_\_\_\_\_. Lula lá: estrutura e acontecimento. *Organon*, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003.

\_\_\_\_\_. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMAN, Solange. GRIGOLETTO, Evandra. CAZARIN, Ercília Ana. *Práticas discursivas e identitárias*. Porto Alegre: Editora Nova Prova, 2008.

JOBIM, José Luis. *Formas da teoria*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2003.

LAGAZZI, Suzy. *O desafio de dizer não*. Campinas, SP: Pontes, 1988. 101 p.

LEAL, Maria do Socorro Pereira. *Os sentidos de “povo roraimense” em textos de parlamentares (1999 a 2005)*. Niterói, RJ, 2006. 187 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

LEBRUN, Jean-Pierre. *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004. 218 p.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et. al. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LESSA, Sérgio. TONET, Ivo. *Introdução à filosofia de Marx*. 1 ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008. 128 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes & Ed. da UNICAMP, 1989 [1987].

MATTHEWS, Herbert Lionel. *Fidel Castro: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.

MARIANI, Bethania. S. C. SOUZA, Tânia. C. Clemente de. 1822, pátria independente: outras palavras? *Organon*, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 8, n. 21, p. 43-52, 1994.

MARIANI, Bethania S. C. Linguagem e história. *Cadernos de Letras da UFF*, n 12, 1990, p. 13-23.

\_\_\_\_\_. *O PCB e a imprensa. Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro, Campinas: Revan, Editora da UNICAMP, 1998. 256 p.

\_\_\_\_\_. S. C. Sobre sujeito e língua em alguns textos e conceitos fundadores: uma retomada em Althusser e Lacan. In: II CEPEL, julho de 2008, Cáceres, UNEMAT, 2008.

MARX, Karl. *Crítica ao programa de Gotha*. Comentários à margem do programa do Partido Operário Alemão. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2001 [1875].

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2001 [1848].

MAZIÈRE, Francine. COLLINOT, Andre. A língua francesa: pré-construído e acontecimento lingüístico. In: ORLANI, Eni P. et al. (Org.). *Gestos de leitura: da História no Discurso*. Trad. Bethania Mariani. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994, p.185-199.

MAZIÈRE, Francine. *A Análise do Discurso: História e práticas*. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003. 211 p.

NEPOMUCENO, Eric. *Cuba: anotações sobre uma revolução*. Editora Alfa-Omega, 1981.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. São Paulo: Pontes, 2006.

NUNES, José Horta. L' institutionalisation des dictionnaires monolingues au Brésil. In: GUIMARÃES, Eduardo. ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Un dialogue Atlantique: production des sciences du langage au Brésil*. Lyon: ENS Éditions, 2007, p. 91-113.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. 238 p.

\_\_\_\_\_. Segmentar ou recortar? In: *Linguística: questões e controvérsias. Série Estudos*. Uberaba: Publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984, p. 9-26.

\_\_\_\_\_. A análise de discurso: algumas observações. *D.E.L.T.A.*, v. 2, n 1, p. 105-126, 1986.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Palavra, fé, poder*. Campinas, SP: Pontes, 1987. 102 p.

\_\_\_\_\_. *O que é Linguística*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. 70 p.

\_\_\_\_\_. Discurso e argumentação: um observatório político. In: FÓRUM LINGÜÍSTICO, n 1, 1998, Florianópolis, p. 73-81. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/6915/6378>>. Acesso em: 24 de jan. 2010.

\_\_\_\_\_. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001. 218 p.

\_\_\_\_\_. *Língua e conhecimento linguístico: para uma História das Idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 2002. 320 p.

\_\_\_\_\_. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: I SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 2003, Porto Alegre. *Anais do I Seminário de Estudos em Análise de Discurso*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em: <[http://www.discurso.ufrgs.br/evento/conf\\_04/eniorlandi.pdf](http://www.discurso.ufrgs.br/evento/conf_04/eniorlandi.pdf)>. Acesso em: 15 de jan. 2010.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2004. 156 p.

\_\_\_\_\_. A noção de “povo” que se constitui em diferentes discursividades. In: *Os sentidos do povo*. SILVA, Soeli M. Schreiber da (Org.). São Carlos: Claraluz, 2006a. p. 7-30.

\_\_\_\_\_. Análise de discurso. In: *Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade*. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. ORLANDI, Eni P. (Org.). Campinas, SP: Pontes Editores, 2006b, p. 13-28.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007a. 184 p.

\_\_\_\_\_. O sujeito discursivo contemporâneo. In: *Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. INDURSKY, Freda. FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org.). São Carlos: Claraluz, 2007b. p. 11-36.

\_\_\_\_\_. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre. (Org.). *Papel da Memória*. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2007c, p. 59-71.

\_\_\_\_\_. *Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008. 288 p.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8 ed. Campinas, SP: Pontes, 2009. 100 p.

ORWELL, George. *A revolução dos bichos: um conto de fadas*. Trad. Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1945]. 147 p.

PAYER, M. Onice. Linguagem e sociedade contemporânea. Sujeito, mídia e mercado. *Rua*, Campinas, SP, n. 11, p. 9-25, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988 [1975]. 317 p.

\_\_\_\_\_. Análise Automática do Discurso. Trad. Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise. HAK, Tony. (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990a [1969]), p. 61-161.

\_\_\_\_\_. A análise de Discurso: três épocas. In: GADET, Françoise. HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990b [1983], p. 311-318.

\_\_\_\_\_. FUCHS, Catherine. A propósito da Análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise. HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990 [1975], p. 163-252.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje. In: ORLANI, Eni P. et al. (Org.). *Gestos de leitura: da História no Discurso*. Trad. Bethania Mariani. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994, p.55-66.

\_\_\_\_\_. *O Discurso: estrutura ou acontecimento?* 3 ed. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2002. 68 p.

\_\_\_\_\_. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre. (Org.). *Papel da Memória*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007, p. 49-57.

ROBIN, Regine. *História e Lingüística*. Trad. Adélia Bolle. São Paulo: Editora Cultrix, 1977 [1973]. 327 p.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. 13 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006 [2000].

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

SOUZA, Tânia C. Clemente de. *Discurso e oralidade*. Um estudo em língua indígena. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense. Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação (MCII), 1999. 231 p.

## 7.2 Pronunciamentos analizados

CASTRO, Fidel. Reflexión sobre las reflexiones. *Granma Internacional*, Cuba, 22 de junho de 2007. Disponível em: <www.granma.cu>. Acesso em: 15 de setembro de 2007.

\_\_\_\_\_. Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos. *TV Camaguey*, Cuba, 17 de julho de 2007. Disponível em: <www.tvcamaguey.co.cu>. Acesso em: 15 de setembro de 2007.

\_\_\_\_\_. ¿Brasil sustituto de Estados Unidos? *TV Camaguey*, Cuba, 23 de julho de 2007. Disponível em: <www.tvcamaguey.co.cu>. Acesso em: 20 de maio de 2009.

\_\_\_\_\_. La repugnante compraventa de atletas, *TV Camaguey*, Cuba, 27 de julho de 2007. Disponível em: <www.tvcamaguey.co.cu>. Acesso em: 15 de setembro de 2007.

\_\_\_\_\_. La llama eterna. *Granma Internacional*, Cuba, 31 de julho de 2007. Disponível em: <www.granma.cu>. Acesso em: 30 de agosto de 2008.

\_\_\_\_\_. Reflexión sobre duras y evidentes realidades. *Granma Internacional*, 03 de agosto de 2007. Disponível em: <www.granma.cu>. Acesso em: 30 de agosto de 2008.

\_\_\_\_\_. La política y el deporte. *TV Camaguey*, Cuba, 04 de agosto de 2007. Disponível em: <www.tvcamaguey.co.cu>. Acesso em: 15 de setembro de 2007.

\_\_\_\_\_. La constancia escrita. *Granma Internacional*, Cuba, 07 de agosto de 2007. Disponível em: <www.granma.cu>. Acesso em: 30 de agosto de 2008.

\_\_\_\_\_. Mensaje del Comandante en Jefe. *Granma Internacional*, Cuba, 18 de fevereiro de 2008. Disponível em: <www.granma.cu>. Acesso em: 10 de agosto de 2008.

\_\_\_\_\_. Sed de Sangre. *Granma Internacional*, Cuba, 15 de março de 2008. Disponível em: <www.granma.cu>. Acesso em: 15 de outubro de 2009.

\_\_\_\_\_. La hormiga y el elefante. *Granma Internacional*, Cuba, 18 de junho de 2008. Disponível em: <[www.granma.cu](http://www.granma.cu)>. Acesso em: 10 de agosto de 2008.

\_\_\_\_\_. La verdad y las diatribas. *Granma Internacional*, Cuba, 21 de junho de 2008. Disponível em: <[www.granma.cu](http://www.granma.cu)>. Acesso em: 26 de janeiro de 2010.

\_\_\_\_\_. Los derechos humanos, el deporte y la paz. *Granma Internacional*, Cuba, 22 de junho de 2008. Disponível em: <[www.granma.cu](http://www.granma.cu)>. 26 de janeiro de 2010.

\_\_\_\_\_. La historia real y el desafío de los periodistas cubanos. *Granma Internacional*, Cuba, 03 de julho de 2008. Disponível em: <[www.granma.cu](http://www.granma.cu)>. Acesso em: 15 de outubro 2009.

\_\_\_\_\_. ¡Gloria a los buenos! *Granma Internacional*, Cuba, 20 de março de 2009. Disponível em: <[www.granma.cu](http://www.granma.cu)>. Acesso em: 15 de outubro de 2009.



## 8 APÊNDICES

### 8.1 Quadro das seqüências discursivas

SEQÜÊNCIA DISCURSIVA		TRADUÇÃO	PRONUNCIAMENTO	PERIÓDICO, DATA
<b>SD 01</b>	Si son breves, tienen la ventaja de que los ciento doce medios de prensa extranjeros acreditados en nuestro país que las reciben con antelación, publican partes importantes de su texto; si son extensas, me permiten profundizar lo que desee en determinados conceptos a mi juicio importantes para que nuestro pueblo, protagonista principal ante cualquier agresión, y otros países en circunstancias similares, dispongan de elementos de juicio. Este dilema constituye para mí un dolor de cabeza.	Se forem breves, têm a vantagem de que os cento e doze meios de comunicação estrangeiros cadastrados em nosso país que as recebem com antecipação, publicam partes importantes do seu texto; se são extensas, me permitem aprofundar o que deseje em determinados conceitos a meu juízo importantes para que nosso povo, protagonista principal diante de qualquer agressão, e outros países em circunstâncias similares, disponham de elementos de juízo. Este dilema constitui para mim uma dor de cabeça.	Pronunciamento 01: <i>Reflexión sobre las reflexiones.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 22 de junho de 2007.
<b>SD 02</b>	También me preocupa el espacio que utilizan en las primeras planas de nuestra prensa, tan necesario para la actividad diaria de la nación.	Também me preocupa o espaço que utilizam nas primeiras páginas de nossa imprensa, tão necessário para a atividade diária da nação.	Pronunciamento 01: <i>Reflexión de las reflexiones.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 22 de junho de

				2007
<b>SD 03</b>	No inicié este trabajo como parte de un plan elaborado previamente, sino por un fuerte deseo de comunicarme con el protagonista principal de nuestra resistencia a medida que observo las acciones estúpidas del imperio. Ahora constituye, igual que cuando estaba en lo que se llamó prisión fecunda, un enorme deseo de estudiar y meditar mientras dura mi rehabilitación.	Não comecei este trabalho como parte de um plano elaborado previamente, mas por um forte desejo de comunicar-me com o protagonista principal de nossa resistência à medida que observo as ações estúpidas do império. Agora constitui, igual a quando estava no que se chamou de prisão fecunda, um enorme desejo de estudar e meditar enquanto dura minha reabilitação.	Pronunciamento 01: <i>Reflexión de las reflexiones.</i>	<i>Granma Internacional</i> , 22 de junho de 2007.
<b>SD 04</b>	¿Usted no ve los Panamericanos? – me parece escuchar a muchos cubanos. ¡Claro que sí!, respondo, apenas saco la vista del televisor. A veces olvido la hora de algún alimento o alguna pastilla. Después protesto por que nadie fuera capaz de sacarme de un <i>inning</i> con juego apretado y Mayeta al bate, con dos en base y un <i>out</i> .	O senhor não vê os Pan-Americanos? Parece que escuto a muitos cubanos. Claro que sim!, respondo, assim que tiro o olho da televisão. Às vezes me esqueço a hora de algum alimento ou algum remédio. Depois reclamo pelo fato de ninguém ter sido capaz de tirar-me de uma entrada ( <i>inning</i> ) com jogo apertado e Mayeta no bastão (no ataque), com dois na base e um eliminado ( <i>out</i> ).	Pronunciamento 02: <i>Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos.</i>	<i>TV Camaguey</i> , 17 de julio de 2007.
<b>SD 05</b>	Hablé hace muy poco del robo de cerebros, algo repugnante.	Falei faz pouco tempo do roubo de cérebros, algo repugnante.	Pronunciamento 03: <i>¿Brasil sustituto de Estados Unidos?</i>	<i>TV Camaguey</i> , 23 de julho de 2007.
<b>SD 06</b>	Poco después apareció un buen atacador del equipo cubano de balonmano vestido con el uniforme de un equipo profesional de São Paulo.	Pouco depois apareceu um bom atacante da equipe cubana do handebol vestido com o uniforme de uma equipe profissional de São Paulo.	Pronunciamento 03: <i>¿Brasil sustituto de Estados Unidos?</i>	<i>TV Camaguey</i> , 23 de julho de 2007.
<b>SD 07</b>	La traición por dinero es una de las armas predilectas de Estados Unidos para destruir la resistencia de Cuba.	A traição por dinheiro é uma das armas prediletas dos Estados Unidos para destruir a resistência de Cuba.	Pronunciamento 03: <i>¿Brasil sustituto de Estados Unidos?</i>	<i>TV Camaguey</i> , 23 de julho de 2007.
<b>SD 08</b>	El atleta realizaba estudios superiores: sería graduado como Licenciado en Educación Física y Deportes, un trabajo digno. Sus ingresos son modestos, pero su preparación profesional es altamente apreciada; sea cual fuere el deporte y su especialidad, lo mismo si atraen mucho público y publicidad comercial, o no atraen ninguno, son útiles para el desarrollo humano.	O atleta realizava estudos superiores: seria graduado como Licenciado em Educação Física e Desportes, um trabalho digno. Seus ingressos são modestos, mas sua preparação profissional é altamente apreciada; seja qual for o esporte e sua especialidade, o mesmo se atraem muito público e publicidade comercial, ou não atraem nenhum, são úteis para o desenvolvimento humano.	Pronunciamento 03: <i>¿Brasil sustituto de Estados Unidos?</i>	<i>TV Camaguey</i> , 23 de julho de 2007.
<b>SD 09</b>	Los que solicitaron asilo brasileño lo hacen cuando Estados Unidos declaró hace muy poco que no cumplirá las cifras exactas de los acuerdos migratorios que suscribió con nuestro país. Baste señalar que casi doscientos atletas y entrenadores que participaron en la primera semana de las competencias de los Panamericanos, faltaron un jugador de balonmano y un entrenador de gimnasia.	Os que solicitaram asilo brasileiro o fazem quando Estados Unidos declarou há pouco tempo que não cumprirá as cifras exatas dos acordos migratórios que assinou com nosso país. Baste assinalar que quase duzentos atletas e treinadores que participaram na primeira semana das competições dos Pan-Americanos, faltaram um jogador de beisebol e um treinador de ginástica.	Pronunciamento 03: <i>¿Brasil sustituto de Estados Unidos?</i>	<i>TV Camaguey</i> , 23 de julio de 2007.

<b>SD 10</b>	El pasado domingo 22 de julio, en horas del mediodía, se recibió la triste noticia de que dos de los más destacados atletas del boxeo, Guillermo Rigondeux Ortiz y Erislandy Lara Santoya, no se presentaron al pesaje. Sencillamente los noquearon con un golpe directo al mentón, facturado con billetes norteamericanos. No hizo falta conteo alguno de protección.	Domingo passado, 22 de julho, por volta de meio-dia, foi recebida a triste notícia de que dois dos mais destacados atletas do boxe, Guillermo Rigondeaux Ortiz e Erislandy Lara Santoya, não se apresentaram à pesagem. Simplesmente os nocautearam com um golpe direto no queixo, dado com notas norte-americanas. Não fez falta nenhuma contagem de proteção.	Pronunciamento 03: <i>¿Brasil sustituto de Estados Unidos?</i>	<i>TV Camaguey,</i> 23 de julho de 2007
<b>SD 11</b>	El pueblo de Cuba debe rendir tributo al ejemplo heroico de Mariela, nacida en la oriental provincia de Granma, cuyas tasas de mortalidad infantil y materna fueron, en el año de 2006, 4,4 por cada mil nacidos vivos y 11 por cada 100 mil partos, mejores que las de Estados Unidos. En su municipio, Rio Cauto, con 17 mil 918 habitantes, fue cero en ambas.	O povo de Cuba deve render tributo ao exemplo heróico de Mariela, nascida na província oriental de Granma, cujas taxas de mortalidade infantil e materna foram, no ano de 2006, 4,4 por cada mil nascidos vivos e 11 por cada 100 mil partos, melhores que as de Estados Unidos. Em seu município, Rio Cauto, com 17 mil 918 habitantes, foi zero em ambas.	Pronunciamento 03: <i>¿Brasil sustituto de Estados Unidos?</i>	<i>TV Camaguey,</i> 23 de julho de 2007.
<b>SD 12</b>	No existe justificación alguna para solicitar asilo político. Si no es Brasil su mercado definitivo, poco les importa. Hay países ricos del primer mundo que pagan mucho más. Las autoridades brasileñas han declarado que los que deserten deberán probar la necesidad real de asilo. Es imposible demostrar lo contrario. De antemano se conoce su destino final como atletas mercenarios en una sociedad de consumo. Pienso que han ofendido a Brasil utilizando los Panamericanos como pretexto para autopromoverse. De todas formas consideramos útiles las declaraciones de sus autoridades.	Não existe justificativa alguma para solicitar asilo político. Se não é o Brasil seu mercado definitivo, pouco lhes importa. Há países ricos do primeiro mundo que pagam muito mais. As autoridades brasileiras declararam que os que desertem deverão provar a necessidade real de asilo. É impossível demonstrar o contrário. De antemão se conhece seu destino final como atletas mercenários em uma sociedade de consumo. Acho que ofenderam o Brasil, utilizando os Pan-Americanos como pretexto para autopromover-se. De todas as formas, consideramos úteis as declarações de suas autoridades.	Pronunciamento 03: <i>¿Brasil sustituto de Estados Unidos?</i>	<i>TV Camaguey,</i> 23 de julho de 2007.
<b>SD 13</b>	¿Cuál ha sido el peor problema de los países pobres desde el punto de vista tecnológico y económico? El robo de cerebros. ¿Cuál desde el punto de vista patriótico y educativo? El robo de talentos.	Qual foi o pior problema dos países pobres do ponto de vista tecnológico e econômico? O roubo de cérebros. Qual do ponto de vista patriótico e educativo? O roubo de talentos.	Pronunciamento 04: <i>La repugnante compraventa de atletas.</i>	<i>TV Camaguey,</i> 27 de julho de 2007.
<b>SD 14</b>	No me despido de ustedes. Deseo sólo combatir como un soldado de las ideas. Seguiré escribiendo bajo el título “Reflexiones del compañero Fidel”. Será un arma más del arsenal con la cual se podrá contar. Tal vez mi voz se escuche.	Não me despeço dos senhores. Desejo somente combater como um soldado das idéias. Seguirei escrevendo sob o título “Reflexões do companheiro Fidel”. Será uma arma mais do arsenal com a qual se poderá contar. Talvez minha voz seja escutada.	Pronunciamento 09: <i>Mensaje del Comandante en Jefe.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 18 de fevereiro de 2008.
<b>SD 15</b>	Cuba, cuyos resultados y esfuerzos en el deporte amateur nadie puede negar, sufre más que cualquier otro país las mordidas de las pirañas. Véase cómo se comportan los tarifadores frente a la denuncia cubana. Cuando hablé de la	Cuba, cujos resultados e esforços no esporte amador ninguém pode negar, sofre mais que qualquer outro país as mordidas das piranhas. Veja-se como se comportam os tarifadores frente à denúncia cubana. Quando falei da	Pronunciamento 04: <i>La repugnante compraventa de atletas</i>	<i>TV Camaguey,</i> 27 de julho de 2007.

	mafia alemana y los millones de dólares que disponía para sobornar atletas cubanos, de inmediato se sintieron aludidos y declararon: “no, no, nosotros no somos ninguna mafia”.	máfia alemã e os milhões de dólares que dispunha para subornar atletas cubanos, de imediato se sentiram aludidos e declararam: “não, não, nós não somos nenhuma máfia.		
<b>SD 16</b>	Al cumplirse un aniversario de la Proclama, comparto con el pueblo la satisfacción de observar que lo prometido se ajusta a la incommovible realidad: Raúl, el partido, el gobierno, la Asamblea Nacional, la Juventud Comunista y las organizaciones de masas y sociales, encabezadas por los trabajadores, marchan adelante guiados por el principio inviolable de la unidad.	Ao cumprir-se um aniversário da Proclama compartilho com o povo a satisfação de observar que o prometido se ajusta à incommovível realidade: Raúl, o partido, o governo, a Assembléia Nacional, a Juventude Comunista e as organizações de massas e sociais, encabeçadas pelos trabalhadores, marcham adiante guiados pelo princípio inviolável da unidade.	Pronunciamento 05: <i>La llama eterna</i>	<i>Granma Internacional</i> , 31 de julho de 2007.
<b>SD 17</b>	Contaron en detalle cómo funciona el bochornoso negocio de la compraventa de boxeadores. Sus palabras, entrecomilladas, fueron las siguientes en el orden en que llegaron a mis manos.	Contaram em detalhe como funciona o negócio vexatório da compra-venda dos boxeadores. Suas palavras, aspeadas, foram as seguintes na ordem que chegaram a minhas mãos.	Pronunciamento 04: <i>La repugnante compraventa de atletas.</i>	<i>TV Camaguey</i> , 27 de julho de 2007.
<b>SD 18</b>	Vean cómo se ufanan de la fechoría cometida contra el país.	Vejam como se orgulham da malfeitoria cometida contra o país.	Pronunciamento 04: <i>La repugnante compraventa de atletas.</i>	<i>TV Camaguey</i> , 27 de julho de 2007.
<b>SD 19</b>	Había que golpearla, y no sólo compraron a dos de los atletas que tenían el oro asegurado, sino que golpearon la excelente moral de los demás atletas que siguieron defendiendo con valor sus medallas de oro. Hasta en los jueces influyó el golpe bajo	Havia que golpeá-la, e não somente compraram a dois dos atletas que tinham o ouro assegurado, mas também golpearam a excelente moral dos demais atletas que continuaram defendendo com valor suas medalhas de ouro. O golpe baixo influenciou até nos juizes.	Pronunciamento 04: <i>La repugnante compraventa de atletas.</i>	<i>TV Camaguey</i> , 27 de julho de 2007.
<b>SD 20</b>	Esta es una reflexión política. Para decirlo más exactamente: es otra proclama. Hoy se cumple un año exacto de la primera, el 31 de julio de 2006. Pero el año transcurrido vale por 10 en cuanto a la posibilidad de vivir una experiencia única que me aportó información y conocimientos sobre cuestiones vitales para la humanidad, que he transmitido con toda honradez al pueblo de Cuba.	Esta é uma reflexão política. Para dizer-lo mais exatamente: é outra proclama. Hoje faz um ano exato da primeira, em 31 de julho de 2006. Contudo, o ano transcurrido vale por 10 com relação à possibilidade de viver uma experiência única que me proporcionou informações e conhecimentos sobre questões vitais para a humanidade, que transmiti com toda honradez ao povo de Cuba.	Pronunciamento 05: <i>La llama eterna.</i>	<i>Granma Internacional</i> , 31 de julho de 2007.
<b>SD 21</b>	Ahora me acosan con preguntas sobre el momento en que volveré a ocupar lo que algunos llaman el poder, como si tal poder fuera posible sin independencia. Hay un poder real y destructivo en el mundo, emanado de un imperio decadente que a todos amenaza.	Agora me assediam com perguntas sobre o momento em que voltará a ocupar o que alguns chamam o poder, como si tal poder fosse possível sem independência. Há um poder real e destrutivo no mundo, emanado de um império decadente que a todos ameaça.	Pronunciamento 05: <i>La llama eterna.</i>	<i>Granma Internacional</i> , 31 de julho de 2007
<b>SD 22</b>	Con la misma convicción, seguimos batallando sin tregua por liberar de cruel y despiadada prisión a los Cinco Héroe que brindaban información sobre los planes terroristas anticubanos de Estados Unidos.	Com a mesma convicção, continuamos batalhando sem tregua por libertar da cruel e desapiadada prisão aos Cinco Heróis que brindavam informação sobre os planos terroristas anti-cubanos dos Estados Unidos.	Pronunciamento 05: <i>La llama eterna.</i>	<i>Granma Internacional</i> , 31 de julio de 2007.

<b>SD 23</b>	La lucha debe ser implacable, contra nuestras propias deficiencias y contra el enemigo insolente que intenta apoderarse de Cuba.	A luta deve ser implacável, contra nossas próprias deficiências e contra o inimigo insolente que tenta apoderar-se de Cuba	Pronunciamento 05: <i>La llama eterna.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 31 de julho de 2007.
<b>SD 24</b>	Este punto me obliga a insistir en algo que no puede jamás ser olvidado por los dirigentes de la revolución: es deber sagrado reforzar sin tregua nuestra capacidad y preparación defensiva, preservando el principio de cobrar a los invasores en cualquier circunstancia un precio impagable.”	Este ponto me obriga a insistir em algo que não pode jamais ser esquecido pelos dirigentes da revolução: é dever sagrado reforçar sem trégua nossa capacidade e preparação defensiva, preservando o princípio de cobrar aos invasores em qualquer circunstância um preço impagável	Pronunciamento 05: <i>La llama eterna.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 31 de julho de 2007.
<b>SD 25</b>	Nadie se haga la menor ilusión de que el imperio, que lleva en si los genes de su propia destrucción, negociará con Cuba. Por mucho que le digamos al pueblo de Estados Unidos que nuestra lucha no es contra él – algo muy correcto –, éste no está en condiciones de frenar el espíritu apocalíptico de su gobierno ni la turbia y maniática idea de lo que llaman “una Cuba democrática”, como si aquí cada dirigente se postulara y eligiera a sí mismo, sin pasar por el riguroso tamiz de la abrumadora mayoría de un pueblo educado y culto que lo apoye.	Ninguém tenha vontade de que o império, que leva em si os genes de sua própria destruição, negociará com Cuba. Por muito que lhe digamos ao povo dos Estados Unidos que nossa luta não é contra ele – algo muito correto –, este não está em condições de frear o espírito apocalíptico de seu governo nem a turva e maniaca idéia do que chamam “uma Cuba democrática”, como se aqui cada dirigente se postulasse e elegesse a si mesmo, sem passar pelo rigoroso crivo da abrumadora maioria de um povo educado e culto que o apóie.	Pronunciamento 05: <i>La llama eterna.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 31 de julho de 2007.
<b>SD 26</b>	Es obvia la preocupación que siempre ha tenido la Revolución cubana por la educación del pueblo. Juzgando mi propia experiencia, llegué pronto a la idea de que únicamente la conciencia podía prevalecer sobre los instintos que nos rigen. Los avances tecnológicos hablan hoy de la posibilidad de manipular las funciones de las células del cerebro humano. ¿Para qué servirá todo eso en un mundo donde impera el valor comercial de los bienes y servicios? ¿Qué autoridad lo determinará? Por esa vía y a través del robo desvergonzado de cerebros, fenómeno en el que hay que insistir porfiadamente, podrían destrozar lo que más vale del ser humano, que es su educación a través de la conciencia.	É óbvia a preocupação que sempre teve a Revolução cubana pela educação do povo. Julgando minha própria experiência, cheguei rapidamente à idéia de que unicamente a consciência podia prevalecer sobre os instintos que nos regem. Os avanços tecnológicos falam hoje da possibilidade de manipular as funções das células do cérebro humano. Para que servirá tudo isso em um mundo onde impera o valor comercial dos bens e serviço? Que autoridade o determinará? Por essa via e através do roubo desavergonhado de cérebros, fenômeno em que temos que insistir com teimosia, poderiam destroçar o que mais vale do ser humano, que é sua educação através da consciência.	Pronunciamento 06: <i>Reflexión sobre duras y evidentes realidades.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 03 de agosto de 2007.
<b>SD 27</b>	La publicidad comercial y el consumismo son inconciliables con la supervivencia de la especie. Háganse todos los cálculos posibles y se verá que los recursos naturales, el espacio, el clima, el tiempo y el sistema, al paso y en la dirección que llevan, no pueden arrojar resultado.	A publicidade comercial e o consumismo são inconciliáveis com a sobrevivência da espécie. Façam todos os cálculos possíveis e se verá que os recursos naturais, o espaço, o clima, o tempo e o sistema, na velocidade e na direção que levam, não podem dar outro resultado.	Pronunciamento 06: <i>Reflexión sobre duras y evidentes realidades.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 03 de agosto de 2007.
<b>SD 28</b>	La noticia además no es desalentadora. Los cables	A notícia ademais não é desalentadora. As TVs a cabo	Pronunciamento 07:	<i>TV Camaguey,</i>

	anunciaron que los dos boxeadores que desertaron en Río de Janeiro habían sido localizados y detenidos por las autoridades en una playa cercana a esa ciudad. Recuerden que se les daba por desaparecidos. Carecían de documentación.	anunciaram que os dois boxeadores que desertaram no Rio de Janeiro haviam sido localizados e detidos pelas autoridades em uma praia próxima a esta cidade. Recordem que foram dados como desaparecidos. Careciam de documentação.	<i>La política y el deporte.</i>	04 de agosto de 2007.
<b>SD 29</b>	Los boxeadores le comunicaron que habían cometido un error y estaban arrepentidos. Se negaron a recibir a un ciudadano alemán, que de inmediato se interesó por ellos, cumpliendo instrucciones de la empresa mafiosa. Esto lo supimos después.	Os boxeadores lhe comunicaram que haviam cometido um erro e estavam arrependidos. Negaram-se a receber um cidadão alemão, que de imediato se interessou por eles, cumprindo instruções da empresa mafiosa. Isto nós soubemos depois.	Pronunciamento 07: <i>La política y el deporte.</i>	<i>TV Camaguey,</i> 04 de agosto de 2007.
<b>SD 30</b>	La noticia de que los boxeadores se encontraban en Turquía mientras les gestionaban la inmigración fue evidentemente lanzada por la mafia como maniobra de engaño. Hasta un miembro del parlamento alemán trató de batear jonrón con la pelota de trapo. La empresa que había invertido más de dos millones de dólares en el grotesco negocio, hablaba de los “derechos humanos” de los familiares de los atletas. Qué dirán las Naciones Unidas de esta desleal competencia?	A notícia de que os boxeadores se encontravam na Turquia enquanto lhes administravam a imigração foi evidentemente lançada pela máfia como manobra de engano. Até um membro do parlamento alemão tratou rebater <i>home-run</i> com a bola de pano. A empresa que havia investido mais de dois milhões de dólares no negócio grotesco falava dos “direitos humanos” dos familiares dos atletas. Que dirão as Nações Unidas desta competição desleal?	Pronunciamento 07: <i>La política y el deporte.</i>	<i>TV Camaguey,</i> 04 de agosto de 2007.
<b>SD 31</b>	Desempeñé el honroso cargo de Presidente a lo largo de muchos años. El 15 de febrero de 1976 se aprobó la Constitución Socialista por voto libre, directo y secreto de más del 95% de los ciudadanos con derecho a votar. La primera Asamblea Nacional se constituyó el 2 de diciembre de ese año y eligió el Consejo de Estado y su Presidencia. Antes había ejercido el cargo de Primer Ministro durante casi 18 años. Siempre dispuse de las prerrogativas necesarias para llevar adelante la obra revolucionaria con el apoyo de la inmensa mayoría del pueblo.	Desempenhei o honroso cargo de Presidente ao longo de muitos anos. Em 15 de fevereiro de 1976 se aprovou a Constituição Socialista por voto livre, direto e secreto de mais de 95% dos cidadãos com direito a votar. A primeira Assembléia Nacional foi constituída em 02 de dezembro deste ano e elegeu o Conselho de Estado e sua Presidência. Antes havia exercido o cargo de Primeiro Ministro durante quase 18 anos. Sempre dispus das prerrogativas necessárias para levar adiante a obra revolucionária com o apoio da imensa maioria do povo.	Pronunciamento 09: <i>Mensaje del Comandante en Jefe.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 18 de fevereiro de 2008.
<b>SD 32</b>	La mayor responsabilidad, a mi juicio, corresponde a Erislandy Lara, quien era el capitán del Equipo de Boxeo, y aún así incumple normas y va a parar directamente a las manos de los mercenarios. Tiene 24 años y es estudiante universitario de Educación Física y Deportes. Los dos boxeadores ignoran la influencia en sus conductas de las estrechas relaciones de amistad que sostenían con los tres boxeadores sobornados en Venezuela, aunque seguramente desconocían la indiscreción verborreica con que el dueño de la empresa mafiosa hablaría después que ellos dejaron de	A maior responsabilidade, a meu ver, corresponde a Erislandy Lara, quem era o capitão da Equipe de Boxe, e ainda assim descumpre normas e para diretamente nas mãos dos mercenários. Tem 24 anos e é estudante universitário de Educação Física e Esportes. Os dois boxeadores ignoram a influência em suas condutas das estreitas relações de amizade que mantinham com os três boxeadores subornados na Venezuela, ainda que certamente desconheciam a indiscrição verborreica com que o dono da empresa mafiosa falaria depois que eles	Pronunciamento 08: <i>La constancia escrita.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 07 de agosto de 2007.

	asistir al pesaje.	deixaram de apresentar-se à pesagem.		
<b>SD 33</b>	Julita Osendi, reportera de televisión y bien informada de los Juegos Panamericanos de Río, solicitó visitarlos y se esforzó por persuadirlos de que conversaran con toda franqueza. Fueron más abiertos y le contaron algunos detalles adicionales sobre su insólita aventura, pero el resultado final fue igual.	Julita Osendi, repórter de televisão e bem informada sobre os Jogos Pan-Americanos do Rio, solicitou visitá-los e se esforçou para persuadi-los de que conversassem com toda franqueza. Foram mais abertos e lhe contaram alguns detalhes adicionais sobre sua insólita aventura, mas o resultado final foi igual.	Pronunciamento 08: <i>La constancia escrita.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 07 de agosto de 2007.
<b>SD 34</b>	Muchos países pobres no tienen problemas con el profesionalismo, pero también en ellos numerosas personas mueren prematuramente o sufren enfermedades invalidantes por falta de ejercicios. Esa tragedia la padecen también los países ricos desarrollados por insuficiencias en su podrido sistema y el espíritu mercantilista de sus servicios médicos.	Muitos países pobres têm problemas com o profissionalismo, mas também neles numerosas pessoas morrem prematuramente ou sofrem doenças invalidantes por falta de exercícios. Padecem também dessa tragédia os países ricos desenvolvidos por insuficiências no seu sistema apodrecido e pelo espírito mercantilista de seus serviços médicos.	Pronunciamento 08: <i>La constancia escrita.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 07 de agosto de 2007.
<b>SD 35</b>	El atleta que abandona su delegación es como el soldado que abandona a sus compañeros en medio del combate. Cuba dispone de muchos buenos deportistas pero no se los ha robado a nadie. El pueblo disfruta además de sus maravillosas actuaciones. Es ya parte de su cultura, su bienestar y su riqueza espiritual.	O atleta que abandona sua delegação é como o soldado que abandona seus companheiros no meio do combate. Cuba dispõe de muitos bons desportistas, mas não roubaram ninguém. O povo desfruta de suas maravilhosas atuações. É já parte de sua cultura, seu bem-estar e sua riqueza espiritual.	Pronunciamento 08: <i>La constancia escrita.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 07 de agosto de 2007.
<b>SD 36</b>	Era indispensable, por elemental justicia, escucharlos, conocer el grado de arrepentimiento que alegaban al verse envueltos en tan doloroso episodio.	Era indispensável, por justiça elementar, escutá-los, conhecer o grau de arrependimento que alegavam ao ver-se envolvidos em tão doloroso episódio.	Pronunciamento 08: <i>La Constancia escrita.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 07 de agosto de 2007.
<b>SD 37</b>	La entrevista de Gerardo Hernández Nordelo, uno de nuestros Cinco Héroes, con la BBC divulgada ayer por la televisión, qué tremendo impacto me produjo, qué contenido humano, profundidad, brillantez, algo que solo puede surgir de una mente que ha sufrido 9 años de injusta tortura psíquica. Por favor rogamos que la Mesa Redonda nos siga informando sobre el histórico proceso relacionado con el destino de los heroicos compatriotas.	A entrevista de Gerardo Hernández Nordelo, um de nossos Cinco Heróis, com a BBC divulgada ontem pela televisão, que enorme impacto me produziu, que conteúdo humano, profundidade, brilhantismo, algo que só pode surgir de uma mente que sofreu 9 anos de injusta tortura psíquica. Por favor, rogamos que a Mesa Redonda continue nos informando sobre os histórico processo relacionado com o destino dos heróicos compatriotas.	Pronunciamento 08: <i>La constancia escrita.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 07 de agosto de 2007.
<b>SD 38</b>	Suceden muchos acontecimientos en el mundo de gran importancia. Algunos se relacionan con Cuba. A nuestro país llegan a veces noticias de mucho más interés que una sencilla reflexión mía con el propósito de crear conciencia.	Ocorrem muitos acontecimentos no mundo de grande importância. Alguns se relacionam com Cuba. A nosso país chegam às vezes notícias de muito mais interesse que uma simples reflexão minha com o propósito de criar consciência.	Pronunciamento 08: <i>La constancia escrita.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 07 de agosto de 2007.
<b>SD 39</b>	Les prometí el pasado viernes 15 de febrero que en la próxima reflexión abordaría un tema de interés para	Prometi-lhes na última sexta-feira, 15 de fevereiro, que na próxima reflexão abordaria um tema de interesse para	Pronunciamento 09: <i>Mensaje del Comandante</i>	<i>Granma Internacional,</i>

	muchos compatriotas.	muitos compatriotas.	<i>en Jefe.</i>	18 de fevereiro de 2008.
<b>SD 40</b>	Era incómoda mi posición frente a un adversario que hizo todo lo imaginable por deshacerse de mí y en nada me agradaba complacerlo.	Era incômoda minha posição frente a um adversário que fez todo o imaginável por desfazer-se de mim e em nada me agradava satisfazê-lo.	Pronunciamento 09: <i>Mensaje del Comandante en Jefe.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 18 de fevereiro de 2008.
<b>SD 41</b>	Mi deseo fue siempre cumplir el deber hasta el último aliento. Es lo que puedo ofrecer. A mis entrañables compatriotas, que me hicieron el inmenso honor de elegirme en días recientes como miembro del Parlamento, en cuyo seno se deben adoptar acuerdos importantes para el destino de nuestra Revolución, les comunico que no aspiraré ni aceptaré – repito – no aspiraré ni aceptaré, el cargo de Presidente del Consejo de Estado y Comandante en Jefe.	Meu desejo foi sempre cumprir o dever até o último alento. É o que posso oferecer. Aos meus íntimos compatriotas, que me deram a imensa honra de eleger-me recentemente como membro do Parlamento, em cujo seio devem ser adotados acordos importantes para o destino da nossa Revolução, lhes comunico que não aspirarei nem aceitarei – repito – não aspirarei nem aceitarei o cargo de Presidente do Conselho de Estado e Comandante em Chefe.	Pronunciamento 09: <i>Mensaje del Comandante en Jefe.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 18 de fevereiro de 2008.
<b>SD 42</b>	Nosotros, en cambio, debemos continuar la lucha. Ha llegado nada menos que el momento de constituir la lista de boxeadores cubanos que participarán en las Olimpiadas de Beijing, con casi un año de anticipación. Primero deben viajar a Estados Unidos para participar en el Campeonato Mundial, uno de los tres eventos clasificatorios a los Juegos Olímpicos. Imagínense a los tiburones de la mafia demandando carne fresca.	Nós, ao contrário, devemos continuar a luta. Chegou nada menos que o momento de constituir a lista de boxeadores cubanos que participarão das Olimpiadas de Pequim, com quase um ano de antecipação. Primeiro devem viajar aos Estados Unidos para participar do Campeonato Mundial, um dos três eventos classificatórios para os Jogos Olímpicos. Imaginem aos tubarões da máfia demandando carne fresca.	Pronunciamento 08: <i>La constancia escrita.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 07 de agosto de 2007
<b>SD 43</b>	Es clarísima la estúpida intención de mezclar cubanos en el asunto, aparte de la mentira sobre la imposible presencia de nuestros estudiantes de Medicina en esa distante selva colombiana. Cuando un ingeniero o médico cubano abandona su país, es alguien que se marcha con los conocimientos que nuestro pueblo sufragó con grandes sacrificios. El día 13 de este mes precisamente regresaron a su patria 177 miembros de la Brigada Médica y 35 maestros después de cumplir durante dos años su sagrada misión en Timor Leste.	É claríssima a estúpida intenção de misturar cubanos no assunto, à parte da mentira sobre a impossível presença de nossos estudantes de Medicina nessa distante selva colombiana. Quando um engenheiro ou médico cubano abandona seu país, é alguém que vai com os conhecimentos que nosso povo financiou com grandes sacrificios. No dia 13 deste mês precisamente regressaram a sua pátria 177 membros da Brigada Médica e 35 professores depois de cumprir durante dois anos sua sagrada missão no Timor Leste.	Pronunciamento 10: <i>Sed de Sangre.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 15 de março de 2008.
<b>SD 44</b>	En Timor Leste, que antes de la independencia sufrió genocidio, surgieron conflictos internos apoyados por Australia que, aliada de Estados Unidos, se apropió de los campos de gas, en las proximidades de las costas timorenses. En ninguna circunstancia los médicos cubanos abandonaron a sus pacientes, que eran todos los habitantes	No Timor Lestes, que antes da independência sofreu genocídio, surgiram conflitos internos apoiados pela Austrália que, aliadas dos Estados Unidos, se apropriaram dos campos de gás, nas proximidades das costas timorenses. Em nenhuma circunstância os médicos cubanos abandonaram os seus pacientes, que eram todos	Pronunciamento 10: <i>Sed de Sangre.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 15 de março de 2008.



	de la pequeña nación. Allí quedó el personal que los sustituyó. Esos sí son médicos y graduados cubanos, de los cuales hay miles, que el imperio hace indecibles esfuerzos por sobornar, alcanzando exiguos resultados.	habitantes da pequena nação. Ali ficou o pessoal que os substituiu. Esses sim são médicos e graduados cubanos, dos quais há milhares, que o império faz indizíveis esforços para subornar, alcançando exíguos resultados.		
<b>SD 45</b>	Esto se hace aún más evidente cuando coincide con la brutal medida europea de expulsar a los inmigrantes no autorizados procedentes de los países latinoamericanos, en algunos de los cuales la población en su mayoría es de origen europeo. Los inmigrantes son además fruto de la explotación colonial, semicolonial y capitalista.	Isto se torna ainda mais evidente quando coincide com a brutal medida europeia de expulsar aos imigrantes não autorizados procedentes dos países latino-americanos, em alguns dos quais a população em sua maioria é de origem europeia. Os imigrantes são ademais fruto da exploração colonial, semicolonial e capitalista.	Pronunciamento 12: <i>Estados Unidos, Europa y Los Derechos Humanos.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 20 de junho de 2008.
<b>SD 46</b>	A Cuba, en nombre de los derechos humanos, le exigen la impunidad de los que pretenden entregar, atados de pies y manos la patria y el pueblo al imperialismo.	Exigem a Cuba, em nome dos Direitos Humanos, a impunidade dos que pretendem entregar, atados de pés e mãos, a pátria e o povo ao imperialismo.	Pronunciamento 12: <i>Estados Unidos, Europa y Los Derechos Humanos.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 20 de junho de 2008.
<b>SD 47</b>	Mientras tanto, en Cuba los mercenarios y vendepatrias al servicio del imperio se halan los pelos y rasgan sus vestiduras en defensa de los derechos de traición e impunidad.	Enquanto isso, em Cuba os mercenários e vende-pátrias ao serviço do império puxam os cabelos e se descabelam em defesa dos direitos de traição e impunidade.	Pronunciamento 12: <i>Estados Unidos, Europa y Los Derechos Humanos.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 20 de junho de 2008.
<b>SD 48</b>	Cuba, el país más dependiente y maniatado por los acuerdos comerciales, sufrió las mayores consecuencias de esa crisis. Se añadía la Base Naval y la humillante e innecesaria Enmienda, que les daba derecho constitucional a intervenir en nuestra nación, haciendo trizas su gloriosa historia.	Cuba, o país mais dependente e maniatado pelos acordos comerciais, sofreu as maiores conseqüências dessa crise. Acrescentava-se a Base Naval e a humilhante e desnecessária Emenda, que lhes dava direito constitucional a intervir em nossa nação, deixando em pedaços sua gloriosa história.	Pronunciamento 15: <i>La historia real y el desafío de los periodistas cubanos.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 03 de julho de 2008.
<b>SD 49</b>	En ese país habrían fusilado a Roberto Martín Pérez Rodríguez y a Luis del Pozo Jiménez como mercenarios al servicio de una potencia enemiga. Los Tribunales Revolucionarios los sancionaron a prisión y no les tocaron un pelo. ¿Cuál fue el destino final de Martín Pérez? Emigró a Estados Unidos legalmente. Es hoy abanderado de la mafia terrorista cubano-americana que apoya el candidato republicano McCain.	Nesse país haveriam fuzilado a Roberto Martín Pérez Rodríguez e a Luis del Pozo Jiménez como mercenários a serviço de uma potência inimiga. Os Tribunais Revolucionários decretaram prisão e não mexeram em um fio de cabelo seu. Qual foi o destino final de Martín Pérez? Emigrou para os Estados Unidos legalmente. É hoje defensor da máfia terrorista cubano-americana que apóia o candidato republicano McCain.	Pronunciamento 15: <i>La historia real y el desafío de los periodistas cubanos.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 03 de julho de 2008.
<b>SD 50</b>	Observamos con preocupación cómo el imperialismo trata de explotar lo ocurrido en Colombia para ocultar y justificar sus horrendos crímenes de genocidio con otros pueblos, desviar la atención internacional de sus planes intervencionistas en Venezuela y Bolivia, y la presencia de la IV Flota en apoyo de la línea política que pretende liquidar totalmente la independencia y apoderarse de los	Observamos com preocupação como o imperialismo trata de explorar o ocorrido em Colômbia para ocultar e justificar seus horrendos crimes de genocídio com outros povos, desviar a atenção internacional de seus planos intervencionistas na Venezuela e na Bolívia, e a presença da IV Frota em apoio da linha política que pretende liquidar totalmente a independência e apoderar-se dos	Pronunciamento 15: <i>La historia real y el desafío de los periodistas cubanos.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 03 de julho de 2008.

	recursos naturales de los demás países al sur de Estados Unidos.	recursos naturais dos demais países ao sul dos Estados Unidos.		
<b>SD 51</b>	Hablé de la tecnología y disciplina introducidas en el béisbol por Japón, de los esfuerzos que realiza una nación con no menos de 10,4 veces la población de Cuba, donde además había que descontar a ‘los débiles de conciencia que se dejan sobornar por nuestros enemigos’	Falei da tecnologia e disciplina introduzidas no beisebol por Japão, dos esforços que realiza uma nação com não menos de 10,4 vezes a população de Cuba, onde ademais havia que descontar aos “débeis de consciência” que se deixam subornar por nossos inimigos.	Pronunciamento 16: <i>¡Gloria a los buenos!</i>	<i>Granma Internacional,</i> 20 de março de 2009.
<b>SD 52</b>	De los 73 que volaron a México y San Diego, dos pobres diablos no regresaron.	Dos 73 que voaram para o México e San Diego, dois pobres diabos não regressaram	Pronunciamento 16: <i>¡Gloria a los buenos!</i>	<i>Granma Internacional,</i> 20 de março de 2009.
<b>SD 53</b>	El otro escribía en <i>Juventud Rebelde</i> del mismo tema. Éste había salido varias veces, pero esperaba el Clásico para realizar su felonía. Estaba constantemente junto al equipo. Era baboso. Dos horas antes de la partida hacia el aeropuerto para regresar, desapareció.	O outro escrevia em <i>Juventude Rebelde</i> do mesmo tema. Este havia saído várias vezes, porém esperava o Clássico para realizar sua felonía. Estava constantemente junto à equipe. Era grudento. Duas horas antes da partida em direção ao aeroporto para regressar, desapareceu.	Pronunciamento 16: <i>¡Gloria a los buenos!</i>	<i>Granma Internacional,</i> 20 de março de 2009.
<b>SD 54</b>	¡Qué sujetos simuladores y repugnantes los que incuba la ideología capitalista!	Que sujeitos simuladores e repugnantes os que incubam a ideología capitalista!	Pronunciamento 16: <i>¡Gloria a los buenos!</i>	<i>Granma Internacional,</i> 20 de março de 2009.
<b>SD 55</b>	Estos casos sirven para resaltar el mérito de los atletas de nuestro digno equipo nacional, dispuestos a dar su vida por la Patria.	Esses casos servem para ressaltar o mérito dos atletas da nossa equipe nacional, dispostos a dar sua vida pela Pátria.	Pronunciamento 16: <i>¡Gloria a los buenos!</i>	<i>Granma Internacional,</i> 20 de março de 2009.
<b>SD 56</b>	Por otro lado me preocupó siempre, al hablar de mi salud, evitar ilusiones que en el caso de un desenlace adverso, traerían noticias traumáticas a nuestro pueblo en medio de la batalla. Prepararlo para mi ausencia, psicológica y políticamente, era mi primera obligación después de tantos años de lucha.	Por outro lado, me preocupou sempre, ao falar da minha saúde, evitar ilusões que no caso de final adverso, trariam notícias traumáticas a nosso povo em meio à batalha. Prepará-lo para minha ausência, psicológica e politicamente, era minha primeira obrigação depois de tantos anos de luta.	Pronunciamento 09: <i>Mensaje del Comandante en Jefe</i>	<i>Granma Internacional,</i> 18 de fevereiro de 2008.
<b>SD 57</b>	Prepararse siempre para la peor de las variantes. Ser tan prudentes en el éxito como firmes en la adversidad es un principio que no puede olvidarse. El adversario a derrotar es sumamente fuerte, pero lo hemos mantenido a raya durante medio siglo.	Preparar-se sempre para a pior das variantes. Ser tão prudentes no sucesso como firmes na adversidade é um princípio que não se pode esquecer. O adversário a derrotar é sumamente forte, mas o mantivemos a distância durante meio século.	Pronunciamento 09: <i>Mensaje del Comandante en Jefe.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 18 de fevereiro de 2008.
<b>SD 58</b>	Mañana viene el día fatídico en muchos deportes: el inicio de las disputas entre importantes equipos colectivos. Ténganse en cuenta que esto lo escribo el martes por la tarde. Acabamos de ganar la tercera medalla de oro del día	Amanhã vem o dia fatídico em muitos esportes: o início das disputas entre importantes equipes coletivas. Levem em consideração que isto eu escrevo na terça-feira à tarde. Acabamos de ganhar a terceira medalha de ouro do dia	Pronunciamento 02: <i>Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos.</i>	<i>TV Camaguey,</i> 17 de julho de 2007.

	con un atleta lesionado. Fue heroico.	com um atleta lesionado. Foi heróico.		
<b>SD 59</b>	Junto a ustedes he vivido las vicisitudes de tales partidos. Puede ser un juego de voleibol femenino entre Cuba y Estados Unidos, en que las nuestras lo hicieron perfecto. ¡Qué asombrosos nuestros equipos de balonmano femenino y masculino! ¡Qué velocidad, qué fuerza!	Junto aos senhores vivi as vicissitudes de tais partidas. Pode ser um jogo de voleibol feminino entre Cuba e Estados Unidos, em que as nossas fizeram tudo perfeito. Que espantosas nossas equipes de handebol feminina e masculina! Que velocidade, que força!	Pronunciamento 02: <i>Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos</i>	<i>TV Camaguey,</i> 17 de julho de 2007.
<b>SD 60</b>	Aquí es donde el deporte y la política se mezclan, en busca de soluciones correctas y de principios, por encima de aficiones y amarguras. A estos ciudadanos no los esperan arrestos de ningún tipo ni mucho menos métodos como los que usa el Gobierno de Estados Unidos en Abu Ghraib e Guantánamo, jamás utilizados en nuestro país. Se les trasladará provisionalmente a una casa de visita y se les brindará acceso a sus familiares. La prensa también podrá contactarlos si ellos desean hacerlo. Les ofrecerán tareas decorosas y en favor del deporte de acuerdo con sus conocimientos y experiencia.	Aqui é onde o esporte e a política se misturam, em busca de soluções corretas e de princípios, superando desejos e amarguras. A estes cidadãos não os esperam prisões de nenhum tipo nem muito menos métodos como os que usa o Governo dos Estados Unidos em Abu Ghraib e Guantánamo, jamais utilizados em nosso país. Eles serão transferidos provisoriamente a uma casa de visita e lhes proporcionaremos o acesso de seus familiares. A imprensa também poderá contatá-los se eles o desejarem fazer. Ofereceremos-lhes tarefas decorosas e a favor do esporte de acordo com seus conhecimentos e experiência.	Pronunciamento 07: <i>La política y el deporte.</i>	<i>TV Camaguey,</i> 04 de agosto de 2007.
<b>SD 61</b>	Después de todo, Cuba dispone de miles de buenos entrenadores o técnicos que suelen trabajar en el exterior con atletas que no pocas veces ganan medallas de oro compitiendo contra los nuestros. Algo más: existe una Escuela Internacional de Profesores de Educación Física y Deportes donde cursan estudios superiores más de 1.300 jóvenes del Tercer Mundo. Hace unos días se graduaron 247. No cultivamos el chovinismo ni el espíritu de superioridad. Nos apoyamos en la ciencia y en los conocimientos, sobre esas bases luchamos por crear los valores éticos de una mente sana en un cuerpo sano.	Depois de tudo, Cuba dispõe de milhares de bons treinadores ou técnicos que costumam trabalhar no exterior com atletas que não poucas vezes ganham medallas de ouro competindo contra os nossos. Algo mais: existe uma Escola Internacional de Professores de Educação Física e Esportes onde cursam estudos superiores mais de 1.300 jovens do Terceiro Mundo. Faz uns dias se graduaram 247. Não cultivamos o chauvinismo nem o espírito de superioridade. Apoiamo-nos na ciência e nos conhecimentos, sobre essas bases lutamos para criar os valores éticos de uma mente sã em um corpo são.	Pronunciamento 03: <i>¿Brasil sustituto de Estados Unidos?</i>	<i>TV Camaguey,</i> 23 de julho de 2007.
<b>SD 62</b>	Para la inmensa mayoría de nuestro pueblo lo esencial es conocer cuál fue el comportamiento moral de los atletas, que con tanto sacrificio los educa y forma.	Para a imensa maioria do nosso povo o essencial é conhecer qual foi o comportamento moral dos atletas, que com tanto sacrificio os educa e forma.	Pronunciamento 08: <i>La constancia escrita.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 07 de agosto de 2007
<b>SD 63</b>	Mantendremos nuestra política de principios, aunque el mundo se adentre cada vez más en el profesionalismo, y como en los tiempos de Kid Chocolate – un verdadero genio -, no exista una medalla para el deporte sano y solo se conciba un deporte que ponga precio a lanzar pelotas imbateables, conectar jonrones y repartir y recibir piñazos	Manteremos nossa política de princípios, ainda que o mundo entre cada vez mais no profissionalismos, e como nos tempos de Kid Chocolate – um verdadeiro gênio –, no exista uma medalha para o esporte são e somente se conceba um esporte que dê preço a atirar bolas irredutíveis, conectar <i>home runs</i> e distribuir e receber golpes sem	Pronunciamento 08: <i>La constancia escrita.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 07 de agosto de 2007

	sin protección alguna. A una época como aquella jamás volveremos.	proteção alguma. A uma época como aquela jamais voltaremos.		
<b>SD 64</b>	No me pierdo un evento de los que salen por televisión: pesas, taekwondo, remo, ciclismo, voleibol de playa. He mirado las competencias individuales de gimnasia artística femenina. Me doy cuenta de que ese bello deporte ha sido elevado de la categoría infantil a la categoría olímpica. Las atletas más ganadoras son niñas; nadie con más edad y peso les puede ganar.	Não perco um evento dos que passam na televisão: pesos, tae-kwon-do, remo, ciclismo, vôlei de praia. Assisti às competições individuais de ginástica artística feminina. Percebo que esse belo esporte foi elevado da categoria infantil à categoria olímpica. As atletas mais vencedoras são meninas; ninguém com mais idade e peso pode ganhá-las.	Pronunciamento 02: <i>Reflexiones de Fidel sobre los Juegos Panamericanos.</i>	<i>TV Camaguey,</i> 17 de julho de 2007.
<b>SD 65</b>	El propio Raul se ha encargado de responder que cada decisión importante a medida que me iba recuperando era consultada conmigo. ¿Qué haré? Luchar sin descanso como lo hice toda la vida.	O próprio Raul se encarregou de responder que cada decisão importante à medida que eu ia me recuperando era consultada comigo. Que farei? Lutar sem descanso como fiz toda vida.	Pronunciamento 05: <i>La llama eterna</i>	<i>Granma Internacional,</i> 31 de julho de 2007.
<b>SD 66</b>	No arribé en un minuto a lo que hoy pienso con relación al poder, pero estimo que se trata de un pensamiento consecuente. El modesto aporte de nuestra Revolución lo atribuyo al hecho de que nuestras respuestas a las interrogantes nunca involucionaron, a pesar del crudo realismo que nos impuso el brutal bloqueo del imperio.	Não me afastei em um minuto ao que penso hoje com relação ao poder, mas estimo que se trata de um pensamento conseqüente. Atribuo o modesto aporte de nossa Revolução ao fato de que nossas respostas às perguntas nunca regrediram, a pesar do cru realismo que nos impôs o brutal bloqueio do império.	Pronunciamento 06: <i>Reflexión sobre duras y evidentes realidades.</i>	<i>Granma Internacional,</i> <i>Granma Internacional,</i> 03 de agosto de 2007.
<b>SD 67</b>	Hablaba en la reflexión del pasado 31 de julio sobre lo que significaba para mí haber dispuesto de un año para reunir información y meditar a fondo en torno a los problemas vitales que amenazan hoy más que nunca a nuestra especie.	Falava na reflexão do último 31 de julho sobre o que significava para mim ter disposto de um ano para reunir informação e meditar a fundo em torno dos problemas vitais que ameaçam hoje mais do que nunca a nossa espécie.	Pronunciamento 06: <i>Reflexión sobre duras y evidentes realidades.</i>	<i>Granma Internacional,</i> 03 de agosto de 2007.
<b>SD 68</b>	Las autoridades nos solicitaron la documentación, y la representación consular de Cuba, siguiendo instrucciones de nuestro Embajador, procedió a realizar los trámites pertinentes.	As autoridades nos solicitaram a documentação e a representação consular de Cuba, seguindo instruções de nosso Embaixador, começou a realizar os trâmites pertinentes.	Pronunciamento 07: <i>La política y el deporte,</i> <i>TV Camaguey.</i>	<i>TV Camaguey,</i> 04 de agosto de 2007.
<b>SD 69</b>	Nuestro país ha demostrado que puede resistir a todas las presiones y ayudar a otros pueblos. Meditaba sobre la magnitud de nuestra cooperación no sólo en Bolivia, sino en Haití, el Caribe, varios países de Centroamérica y América del Sur, África y hasta la lejana Oceanía, a 20.000 kilómetros de distancia.	Nosso país demonstrou que pode resistir a todas as pressões e ajudar a outros povos. Meditava sobre a magnitud de nossa cooperação não somente na Bolívia, senão no Haiti, no Caribe, vários países da América Central e América do Sul, África e até a longínqua Oceanía, a 20.000 quilômetros de distância.	Pronunciamento 11: <i>La hormiga y el elefante</i>	<i>Granma Internacional,</i> 18 de junho de 2008.
<b>SD 70</b>	Utilizaremos la computación no para fabricar armas de destrucción masiva y exterminar vidas sino para transmitir conocimientos a otros pueblos. Desde el punto de vista	Utilizaremos a computação não para fabricar armas de destruição massiva e exterminar vidas senão para transmitir conhecimentos a outros povos. Desde o ponto de	Pronunciamento 11: <i>La hormiga y el elefante</i>	<i>Granma Internacional,</i> 18 de junho de

	<p>económico, el desarrollo de las inteligencias y las conciencias de nuestros compatriotas, gracias a la Revolución, nos permiten no sólo especializados, incluidos los de salud, a países con más recursos que nuestra patria. En ese terreno Estados Unidos no podría competir jamás con Cuba.</p> <p>Nuestro pequeño país resistirá.</p> <p>En pocas palabras: ¡La hormiga pudo más que el elefante!</p>	<p>vista econômico, o desenvolvimento das inteligências e as consciências de nossos compatriotas, graças à Revolução, nos permitem não somente especializados, incluídos os de saúde, a países com mais recursos que nossa pátria. Neste terreno, Estados Unidos não poderia competir jamais com Cuba.</p> <p>Nosso pequeno país resistirá.</p> <p>Em poucas palavras: A formiga pôde mais que o elefante!</p>		2008.
<b>SD 71</b>	<p>No escribí ninguna diatriba contra Europa, dije sencillamente la verdad. Si esta ofende, no es mi culpa. Por ahorrar espacio, en la reflexión de ayer no mencioné siquiera la exportación de armas, los gastos militares y las aventuras bélicas de la OTAN, a las que se añaden los vuelos secretos y la complicidad de Europa con las torturas del gobierno de Estados Unidos.</p>	<p>Não escrevi nenhuma diatribe contra Europa, disse simplesmente a verdade. Se esta ofende, não é minha culpa.</p> <p>Por economizar espaço, na reflexão de ontem não mencionei sequer a exportação de armas, os gastos militares e as aventuras bélicas da OTAN, às que se acrescentam os vôos secretos e a cumplicidade de Europa com as torturas do governo dos Estados Unidos.</p>	Pronunciamento 13: <i>La verdad y las diatribas</i>	<i>Granma Internacional</i> , 21 de junho de 2008.
<b>SD 72</b>	<p>No soy ni seré nunca jefe de fracción o grupo. No puede deducirse, por tanto, que haya pugnas dentro del Partido. Escribo porque sigo luchando, y lo hago en nombre de las convicciones que defendí toda mi vida.</p>	<p>Não sou nem serei nunca chefe de fração ou grupo. Não se pode deduzir, por tanto, que haja pugnas dentro do Partido. Escrevo porque continuo lutando, e o faço em nome das convicções que defendi toda minha vida.</p>	Pronunciamento 13: <i>La verdad y las diatribas</i>	<i>Granma Internacional</i> , 21 de junho de 2008.
<b>SD 73</b>	<p>Pido sintonizar el televisor para ver el partido de pelota entre el equipo olímpico de Cuba y una fuerte selección de las universidades de Estados Unidos. Ayer por la noche, observé el choque entre los equipos olímpicos de boxeo de Cuba y de Francia. Los atletas que representan a esta son excelentes, como los boxeadores cubanos. Nuestro público, bien instruido en cuestiones deportivas, es imparcial, respetuoso y objetivo. Hubo paz, himnos y banderas izadas, a pesar del afán de los europeos y los yanquis por sobornar y comprar atletas <i>cubanos</i>.</p>	<p>Peço para sintonizar o televisor para ver a partida de futebol entre a equipe olímpica de Cuba e uma forte seleção das universidades dos Estados Unidos. Ontem pela noite, observei o choque entre as equipes olímpicas de boxe de Cuba e da França. Os atletas que representam a esta são excelentes, como os boxeadores cubanos. Nosso público, bem instruído em questões desportivas, é imparcial, respeitoso e objetivo. Houve paz, hinos e bandeiras içadas, a pesar do afã dos europeus e os ianques por subornar e comprar atletas cubanos.</p>	Pronunciamento 14: <i>Los derechos humanos, el deporte y la paz.</i>	<i>Granma Internacional</i> , 22 de junho de 2008.
<b>SD 74</b>	<p>A nuestra revolución victoriosa le correspondió simultanear la amistad de Allende y el odio de Trujillo. Este era un Pinochet rústico, engendrado por Estados Unidos en el Caribe. El déspota había sido fruto de una de las intervenciones militares yanquis en la isla que comparte con Haití y que fuera la primera colonia española.</p>	<p>A nossa revolução vitoriosa correspondeu-lhe compatibilizar a amizade de Allende e o ódio de Trujillo. Este era um Pinochet rústico, engendrado pelos Estados Unidos no Caribe. O déspota havia sido fruto de uma das intervenções militares ianques na ilha que compartilha com Haiti e que foi a primeira colônia espanhola.</p>	Pronunciamento 15: <i>La historia real y el desafío de los periodistas cubanos.</i>	<i>Granma Internacional</i> , 03 de julho de 2008.
<b>SD 75</b>	<p>Se abría un capítulo de paz para Colombia, proceso que Cuba viene apoyando desde hace más de 20 años como lo más conveniente para la unidad y liberación de los pueblos</p>	<p>Abria-se um capítulo de paz para Colômbia, processo que Cuba vem apoiando faz mais de 20 anos como o mais conveniente para a unidade e libertação dos povos de nossa</p>	Pronunciamento 15: <i>La historia real y el desafío de los periodistas</i>	<i>Granma Internacional</i> , 03 de julho de

	de nuestra América, utilizando nuevas vías en las complejas y especiales circunstancias actuales después del hundimiento de la URSS a principios de los 90 – que no intentaré analizar aquí –, muy diferentes a las de Cuba, Nicaragua y otros países en las décadas de 50, 60 y 70 del Siglo XX.	América, utilizando novas vias nas complexas e especiais circunstâncias atuais depois do afundamento da URSS em princípios dos anos 90 que não tentarei analisar aqui –, muito diferentes às de Cuba, Nicarágua e outros países nas décadas de 50, 60 e 70 do Século XX.	<i>cubanos.</i>	2008.
<b>SD 76</b>	Nuestra delegación fue recibida en la madrugada de hoy con el reconocimiento y los honores que merece. Hablaron Esteban Lazo y Frederich Cepeda. Allí estaba Raúl, que los había abanderado en el Palacio de la Revolución.	Nossa delegação foi recebida na madrugada de hoje com o reconhecimento e as honras que merece. Falaram Esteban Lazo e Frederich Capeda. Ali estava Raúl, que os havia defendido no Palácio da Revolução.	Pronunciamento 16: <i>¡Gloria a los buenos!</i>	<i>Granma Internacional,</i> 20 de março de 2009.

## 9 ANEXOS

### 9.1 Pronunciamentos completos

#### 9.1.a Reflexión sobre las reflexiones

Si son breves, tienen la ventaja de que los ciento doce medios de prensa extranjeros acreditados en nuestro país que las reciben con antelación, publican partes importantes de su texto; si son extensas, me permiten profundizar lo que desee en determinados conceptos a mi juicio importantes para que nuestro pueblo, protagonista principal ante cualquier agresión, y otros países en circunstancias similares, dispongan de elementos de juicio. Este dilema constituye para mí un dolor de cabeza.

También me preocupa el espacio que utilizan en las primeras planas de nuestra prensa, tan necesario para la actividad diaria de la nación.

Moraleja: las dividiré en breves y extensas. Si son breves, las reflexiones se entregarán previamente a los medios que las reciben; si son extensas, no se entregarán con anticipación y se publicarán en cualquier página interior del periódico Granma como órgano oficial. Si otros medios de las organizaciones políticas y de masas lo desean, pueden publicarlas sin sacrificar sus espacios principales.

El Departamento Ideológico del Partido y el Jefe de Despacho del Consejo de Estado pueden proponer cualquier otra variante en casos concretos.

No inicié este trabajo como parte de un plan elaborado previamente, sino por un fuerte deseo de comunicarme con el protagonista principal de nuestra resistencia a medida que observo las acciones estúpidas del imperio. Ahora constituye, igual que cuando estaba en lo que se llamó prisión fecunda, un enorme deseo de estudiar y meditar mientras dura mi rehabilitación.

### 9.1.b Reflexiones de Fidel sobre los Panamericanos

¿Usted no ve los Panamericanos? -me parece escuchar a muchos cubanos. ¡Claro que sí!, respondo, apenas saco la vista del televisor. A veces olvido la hora de algún alimento o alguna pastilla.

Después protesto por que nadie fuera capaz de sacarme de un inning con juego apretado y Mayeta al bate, con dos en base y un out.

Junto a ustedes he vivido las vicisitudes de tales partidos. Puede ser un juego de voleibol femenino entre Cuba y Estados Unidos, en que las nuestras lo hicieron perfecto. ¡Qué asombrosos nuestros equipos de balonmano femenino y masculino! ¡Qué velocidad, qué fuerza!

No me pierdo un evento de los que salen por televisión: pesas, taekwondo, remo, ciclismo, voleibol de playa. He mirado las competencias individuales de gimnasia artística femenina. Me doy cuenta de que ese bello deporte ha sido elevado de la categoría infantil a la categoría olímpica. Las atletas más ganadoras son niñas; nadie con más edad y peso les puede ganar.

Mañana viene el día fatídico en muchos deportes: el inicio de las disputas entre importantes equipos colectivos. Téngase en cuenta que esto lo escribo el martes por la tarde. Acabamos de ganar la tercera medalla de oro del día con un atleta lesionado. Fue heroico. Se está desarrollando ahora el último juego de clasificación en balonmano femenino. Las brasileras están duras de roer. Miro el juego, y escribo algunas líneas.

Al fin gana el equipo de Brasil, 32 a 28, a las 4 y 25 p.m. Pasarán ambos equipos a las finales: se discutirá el oro, la plata o el bronce.

Acabo de ver a las 4 y 50 p.m. la transmisión de las dos medallas de oro en remo. Veo una parte de las competencias individuales de la gimnasia, rama masculina; en general los atletas son muy jóvenes, pero no niños.

A esta hora, 5 y 45 de la tarde no tengo nada más que añadir.

### 9.1.c ¿Brasil sustituto de Estados Unidos?

Hablé hace muy poco del robo de cerebros, algo repugnante. Poco después apareció un buen atacador del equipo cubano de balonmano vestido con el uniforme de un equipo profesional de São Paulo.



La traición por dinero es una de las armas predilectas de Estados Unidos para destruir la resistencia de Cuba.

El atleta realizaba estudios superiores; sería graduado como Licenciado en Educación Física y Deportes, un trabajo digno. Sus ingresos son modestos, pero su preparación profesional es altamente apreciada; sea cual fuere el deporte y su especialidad, lo mismo si atraen mucho público y publicidad comercial, o no atraen ninguno, son útiles para el desarrollo humano.

Los que solicitaron asilo brasileño lo hacen cuando Estados Unidos declaró hace muy poco que no cumplirá las cifras exactas de los acuerdos migratorios que suscribió con nuestro país. Baste señalar que de casi doscientos atletas y entrenadores que participaron en la primera semana de las competencias de los Panamericanos, faltaron un jugador de balonmano y un entrenador de gimnasia.

No voy a decir por ello que el equipo de balonmano de Cuba era mejor que el excelente equipo de Brasil y sus formidables atletas, pero la delegación cubana recibió un golpe moral bajo en los Juegos Panamericanos con esas solicitudes de asilo político. Pusieron al equipo cubano fuera de combate antes de comenzar la lucha por el oro.

El pasado domingo 22 de julio, en horas del mediodía, se recibió la triste noticia de que dos de los más destacados atletas de boxeo, Guillermo Rigondeaux Ortiz y Erislandy Lara Santoya, no se presentaron al pesaje. Sencillamente los noquearon con un golpe directo al mentón, facturado con billetes norteamericanos. No hizo falta conteo alguno de protección.

Observando los primeros combates en Río exclamé que nuestros boxeadores luchaban con tanta elegancia y dominio técnico que convertían en arte su rudo deporte.

En Alemania existe una mafia que se dedica a seleccionar, comprar y promover boxeadores cubanos en las competencias deportivas internacionales. Usa métodos psicológicos refinados y muchos millones de dólares.

Apenas tres horas después, la victoria de la cubana Mariela González Torres en el Maratón, un clásico del deporte Olímpico que la hizo recorrer más de 40 kilómetros, compensó con creces la traición e inscribió con letras de oro su hazaña en la historia deportiva de su Patria.

El pueblo de Cuba debe rendir tributo al ejemplo heroico de Mariela, nacida en la oriental provincia de Granma, cuyas tasas de mortalidad infantil y materna fueron, en el año 2006, 4,4 por cada mil nacidos vivos y 11 por cada 100 mil partos, mejores que las de Estados Unidos. En su municipio, Río Cauto, con 47 mil 918 habitantes, fue cero en ambas.

Después de todo, Cuba dispone de miles de buenos entrenadores o técnicos que suelen trabajar en el exterior con atletas que no pocas veces ganan medallas de oro compitiendo

contra los nuestros. Algo más: existe una Escuela Internacional de Profesores de Educación Física y Deportes donde cursan estudios superiores más de 1 300 jóvenes del Tercer Mundo. Hace unos días se graduaron 247. No cultivamos el chovinismo ni el espíritu de superioridad. Nos apoyamos en la ciencia y los conocimientos, sobre esas bases luchamos por crear los valores éticos de una mente sana en un cuerpo sano.

No existe justificación alguna para solicitar asilo político. Si no es Brasil su mercado definitivo, poco les importa. Hay países ricos del primer mundo que pagan mucho más. Las autoridades brasileñas han declarado que los que deserten deberán probar la necesidad real de asilo. Es imposible demostrar lo contrario. De antemano se conoce su destino final como atletas mercenarios en una sociedad de consumo. Pienso que han ofendido a Brasil utilizando los Panamericanos como pretexto para autopromoverse. De todas formas consideramos útiles las declaraciones de sus autoridades.

Deseamos que Brasil, un país hermano de Latinoamérica y del Tercer Mundo, obtenga el honor de ser sede de una Olimpiada.

#### 9.1.d La repugnante compraventa de atletas

¿Cuál ha sido el peor problema de los países pobres desde el punto de vista tecnológico y económico? El robo de cerebros.

¿Cuál desde el punto de vista patriótico y educativo? El robo de talentos.

Órganos locales de prensa de países pobres y personas sanas interesadas en el deporte comienzan a preguntarse por qué les roban sus talentos deportivos, después de los sacrificios y los gastos que invierten en formarlos.

Cuba, cuyos resultados y esfuerzos en el deporte amateur nadie puede negar, sufre más que cualquier otro país las mordidas de las pirañas. Véase cómo se comportan los tarifadores frente a la denuncia cubana. Cuando hablé de la mafia alemana y los millones de dólares que disponía para sobornar atletas cubanos, de inmediato se sintieron aludidos y declararon: "no, no, nosotros no somos ninguna mafia".

Contaron en detalle cómo funciona el bochornoso negocio de la compraventa de boxeadores. Sus palabras, entrecomilladas, fueron las siguientes en el orden en que llegaron a mis manos:

"Hamburgo, 24 jul (DPA) - Los responsables de Arena Box Promotions, una de las empresas alemanas que captan boxeadores aficionados del extranjero para convertirlos en profesionales, se defendieron hoy ante las críticas del presidente cubano, Fidel Castro."

"Müller-Michaelis se enteró por DPA de las acusaciones de Castro, quien confirmó en un artículo que difunde hoy la prensa cubana las deserciones de Guillermo Rigondeaux, bicampeón mundial y olímpico, y de Erislandy Lara, campeón mundial, que conformaban la delegación de su país en los Panamericanos de Río de Janeiro."

"'En Alemania existe una mafia que se dedica a seleccionar, comprar y promover boxeadores cubanos en las competencias deportivas internacionales', afirmó el líder cubano.

Usa métodos psicológicos refinados y muchos millones de dólares', agregó."

"Hamburgo, 25 jul (DPA) - Los dos boxeadores cubanos que desertaron durante los actuales Juegos Panamericanos de Río de Janeiro, Guillermo Rigondeaux y Erislandy Lara, utilizaron mediadores para entrar en contacto con la promotora alemana Arena Box Promotions, según declaró a un diario berlinés el turco-alemán, Ahmet Öner, jefe de la promotora.

"En sus escuetas declaraciones al diario, Öner dice que fueron los boxeadores que se apartaron de la delegación de su país los que iniciaron la búsqueda de contactos con su empresa y no al revés, como se insinuó en algunos medios cubanos.

"En vista de ello, Öner, quien no se encuentra en Alemania, sino de vacaciones en algún lugar del sur de Europa, dijo que decidió enviar emisarios a Sudamérica para tratar de entrar en contacto con Rigondeaux y Lara, sin dar más detalles.

"Las declaraciones de Öner fueron confirmadas hoy en Hamburgo por el portavoz de Arena, Malthe Müller-Michaelis, quien reiteró que la iniciativa partió de los 'desertores' cubano, según dijo a la agencia DPA."

"Se trata en este caso de Odlanier Solís, Yuriolquis Gamboa y Yan Barthelemy, quienes en estos momentos no se encuentran en Alemania, sino de vacaciones fuera del país."

"Por otra parte, Peter Danckert, presidente de la Comisión de Deportes del Bundestag (Cámara Baja) del Parlamento alemán, declinó hacer declaraciones sobre los boxeadores cubanos fugados.

"'Eso que lo hagan los expertos en la materia', dijo a un requerimiento de la agencia DPA en Berlín."

"Hamburgo, 26 jul (DPA) - Los dos boxeadores cubanos que 'desertaron' de los Juegos Panamericanos 2007 en Río, Guillermo Rigondeaux y Erislandy Lara, se encuentran

en Turquía, donde esperan la concesión de permiso de estancia en Alemania, según afirma hoy el diario 'Morgenpost'.

"Hemos contratado a Rigondeaux y a Lara', confirmó al periódico el jefe de la promotora hamburguesa Arena, el turco Ahmet Öner.

"Fidel está naturalmente enojado pero no tiene motivos para maravillarse. Sus boxeadores no quieren seguir siendo amateurs toda la vida, sino ganar dinero', cita el diario a Öner.

"Fidel quiere ocultar al mundo sus formidables luchadores. Yo se los muestro al mundo', subrayó el joven promotor de 34 años.

"Rigondeaux, de 26 años, posee una clase extraordinaria. El doble campeón olímpico del peso gallo ganó entre 1999 y 2003 142 combates consecutivos."

"Pese al enojo de Castro contra la 'mafia alemana', Öner dijo al 'Morgenpost' que quiere hacer negocios con el presidente cubano. 'Le propondré organizar en breve una velada de boxeo en La Habana'."

"Hamburgo, 26 jul (DPA) - Los boxeadores cubanos Guillermo Rigondeaux, doble campeón olímpico de peso gallo, y Erislandy Lara, campeón del mundo de peso welter, firmaron contratos con la promotora alemana Arena Box Promotions tras 'desertar' durante los Juegos Panamericanos de Río de Janeiro.

"Las especulaciones han llegado a su fin. Rigondeaux y Lara han firmado contratos por cinco años con Arena', dice hoy un comunicado difundido por el grupo hamburgués del empresario turco-alemán, Ahmet Öner.

"Los dos pugilistas viajarán próximamente a Alemania. Öner declinó revelar el lugar donde estaban en estos momentos Rigondeaux y Lara, 'por motivos comprensibles', según dice el comunicado de Arena, pero adelantó que se estaban haciendo las gestiones correspondientes para conseguir visado y residencia en Alemania."

"Hamburgo 26 de jul (AP) - Los dos boxeadores cubanos que desertaron durante los Juegos Panamericanos de Río de Janeiro firmaron el jueves contratos por cinco años con una cadena de televisión por cable.

"El gallo Guillermo Rigondeaux, bicampeón olímpico y mundial de boxeo amateur, y el welter Erislandy Lara, campeón mundial amateur, firmaron con la empresa Arena TV.

"Arena TV es la compañía con la que habían firmado otros tres boxeadores cubanos de primera línea que desertaron en diciembre.

"Ahora las mejores promesas del boxeo profesional mundial pelean para Arena', declaró el director de la empresa, Ahmet Öner."

"Rigondeaux y Lara no se presentaron a sus peleas del domingo en Río y no se volvió a tener noticias de ellos desde entonces.

"Desde los Juegos Olímpicos del 2004, el boxeo cubano perdió a varias de sus principales figuras, que ahora pelean como profesionales en Estados Unidos y Europa."

"Arena quiere ganar presencia en el mundo de las transmisiones deportivas y estima que los cubanos representan una gran inversión."

"Río de Janeiro, 26 jul (EFE).- El empresario alemán Ahmet Öner, promotor de cuatro boxeadores cubanos ya refugiados en Alemania, admitió en declaraciones a un diario brasileño que organizó la fuga de los dos boxeadores de Cuba que desertaron durante los Juegos Panamericanos de Río de Janeiro.

"'Fui yo quien lo organizó todo', aseguró el propietario de la empresa Arena Box Promotions en declaraciones publicadas hoy por el diario Folha de Sao Paulo y en las que admitió haber pagado cerca de medio millón de dólares por la operación."

"Ringondeaux, de 26 años y bicampeón olímpico y mundial de peso gallo, era una de las principales figuras de Cuba en los Panamericanos de Río de Janeiro y considerado como medalla segura para su país. "La fuga de los dos boxeadores fue descubierta cuando se ausentaron esta semana a la sesión de pesaje a la que tenían que someterse para disputar las peleas por sus respectivas categorías, en las que eran favoritos a medalla de oro.

"'Un grupo aquí en Alemania con contactos en Suramérica me trajo en diciembre a Barthelemy, Gamboa y Solís. Pagué un buen dinero. Ellos terminaron trayéndome a Ringondeaux y a Lara', aseguró el representante de los boxeadores.

"'Cuidé bien de Solís, Gamboa y Barthelemy, que son amigos de Ringodeaux y Lara. Creo que eso ayudó', agregó el empresario al referirse a que la amistad entre los boxeadores influyó para que los otros dos campeones olímpicos también optaran por desertar para iniciar carreras como profesionales en Alemania."

"El promotor alemán dijo que la operación de diciembre pasado para organizar la desertación de los tres boxeadores y su traslado hasta Alemania le costó cerca de 1,5 millones de dólares."

"'Los cinco serán campeones mundiales (de boxeo profesional). Hoy soy el promotor europeo más joven en el boxeo. Con ellos seré el mayor', aseguró.

"Hamburgo, 26 jul (DPA) - [¼ ] La fuga ya estaba prevista para hace unos meses, con ocasión de un torneo en Ankara. Pero en esa oportunidad los cubanos acudieron con un equipo B, sin Rigondeaux, que era el que más le interesaba a Öner.

"Posteriormente, cuando los cubanos decidieron no tomar parte en el torneo de Halle en Alemania, donde se disputa la tradicional 'Chemie Pokal', Öner comenzó a sospechar que los cubanos habían recibido un soplo de que algún boxeador pensaba en desertar. La ciudad de Halle y la 'Chemie Pokal' fueron el escenario, hace ya más de una década, de la deserción del peso crucero cubano Juan Carlos Gómez." (Un cuarto boxeador comprado con anterioridad)

"Por eso nos concentramos en Río y los Panamericanos, donde conseguimos finalmente nuestro objetivo', dijo."

"Ahora estamos en cuestiones burocráticas con los muchachos, y cuando consigamos todos los documentos viajaremos a Alemania, donde les vamos a dar la bienvenida con el marco adecuado', indicó. Los dos cubanos firmarán un contrato por cinco años.

"Para los otros cubanos todo esto duró tres meses. Creo que con estos dos muchachos demoraremos la mitad, es decir un mes y medio".

Vean cómo se ufanan de la fechoría cometida contra el país. Se conocía perfectamente que en boxeo Cuba obtendría casi todas las medallas de oro. Había que golpearla, y no solo compraron a dos de los atletas que tenían el oro asegurado, sino que golpearon la excelente moral de los demás atletas que siguieron defendiendo con valor sus medallas de oro. Hasta en los jueces influyó el golpe bajo.

Con todo el dinero del mundo jamás habrían comprado a hombres como Stevenson, Savón o el fallecido Roberto Balado, que tan hermosa tradición legaron a la gloria del boxeo cubano. Ya tenemos, a pesar de todo, 44 medallas de oro.

#### 9.1.e La llama eterna

Esta es una reflexión política. Para decirlo más exactamente: es otra proclama. Hoy se cumple un año exacto de la primera, el 31 de julio de 2006. Pero el año transcurrido vale por 10 en cuanto a la posibilidad de vivir una experiencia única que me aportó información y conocimientos sobre cuestiones vitales para la humanidad, que he transmitido con toda honradez al pueblo de Cuba.

Ahora me acosan con preguntas sobre el momento en que volveré a ocupar lo que algunos llaman el poder, como si tal poder fuera posible sin independencia. Hay un poder real y destructivo en el mundo, emanado de un imperio decadente que a todos amenaza.

El propio Raúl se ha encargado de responder que cada decisión importante a medida que me iba recuperando era consultada conmigo. ¿Qué haré? Luchar sin descanso como lo hice toda la vida.

Al cumplirse un aniversario de la Proclama, comparto con el pueblo la satisfacción de observar que lo prometido se ajusta a la incommovible realidad: Raúl, el partido, el gobierno, la Asamblea Nacional, la Juventud Comunista y las organizaciones de masas y sociales, encabezadas por los trabajadores, marchan adelante guiados por el principio inviolable de la unidad.

Con la misma convicción, seguimos batallando sin tregua por liberar de cruel y despiadada prisión a los Cinco Héroe que brindaban información sobre los planes terroristas anticubanos de Estados Unidos.

La lucha debe ser implacable, contra nuestras propias deficiencias y contra el enemigo insolente que intenta apoderarse de Cuba.

Este punto me obliga a insistir en algo que no puede ser jamás olvidado por los dirigentes de la revolución: es deber sagrado reforzar sin tregua nuestra capacidad y preparación defensiva, preservando el principio de cobrar a los invasores en cualquier circunstancia un precio impagable.

Nadie se haga la menor ilusión de que el imperio, que lleva en sí los genes de su propia destrucción, negociará con Cuba. Por mucho que le digamos al pueblo de Estados Unidos que nuestra lucha no es contra él -algo muy correcto-, éste no está en condiciones de frenar el espíritu apocalíptico de su gobierno ni la turbia y maniática idea de lo que llaman "una Cuba democrática", como si aquí cada dirigente se postulara y eligiera a sí mismo, sin pasar por el riguroso tamiz de la abrumadora mayoría de un pueblo educado y culto que lo apoye.

En reflexión anterior mencioné nombres históricos: Martí, Maceo, Agramonte, Céspedes. Para el recuerdo permanente de la interminable lista de caídos en combate, o de los que lucharon y se sacrificaron por la patria, Raúl encendió una llama que arderá eternamente, al cumplirse 50 años de la caída de Frank País, el joven héroe de 22 años cuyo ejemplo nos conmovió a todos. La vida sin ideas de nada vale. No hay felicidad mayor que la de luchar por ellas.

### 9.1.f Reflexión sobre duras y evidentes realidades

Por su importancia doy prioridad a este tema, aunque hay otros.

No voy a negar que las prerrogativas del poder, sea real, relativo o ficticio, ejercen influencia sobre los seres humanos, porque todos fueron educados así desde los tiempos más remotos de la especie.

No arribé en un minuto a lo que hoy pienso con relación al poder, pero estimo que se trata de un pensamiento consecuente. El modesto aporte de nuestra Revolución lo atribuyo al hecho de que nuestras respuestas a las interrogantes nunca involucionaron, a pesar del crudo realismo que nos impuso el brutal bloqueo del imperio.

Hablaba en la reflexión del pasado 31 de julio sobre lo que significaba para mí haber dispuesto de un año para reunir información y meditar a fondo en torno a los problemas vitales que amenazan hoy más que nunca a nuestra especie.

El pasado 24 de julio, la agencia rusa Ria Novosti publicó la siguiente información: "Leonid Ivashov, coronel general, experto en materia de defensa, expresó que la principal herramienta de la política estadounidense es el dictado económico, financiero, tecnológico y militar.

"Implantándolo, Estados Unidos procura asegurarse la hegemonía mundial. Su estrategia de seguridad nacional indica explícitamente la necesidad de garantizar el acceso sostenible, es decir, controlado, hacia las regiones clave del planeta, las comunicaciones estratégicas y los recursos globales.

Se trata de una estrategia consagrada en forma de ley, lo cual nos lleva a la conclusión de que a Estados Unidos le esperan en el futuro conflictos todavía más fuertes con Rusia, China e India.

"Washington se empeña en construir un sistema capaz de neutralizar el potencial nuclear de sus rivales estratégicos, Moscú y Pekín, para lograr un monopolio en el terreno militar. Estados Unidos quiere desplegar su escudo antimisil no solamente en Europa sino también en otras partes del mundo, para ver cuanto está pasando en Rusia y China. Asimismo, procura incrementar su arsenal ofensivo a un ritmo que supera incluso al del periodo de la Guerra Fría.

"Después del colapso de la Unión Soviética, la OTAN perdió el carácter defensivo que había tenido a la hora de su fundación, en 1949, para transformarse en una herramienta poderosa y agresiva al servicio de la oligarquía mundial, afanosa de establecer su dominio a escala planetaria. El nuevo concepto estratégico de la Alianza, aprobado en abril de 1999



gracias al esfuerzo de Estados Unidos, contempla funciones novedosas y amplía su ámbito de responsabilidades al mundo entero, sin limitarse al Atlántico Norte. El actual secretario general de la OTAN, Jaap de Hoop Scheffer, visita con frecuencia Australia, Nueva Zelanda o Japón. La Alianza comenzó a pasar por encima del Derecho Internacional y del Consejo de Seguridad de la ONU. Estados Unidos, entretanto, promueve la expansión de la OTAN y se niega a ratificar el Tratado sobre las Fuerzas Armadas Convencionales en Europa (FACE), atribuyéndose el derecho de actuar al margen de limitaciones algunas y configurar las tropas a su antojo.

"Estados Unidos hace cualquier cosa por que Rusia no sea una jugadora autónoma. Los debates sobre defensa antimisil, Irán y Kosovo no han generado fórmulas de compromiso.

"Es importante que Rusia consolide sus posiciones y recupere su potencial geopolítico. A principios de la década del 70, cuando Moscú había logrado la paridad nuclear con Washington, este acabó por darse cuenta de que no podría ganarle en el ámbito militar y aceptó negociar de igual a igual. Como resultado, fueron firmados el Tratado de Defensa Antimisil (DAM), en 1972, y los posteriores Acuerdos sobre la Limitación de Armas Estratégicas Ofensivas (SALT). Lo único que respeta Estados Unidos es la fuerza. Si se siente en una posición más fuerte, jamás hace concesiones a nadie.

"Para neutralizar los planes de la hegemonía mundial, es preciso construir un polo alternativo, y existe ya un fundamento para hacerlo: la Organización de Cooperación de Shangai (OCSH).

"En realidad, parece un tanto in-correcto hablar de la fuerza estadounidense. Estados Unidos tiene poderío militar, economía vigorosa y cantidad enorme de moneda fuerte que puede imprimir de forma ilimitada, pero el rango geopolítico del país está por los suelos. Estados Unidos inspira muy poca confianza política al resto del mundo.

"En 1999, China y Rusia plantearon ante la Asamblea General de la ONU la necesidad de preservar el Tratado DAM de 1972. A favor de la propuesta votaron todos los países, con cuatro excepciones: Estados Unidos, Israel, Albania y Micronesia. El resultado testimonia el total aislamiento internacional de Estados Unidos.

"Será imposible resolver sin la participación de Rusia la situación configurada en el Medio Oriente, los Balcanes, la Península de Corea u otras regiones del planeta. Lo anterior se aplica en igual grado a China, que es capaz de hacer frente a la presión por parte de Estados Unidos. China goza de gran prestigio en el mundo, tiene una economía poderosa y una moneda fuerte.

"La OCSH debería reclutar a nuevos aliados y juntar el potencial de aquellos países que desean y son capaces de implementar una política autónoma. Primero, es necesario proclamar oficialmente el rechazo a la hegemonía mundial por parte de Estados Unidos. Segundo, China y Rusia deberían denunciar ante el Consejo de Seguridad de la ONU el despliegue del sistema DAM estadounidense, como acción que altera la arquitectura de seguridad global y amenaza a toda la comunidad internacional. China, India y Rusia podrían formar un frente único ante el dictado de Estados Unidos. También es posible plantearse como tarea la estabilización del sistema financiero global. En el marco de la OCSH podría formularse una filosofía novedosa, basada en la armonía de civilizaciones y en el uso racional de los recursos naturales. La mayoría de los Estados seguramente apoyarán tales medidas, estoy convencido. Así se irá formando un nuevo polo político, el polo de la paz. La misión de la OCSH es crear un nuevo modelo del desarrollo para la civilización humana."

"Al imperio estadounidense podría oponerse únicamente una alianza de civilizaciones: la rusa, cuya órbita incluye a la Comunidad de Estados Independientes (CEI); la china, la hindú, la islámica y la latinoamericana. Es un espacio inmenso en el que podríamos crear mercados más equitativos, nuestro propio sistema financiero de carácter estable, nuestro engranaje de seguridad colectiva y nuestra filosofía, basada en la prioridad del desarrollo intelectual del hombre frente a la moderna civilización occidental que apuesta por los bienes materiales y mide el éxito con mansiones, yates y restaurantes. Nuestra misión es reorientar al mundo hacia la justicia y el desarrollo intelectual y espiritual."

Hasta aquí las ideas esenciales del pensamiento de Ivashov, transmitidas por Ria Novosti. Hemos podido precisar que el General Leonid Ivashov es Vicepresidente de la Academia de Problemas Geopolíticos, fue Secretario del Consejo de Ministros de Defensa de la Comunidad de Estados Independientes y Jefe del Departamento de Cooperación Militar del Ministerio de Defensa de la Federación Rusa. El 11 de septiembre del 2001, día en que ocurrieron los hechos trágicos de Nueva York que sirvieron de pretexto para definir las bases de la política genocida de Estados Unidos hace casi 6 años, el general Ivashov era Jefe del Estado Mayor de las Fuerzas Armadas Rusas. Un hombre realmente bien informado. Vale la pena que nuestro pueblo conozca sus puntos de vista.

Es obvia la preocupación que siempre ha tenido la Revolución cubana por la educación del pueblo. Juzgando mi propia experiencia, llegué pronto a la idea de que únicamente la conciencia podía prevalecer sobre los instintos que nos rigen. Los avances tecnológicos hablan hoy de la posibilidad de manipular las funciones de las células del cerebro humano. ¿Para qué servirá todo eso en un mundo donde impera el valor comercial de

los bienes y servicios? ¿Qué autoridad lo determinará? Por esa vía y a través del robo desvergonzado de cerebros, fenómeno en el que hay que insistir porfiadamente, podrían destrozarse lo que más vale del ser humano, que es su educación a través de la conciencia.

De los laboratorios puede salir un medicamento que salve vidas, algo socialmente muy valioso si tal producto pudiera ponerse al alcance de todos. Pero de los laboratorios están naciendo también todo tipo de armamentos que pueden poner fin a la vida humana.

La publicidad comercial y el consumismo son inconciliables con la supervivencia de la especie. Háganse todos los cálculos posibles y se verá que los recursos naturales, el espacio, el clima, el tiempo y el sistema, al paso y en la dirección que llevan, no pueden arrojar otro resultado.

#### 9.1.g La política y el deporte

Esto lo escribo rápido y un poco tarde. Debo hacerlo debido al fuerte acento con que analicé el tema.

La noticia además no es desalentadora. Los cables anunciaron que los dos boxeadores que desertaron en Río de Janeiro habían sido localizados y detenidos por las autoridades en una playa cercana a esa ciudad. Recuerden que se les daba por desaparecidos. Carecían de documentación.

No fueron trasladados a una prisión. Permanecieron en el mismo hotel donde se alojaban bajo control de la Policía Federal. Los boxeadores le comunicaron que habían cometido un error y estaban arrepentidos. Se negaron a recibir a un ciudadano alemán, que de inmediato se interesó por ellos, cumpliendo instrucciones de la empresa mafiosa. Esto lo supimos después.

Las autoridades nos solicitaron la documentación, y la representación consular de Cuba, siguiendo instrucciones de nuestro Embajador, procedió a realizar los trámites pertinentes.

La noticia de que los boxeadores se encontraban en Turquía mientras les gestionaban la inmigración, fue evidentemente lanzada por la mafia como maniobra de engaño. Hasta un miembro del parlamento alemán trató de batear jonrón con la pelota de trapo. La empresa que había invertido más de dos millones de dólares en el grotesco negocio, hablaba de los "derechos humanos" de los familiares de los atletas. ¿Qué dirán las Naciones Unidas de esta desleal competencia?

Aquí es donde el deporte y la política se mezclan, en busca de soluciones correctas y de principios, por encima de aficiones y amarguras.

A estos ciudadanos no los esperan arrestos de ningún tipo ni mucho menos métodos como los que usa el Gobierno de Estados Unidos en Abu Ghraib y Guantánamo, jamás utilizados en nuestro país. Se les trasladará provisionalmente a una casa de visita y se les brindará acceso a sus familiares. La prensa también podrá contactarlos si ellos desean hacerlo. Les ofrecerán tareas decorosas y en favor del deporte de acuerdo con sus conocimientos y experiencia.

Las autoridades brasileñas pueden estar tranquilas frente a las inevitables campañas de los adversarios. Cuba sabe comportarse a la altura de las circunstancias. Yo, por mi parte, dormiré bien.

#### 9.1.h La constancia escrita

Sucedan muchos acontecimientos en el mundo de gran importancia. Algunos se relacionan con Cuba. A nuestro país llegan a veces noticias de mucho más interés que una sencilla reflexión mía con el propósito de crear conciencia.

La entrevista de Gerardo Hernández Nordelo, uno de nuestros Cinco Héroes, con la BBC divulgada ayer por la televisión, qué tremendo impacto me produjo, qué contenido humano, profundidad, brillantez, algo que solo puede surgir de una mente que ha sufrido 9 años de injusta tortura psíquica. Por favor rogamos que la Mesa Redonda nos siga informando sobre el histórico proceso relacionado con el destino de los heroicos compatriotas.

En Brasil, mientras tanto, la prensa sigue buscando noticias e informando sobre las actividades realizadas por los dos boxeadores después que, rompiendo el rigor de las normas, se ausentaron del alojamiento de la delegación cubana.

Un cable de EFE fechado en Río de Janeiro el 3 de agosto, informa:

"Tras ser sorprendidos el jueves en un balneario en el norte del litoral de Río de Janeiro, en donde pasaron varios días al lado de un empresario cubano y de otro alemán, así como de tres prostitutas, los boxeadores fueron conducidos en la madrugada de hoy a un hotel, en donde han sido custodiados por agentes de la Policía Federal.

"Rigondeaux y Lara fueron retenidos el jueves en el balneario de Araruama por agentes de la Policía Militar de Río de Janeiro. En sus declaraciones ante la Policía Federal, los dos boxeadores dijeron que, arrepentidos, desean regresar a Cuba, y que supuestamente

fueron víctimas de un golpe, para lo cual fueron dopados por los empresarios antes de ser retirados de la Villa Panamericana. Los atletas rechazaron la ayuda de dos abogados que se presentaron en la sede de la Policía Federal y que insistieron en representarlos.

"Los dos cubanos, sin embargo, fueron vistos en diferentes balnearios en el litoral norte de Río de Janeiro en total libertad y disfrutando de las comodidades de posadas, fiestas regadas con bebidas alcohólicas y mujeres. Según dueños de posadas en el balneario de Saquarema consultados por O Globo, los dos boxeadores, junto a los empresarios cubano y alemán, pasaron varios días en esa ciudad antes de viajar a Araruama en la compañía de tres prostitutas contratadas en Río de Janeiro. 'Ellos son buenas personas, nos trataron como si fuésemos sus novias y hasta dijeron que van a sentir nuestra falta', dijo una de las mujeres, que admitió haber recibido cerca de 100 dólares por día, en declaraciones a O Globo."

Son detalles desagradables pero esenciales y no puedo usar términos diferentes a los incluidos por la agencia cablegráfica en su despacho.

Imagino que los propios boxeadores informaron sobre esto a los familiares adultos más cercanos.

Ayer lunes 6 otro cable de la misma agencia afirmaba:

"La policía brasileña dijo confiar en la versión de los dos boxeadores cubanos deportados a su país tras haber desaparecido durante los Juegos Panamericanos de Río de Janeiro en el sentido de que fueron dopados y engañados por dos empresarios que querían llevarlos a Alemania.

"Confiamos en lo que nos dijeron y consideramos su versión factible y probable', declaró hoy a EFE el comisario de Policía Federal Felicio Latera, responsable de la investigación."

"La Policía Federal brasileña no está investigando la supuesta deserción de los dos cubanos, está investigando a los empresarios que intentaron llevárselos', afirmó el comisario." Con esa misma fecha y en el mismo cable la agencia EFE informó:

"En una entrevista con un diario brasileño, el empresario alemán Ahmet Öner, promotor de cuatro boxeadores cubanos ya refugiados en Alemania, admitió que organizó la fuga de Rigondeaux y de Lara, por la que dijo haber pagado cerca de medio millón de dólares."

No dudamos, por nuestra parte, que la Policía Federal creyó en el arrepentimiento de los dos atletas. La misión de dicha institución era gestionar con el consulado cubano la documentación que le solicitaban con apremio los boxeadores y explicar lo sucedido con ellos después de 12 días de ausencia.

Para la inmensa mayoría de nuestro pueblo lo esencial es conocer cuál fue el comportamiento moral de los atletas, que con tanto sacrificio los educa y forma.

La mayor responsabilidad, a mi juicio, corresponde a Erislandy Lara, quien era el capitán del Equipo de Boxeo, y aun así incumple normas y va a parar directamente a las manos de los mercenarios. Tiene 24 años y es estudiante universitario de Educación Física y Deportes. Los dos boxeadores ignoran la influencia en sus conductas de las estrechas relaciones de amistad que sostenían con los tres boxeadores sobornados en Venezuela, aunque seguramente desconocían la indiscreción verborreica con que el dueño de la empresa mafiosa hablaría después que ellos dejaron de asistir al pesaje.

Los dos atletas se mostraron reacios a conversar con la prensa. Un periodista de Granma, Miguel Hernández, los esperó en el aeropuerto y habló con ellos sobre el tema. Estaba luego decepcionado con las respuestas cuando trató de escribir un artículo convincente de la sinceridad de los boxeadores.

Julita Osendi, reportera de televisión y bien informada de los Juegos Panamericanos de Río, solicitó visitarlos y se esforzó por persuadirlos de que conversaran con toda franqueza. Fueron más abiertos y le contaron algunos detalles adicionales sobre su insólita aventura, pero el resultado final fue igual.

Al compañero Fernández, Vicepresidente del Consejo de Ministros que atiende entre otros organismos al INDER, le pedí me enviase una transcripción de la entrevista de Osendi con Erislandy Lara y Guillermo Rigondeaux. No bastaba la imagen, deseaba analizar cada pregunta y cada respuesta. Lo escrito ocupa dos veces el espacio de esta reflexión. Le pediré a Granma que la publique en la página deportiva o en otro espacio, para dejar constancia escrita de la conversación.

Muchos países pobres no tienen problemas con el profesionalismo, pero también en ellos numerosas personas mueren prematuramente o sufren enfermedades invalidantes por falta de ejercicios. Esa tragedia la padecen también los países ricos desarrollados por insuficiencias en su podrido sistema y el espíritu mercantilista de sus servicios médicos.

El atleta que abandona su delegación es como el soldado que abandona a sus compañeros en medio del combate. Cuba dispone de muchos buenos deportistas pero no se los ha robado a nadie. El pueblo disfruta además de sus maravillosas actuaciones. Es ya parte de su cultura, su bienestar y su riqueza espiritual.

La Revolución ha cumplido su palabra. Prometió darles un trato humano a los dos atletas, reunirlos de inmediato con sus familiares, brindarles acceso a la prensa si lo deseaban,

y asignarles un trabajo decoroso de acuerdo con sus conocimientos. Hemos atendido igualmente con esmero su estado de salud, como hacemos con todos los ciudadanos.

Era indispensable, por elemental justicia, escucharlos, conocer el grado de arrepentimiento que alegaban al verse envueltos en tan doloroso episodio.

Hemos puesto a disposición de nuestro pueblo los elementos de juicio que pudimos reunir. Ya ellos desean marcharse con sus familiares. Llegaron a un punto sin retorno como parte de una delegación cubana en ese deporte.

Nosotros, en cambio, debemos continuar la lucha. Ha llegado nada menos que el momento de constituir la lista de boxeadores cubanos que participarán en las Olimpiadas de Beijing, con casi un año de anticipación. Primero deben viajar a Estados Unidos para participar en el Campeonato Mundial, uno de los tres eventos clasificatorios a los Juegos Olímpicos. Imagínense a los tiburones de la mafia demandando carne fresca.

Algo debemos advertirles: no estamos ansiosos de suministrarla a domicilio. Cuba no sacrificará un ápice de su honor y sus ideas por medallas de oro olímpicas; prevalecerán por encima de todo la moral y el patriotismo de sus atletas. Sabemos que en el boxeo el tamaño del ring y los guantes se han modificado para afectar a nuestro país que tantas medallas obtiene en ese deporte, hasta lograr que el boxeo profesional se incluya también en las Olimpiadas.

Las autoridades deportivas están analizando todas las variantes posibles, incluyendo cambiar la lista de boxeadores o no enviar delegación alguna, a pesar de los castigos que nos esperen. Estudian igualmente estrategias y tácticas a seguir.

Mantendremos nuestra política de principios, aunque el mundo se adentre cada vez más en el profesionalismo, y como en los tiempos de Kid Chocolate --un verdadero genio--, no exista una medalla para el deporte sano y solo se conciba un deporte que ponga precio a lanzar pelotas imbateables, conectar jonrones y repartir y recibir piñazos sin protección alguna. A una época como aquella jamás volveremos.

El deporte sano es incompatible con el consumismo y el derroche, que está en la raíz de la actual e irreversible crisis económica y social del mundo globalizado.

#### 9.1.i Mensaje del Comandante en Jefe

Queridos compatriotas:

Les prometí el pasado viernes 15 de febrero que en la próxima reflexión abordaría un tema de interés para muchos compatriotas. La misma adquiere esta vez forma de mensaje. Ha llegado el momento de postular y elegir al Consejo de Estado, su Presidente, Vicepresidentes y Secretario.

Desempeñé el honroso cargo de Presidente a lo largo de muchos años. El 15 de febrero de 1976 se aprobó la Constitución Socialista por voto libre, directo y secreto de más del 95% de los ciudadanos con derecho a votar. La primera Asamblea Nacional se constituyó el 2 de diciembre de ese año y eligió el Consejo de Estado y su Presidencia. Antes había ejercido el cargo de Primer Ministro durante casi 18 años. Siempre dispuse de las prerrogativas necesarias para llevar adelante la obra revolucionaria con el apoyo de la inmensa mayoría del pueblo.

Conociendo mi estado crítico de salud, muchos en el exterior pensaban que la renuncia provisional al cargo de Presidente del Consejo de Estado el 31 de julio de 2006, que dejé en manos del Primer Vicepresidente, Raúl Castro Ruz, era definitiva. El propio Raúl, quien adicionalmente ocupa el cargo de Ministro de las F.A.R. por méritos personales, y los demás compañeros de la dirección del Partido y el Estado, fueron renuentes a considerarme apartado de mis cargos a pesar de mi estado precario de salud.

Era incómoda mi posición frente a un adversario que hizo todo lo imaginable por deshacerse de mí y en nada me agradaba complacerlo.

Más adelante pude alcanzar de nuevo el dominio total de mi mente, la posibilidad de leer y meditar mucho, obligado por el reposo. Me acompañaban las fuerzas físicas suficientes para escribir largas horas, las que compartía con la rehabilitación y los programas pertinentes de recuperación. Un elemental sentido común me indicaba que esa actividad estaba a mi alcance. Por otro lado me preocupó siempre, al hablar de mi salud, evitar ilusiones que en el caso de un desenlace adverso, traerían noticias traumáticas a nuestro pueblo en medio de la batalla. Prepararlo para mi ausencia, psicológica y políticamente, era mi primera obligación después de tantos años de lucha. Nunca dejé de señalar que se trataba de una recuperación "no exenta de riesgos".

Mi deseo fue siempre cumplir el deber hasta el último aliento. Es lo que puedo ofrecer.

A mis entrañables compatriotas, que me hicieron el inmenso honor de elegirme en días recientes como miembro del Parlamento, en cuyo seno se deben adoptar acuerdos importantes para el destino de nuestra Revolución, les comunico que no aspiraré ni aceptaré - repito- no aspiraré ni aceptaré, el cargo de Presidente del Consejo de Estado y Comandante en Jefe.



En breves cartas dirigidas a Randy Alonso, Director del programa Mesa Redonda de la Televisión Nacional, que a solicitud mía fueron divulgadas, se incluían discretamente elementos de este mensaje que hoy escribo, y ni siquiera el destinatario de las misivas conocía mi propósito. Tenía confianza en Randy porque lo conocí bien cuando era estudiante universitario de Periodismo, y me reunía casi todas las semanas con los representantes principales de los estudiantes universitarios, de lo que ya era conocido como el interior del país, en la biblioteca de la amplia casa de Kohly, donde se albergaban. Hoy todo el país es una inmensa Universidad.

Párrafos seleccionados de la carta enviada a Randy el 17 de diciembre de 2007:

"Mi más profunda convicción es que las respuestas a los problemas actuales de la sociedad cubana, que posee un promedio educacional cercano a 12 grados, casi un millón de graduados universitarios y la posibilidad real de estudio para sus ciudadanos sin discriminación alguna, requieren más variantes de respuesta para cada problema concreto que las contenidas en un tablero de ajedrez. Ni un solo detalle se puede ignorar, y no se trata de un camino fácil, si es que la inteligencia del ser humano en una sociedad revolucionaria ha de prevalecer sobre sus instintos.

"Mi deber elemental no es aferrarme a cargos, ni mucho menos obstruir el paso a personas más jóvenes, sino aportar experiencias e ideas cuyo modesto valor proviene de la época excepcional que me tocó vivir.

"Pienso como Niemeyer que hay que ser consecuente hasta el final."

Carta del 8 de enero de 2008:

"...Soy decidido partidario del voto unido (un principio que preserva el mérito ignorado). Fue lo que nos permitió evitar las tendencias a copiar lo que venía de los países del antiguo campo socialista, entre ellas el retrato de un candidato único, tan solitario como a la vez tan solidario con Cuba. Respeto mucho aquel primer intento de construir el socialismo, gracias al cual pudimos continuar el camino escogido."

"Tenía muy presente que toda la gloria del mundo cabe en un grano de maíz", reiteraba en aquella carta.

Traicionaría por tanto mi conciencia ocupar una responsabilidad que requiere movilidad y entrega total que no estoy en condiciones físicas de ofrecer. Lo explico sin dramatismo.

Afortunadamente nuestro proceso cuenta todavía con cuadros de la vieja guardia, junto a otros que eran muy jóvenes cuando se inició la primera etapa de la Revolución. Algunos casi niños se incorporaron a los combatientes de las montañas y después, con su heroísmo y

sus misiones internacionalistas, llenaron de gloria al país. Cuentan con la autoridad y la experiencia para garantizar el reemplazo. Dispone igualmente nuestro proceso de la generación intermedia que aprendió junto a nosotros los elementos del complejo y casi inaccesible arte de organizar y dirigir una revolución.

El camino siempre será difícil y requerirá el esfuerzo inteligente de todos. Desconfío de las sendas aparentemente fáciles de la apologética, o la autoflagelación como antítesis. Prepararse siempre para la peor de las variantes. Ser tan prudentes en el éxito como firmes en la adversidad es un principio que no puede olvidarse. El adversario a derrotar es sumamente fuerte, pero lo hemos mantenido a raya durante medio siglo.

No me despido de ustedes. Deseo solo combatir como un soldado de las ideas. Seguiré escribiendo bajo el título "Reflexiones del compañero Fidel". Será un arma más del arsenal con la cual se podrá contar. Tal vez mi voz se escuche. Seré cuidadoso.

Gracias

#### 9.1.j Sed de sangre

El imperio no se resigna a ser el único perdedor en la reunión del Grupo de Río celebrada en Santo Domingo el 7 de marzo. Desea armar de nuevo el sangriento tinglado. No es difícil demostrarlo.

El martes 11 de marzo *El Nuevo Herald*, órgano sumamente hostil a Cuba destinado a trazar pautas en América Latina, bajo el título de "Cubano es presunto líder de las FARC en México", suscrito por uno de sus articulistas nacido en nuestro país, afirma:

"Un ingeniero cubano radicado en México fue identificado por las autoridades de inteligencia como el presunto dirigente del grupo de apoyo a las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia (FARC) desde territorio mexicano.

"El reporte de inteligencia — citado por los diarios *El Universal* y *The Wall Street Journal* — señala a Mario Dagoberto Díaz Orgaz, de 48 años, como el principal sospechoso de organizar la expedición de un grupo de estudiantes mexicanos a un campamento de las FARC en Ecuador, atacado por las fuerzas colombianas el primero de marzo."

"Agentes mexicanos dicen haber fotografiado a Díaz Orgaz en Quito, el 5 de marzo, a las 6:25 p.m., mientras merodeaba el Hospital Militar donde está recluida Lucía Andrea Morett Álvarez, sobreviviente del operativo armado.

“La joven, conocida como ‘Alicia’ en las filas insurgentes, había viajado el 10 de enero de México a La Habana y desde ahí a Quito. Su regreso a México estaba programado para el martes.

“El informe sobre Díaz Orgaz lo presenta también como operador financiero de las FARC en México...”

“El ingeniero cubano habría sido ubicado en Ecuador por los servicios de inteligencia mexicanos luego de sobrevivir al ataque militar contra el campamento de las FARC.

“Anoche *El Nuevo Herald* contactó telefónicamente a un cercano amigo suyo en la ciudad de Querétaro, donde Díaz Orgaz reside y trabaja como investigador del Centro de Ingeniería y Desarrollo Industrial, adscrito al Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología del gobierno mexicano...

“Para evitar el asedio de la prensa, Díaz Orgaz se encuentra desde el lunes en casa de unas amistades.

“La fuente aseveró que el ingeniero cubano está en condiciones de demostrar que el atribuido viaje al Ecuador es falso, pues la fecha en que la inteligencia mexicana lo sitúa en las inmediaciones del Hospital Militar de Quito, él se hallaba en la ciudad de Villa Hermosa, capital del Estado de Tabasco, junto a un grupo de colegas del Centro de Ingeniería y Desarrollo Industrial.

“Díaz Orgaz es oriundo del pueblo de Bejucal, en La Habana, donde nació el 15 de enero de 1960. De acuerdo con la información en poder del gobierno federal de México, Díaz Orgaz estudió Ingeniería Mecánica en el Instituto Politécnico de Vladimir, a 180 kilómetros de Moscú, y realizó luego varios cursos de especialización en Metrología...”

“Su papel habría sido clave en el respaldo financiero a grupos partidarios de las FARC en la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), uno de los mayores y más prestigiosos centros académicos de América Latina...”

“Las revelaciones del caso se producen a pocos días de la visita de la canciller mexicana Patricia Espinosa a La Habana, animada por una política de restablecimiento de las relaciones entre ambos países.

“En febrero pasado el Ejército colombiano había capturado en Palmira, departamento de Valle del Cauca, al médico cubano Emilio Muñoz Franco, un optometrista mencionado como pieza clave de una red de apoyo logístico a las FARC.

“Muñoz Franco habría llevado a estudiantes cubanos de Medicina que cumplieron una pasantía en campamentos de las FARC entre el 2000 y el 2001.

“Las autoridades colombianas consideran que en su contra hay evidencias suficientes para acusarlo como extranjero asociado a la guerrilla. Sus vecinos de Palmira aseguran que nunca le conocieron un escándalo.”

Es clarísima la estúpida intención de mezclar cubanos en el asunto, aparte de la mentira sobre la imposible presencia de nuestros estudiantes de Medicina en esa distante selva colombiana. Cuando un ingeniero o médico cubano abandona su país, es alguien que se marcha con los conocimientos que nuestro pueblo sufragó con grandes sacrificios. El día 13 de este mes precisamente regresaron a su patria 177 miembros de la Brigada Médica y 35 maestros después de cumplir durante dos años su sagrada misión en Timor Leste.

Yo mismo los despedí cuando partieron.

En Timor Leste, que antes de la independencia sufrió genocidio, surgieron conflictos internos apoyados por Australia que, aliada de Estados Unidos, se apropió de los campos de gas, en las proximidades de las costas timorenses. En ninguna circunstancia los médicos cubanos abandonaron a sus pacientes, que eran todos los habitantes de la pequeña nación. Allí quedó el personal que los sustituyó. Esos sí son médicos y graduados cubanos, de los cuales hay miles, que el imperio hace indecibles esfuerzos por sobornar, alcanzando exiguos resultados.

Ningún otro país del hemisferio occidental o del mundo posee semejante riqueza. Hoy formamos a cientos de jóvenes timorenses en nuestras facultades de Medicina. Los médicos que acaban de regresar muestran un ejemplo de lo que puede la conciencia.

El citado artículo de *El Nuevo Herald* es también un claro intento de justificar que entre las víctimas había jóvenes mexicanos que se entrevistaban con Reyes, por curiosidad o por las razones que fuesen, pero no habían puesto bombas ni eran acreedores a ser asesinados por bombas yanquis mientras descansaban en la madrugada.

*El Mercurio*, de Chile, bajo el título “Desertor advierte que líder de las FARC podría ser asesinado”, expresa por boca de Pedro Pablo Montoya, ex guerrillero de las FARC, lo siguiente:

“El guerrillero desertor que la semana pasada mató a José Juvenal Velandia, alias ‘Iván Ríos’, miembro de la cúpula de las FARC, señaló ayer que los rebeldes de rangos medios y bajos podrían asesinar a sus líderes, entre ellos al máximo jefe del grupo guerrillero colombiano Pedro Antonio Marín, alias ‘Manuel Marulanda Vélez’ o ‘Tirofijo’.

“Pedro Pablo Montoya, alias ‘Rojas’, quien está desde el jueves pasado bajo protección del Ejército, tras entregarse con otros dos miembros de las FARC después de haber asesinado a ‘Ríos’, dijo en una entrevista al diario *El Tiempo*, de Bogotá, que los rebeldes sin rango están

desmoralizados y desmotivados por los ‘malos tratos’ por parte de los líderes de la guerrilla...”

“Tras matar a su jefe, ‘Rojas’ le cercenó la mano derecha y se presentó ante los militares que tenían cercada a su unidad rebelde junto con los documentos de identificación de este, así como con su computadora portátil.

“En declaraciones a *Radio Caracol*, ‘Rojas’ dijo que las FARC no tienen voluntad de liberar a la ex candidata Ingrid Betancourt. ‘Ni por el «berraco» — por ningún motivo la liberan. Que doña Yolanda — la madre de Betancourt— piense eso...” “El rebelde dijo que espera el pago de una jugosa recompensa ofrecida por el Estado colombiano, equivalente a 2,6 millones de dólares, a cambio de información sobre comandantes insurgentes, mientras abogados debaten sobre si debe o no cobrar el botín. ‘Rojas’ recibió anoche un espaldarazo, pues el Fiscal General de Colombia, Mario Iguarán, señaló que ‘en principio la Fiscalía no haría imputación por homicidio en la persona de Iván Ríos, con lo que se le abriría la posibilidad de cobrar la recompensa’.

”Por su parte, *The Washington Post*, un órgano bien informado sobre el ánimo prevaleciente en Washington, publicó el pasado 10 de marzo un artículo titulado “El ángel guardián de las FARC”, suscrito por Jackson Diehl, en el que señala:

“Las naciones de la América Latina y la administración Bush están empezando a analizar una interrogante mucho más grave y potencialmente explosiva: ¿qué hacer con la revelación de que el presidente de Venezuela Hugo Chávez forjó una alianza estratégica con las FARC contra el gobierno democrático de Colombia?

“...en su conjunto, los centenares de páginas de documentos hasta ahora hechos públicos por Colombia pintan una situación incluso más escalofriante...”

“Todo esto se expone en una serie de tres correos electrónicos mandados en febrero a los principales líderes de las FARC por Iván Márquez y Rodrigo Granda, enviados que sostuvieron una serie de reuniones secretas con Chávez...”

“Suponiendo que esos documentos son auténticos — y resulta difícil creer que el fríamente inteligente y calculador Uribe entregara a sabiendas falsificaciones a los medios de información del mundo y a la Organización de Estados Americanos —, tanto la administración Bush como los gobiernos de la América Latina tendrán que adoptar decisiones fatídicas acerca de Chávez. Sus acciones informadas constituyen, ante todo, una violación de la resolución 1373 del Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas, aprobada en septiembre de 2001.”

*The Washington Post* parte del supuesto de que sólo Uribe pudo inventar o entregar ese documento al gobierno de Estados Unidos y no contempló ninguna otra variante en la compleja situación. Se conoce, sin embargo, que desde el jueves 13 Chávez llamó por teléfono a Uribe y con este acordó un intercambio de visitas de los dos Presidentes y la normalización de las relaciones de intercambio comercial que tanto benefician a los dos pueblos. Chávez, por su parte, no renuncia a la búsqueda de la paz entre los pueblos hermanos de América Latina.

Lo más sorprendente es el propio discurso de Bush el 12 de marzo y el veloz envío de la Secretaria de Estado Condoleezza Rice a Brasil y Chile, tema sobre el cual las agencias cablegráficas hablan hasta por los codos: “BRASILIA, 13 de marzo 2008 (AFP) – La secretaria de Estado norteamericana, Condoleezza Rice, y el ministro brasileño de Igualdad Racial, Edson Santos, firmaron este jueves en Brasilia un acuerdo para lanzar un plan conjunto de acción ‘para eliminar la discriminación racial’.

“El texto del acuerdo destaca que Brasil y Estados Unidos comparten la característica de ser ‘sociedades democráticas multiétnicas y multirraciales’.”

Leo y releo estas palabras. Pienso que es lo opuesto de lo que ocurre realmente en Estados Unidos, mientras selecciono cables y escribo. ¡Es asombroso!

Proseguiré mañana.

### 9.1.1 La hormiga y el elefante

Uno cree que no hay tema que valga la pena comentar sin cansar a los pacientes lectores después de la Mesa Redonda del 12 de junio, que divulgó la nueva edición de un libro publicado en Bolivia hace 15 años, esta vez con un prólogo mío. Se leyó en ese programa una introducción elaborada posteriormente por el presidente Evo Morales y un mensaje de la prestigiosa escritora argentina Stella Calloni, que se incluirán en una próxima edición. Seleccioné cuidadosamente los datos que utilicé en ese prólogo.

Desde los primeros años de la Revolución Cubana se desarrolló un fuerte espíritu internacionalista, que tuvo sus raíces en el numeroso contingente de cubanos que participó en la lucha antifascista del pueblo español e hizo suyas las mejores tradiciones del movimiento obrero mundial.

No solemos divulgar nuestra cooperación con otros pueblos, aunque tampoco habría forma de impedir que la prensa hable a veces de la misma. Está motivada en sentimientos profundos que en nada se relacionan con la publicidad.

Algunos se preguntarán cómo es posible que un país pequeño con pocos recursos puede llevar a cabo una tarea de esa magnitud en campos tan decisivos como la educación y la salud, sin los cuales no es concebible la sociedad actual.

El ser humano creó los bienes y servicios indispensables desde que vive en sociedad, y esta se desarrolló desde las formas más elementales hasta las más avanzadas a lo largo de muchos miles de años.

La explotación del hombre por el hombre fue inseparable compañera de ese desarrollo, como todos sabemos o debemos saber.

Las diferencias en el modo de percibir esa realidad dependieron siempre del lugar que cada cual ocupara en la sociedad. Se veía como algo natural y la inmensa mayoría no tomó nunca conciencia de esto.

En pleno auge del capitalismo en Inglaterra, que iba a la vanguardia con Estados Unidos y otros países de Europa, en el mundo dominado ya por el colonialismo y el expansionismo, un gran pensador y estudioso de la historia y la economía, Carlos Marx, partiendo de las ideas de los más prestigiosos filósofos y economistas alemanes e ingleses de la época — entre ellos Hegel, Adam Smith y David Ricardo, con los cuales discrepó —, elaboró, escribió y publicó sus ideas sobre las relaciones de producción e intercambio en el capitalismo en el año 1859 bajo el título *Contribución a la crítica de la Economía Política*. En 1867, continuó divulgando su pensamiento con el primer tomo de su obra cumbre, que lo hizo famoso: *El Capital*. La mayor parte de su extenso libro, a partir de notas y apuntes suyos, fue editado por Engels, que compartía sus ideas y como un profeta divulgó su obra después de la muerte de Marx, en 1883.

Lo publicado por el propio Marx constituye el análisis más serio que se escribió nunca sobre la sociedad de clases y la explotación del hombre por el hombre. Nació así el marxismo, que ha sido el fundamento de los partidos y movimientos revolucionarios que proclamaban el socialismo como objetivo, entre los que se contaban casi todos los partidos socialdemócratas que al estallar la primera guerra mundial traicionaron la consigna enarbolada por Marx y Engels en el *Manifiesto comunista*, publicado por primera vez en 1848: “¡Proletarios de todos los países, uníos!”.

Una de las verdades que el gran pensador expresaba textualmente de forma sencilla es: “En la producción social de su vida los hombres establecen determinadas relaciones

necesarias e independientes de su voluntad, relaciones de producción que corresponden a una fase determinada de desarrollo de sus fuerzas productivas materiales. No es la conciencia del hombre lo que determina su ser, sino por el contrario, el ser social es lo que determina su conciencia. Al llegar a una fase determinada de desarrollo de las fuerzas productivas materiales de la sociedad, entran en contradicción con las relaciones de producción existentes... De formas de desarrollo de las fuerzas productivas, estas relaciones se convierten en trabas suyas y se abre así una época de revolución social... Ninguna formación social desaparece antes de que se desarrollen las fuerzas productivas que caben dentro de ella y jamás aparecen nuevas y más elevadas relaciones de producción antes de que las condiciones materiales de su existencia hayan madurado dentro de la propia sociedad antigua.”

Yo no podría explicar con otras palabras esos conceptos claros y precisos emitidos por Marx de modo tal que, con una elemental explicación de sus profesores, hasta un joven cubano de los que ingresaron el pasado sábado 14 de junio en la Juventud Comunista pueda comprender su esencia.

Sobre el desarrollo concreto de la lucha de clases, Marx escribió *La lucha de clases en Francia de 1848 a 1850* y *El 18 Brumario de Luis Bonaparte*, dos excelentes análisis históricos que deleitan a cualquier lector. Era un verdadero genio.

Lenin, continuador profundo del pensamiento dialéctico y las investigaciones de Marx, escribió dos obras fundamentales: *El Estado y la revolución* y *El imperialismo, fase superior del capitalismo*. Las ideas de Marx, puestas en práctica real por él con la Revolución de Octubre, fueron igualmente desarrolladas por Mao Tse Tung y otros líderes revolucionarios en el Tercer Mundo. Sin ellas la Revolución Cubana tampoco habría estallado en el traspaso de Estados Unidos.

Si el pensamiento marxista se hubiese circunscrito simplemente a la idea de que “ninguna formación social desaparece antes de que se desarrollen todas las fuerzas productivas que caben dentro de ella”, el teórico del capitalismo Francis Fukuyama habría tenido razón al proclamar que la desaparición de la URSS era el fin de la historia y de las ideologías y debía cesar toda resistencia al sistema capitalista de producción.

En la época en que el creador del socialismo científico expuso sus ideas, las fuerzas productivas estaban por desarrollarse plenamente, la tecnología no había aportado todavía las mortíferas armas de destrucción masiva capaces de provocar el exterminio de la especie; no existía el dominio aeroespacial, el derroche sin límites de hidrocarburos y combustibles fósiles no renovables; el cambio climático no se conocía en una naturaleza que parecía infinita al ser humano, ni se había presentado la crisis mundial de alimentos para compartir entre



incontables motores de combustión y una población seis veces superior a los mil millones que habitaban el planeta el año en que nació Carlos Marx.

La experiencia de Cuba socialista tiene lugar cuando el dominio imperial se ha extendido por toda la Tierra.

Al hablar de la conciencia no me refiero a una voluntad capaz de cambiar la realidad sino, por el contrario, al conocimiento de la realidad objetiva que determina la conducta a seguir.

Decenas de millones de personas habían muerto en la guerra provocada a mediados del siglo XX por el fascismo, que nació de la entraña antimarxista del capitalismo desarrollado previsto por Lenin.

En Cuba, como en otros países del Tercer Mundo, la lucha por la liberación nacional bajo la dirección de las capas medias y la pequeña burguesía, y la que ya venían librando por el socialismo los sectores más avanzados de la clase obrera y los campesinos, se sumaron y potenciaron mutuamente. Afloraron igualmente las contradicciones ideológicas y de clase. Los factores objetivos y subjetivos variaban considerablemente en cada proceso.

De la última contienda mundial habían surgido las Naciones Unidas y otros organismos internacionales, en los que muchos vieron una nueva conciencia en el planeta. Era un engaño.

El fascismo, cuyo instrumento el propio Hitler llamó Partido Nacionalsocialista, renació más poderoso y amenazante que nunca.

¿Qué decide el imperio a fin de competir con Cuba en el área de nuestro hemisferio? Enviar un enorme barco convertido en hospital flotante que trabaja diez días en cada país. Un número de personas pueden ser ayudadas pero está muy lejos de resolver los problemas de un país; no compensa tampoco el robo de cerebros ni puede formar los especialistas que necesita para prestar verdaderos servicios médicos cualquier día de la semana y del año. Todos los portaviones juntos, que ahora son instrumentos de intervención militar en los diversos océanos de la Tierra, convertidos en hospitales no podrían prestar esos servicios a los millones de personas que los médicos cubanos atienden en lugares apartados del mundo, donde paren mujeres, nacen niños y hay enfermos que necesitan atención urgente.

Nuestro país ha demostrado que puede resistir a todas las presiones y ayudar a otros pueblos.

Meditaba sobre la magnitud de nuestra cooperación no sólo en Bolivia, sino en Haití, el Caribe, varios países de Centroamérica y América del Sur, África, y hasta la lejana Oceanía, a 20 mil kilómetros de distancia. Recordaba igualmente las misiones de la Brigada

Henry Reeve, en casos de graves emergencias, viajando en nuestros propios aviones, transportando personal y otros recursos.

El millón de operados gratuitamente de la vista cada año en América Latina y el Caribe de que hemos hablado, no está lejos de alcanzarse. ¿Puede acaso emular Estados Unidos con Cuba?

Utilizaremos la computación no para fabricar armas de destrucción masiva y exterminar vidas sino para transmitir conocimientos a otros pueblos. Desde el punto de vista económico, el desarrollo de las inteligencias y las conciencias de nuestros compatriotas, gracias a la Revolución, nos permiten no sólo cooperar con los pueblos que más lo necesitan sin costo alguno, sino también exportar servicios especializados, incluidos los de salud, a países con más recursos que nuestra patria. En ese terreno Estados Unidos no podría competir jamás con Cuba.

Nuestro pequeño país resistirá.

En pocas palabras: ¡La hormiga pudo más que el elefante!

#### 9.1.m Estados Unidos, Europa y los derechos humanos

La desprestigiada forma de suspender las sanciones a Cuba que acaba de adoptar la Unión Europea el 19 de junio ha sido abordada por 16 despachos internacionales de prensa. No implica en lo absoluto consecuencia económica alguna para nuestro país. Por el contrario, las leyes extraterritoriales de Estados Unidos y, por lo tanto, su bloqueo económico y financiero continúan plenamente vigentes.

A mi edad y en mi estado de salud, uno no sabe qué tiempo va a vivir, pero desde ahora deseo consignar mi desprecio por la enorme hipocresía que encierra tal decisión. Esto se hace aún más evidente cuando coincide con la brutal medida europea de expulsar a los inmigrantes no autorizados procedentes de los países latinoamericanos, en algunos de los cuales la población en su mayoría es de origen europeo. Los emigrantes son además fruto de la explotación colonial, semicolonial y capitalista.

A Cuba, en nombre de los derechos humanos, le exigen la impunidad de los que pretenden entregar, atados de pies y manos, la patria y el pueblo al imperialismo.

Hasta las propias autoridades de México tienen que reconocer que la mafia de Miami, al servicio del gobierno de Estados Unidos, le arrebató por la fuerza — o compró — a un importante contingente de agentes migratorios de ese país a decenas de inmigrantes ilegales

arrestados en Quintana Roo, entre ellos niños inocentes transportados a la fuerza por riesgosos mares y hasta madres forzadas a emigrar. Los traficantes de personas como los de drogas, que disponen a su antojo del mayor y más codiciado mercado del mundo, han puesto en riesgo la autoridad y la moral que necesita cualquier gobierno para dirigir el Estado, derramando sangre latinoamericana por todas partes, sin contar los que mueren por emigrar a través del humillante muro fronterizo sobre lo que fue territorio de México.

La crisis de los alimentos y de la energía, los cambios climáticos y la inflación acosan a las naciones. La impotencia política reina, la ignorancia y las ilusiones tienden a generalizarse. Ninguno de los gobiernos, y menos aún los de la República Checa y Suecia, que eran renuentes a la decisión de la Unión Europea, podrían responder de forma coherente a las interrogantes que están sobre el tapete.

Mientras tanto, en Cuba los mercenarios y vendepatrias al servicio del imperio se halan los pelos y rasgan sus vestiduras en defensa de los derechos de traición e impunidad. Tengo muchas cosas que decir, mas por hoy basta. No deseo molestar, pero vivo y pienso. Divulgaré esta Reflexión solo por la vía de Internet hoy viernes 20 de junio de 2008.

#### 9.1.n La verdad y los diatribas

Se conoce que en los países industrializados y ricos las personas invierten en alimentos, como promedio, alrededor del 25 por ciento de sus ingresos. Los que pertenecen a los pueblos que fueron mantenidos por aquellos en el subdesarrollo económico, requieren para este fin hasta el 80 por ciento de sus ingresos. Muchos pasan hambre física y sufren enormes diferencias sociales. Las tasas de desempleo son, como norma, dos o tres veces mayores; la mortalidad infantil se expresa en proporciones todavía más altas, y la perspectiva de vida se reduce hasta dos tercios de la que disfrutaban aquellos. El sistema es sencillamente genocida.

En la reflexión que escribí hace tres días, dije: "Nuestro país ha demostrado que puede resistir a todas las presiones y ayudar a otros pueblos." ¿Puede Europa afirmar lo mismo?

En el informe publicado por la UNESCO ayer 20 de junio, se afirma que Cuba, entre todos los países de América Latina, ocupa el primer lugar tanto en matemáticas y lectura de tercer grado, como en matemáticas y ciencias de sexto grado, entre más de 200 mil niños de 16 países examinados a lo largo de dos años, con más de 100 puntos por encima de la media regional. Es la segunda vez que la UNESCO otorga ese reconocimiento a nuestra patria.

Se comprenderá que ningún país donde los derechos humanos sean sistemáticamente violados alcanzaría tan elevados niveles de conocimiento.

¿Por qué se bloquea a Cuba durante 50 años?

¿Por qué se le calumnia?

¿Por qué se le obstaculiza todo acceso a la información técnica y científica?

¿Por qué se le quiere conducir a un sistema económico y social insostenible, que no ofrece solución alguna a los problemas de la humanidad?

Por algo millones de ciudadanos bolivianos, ecuatorianos, uruguayos, argentinos, brasileños, centroamericanos y otros de América Latina han emigrado a Europa, de donde ahora podrían ser brutalmente devueltos a sus países de origen si no cumplen todos los requisitos que la nueva ley antiinmigrante exige.

Lo que es peor: una cifra varias veces mayor de ciudadanos de México, Centro y Suramérica han emigrado a Estados Unidos cruzando fronteras, muros y mares, sin documentación alguna ni Ley de Ajuste que los privilegie y estimule a emigrar, y de los cuales mueren más de 500 cada año. Adicionalmente, miles perecen cada año en México y Centroamérica, víctimas del crimen organizado, en la disputa por el mercado de drogas de Estados Unidos, cuyo consumo las más altas autoridades de ese país no son capaces ni quieren combatir.

El subprocurador José Luis Santiago Vasconcelos declaró que el tráfico de personas es el segundo rubro ilegal más lucrativo. Cuando se trata de cubanos, las ganancias son comparables a las del narcotráfico: "Cobran hasta 10 000 dólares por individuo."

El dinero procede de Estados Unidos. Pienso que México no puede convertirse en paraíso del tráfico de inmigrantes, cuando hasta los propios guardacostas norteamericanos interceptan y devuelven los que son capturados en el mar.

México no está obligado a permitir que le impongan una versión de la política de pies secos y pies mojados.

En Cuba no existe el crimen organizado ni la impunidad para el tráfico de drogas. Lo ha combatido con eficacia sin ensangrentar la nación. Solo por cinismo el gobierno de Estados Unidos no lo reconoce.

No escribí ninguna diatriba contra Europa, dije sencillamente la verdad. Si esta ofende, no es mi culpa.

Por ahorrar espacio, en la reflexión de ayer no mencioné siquiera la exportación de armas, los gastos militares y las aventuras bélicas de la OTAN, a las que se añaden los vuelos secretos y la complicidad de Europa con las torturas del gobierno de Estados Unidos.

Ignoro si alguien fue arrestado en cualquier punto del país por violar alguna ley. Nada tiene que ver con la reflexión que solicité se divulgara sólo por *Cubadebate*. Relacionar ambas cosas es arbitrario. Utilizaré ese sitio en Internet al ritmo que considere pertinente. No abusaré de la paciencia de nadie. No cobro un centavo, mi trabajo es gratuito.

No soy ni seré nunca jefe de fracción o grupo. No puede deducirse, por tanto, que haya pugnas dentro del Partido. Escribo porque sigo luchando, y lo hago en nombre de las convicciones que defendí toda mi vida.

#### 9.1.o Los derechos humanos, el deporte y la paz

Me llamó la atención que ninguna de mis amigas, las agencias cablegráficas de información, dijera una palabra el sábado de la alta valoración que la UNESCO expresó sobre la educación en Cuba que, a pesar de las acciones de los Estados Unidos, rebasa los niveles alcanzados por los demás países de la región, como si eso no tuviera nada que ver con el respeto a los derechos humanos.

Todas insistían en calificar la Reflexión como diatriba contra Europa. Un cable de la agencia china XINJUA no lo interpreta de esa forma. Transcribe los argumentos con fidelidad.

Solicité los servicios de INTERNET para analizar el sustantivo diatriba. Respuesta: “Discusión o escrito violento e injurioso contra persona o cosa”.

Pido definición de injuria. Respuesta: “Hecho o dicho contra razón y justicia”.

¿Acaso no ha sido calumnia la afirmación, millones de veces repetida, de que en Cuba se tortura y se violan los derechos humanos? Nunca hemos torturado a nadie, ni privado de la vida a alguien por métodos extrajudiciales.

Si Europa toma medidas diplomáticas contra Cuba alegando defender esos derechos, ¿por qué no se adoptan esas medidas contra Estados Unidos por el genocidio de Bush en Iraq y las miles de personas arrestadas sin juicio y torturadas durante años allí y en cualquier parte del mundo?

Es curioso que un órgano de la prensa española, que sin duda es diametral y abiertamente opuesto al socialismo, menciona el reconocimiento de la UNESCO a los resultados del sistema educacional de Cuba, e incluye textualmente mi afirmación: “Ningún país donde los derechos humanos sean sistemáticamente violados alcanzaría tan elevados niveles de conocimientos”.

Mientras escribo esta Reflexión, a las tres de la tarde, veo por la televisión el partido de fútbol entre España e Italia. Están cero a cero después de una hora de juego. El Rey de España contempla satisfecho el desafío. No ha concluido todavía. Son, sin dudas, temibles equipos. Hay que reconocerlo.

Pido sintonizar el televisor para ver el partido de pelota entre el equipo olímpico de Cuba y una fuerte selección de las universidades de Estados Unidos. Ayer por la noche, observé el choque entre los equipos olímpicos de boxeo de Cuba y de Francia. Los atletas que representan a esta son excelentes, como los boxeadores cubanos. Nuestro público, bien instruido en cuestiones deportivas, es imparcial, respetuoso y objetivo. Hubo paz, himnos y banderas izadas, a pesar del afán de los europeos y los yanquis por sobornar y comprar atletas cubanos.

Agradezco a todos los mencionados por haberme suministrado la materia prima para esta Reflexión.

Tal vez en los próximos días dedique este tiempo a otras actividades.

#### 9.1.p La historia real y el desafío de los periodistas cubanos

Hace siete días hablé de uno de los grandes de la historia, Salvador Allende, a quien el mundo recordó con profunda emoción y respeto al conmemorarse el primer centenario de su nacimiento. Nadie, en cambio, vibró y ni siquiera recordó el día 24 de octubre de 1891, en que —18 años antes que nuestro admirado hermano chileno— nació el déspota dominicano Rafael Leónidas Trujillo.

Ambos países, uno en el Caribe y otro en el extremo Sur de América, sufrieron las consecuencias del peligro que previó y quiso evitar José Martí, quien en su famosa carta póstuma al amigo mexicano que luchó junto a Juárez, le transmitió un pensamiento que nunca me cansaré de repetir: "Ya estoy todos los días en peligro de dar mi vida... para impedir a tiempo con la independencia de Cuba que se extiendan por las Antillas los Estados Unidos y caigan, con esa fuerza más, sobre nuestras tierras de América. Cuanto hice hasta hoy, y haré, es para eso."

A nuestra revolución victoriosa le correspondió simultanear la amistad de Allende y el odio de Trujillo. Este era un Pinochet rústico, engendrado por Estados Unidos en el Caribe. El déspota había sido fruto de una de las intervenciones militares yanquis en la isla que comparte con Haití y que fuera la primera colonia española.

La infantería de Marina norteamericana había intervenido en esa República hermana para garantizar los intereses económicos y estratégicos de su país —no existía, por supuesto, una Enmienda Platt para encubrir la acción con una tenue túnica legal.

En 1918, recluta entre otros, al aventurero y ambicioso criollo, hijo de un pequeño comerciante, lo entrena e ingresa con 27 años de edad en el Ejército nacional. Pasa un curso de capacitación en el año 1921 en la Academia Militar creada por los ocupantes del país y, transcurrido el mismo, se le designa como jefe de una guarnición y es ascendido al grado de Capitán por los servicios prestados a las fuerzas de intervención, sin ostentar el grado previo de teniente requerido para el ascenso.

Al cesar la ocupación yanqui en 1924, Trujillo estaba preparado como instrumento de Estados Unidos para ocupar altos cargos en la esfera militar, los que utiliza para el clásico golpe de Estado y las típicas "elecciones democráticas" que lo conducen en 1930 a la Presidencia de la República. El inicio de su gobierno coincidió con los años de la Gran Depresión que golpeó duramente a la economía de Estados Unidos.

Cuba, el país más dependiente y maniatado por los acuerdos comerciales, sufrió las mayores consecuencias de esa crisis. Se añadía la Base Naval y la humillante e innecesaria Enmienda, que les daba derecho constitucional a intervenir en nuestra nación, haciendo trizas su gloriosa historia.

En el país vecino, con menos dependencia económica directa, Trujillo, hombre astuto y lleno de ambiciones, manejó a su antojo los bienes de la clase media y la oligarquía dominicanas. Los principales centrales azucareros y otras muchas ramas industriales se convirtieron en propiedades personales suyas. Ese culto a la apropiación privada no ofendía los conceptos capitalistas del imperio. "Dios y Trujillo", proclamaban en todas partes los letrados lumínicos. Muchas ciudades, avenidas, carreteras y edificaciones llevaban su nombre o el de familiares allegados. El mismo año que ascendió a la Presidencia, un huracán golpeó fuertemente a Santo Domingo, capital del país. Después de restablecida, la bautizó con su nombre y se llamó oficialmente Ciudad Trujillo. Jamás se vio en el mundo un caso igual de culto a la personalidad.

Llevó a cabo en el año 1937, en el área de la frontera, una gran matanza de trabajadores haitianos que constituían su reserva de fuerza de trabajo agrícola y constructiva.

Era un aliado seguro de Estados Unidos. Participó en la creación de Naciones Unidas y en la fundación de la OEA en 1948. El 15 de diciembre de 1952 viaja a Washington nada menos que ostentando el cargo adicional de embajador plenipotenciario ante la Organización de Estados Americanos. Permanece en ese país tres meses y medio. El 2 de julio de 1954 viaja

a España a bordo de un trasatlántico, que lo transporta a Vigo. Franco, que era ya aliado del imperio, lo recibe en la estación Norte de Madrid con todo el cuerpo diplomático.

Mi relación con la República Dominicana data de mi época de estudiante universitario. Había sido honrado con la designación como Presidente del Comité Pro Democracia Dominicana. No parecía un cargo muy importante, pero, dado mi carácter rebelde, lo tomé en serio. Sin que se esperara, llegó la hora propicia. Los exiliados dominicanos impulsan en Cuba una fuerza expedicionaria. Me enrolo en ella cuando aún no había concluido el segundo año de mi carrera. Tenía entonces 21 años.

He contado en otras ocasiones lo que ocurrió entonces. Después de la malograda expedición de Cayo Confites, no estuve entre los más de mil prisioneros llevados al campamento militar de Columbia, encarcelamiento que dio lugar a la huelga de hambre de Juan Bosch. Habían sido confinados por el Jefe del Ejército de Cuba, General Pérez Dámera, que recibió dinero de Trujillo para interceptar la expedición, lo que se llevó a cabo cuando ya se aproximaba al Paso de los Vientos.

Una fragata de la Marina cubana, apuntando con sus cañones de proa a nuestra embarcación que iba delante, dio la orden de volver atrás y atracar en el puerto de Antilla. Me lancé al mar a la entrada de la Bahía de Nipe con tres expedicionarios más. Éramos cuatro hombres armados.

Conocí a Juan Bosch, prominente líder dominicano, en Cayo Confites, donde nos entrenamos, y pude conversar mucho con él. No era el jefe de la expedición, pero sí la más prestigiosa personalidad entre los dominicanos, ignorado por algunos de los principales jefes del movimiento y por los cabecillas cubanos, que contaban con importantes y bien remuneradas influencias oficiales. ¡Qué lejos estaba de imaginar entonces lo que hoy escribo!

Cuando once años después nuestra lucha en la Sierra Maestra estaba a punto de concluir victoriosamente, Trujillo otorgó un crédito a Batista en armas y municiones, que llegaron por avión a mediados de 1958. Le ofreció, además, transportar por aire tres mil soldados dominicanos, y posteriormente otra fuerza igual que desembarcaría por Oriente.

El primero de enero de 1959, la tiranía de Batista es derrotada por los golpes contundentes del Ejército Rebelde y la huelga general revolucionaria. El Estado represivo se desmorona totalmente a lo largo y ancho de la Isla. Batista huye a la República Dominicana. Con él viajan, entre otros siniestros personajes del régimen, el conocido esbirro Lutgardo Martín Pérez, su hijo de 25 años Roberto Martín Pérez Rodríguez, y un grupo de los principales jefes militares de su derrotado ejército.



Trujillo recibe a Batista calurosamente y lo instala en la residencia oficial de invitados ilustres, enviándolo más tarde a un lujoso hotel. Le preocupa el ejemplo de la Revolución Cubana y, contando con los altos jefes del antiguo ejército batistiano y el probable apoyo de las decenas de miles de los componentes de las tres armas que lo integraban y la policía, concibe la idea de organizar la contrarrevolución y apoyarla con la Legión del Caribe, que contaría con 25 mil soldados del ejército dominicano.

El gobierno de Estados Unidos, conocedor de estos planes, envía a un oficial de la CIA a Santo Domingo para entrevistarse con Trujillo y valorar los planes contra Cuba. A mediados de febrero de 1959 se reúne con John Abbes García, Jefe de la Inteligencia militar dominicana. Le recomienda enviar agentes para reclutar elementos inconformes en las propias filas de la Revolución triunfante. No le informó que el gobierno de Estados Unidos contaba con William Alexander Morgan Ruderth, ciudadano norteamericano y agente de la CIA infiltrado en el Segundo Frente del Escambray, que lo ascendió a Comandante, y era uno de sus principales jefes.

El desarrollo de estos acontecimientos, que constituyen una fascinante historia, está recogido en libros de altos funcionarios de la Inteligencia y la Seguridad cubanas, testimonios de jefes de unidades del Ejército Rebelde que participaron en los hechos, autobiografías, declaraciones oficiales de la época, así como de periodistas nacionales y extranjeros, que resulta imposible mencionar en esta Reflexión.

Hay además un libro en edición, escrito por un compañero que a los 17 años ingresó en las Milicias, la que por su buena conducta y su mente ágil, lo pasó a la escolta del Primer Ministro y Comandante en Jefe, donde estudió taquigrafía, tomó después notas de las conversaciones y recogió el testimonio de cientos de participantes en los hechos que narra. Se trata de un capítulo de la historia de la Revolución que está lejos de cerrarse.

Como es de suponer, a los principales jefes revolucionarios se nos informaba constantemente de las noticias que llegaban de los planes enemigos. Concebimos la idea de asestar un fuerte golpe a la contrarrevolución yanqui, batistiana y trujillista.

Cuando ya las armas enviadas por mar desde la Florida para los golpes iniciales y los jefes y complotados estaban bajo riguroso control, se simuló una contrarrevolución exitosa en el área montañosa del Escambray y en Trinidad, que disponía de una pista aérea. Se aisló el municipio de esta pequeña y amistosa ciudad y se intensificó el trabajo político revolucionario.

Trujillo se entusiasmaba. Una compañía rebelde disfrazada de campesinos gritaba en la pista aérea: "¡Viva Trujillo! ¡Abajo Fidel!", de todo lo cual se informaba a la jefatura en la

República Dominicana. Ésta había lanzado por paracaídas abundante parque. Todo marchaba bien.

El 13 de agosto llegó un avión con el emisario especial de Trujillo: Luis del Pozo Jiménez, hijo de quien fue Alcalde batistiano de la capital y figura prominente del régimen. Indicó en un mapa las posiciones que debían ser bombardeadas por la Fuerza Aérea dominicana e indagó la cantidad de legionarios que se necesitaban en la primera etapa.

Con él vino otro enviado importante, Roberto Martín Pérez Rodríguez que, como ya se mencionó, viajó junto a su padre con Batista en su fuga hacia la República Dominicana aquel primero de enero. Lo acompañaban varios jefes mercenarios que venían ya para quedarse. El aparato debía regresar. Era tripulado por el mismo personal cubano que transportó a Batista en su huida.

Yo estaba en las proximidades de la pista de aterrizaje con Camilo Cienfuegos y otros comandantes rebeldes. El jefe del personal militar cubano que descargaba las armas y equipos de comunicaciones enviados, interpretó que debía arrestar a los tripulantes de la nave. Al realizarlo, un copiloto se percata, dispara contra ellos y se generalizó el tiroteo. Los enviados de Trujillo y demás jefes mercenarios fueron arrestados. Hubo bajas.

Esa misma noche visité a los heridos de ambos bandos. No se podía seguir adelante con el plan. Hasta entonces todas las comunicaciones entre Trujillo y la contrarrevolución del Escambray se realizaban por onda corta. La emisora oficial de Trujillo emitía partes victoriosos similares a los que se escuchaban desde Radio Swan y Miami en los días de Girón. Nunca usamos las emisoras públicas de Cuba para propagar informes oficiales falsos.

Habría podido proseguirse el juego aun después de tomado el avión y de haber sido arrestados Luis del Pozo Jiménez y Roberto Martín Pérez Rodríguez, simulando desperfecto mecánico en la nave aérea que debía regresar, pero solo al precio de engañar y confundir al pueblo, inquieto ya por las noticias procedentes del Escambray sobre supuestas victorias contrarrevolucionarias, difundidas públicamente desde Ciudad Trujillo.

Ese 13 de agosto de 1959 cumplía yo 33 años de edad, estaba en la plenitud de la vida y de las facultades físicas y mentales.

Se trataba de una importante victoria revolucionaria, pero a la vez una señal de los tiempos que vendrían y un triste obsequio que me hizo Rafael Leónidas Trujillo el día de mi onomástico. Veinte meses después enfrentaríamos Girón, la violencia y la sangre en el Escambray, en la orilla del mar, en ciudades y campos de todo el país. Era la contrarrevolución dirigida por Estados Unidos.

En ese país habrían fusilado a Roberto Martín Pérez Rodríguez y a Luis del Pozo Jiménez como mercenarios al servicio de una potencia enemiga. Los Tribunales Revolucionarios los sancionaron a prisión y no les tocaron un pelo. ¿Cuál fue el destino final de Martín Pérez? Emigró a Estados Unidos legalmente. Es hoy abanderado de la mafia terrorista cubano-americana que apoya al candidato republicano McCain.

Un prestigioso periodista e investigador canadiense, Jean-Guy Allard, describe el historial terrorista de Roberto Martín Pérez Rodríguez:

"... De hecho, de muy joven, 'Macho' Martín Pérez" (así lo suele llamar) "se sumó a la policía de Batista y, a fuerza de maltratos a los presos en los últimos meses del sanguinario régimen, obtuvo el rango de sargento por sus singulares méritos.

"Tan cerca de Batista se encontraban el padre y el hijo que, el Primero de Enero del año 1959, en lugar de huir hacia Miami, siguieron al dictador a su refugio de República Dominicana.

"... Liberado el 29 de mayo de 1987... en 1989 se integra a la Fundación Nacional Cubano-Americana (FNCA), creada por la CIA durante el gobierno de Ronald Reagan.

"Pronto dirige el comité paramilitar conformado por esta organización que asegura el financiamiento, entre otros, del grupo terrorista Alpha 66 y demás grupúsculos extremistas que actúan contra Cuba.

"... Martín Pérez Rodríguez participó en la organización de toda una serie de fracasados intentos de asesinato del Presidente de Cuba, en distintas cumbres iberoamericanas.

"En 1994, en ocasión de la participación de Fidel en la IV Cumbre, en Cartagena de Indias, Colombia... adquirió un fusil Barret calibre 50 y medios explosivos que se trasladaron a Colombia desde Miami... ¡por avión!

"... preparó un complot con vistas a la V Cumbre Iberoamericana en 1995, con Jiménez Escobedo y Eugenio Llameras. Ese año, reactiva este mismo plan en función de la Cumbre del Movimiento de Países No Alineados, también en Cartagena de Indias, Colombia.

"En 1997, en Isla Margarita, Venezuela, con la VII Cumbre Iberoamericana de Jefes de Estado y de Gobierno, Posada monta otra conspiración con el apoyo directo de Martín Pérez Rodríguez, conjuntamente con otros directivos de la FNCA..."

"... fue firmante de la Declaración de apoyo al terrorismo contra Cuba que publicó la Fundación el 11 de agosto... Roberto Martín Pérez, Feliciano Foyo y Horacio García están entre los individuos que Posada designó públicamente como los 'financieros' de sus actividades terroristas en su entrevista de 1997 con el New York Times."

"... apadrinó en Miami una exposición de cuadros de Bosch y Posada, los dos autores intelectuales del sabotaje contra el avión civil cubano, en 1976, en el que murieron 73 personas.

"En 1998, el gran defensor del 'preso político' realizó una de sus más sucias hazañas: con otros cabecillas de la mafia de Miami... llevó al nuevo jefe del FBI, el muy corruptible Héctor Pesquera, a realizar el arresto de cinco cubanos infiltrados en las filas de las organizaciones terroristas."

"... se conoce su amistad indefectible con Guillermo Novo Sampoll, asesino del dirigente chileno Orlando Letelier... "

"El candidato republicano tiene que enterarse de que su protegido de 73 años de edad fue el primero en afirmar que el día de su soñada victoria contra la Revolución cubana pasaría un buldócer desde el Cabo de San Antonio hasta la Punta de Maisí, para eliminar la actual población de la Isla, culpable de ser vinculada de una forma u otra a la Revolución.

"... en otra oportunidad, al ser interrogado sobre el peligro que se corría de matar a inocentes en un atentado contra dirigentes cubanos, declaró que ni le importaba si 'moría el Papa'".

La verdad histórica nos recuerda que el padre de John McCain comandó el asalto anfibio, la invasión y ocupación de República Dominicana en 1965 para enfrentar a las fuerzas nacionalistas dirigidas por Francisco Caamaño, otro gran héroe de esa nación al que conocí muy bien y siempre confió en Cuba.

Dedico esta reflexión de matiz histórico a nuestros queridos periodistas, por coincidir con el VIII Congreso de la Unión de Periodistas de Cuba. Con ellos me siento en familia. ¡Cómo me habría gustado estudiar las técnicas de su oficio!

La UPEC ha tenido la generosidad de editar un libro que titularon Fidel periodista, que será lanzado mañana por la tarde. Me enviaron un ejemplar, que contiene varios artículos publicados en órganos clandestinos o legales hace más de 50 años, con prólogo de Guillermo Cabrera Álvarez y selección, introducción y notas de Ana Núñez Machín.

A Guillermo Cabrera le puse el sobrenombre de El Genio desde mis primeros contactos con él. Fue la impresión que recibí de aquella fantástica persona que desgraciadamente murió el pasado año. Había sido operado del corazón tiempo atrás en nuestro prestigioso Centro Cardiovascular de la ciudad de Santa Clara, creado por la Revolución.

Releí algunos de los artículos divulgados en Alerta, Bohemia, La Calle, y volví a vivir aquellos años.

Ante la necesidad de transmitir ideas, escribí esos artículos. Lo hice por puro instinto revolucionario. Un principio apliqué siempre: las palabras deben ser sencillas; los conceptos, inteligibles para las masas. Hoy tengo más experiencia, pero menos fuerza, me cuesta más trabajo hacerlo. El nivel de nuestro pueblo, con la Revolución, es mucho más alto; la tarea es más difícil.

Desde el punto de vista revolucionario, no importan las discrepancias; lo que importa es la honestidad con que se opine. De las contradicciones saldrá la verdad. Tal vez en otra ocasión valdría la pena hacer el esfuerzo para expresar algunas observaciones sobre el asunto.

Ayer ocurrió un importante acontecimiento, que será tema principal en los próximos días: la liberación de Ingrid Betancourt y un grupo de personas que estaban en poder de las FARC, sigla de la organización Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia.

El 10 de enero del presente año, nuestro embajador en Venezuela, Germán Sánchez, a solicitud de los gobiernos de Venezuela y de Colombia, participa en la entrega a la Cruz Roja Internacional de Clara Rojas, quien fuera candidata a la Vicepresidencia de Colombia cuando Ingrid Betancourt aspiró a la Presidencia, y fue secuestrada el 23 de febrero de 2002. Consuelo González, miembro de la Cámara de Representantes, secuestrada el 10 de septiembre del 2001, fue liberada con ella.

Se abría un capítulo de paz para Colombia, proceso que Cuba viene apoyando desde hace más de 20 años como lo más conveniente para la unidad y liberación de los pueblos de nuestra América, utilizando nuevas vías en las complejas y especiales circunstancias actuales después del hundimiento de la URSS a principios de los 90 —que no intentaré analizar aquí—, muy diferentes a las de Cuba, Nicaragua y otros países en las décadas del 50, 60 y 70 del Siglo XX.

El bombardeo en horas de la madrugada del primero de marzo de un campamento en suelo ecuatoriano donde dormían guerrilleros colombianos y jóvenes visitantes de diversas nacionalidades, con uso de tecnología yanqui, ocupación de territorio, tiros de gracia a los heridos y secuestro de cadáveres como parte del plan terrorista del gobierno de Estados Unidos, repugnó al mundo.

El 7 de marzo tenía lugar la Reunión del Grupo de Río en la República Dominicana, donde se condenó enérgicamente el hecho, mientras el gobierno de Estados Unidos lo aplaudía.

Manuel Marulanda, campesino y militante comunista, jefe principal de esa guerrilla creada hace casi medio siglo, vivía todavía. Fallece el 26 de ese mismo mes.

Ingrid Betancourt, debilitada y enferma, así como otros cautivos en precarias condiciones de salud, difícilmente podrían resistir más tiempo.

Por elemental sentimiento de humanidad, nos alegró la noticia de que Ingrid Betancourt, tres ciudadanos norteamericanos y otros cautivos habían sido liberados. Nunca debieron ser secuestrados los civiles, ni mantenidos como prisioneros los militares en las condiciones de la selva. Eran hechos objetivamente crueles. Ningún propósito revolucionario lo podía justificar. En su momento, será necesario analizar con profundidad los factores subjetivos.

En Cuba ganamos nuestra guerra revolucionaria poniendo de inmediato en libertad y sin condición alguna a los prisioneros. Entregábamos a la Cruz Roja Internacional a los soldados y oficiales capturados en cada batalla, ocupando solo sus armas. Ningún soldado las depone si lo espera la muerte o un tratamiento cruel.

Observamos con preocupación cómo el imperialismo trata de explotar lo ocurrido en Colombia para ocultar y justificar sus horrendos crímenes de genocidio con otros pueblos, desviar la atención internacional de sus planes intervencionistas en Venezuela y Bolivia, y la presencia de la IV Flota en apoyo de la línea política que pretende liquidar totalmente la independencia y apoderarse de los recursos naturales de los demás países al sur de Estados Unidos.

Son ejemplos que deben ilustrar a todos nuestros periodistas. La verdad en nuestros tiempos navega por mares tempestuosos, donde los medios de divulgación masiva están en manos de los que amenazan la supervivencia humana con sus inmensos recursos económicos, tecnológicos y militares. ¡Ese es el desafío de los periodistas cubanos!

#### 9.1.q ¡Gloria a los buenos!

Nuestra delegación fue recibida en la madrugada de hoy con el reconocimiento y los honores que merece. Hablaron Esteban Lazo y Frederick Cepeda. Allí estaba Raúl, que los había abanderado en el Palacio de la Revolución.

Se les entregó copia de mi reflexión, publicada hoy en Granma y ya insertada en CubaDebate.

Hablé de la tecnología y disciplina introducidas en el béisbol por Japón, de los esfuerzos que realiza una nación con no menos de 10,4 veces la población de Cuba, donde

además había que descontar a "los débiles de conciencia que se dejan sobornar por nuestros enemigos".

De los 73 que volaron a México y San Diego, dos pobres diablos no regresaron. Uno editaba materiales de video sobre pelota en la Televisión Nacional Cubana. Daba lástima su lamento publicado en los cables. Suspiraba que lo único triste era que su querida madre y su adorada novia no viajaron con él. Se había ido desde el primer día que la delegación llegó a San Diego.

El otro escribía en Juventud Rebelde del mismo tema. Éste había salido varias veces, pero esperaba el Clásico para realizar su felonía. Estaba constantemente junto al equipo. Era baboso. Dos horas antes de la partida hacia el aeropuerto para regresar, desapareció.

¡Que sujetos simuladores y repugnantes los que incuba la ideología capitalista!

Esos casos sirven para resaltar el mérito de los atletas de nuestro digno equipo nacional, dispuestos a dar su vida por la Patria.

Claro que sujetos semejantes no pueden sembrar un grano de conciencia. ¡Cuánta tontería deben haber publicado sobre la pelota, que en lugar de orientar confunden!

Todos no son como Bobby Salamanca o Eddy Martin, que tan nobles testimonios dieron de nuestras grandes victorias deportivas.

¡Gloria a los que consagraron su vida a edificar el honor y el amor a la Patria!

¡Gloria a los buenos!

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)